This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.

+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.

+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.

+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

TAYLOR INSTITUTION

DOMI NUS ILLU MINA TIO MEA

J. O (Finch)

4333

SVCCESSO DO SEGVNDO CERCO DE DIV.

ESTANDO

DOM JOHAM MAZCARENHAS

POR CAPITAM DA FORTALEZA.

ANNO DE 1546.

Fielmente copiado da Ediçam de 1574.

POR

BENTO JOSE DE SOVSA FARINHA,

Profeſſor Regio de Filozofia, e Socio da Academia das Sciencias de Lisboa.

LISBOA:

NA OFFIC. DE SIMAM THADDEO FERREIRA,

ANNO M. DCC. LXXXIIII.

Com Licença da Real Meza Cenſoria.

THE TAYLOR INSTITUTION
UNIVERSITY
26 FEB. 1937
OF OXFORD

PROLOGO

Ao muito poderoſo 'Rey Dom Sebaſtiam, o primeiro deſte nome em Portugal, noſſo Senhor.

DEſpois que Deos (quaſi milagroſamente) nos fez merce do deſejado, e ditoſo naſcimento de V. A. vimos ſempre inclinar-ſe a couſas arduas, graves, e belicoſas. Iſto me moveo a eſcrever eſte ſucceſſo do ſegundo cerco de Diu, e a batalha tam perigoſa que venceraõ os Capitaẽs do inviƈtiſſimo Rey D. Ioam, o terceiro deſte nome, voſſo avó, que eſta em gloria: por ſer (a meu juizo) hũa das mais notaveis, e famoſas couſas, que aſſi nos tempos antigos, como nos dagora, no mundo ſe fizeraõ. O deſejo de o dirigir a V. A. me fez paſſar levemente o trabalho de o eſcrever em verſo Eroyco. E porque a leƈtura he grande, debuxei de minha maõ os combates, os ſocorros, e tudo o mais que no deſcurſo deſte trabalhoſo cerco ſuccederaõ, para que a invençaõ da pintura ſatisfaça a rudeza do verſo. E pois eſte foi o meu intento, peço a V. A. o receba, e aja por ſeu.

CARTA AO LECTOR.

OS grandes, e ſinalados feitos que neſta noſſa idade agora lemos daquelles antigos Gregos, Troyanos, e paſſados Romãos nos eſpantão, e ſam julgados de nos quaſi por impoſſiveis, pola elegancia das palavras, polo ornamento, polo facundo, e copioſo eſtillo com que ſam encarecidos por Poetas illuſtres, e outros graviſſimos autores. Como ſam os feitos de Achiles, louvados por Homero: os de Eneas por Virgilio: os de Iulio Ceſar e gram Pompeo por Lucano: os de Alexandre magno por Quinto Curcio: os de Anibal, Cipião, e outros muitos Capitães Romãos por Tito Livio, e Saluſtio. Cujos ingenhos forão tam raros, e peregrinos no mundo, de ſutileza tam viva, de ſciencia e doutrina tam maravilhoſa, que com razão nos pode parecer ſerlhes de Deos concedidos por particular privilegio, pola grande differença que delles a outros muitos avia. E que os antigos eſcriptores illuſtrarão, e ennobrecerão os feitos deſtes valeroſos hommẽs, bem ſe moſtra ſer aſſi: pois o grande Alexandre lendo a Iliada de Homero diſſe. Que maior inveja tinha de Achiles por ter tal eſcriptor, que dos grandes e perigoſos feitos que acabara. Por ſem duvida tenho, que ſe Virgilio tratara dos verdadeiros vencimentos dos Portuguezes (aſſi em Portugal, como na India) como eſcreveo os fabuloſos de Eneas, fizera emmudecer, e paſmar aos que depois de nos no mundo ſuccederão. E os outros que com verdade eſcreveram as guerras,

res, e diſſensões de Carthago contra o Senado Romã: muy certo eſta que confeſſaraõ ſer com iguaes numeros de gente, e ſem ajuda dos inſtrumentos, e artificios de fogo: que de poucos annos a eſta parte foraõ inventados, quaſi com induſtria, ſutileza, e arte diabolica. Quem duvida, que ſe eſtes autenticos homens (cuja profiſſam foy eſcrever, e tratar de couſas grandes) viram ao glorioſo Rey dom Afonſo Henriques vencer tantas vezes exercitos poderoſos de ſoberba, e fera gente, com tam pequeno numero de Portugueſes, nam fizera ſobre cada victoria que alcançava, mil volumes, e grandes livros? E deſdo tempo deſte bemaventurado Rey atégora, de quantas batalhas, recontros: de quantos feitos famoſos, e de manifeſto perigo, ſam neſte belicoſo Reino acontecidos com tanta honra, com tam glorioſa e immortal fama? Eſte ſucceſſo do ſegundo cerco de Diu (eſtando o valeroſo dom Joaõ Mazcarenhas por Capitaõ e Governador da fortaleza) foy huã das notaveis couſas que ſe fizeraõ na India, ou por ventura no mundo. Onde aſſi elle, como outros Capitães Portuguezes, prudentes, e muy esforçados, no exercicio, e diſciplina militar deſtriſſimos, fizeraõ couſas dignas de ficar em eterna memoria, por outra abilidade mais ſutil, e mais viva que a minha. As quaes todas eſtavaõ poſtas em eſquecimento: nam por falta de ingenhos, que muitos á neſta terra mui delgados, e cheos de prudente artificio: mas por culpa do tempo que tem as couſas chegadas a termos, que ſe ha por mal empregado o trabalho ſofrido em eſcrever couſas

ſas tam dignas, e merecedoras de louvor, feitas por tam valentes Capitães: por tam illuſtres fidalgos: por tam valentes e esforçados Cavalleiros. Hũs que neſte trabalhoſo cerco perderaõ as vidas, comprindo com ſuas obrigaçoẽs: outros que alli ganharaõ tanta honra, com muitas feridas, e eſpargimento de ſeu ſangue. Senti tanto ver que ſe hia ja perdendo a memoria deſte tam raro feito, que determinei eſcrever o ſucceſſo deſte cerco: ainda que foſſe em eſtilo groſſeiro, rudo, e mal polido. E trabalhei por aver a maõ as mais certas, e verdadeiras enformações que ſe poderaõ achar em homẽs de muito credito, que ao trabalho deſte cerco foraõ preſentes. E ſe naõ nomear todos os fidalgos, e ſoldados que neſte cerco ſe acharaõ, naõ he a culpa minha: mas naõ pude aver os nomes de todos: ainda que com muita diligencia o procurei. Naõ quero mais premio deſte trabalho, ſenaõ que ſe me admita, e receba o meu intento: que como Portugues deſejo ver as couſas da patria engrandecidas, e divulgadas por todas as naçoens. E iſto baſtara para ſer relevado das faltas, e imperfeições que nos fraſis deſta obra, e na pouca policia, e ornamento della ſe acharem.

EPI-

EPIGRAMMAS

De Luis Alvarez Pereira.

DE ſangue illuſtre fez a natureza
A mor obra que pode, e ſatisfeita
De ſeu intento, vendo a mor fineza
Quanto fez ate li deſpreza, e enjeita.
Com eterno louvor, e alta pureza
Emprende outra igual couſa ao Ceo aceita:
O ſangue orna com partes, e com nome
Que o tempo, a inveja, e o homem nunca dome.

ESte de que o Ceo tanto apregoa
IERONIMO ſo he, que faz evidente
Quanto do Portugues por Aſia ſoa,
E do Levante corre ate o Ponente.
De Appeles victorioſo ouve a coroa:
Nas Muſas o eſtais vendo o mais prudente:
Ao grande Orpheo venceo, foilhe a honra dada:
Tudo que diz co a lingoa obrou co a eſpada.

SONETO

de Dom Iorge de Meneſes.

AS armas, e as letras fundamento
De Reinos, e de Imperios poderoſos:
Nos Gregos, nos Romãos victorioſos
Fizeram no principio ſeu aſſento.
Por ſucceſſam deſpois ſeu apoſento
A Portugal paſſaram, e os generoſos
Eſpritos acenderam, que ocioſos
Se deixavam levar do eſquecimento.
IERONIMO nos moſtra claramente,
Em ſeu divino canto eſta verdade:
O clara luz da Luſitana gente.
Honraſte tua patria, e noſſa idade,
Celebrandoa, e deffendendoa altamente
Co a eſpada, e mais que humana habilidade.

EPIGRAMMA SVA.

COrrida a Natureza do apertado
Nome de cruel madraſta que lhe damos,
Em IERONIMO pos abreviado,
Tudo o que em varios homẽs admiramos.
Nobreza, esforço, engenho levantado,
Com que das mãos da Morte nos livramos.
O que em Lino, em Appelles nos eſpanta,
E o que de Narciſo, e Abſalon ſe canta.

Soneto de Franciſco Dandrade.

SPirito antre mortaes ja mais que humano
Que a patria, e os teus eſtás de gloria enchendo
Por quem agora vemos irſe erguendo
Ate as nuvés o nome Luſitano.
De ti meſmo recebe o deſengano,
O que louvar te quer, pois eſtá vendo,
Que por ti ſo teu nome ha dir crecendo
Sempre (a peſar da enveja) de anno em anno.
Dente graças os vivos, que contaſte,
Dentas os que ao Ceo ja ſam paſſados,
E dos outros, qualquer que a patria ama,
Pois juntamente a todos obrigaſte,
Os vivos, pois por ti ſam celebrados,
Os mortos, pois por ti vivem na fama.

Soneto de Pero Dandrade de Caminha.

ESpritos valeroſos, e esforçados,
Que tanto ao mundo tem de ſi moſtrado:
De hum valeroſo eſprito, e esforçado,
Deviaõ dignamente ſer cantados.
E a feitos com razam tam celebrados,
Se devia alto verſo, e celebrado:
E que tudo a alto ſom foſſe cantado
Em branda voz, e em cantos deſuſados.
A tudo iſto reſpondes igualmente,
Rariſſimo IERONIMÕ, e em cores
Vivas, moſtras aos olhos quanto cantas.
Deſte louvor alheo, mil louvores
Iuſtamente te vem, nam ſo da gente
Mas dos que entendem mais, que mais eſpantas.

EPI-

EPIGRAMMA

Do Doctor Antonio Ferreira.

QVem pode ô gram IERONIMO louvarte
Dos raros doẽs que em ti os Ceos juntaram?
No pincel vences natureza, e arte:
Na lira, quantos a melhor tocaram:
Na forte eſpada repreſentas Marthe:
Nos brandos verſos poucos te igualaram.
Arte no claro ſangue, e gentileza,
Fortuna, e Ceos roubaſte, e natureza.

Ad Lectorem.

QVicumque hunc librum manibus geſtare requiris
Et legere attente carmina docta cupis.
Scito hæc caſtalidum longe ſuperare camænas,
Vincere quod Latium & Græcia tota docet.
Nanque opus authorem opus commendat & ornat,
Alternantque pares author opuſque vices.

EPI-

EPIGRAMMA

Petri Landim Hieronymo Corte Real authore illuſtriſſimo.

HOſtes confecit juvenili Hieronymus ævo
Regia cui nomen curia grande dedit.
Hoſtes confecit maturo Hieronymus ævo,
Mirificis condens verſibus hiſtoriam.
Ingenio ſummus, ſummus quoque viribus unus,
Et belli laudes ingeniique tulit.

De eodem.

MArthe premunt noſtros oblivio, & indicus hoſtis
Ille petit vitam, gloriam at illa petit.
Nunc domuit virtus conſtans, neglecta ſed illa,
Geſtorum illuſtres lenta vorabat opes.
Se tamen opponens monſtro huic Hieronymus, illud
Carminibus vicit conſtituitque decus.

SONETO

De Diogo Bernaldez.

COlhei Nimphas do Tejo, as mais cheirosas
Flores, de quantas rouba o tempo avaro,
E dellas, e de louro, a Phebo caro,
Com roxos lirios, e purpureas rosas;
Tecei (alegres ja, nada envejosas:
Das do famoso Po, e Mincio claro)
Capellas a este vosso spirito raro
Que tanto vos honrou Nimphas fermosas.
Graças que industria humana nam alcança,
Juntas o largo Ceo so nelle inspira,
Por fazer immortal vossa belleza.
Orpheo a voz lhe deo, Apollo a lira,
Amor a branda penna, Marthe a lança
E o seu proprio pinzel a natureza.

TAVOADA.

CANTO I. *Que trata de huã Viſam que el-Rey de Cambaya vio em ſonhos, e de como determina cercar a fortaleza de Diu.* Pag. 1.
CANTO II. *Que trata de como Coge Çofar com grande diligencia, e cuidado ordenava hum poderoſo exercito, e de como mandou hum Capitam Rume, para que ſecretamente impediſſe os mantimentos na fortaleza até que elle chegaſſe.* 11.
CANTO III. *Que trata como o Capitam dom Joaõ Mazcarenhas mandou eſpias que lhe trouxeram certa nova do cerco, e de como ſe começou aperceber com muita preſſa.* - - - - - - - 25.
CANTO IIII. *Que trata da falla que o Capitam dom Joaõ Maſcarenhas fez aos capitães das eſtancias: e de como mandou queimar hũa grande náo em que Coge çofar vinha inventado hum ſutil, e danoſo ardil.* - - - - - - - 36.
CANTO V. *Que trata como chegou Dom Fernando de Caſtro com nove navios em ſocorro da fortaleza: E de como Coge çofar ſe vinha chegando aos muros, para dar batalha.* - - - 44.
CANTO VI. *Que trata como os imigos batiam a fortaleza: e de como el Rey de Cambaya eſpantado de hum tiro, ſe foy da Cidade: deixando Juzarcaõ Abexim que governaſſe a gente que com elle viera.* - - - - - - - 52.
CANTO VII. *Que trata como os Mouros continuavam ſua obra com grande diligencia para entulhar a çava, e os da fortaleza ſecretamente*

te lhe furtavam o entulho : na qual obra morreo Antonio Freire Alcaide mor da fortaleza. 65.

CANTO VIII. *Que trata como Simaõ Feo foi com recado ao Capitam mor, e da repoſta que o Capitam lhe deu. Trata tambem do primeiro combate, e do ſucceſſo delle.* - - - - - - 75.

CANTO VIIII. *Que trata do ſegundo combate que os Mouros deram na fortaleza, e de como a entraram, e foy tornada a cobrar por dom Ioaõ Mazcarenhas : trata tambem da morte de Iurzarcam Abexim.* - - - - - - - - - - 85.

CANTO X. *Que trata do terceiro, e quarto combate que os Mouros deram. E de como alevantaram a ſua artilheria da frontaria da fortaleza.* - - - - - - - - - - - - 107.

CANTO XI. *Que trata do quinto combate que os Mouros deram na fortaleza, onde pola falſa informaçam de hum Guzarate, os Portuguezes receberam grande dano no incendio e ruina do baluarte Sam Joaõ.* - - - - - - - 130.

CANTO XII. *Que trata como os Mouros minaram a torre de Sanctiago, e como chegaram a fortaleza Antonio Moniz, Gracia Rodrigues de Tavora, apartados da armada de dom Alvaro de Caſtro filho mais velho do Viſorey : trata tambem da vinda de algũs fidalgos com outras couſas que ſuccederam.* - - - - - - - 148.

CANTO XIII. *Que trata como chegaram aa fortaleza Luis de Mello de Mendonça, e dom Duarte de Meneſes filho do Conde da Feira, e dom Iorge de Meneſes com algũs fidalgos : trata*

ta

ta tambem da vinda de dom Alvaro de Caſtro, e dom Franciſco de Meneſes, e de como o Capitam mor ſabio aos imigos tornandoſe a recolher com perda de algũs fidalgos. - - 162.
CANTO. XIIII. Que trata como foy levado recado ao Viſorey do deſcurſo do Cerco, e do eſtado em que eſtava a fortaleza: trata tambem da morte de Nuno Pereira. - - - - - - 204.
CANTO. XV. Que trata como o Viſorey partio de Goa levando groſſa armada em ſocorro da fortaleza: trata tambem como dom Manoel de Lima chegado de Portugal aa India, o Viſorey o mandou de Baçaim aa coſta de Cambaya fazer guerra, onde os Mouros receberam muito dano. - - - - - - - - - - - - - -224.
CANTO XVI. Que trata como dom Manoel de Lima tornou aa coſta de Cambaya por mandado do Viſorey, contaſe nelle todas as couſas que ali fez neſta ſegunda viagem: trata tambem da chegada do Viſorei a Diu. - - - - - 240.
CANTO XVII. Que trata como o Viſorey entregou a dianteira a dom Ioaõ Mazcarenhas Capitam da fortaleza, e de como ſe apreſentaram aos imigos. - - - - - - - - - - 267.
CANTO XVIII. Que trata da glorioſa victoria que o Viſorey dom Ioaõ de Caſtro teve dos Capitaẽs do gram Soltam Mamude ajudados dos Turcos, e do que mais ſuccedeo deſpois do vencimento deſta tam famoſa batalha. - - 282.
CANTO XVIIII. Que trata como dom Manoel de Lima per mandado do Viſorey foy buſcar duas naos

naos del Rey de Cambaya, e nam nas achando entrou outra vez, na enſeada de Cambaya onde deſtruhio a Cidade de Goga. - - 301.

CANTO XX. *Que trata como dom Manoel de Lima atraveſſou a enſeada de Cambaya com grande trabalho e riſco, queimando, e deſtruindo a Cidade de Gandar: trataſe nelle de huã ficam em que levado o Viſorey polo Merecimento ao templo da victoria lhe moſtra os feytos de Affrica, e da India pintados em huma parede do templo.* - - - - - - - - - - - 318.

CANTO XXI. *No qual proſigue o Merecimento na demoſtraçam dos feitos da India, moſtralhe em prophecia o naſcimento do invictiſſimo Rey dom Sebaſtiam, declaralhe algũas couſas que ainda eſtam por vir, trataſe nelle tambem da chegada do Viſorei a Goa, e da vinda de dom Joaõ Mazcarenhas a Portugal.* - - - 367.

SVC-

SVCCESSO
DO
SEGVNDO CERCO DE DIV

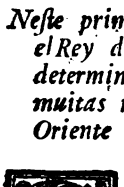
Eſtando D. Joam Maſcarenhas por Capitam, e Governador da fortaleza.

FEITO POR

HIERONYMO CORTE REAL.

Dirigido ao invictiſſimo Rey Dom Sebaſtião, o primeiro deſte nome em Portugal.

Neſte primeiro Canto ſe trata de hũa viſam, que el Rey de Cambaya vio em ſonhos: e de como determina cercar a fortaleza de Diu movido por muitas razões, que algũs Reys, e Prineipes do Oriente para iſſo lhe deram.



AS forças, a deſtreza, a valentia,
Opiniam, valor, e eſforço grande
Dos Portuguezes canto: e o trabalho
De hum perigoſo, eſtreito, duro cerco.
A batalha tambem canto daquelle
Inſigne Viſorey dom Joam de Caſtro.

Na qual os Capitães do gram Mamude
Foraõ todos vencidos: e a Cidade
Populoſa de Diu toda entregue
Ao furor dos Soldados, cobiçoſos
Da honrada fama, mais que de riquezas.
Deixo o monte Parnaſo, e a Cabalina
Fonte, tam celebrada noutro tempo.
Deixo Apolo, e Minerva: deixo as Muſas
Que os antigos Poetas invocaraõ,
Nam alcançando o bem tam verdadeiro
De noſſa Fé ſagrada, e luz divina.
O gram Calvario invoco, invoco a fonte
Do Sanctiſſimo Sangue nelle aberta:
Onde foram lavadas noſſas culpas:
Onde foram remidas noſſas almas.
A Vós, ó bom Jeſu, Verbo encarnado
Nas Virginaes entranhas de Maria,
A Vós, ó Deos piadoſo invoco, e peço
Aquelle favor voſſo: aquella graça,
Que a quem vos pede dais com amor puro
Ajudaime Senhor, para que cante
Dos voſſos Capitães os grandes feitos,
Que no cerco de Diu bem moſtraraõ
Ser por Vós ajudados, e regidos.
Informai meu eſtillo, e juntamente
Guiay a minha lingua groſſa, e ruda:
Para que dê noticia eterna ao mundo,
Das mortes, dos eſtragos, dos incendios:
Daquelle grande eſtrago, e total perda,
Que em Diu receberam os imigos
De voſſa ſancta Fé, e ſacro nome

Rei-

Reinando em Luſitania o prudentiſſimo,
O Catholico Rey dom Joam terceiro:
Senhoreando a terra groſſa, e fertil,
Que do eſpaçoſo Indo tomou nome:
Onde as precioſas pedras, e as eſpecias
Odoriferas naſcem, e entiquecem
Quaſi todas as partes do univerſo.
O gram Soltaõ Bhaudur Rey de Cambaya,
Néſte tempo pagou, com crua morte,
Tyranias, e males que uſou ſempre,
Em quanto teve vida odioſa ao mundo.
Nas máos dos Portugueſes rendeo a alma:
Lá na barra de Diu: governando
Nuno da Cunha a India, varaõ nobre,
Prudente, grave, affabel, e esforçado.
Sendo morto eſte Rey, herdou o Reino
Hum mancebo ſeu neto, cujo nome
Era Mamude, forte, e animoſo.
Mil couſas incitavaõ ſempre o vivo
Animo iuvenil, a intentar guerra:
Alem do odio grande que moſtrava
Aos Portugueſes ter, e alem da yra
Que o morto avò lhe cauſa: era eſte Reino
Que elle herdara de novo, abundantiſſimo
De riquezas, e de outras couſas grandes:
De muy fortes mancebos, a quem Marte
Infunde geralmente esforço, e furia.
Os ſeus almazés tinha todos cheos
De groſſa artilheria, e mantimentos:
De munições á guerra neceſſarias.
Theſouros infinitos tinha juntos,

Que ſam às principaes forças da guerra.
Todas eſtas razões eſtimulavaõ
O coraçaõ ſoberbo, e belicoſo,
Do poderoſo Rey continuamente,
Para que em diſſensões, e cruel ódio
Exercitaſſe os annos florecentes:
Engeitando os conſelhos verdadeiros
Que a paz ſegura, e certa promettiaõ.
Eſtava o mundo todo emvolto em ſombra,
De luzentes eſtrellas o Ceo cheo:
Em grave, e doce ſono transportados
Os trabalhados corpos dos que vivem.
As féras, nas montanhas, e deſertos,
Em profundo ſilencio deſcanſavaõ.
Naõ repouſa Mamude, deſvelado
Eſtá, que nunca os olhos ſono admittem:
Mas hum cuidado a outro encontra, e fere,
Crecendo por momentos a milhares.
Revolve na torvada fantaſia
Hum gram tropel dacordos differentes:
Parecelhe já ver bem ſucedidos
Os caſos, que inda nam vê começados.
Hum penſamento váo, hũa eſperança
De natural ſoberba acompanhada,
Já deſte incerto bem o certificaõ.
Eſtando aſſi comſigo vacilando,
Entra o ſono quieto, e invifivel:
Prende com ſubtil manha os deſvelados
Olhos, e liga os membros de Mamude.
Ceſſaraõ por entam os penſamentos,
E o ſeu animo teve algum alivio.

Naõ

Naõ tardou muito eſpaço, que o mancebo
Sepultado em profundo, e doce ſono
Lhe parecia ver huma diſforme
Horribil, infernal, triſte figura:
A cabeça de biboras cercada,
E rebuçada com ſangrentas toucas:
O nome deſta furia era Diſcordia,
Que até nos paternaes peitos acende
Odios, e diſſensões, guerras, e mortes.
Chegaſe a fera ſombra ao Rey dormido,
E com rigor lhe diz eſtas palavras:
Qual coraçaõ ſerá tam de diamante?
Quaes entranhas de Hircano, feró Tigre?
Que naõ ſe movaõ, vendo a crua morte
Que ao grão Soltam Bhaudur ſe deu ſem cauſa?
Como ſofrerás tu tam grande offenſa?
Como nam andarás ſempre corrido?
Se nam vingares morte de hum tal homem,
Em tudo tam perfeito, e acabado?
Sofreras por ventura, que hũa gente
Peregrina, eſtrangeira, e tam ſoberba,
Mate hum grande Rey dentro em ſeu Reino?
Nam és tu neto ſeu? que mais aguardas?
Que fazes, que nam vingas tal deshonra?
Dizendo iſto parece ao Sarracino,
Que o centro immundo, vil, caligioſo
Onde o tartareo reyno eſtá fundado,
Se abria: e delle vinha a horrenda Alecto
(Das tres filhas da noite, a mais eſquiva)
Os ares corrompendo, e quanto roça
Enchendo de mortifera peçonha.

Vi-

Viperinos cabelos tem, que a todas
Partes se vem movendo, e rebramando:
Dando golpes crueis no fero rosto:
Revolvia ligeiros os fogosos,
Encamiçados olhos: toda aceſa
Em mortal, venenosa, e dura raiva.
Pola horrivel garganta lança grandes
Montes de negro fumo, envolto em fogo
Sulfureo, infernal. Este pestifero
Monstro perjudicial, vem sacodindo
As serpentinas asas com estrondo,
Que o mundo todo espanta: chega aonde
Persuade a discordia ao Rey soberbo,
Que a ferro, fogo, e sangue vingue a morte
Que ao gram Soltaõ Bhaudur se deu em Diu.
Infunde nas entranhas do mancebo
Huma rayvosa furia, e yra supita:
Passalhe o coraçam co a tocha horrenda,
Envolta em fumo escuro, e negro lume.
Despois que assi o deixaõ alterado,
Ardendo em vivo fogo: num momento
Se abalançaram ambas juntamente
Nas trévas infernaes, e triste abismo.
Rompeolhe entam hum gram pavor o sone:
Manoulhe hum copioso suor grosso,
Causado da agonia trabalhosa
Que a sua alma sentio da visam fera.
Levantase frenetico, e furioso:
Determina cercar a fortaleza
De Diu, e combatella tam contino,
Até que arrase os grossos, e altos muros.

Aju-

Ajudaõ eſte ſeu intento, os muitos
Aviſos que outros Principes lhe davaõ,
Eſcrevendolhe todos, e dizendo:
Bem ves ó gram Mamude, como he juſto,
E devido acodir aos grandes brados,
Que o morto avô te dá continuamente,
Pedindote vingança: ſabe certo
Que a miſera alma paſſa grave penna,
Junto daquelle lago turvo, e triſte
De Eſtigie, ſem paſſar as negras aguas:
Onde males, e bẽs mundanos ficaõ
Eſquecidos ali, e as almas paſſaõ
Contentes, deſcanſar na eterna vida.
Movate ó gram Soltam quanta miſeria,
Quanto trabalho, e mal ali padece:
Até que por ti ſeja bem vingada
A ſua deſeſtrada, e cruel morte.
Olha Rey poderoſo a grande injuria
Que niſto recebeſte, por eſtranhas
E barbaras nações. Outros lhe davaõ
Aquellas razões meſmas, e diziaõ:
Para que queres paz com homicidas
De teu natural ſangue? os quaes coſtumaõ
Obrar continuamente taes maldades.
Eſtes ſam ſem verdade, roubadores:
Bem craro o podes ver no mal que uſaraõ:
Vindo com civel manha, pubricando
Hũa paz verdadeira, hũa amizade
Pura, deſenganada, e ſem ſuſpeita.
Nenhum ſocorro eſperaõ, nem eſtranho,
Nem do ſeu natural: pois aſſi vivem.

Apar-

Apartados de nós, que bem podemos
Dizer que habitaõ outro mundo novo.
Muy dura, e grave couſa he que ſofremos,
Que eſtes tyranos mandem noſſos Reinos:
Que ſejam Capitães, e ſenhoreem
Todas noſſas cidades, e perſigaõ
Os naturaes vizinhos com injurias:
E aſſi como a cativos os maltratem.
Até quando ſerá que nós ſofremos
Tantos danos, e agravos, tantos males?
Deſta maneira aſſi perſuadiaõ
Muitos Reis e ſenhores a Mamude,
Que começaſſe a guerra, pois que tinha
Hum Reino de riquezas abundante:
No qual muitas gales, e eſquadrões grandes
De belicoſa gente armada, e deſtra,
Levemente faria em breve tempo,
Com que os duros coſſairos (que aſſi ſempre
Os Mouros lhe chamavaõ) foſſem todos
Deſtruidos, e mortos: e podia
Fazerſe, ſe quiſeſſe, potentiſſimo
È abſoluto Monarcha do Oriente.
A iſto, outras razões muitas ajuntaõ,
Dizendo que os Mogores revolviaõ
A India, perturbando com diſcordias
Os povos: e por iſto os Portugueſes
Hũa gram parte della deſtruiram:
Sendo o numero delles tam pequeno,
Que ſós cinco mil homẽs ſe podiaõ
Com trabalho ajuntar por toda a terra.
E que eſtes ſempre andavaõ repartidos:

Por

Por diverſos lugares, conquiſtando
Opulentas Cidades, com ſoberba:
Vencendo com triumphos glorioſos,
Batalhas de nações fortes, e feras.
Mas iſto, e tudo o mais que enam fizeſſem,
Attribuir ſe devia ás differentes,
Revoltoſas diſcordias, que os Mogores
Alevantavam ſempre: e nam ás forças,
E esforço deſtes máos, e falſos homẽs.
E pois que tudo eſtava apaziguado,
E tudo reduzido em amor firme,
Poderia vingarſe facilmente
Da injuria recebida, e a Cidade
De Diu livraria de tiranos:
Que com roubos, e mortes avexavaõ
A miſera, plebea, fraca gente.
Parte muy principal foy a deſtreza,
A grande valentia dos ſoldados,
Para que logo a guerra ſe comece:
E os capitães prudentes, e animoſos,
Que de pequena idade ſe criaraõ
No paço de Bhaudur, com eſperanças
De premios, e mercês. O' terra digna
De ſer de todas partes celebrada:
Onde os merecimentos, e os ſerviços
Se julgaõ juſtamente, e com bom zelo:
Onde a ſatisfaçaõ, conforme a elles
Largamente ſe dá, e gratifica.
O gram Soltam Bhaudur, tendo aſſentado
No coraçaõ perverſo, em gram ſegredo,
Eſta grave, violenta, e dura guerra,

Que

Que a morte lhe atalhou: honrava muito
Todos os cavalleiros de alto preço:
E ainda que eſtrangeiros algũs foſſem,
De terras apartadas, adqueria
Os corações de todos, e as vontades,
Com honras, e favor. Por eſta cauſa
Sempre ſe lhe chegavaõ cavalleiros,
Que a Fé ſagrada, e ſancta avorrecendo,
Os coſtumes ſeguiraõ vicioſos
Dos Mouros, e perderaõ ſuas almas,
Como couſas muy vis, e de pouco preço:
Abexins, Fartaquins, forres Arabios,
De todos tinha numero eſcolhido.
A eſtes lhes parece, que acabada
Eſta guerra, e avida hũa victoria
Geral dos Portugueſes, lhes faria
ElRey grandes merecês. Todos tratavaõ
Particular proveito, prometendo
Ser vencida a batalha facilmente.
O animo delRey, e o poder grande
Louvavaõ de contino, deſprezando
A força, e valentia portugueſa.
A eſtes capitães ſobrepujava
Hum varaõ, de naçam Italiano,
Cogeçofar chamado: aſſaz prudente,
Grave, experto na guerra: de conſelhos
Sutis, e proveitoſos: tinha grande
Vſo, e conhecimento na milicia:
Nas batalhas induſtria, manha, e arte:
Aviſado, ſecreto, e animoſo:
Grande ſenhor de terras e vaſſalos:

Se-

Senhoreava Çurrate, Reinel, e outras
Cidades de muy groſſos, ricos tratos.
Confederado eſtava elRey com elle,
Fazialhe mil honras, e eſtimava o
Como a mais principal do ſeu conſelho.
O mando, e o governo deſta guerra
Foy cometido a eſte, porque tudo
Faça com diligencia, e o tiveſſe
Reſguardado em ſegredo, como em rodas
As couſas de ſuſtancia coſtumava.

Neſte ſegundo Canto ſe trata como Coge Çofar com grande diligencia e cuidado ordenava hum poderoſo exercito, e de como mandou hum Capitam Rume, para que ſecretamente impediſſe os mantimentos na fortaleza até que elle chegaſſe.

MVitas vezes ſe eſcondem grandes males
Nas moſtras de amizades contrafeitas:
Danados corações ſe amor prometem,
Em fim vem deſcobrir hum puro engano.
Em tal tempo, e com tal gente, muy certo
O perdimento eſtá de vida, ou alma:
Quem ſe nam pervinir, corre perigo,
Se do Ceo nam tever algum ſocorro.
O ſagaz Capitam geral do campo,
Manda logo fazer com brevidade,
Para bombardas groſſas, e eſpingardas,
Grandes montes de polvora: e outras muitas

Mu-

Munições neceſſarias: tambem manda
Os almazés abrir, e apercebellos
De muita, e fina malha: de rodellas
Fortiſſimas, nervoſas. Já por todo
O Reyno ſe apelidaõ bõs ſoldados:
Artifices de minas já ſe buſcaõ.
Iá toma bombardeiros, e eſprementa
Os mais deſtros, e vſados neſte officio.
Canarins, Malavares, já ſe ajuntam
Em grandes eſquadrões com curvos arcos.
Nam avia officinas de ferreiros,
Onde hum fogoſo eſtrondo nam ſe ouviſſe:
Ali bigornas, com valentes golpes
Feridas, dam horriſonos bramidos:
E em fornalhas ardentes ſe forjava,
Hũa copia infinita de pelouros.
Official nam ſe acha que deſcanſe,
Porque hũs, os ferrugentos arcabuzes,
Com diligente eſtudo, e artificio
Trabalhaõ por tornar ao ſer primeiro.
Outros a capacetes, e a terçados,
Fazem reſplandecer: outros ſe occupam
Em cortar de Angelim, troncos antigos,
E delles fazer muy fortes repairos:
Mil carretas de campo, e outras muitas,
E neceſſarias couſas para a guerra.
Era o aparato tal, tam poderoſo,
Que prometia já, nam ſó a perda,
E total deſtroiçam da fortaleza
De Diu: mas da India, muytos Reynos
Baſtava ſujeitar. A fama voa:

Ver-

Verdades, e mentiras afirmando.
Diz que o Soltam Mamude apercebia
Hum exercito grande, potentiſſimo:
E que todo ſeu Reyno nam ſe occupa
Em mais, que em muniçõeſ, lanças, e armas.
Eſta verdade conta a monſtruoſa
Gigant' abominavel, que de medo
Muy pequena ſe moſtra no principio:
Mas logo em pouco eſpaço ſe alça tanto,
Que co a cabeça as altas nuvẽs toca.
Tambem afirma, e diz que eſte ſoberbo,
E belicoſo campo ſe fazia,
Para que reziſtiſſe a grande força
Que elRey Pathano traz ſobre Cambaya.
Iſto era ardil manhoſo, e fingimento
Que o gram Coge Çofar tem inventado,
Para que os Portugueſes ſe deſcuidem,
Parecendolhes ſer iſto verdade.
Tinha elRey de Pathane puro odio,
E viva enemizade com Mamude,
Porque eram comarçaõs; ambos tyranos;
Ambos ambicioſos, e ſoberbos.
Por eſta via eſtava bem cuberto,
E bem diſſimulado o cerco, e guerra:
Sem aver nos chriſtãos ſoſpeita algũa,
Que para os offender era iſto feito.
Neſte tempo, Çofar vai adquirindo
Com cautellas, e enganos, e amizade
Falſa, diſſimulada: dando grandes
Sinaes ao Viſorey de hum amor puro.
A quantos capitães chriſtãos avia

Na

Na India ſe moſtrava amigo claro,
Verdadeiro: fiel, e nam fingido,
Em quanto mil traições imaginava;
E de todo ſabia o que em ſegredo
Fazia cada hum: e quantas forças,
E quantas munições, e gente tinhaõ.
Tudo quanto queria, e neceſſario
Lhe era ſaber, ſabia facilmente.
Pois tendo já de todo aparelhadas
As couſas, que ao exercito cumpriaõ:
Sendo chegado o tempo de moſtrarſe
Aquelle deſamor que eſtá eſcondido:
O gram Soltam mandou embaixadores
Aos Principes, e Reys que ali poſſuem
Maritimas cidades, onde avia
Fortalezas chriſtãas: e a todos quantos
Ao Lufitano Rey pagaõ tributo.
Mandou ao Hidalcaõ, e ao Bramaluco:
Mandou tambem aos Reys, que a grande coſta
Do Malavar habitaõ: e as palavras
Das cartas que mandava, aſſi diziam:
A vós Reys poderoſos do Oriente,
Mamude, paz, amor, e bem deſeja.
Bem vedes quam ſojeitos ſomos todos
A eſtes Portugueſes, fementidos:
Bem vedes quantos danos, e deſgoſtos:
Quantos roubos, e mortes: quantos males,
Eſtes duros imigos vaõ fazendo,
Cada momento mais por noſſas terras,
Opprimindo, avexando a gente fraca.
Bem vedes que por força ſe fizeram

Abſo-

Abſolutos ſenhores do Oriente.
Se ſe iſto nam atalha, e ſe caſtiga,
Cedo nos deitaram de noſſos Reinos
Por força deshonrados, e abatidos.
Reſtauremos as terras quaſi poſtas
Em jugo, e vencimento: com armada,
E belicoſa gente perſigamos
Eſtes crueis tyranos, e imigos.
Como a nova vos for que já de todo
Sam quebrados os pactos, e a paz rota,
Que por nós foi guardada injuſtamente:
Todos acodireis com tal ſocorro,
Qual para livres ſer, he neceſſario.
Hũa liga façamos todos juntos:
E aſſi conquiſtaremos eſta gente,
Enganoſa, e ſoberba: tiraremos
Os noſſos naturaes de ſer captivos:
Vingaremos aquella grande afronta,
Que até eſte ponto a todos nos he feita,
Tributos, e penſões ſempre págando:
Fazendonos ſujeitos ſendo livres.
Iſto he o que eſcreveo Mamude a quantos
Reis ao longo do mar tinham cidades:
E ainda que eſperava, e tinha certo,
Que deſtes o favor nam faltaria,
A outros eſcreveo mediterraneos,
Procurando tambem delles ſocorro.
Mandou Coge Çofar a hum ſeu parente,
Que no eſtreito de Meca reſidia,
Com cartas, grande copia de fino ouro:
Para que eſte lhe mandaſſe cavalleiros

Os

Os mais exprementados, e escolhidos.
A este mesmo roga que lhe mande
Das partes do Abexim, Suez, Iudá,
Tambem os mais ousados, e robustos.
Mandoulhe destas partes varões fortes:
Valentes, animosos, sempre ousados
Em militares, duros exercicios.
Os Principes, e Reys que na gram costa
Do mar, tem seus governos, e cidades,
Mostranse ali neutraes: nam ajudando
A hũa, ou outra parte: mas aguardam
O successo da guerra, e determinam
Favorecer aquelles que a Fortuna
Tambem favorecesse: Já acabado,
E posto tudo em ordem: o discreto,
Prudente capitam, assentar manda
Todos os mantimentos nos lugares
Mais visinhos a Diu, onde ordena
Que os valentes soldados exercitem
As forças, e destreza; até que o tempo
Seja ao que determina favoravel.
Dissimulando quis que se passassem
Os meses, quando o Sol deixando Aquario
E outros humedos signos, que costumaõ
Grandes calmas causar naquellas partes,
Entrasse desde Tauro ao ardente Leo,
Trazendo ali bulcões, negros, horriveis,
Com aspero sembrante carregados:
Que aquella regiaõ toda ameaçam
Com fortes, e medonhas tempestades.
Quando nestes taes signos entra Apollo,

En-

Entam fica da India mais vizinho,
E os ſeus ardentes rayos com mais força
Groſſos vapores tiram para cima:
Os quaes reciprocados já no meyo
Da regiaõ aerea, ſe convertem
Em ventos, que a mil partes vaõ lançando
Mil groſſas negras nuvés, e as deſatam
Em humido licor, e agua eſpeſſa.
Era naquelle tempo a fortaleza
De Diu, governada por hum grave,
Prudente capitam muy valeroſo,
Que dom Joaõ Maſcarenhas ſe chamava:
Em quem virtudes grandes reſpondiam
Ao nobre ſangue, e origem donde vinha.
Criado foy na guerra de pequeno,
E ſempre nella teve honrado nome:
De hum animo feroz, ouſado, e forte,
Sem ſignal de fraqueza poder verſe
Em ſeu ſevero aſpecto, e roſto alegre.
Duzentos homés ſós tinha conſigo
E ainda que era o numero pequeno,
Eram ſeus corações cheos de esforço,
De valor, lealdade, e já de muito
Tempo a grandes affrontas coſtumados.
Com eſtes ſe atrevia, nam ſomente
Guardar a fortaleza, e defendella
Do gram Soltam Mamude: mas de todos
Os poderoſos Reys de toda a India.
Já Phebo hia deixando aquella caſa
Do Touro, que a Phinicia faz tam triſte,
Roubando de Agenor a bella filha:

E entrava a visitar os irmãos gemeos,
Que nasceram de Leda, e do gram Iupiter:
Causando lá na India hum tempo escuro,
Hús dias invernosos, e pesados:
Quando Coge Çofar hum Turco manda,
Capitaõ de quinhentos fortes Rumes:
Para que os mantimentos impedisse
Com dissimulações na fortaleza.
Escrevendo por elle hũa enganosa,
Dissimulada carta, amiga, e branda
Ao nobre capitam, desta maneira:
Ati Capitam forte, valeroso:
Hum dos mais esforçados Portugueses,
Que nas Orientaes partes residiram:
Coge Çofar amigo verdadeiro
De ti, e tua naçam, bem te deseja:
E que a fortuna sempre se te mostre,
Em tudo favoravel, e propicia.
O gram Soltam Mamude, a quem eu sirvo,
Mercê me fez agora da cidade
De Diu: e determino brevemente
Ir della tomar posse: desejoso
De te servir em tudo: e que a amizade
Fique sempre entre nós muito mais firme.
E porque sempre fuy servidor grande
Do Lusitano Rey: cuja nobreza,
Virtude, e magestade eu tenho em muito:
Determino fazer ricos a quantos
Vassalos seus ahi contigo habitam.
Peçote bom senhor que nam desprezes
Este amor, e vontade: nem sospeites

Al-

Algum mal deſſa gente que lá mando,
Pois he para nobreza da cidade:
Que por ſer minha tés nella mòr parte,
E ſempre ſerás nella mais ſervido,
Que neſſa fortaleza em que eſtás poſto
Por principal de todos. Co eſta carta
O Turco capitam chegou a Diu:
Metendo na cidade mantimentos,
Com gente belicoſa, deſtra, e forte.
Deſpois que o capitam Rume foy vindo,
E os ſeus lá na cidade apouſentados,
Hum Abexim chegou á fortaleza,
Que de Coge Çofar era ſoldado:
Encontra o capitam que já tornava
Da caſa onde a Clemente Sacra Virgem
Interceſſora noſſa, era de todos
Com grande devaçam muy viſitada.
Abaixaſe o Gentio, beija a terra,
Guardando ao capitam a ceremonia
Entre elles coſtumada, dizlhe: Dame
O' bom ſenhor licença que te diga
O que te cumpre muito: e parecendo
Ser iſto algum myſterio, ou caſo grave,
Que lhe foſſe importante: vaiſe logo
Deſejando ſaber eſte ſegredo:
Entra em ſeu apouſento, deſpedindo
A gente toda, fica ſó co Mouro.
O qual vendo deſpoſtos caſa, e tempo,
Com ſaluços, com lagrimas começa
Contar ſummariamente ſua vida:
Dizendo: O' capitam forte, e animoſo,

De esforço, e de virtude claro exemplo:
Inda que assi me ves nas apparencias
Idolatra Gentio: sabe certo:
Que sou christam, e a Deos confessey sempre
Cá no meu coraçam, tendo esperança,
Que a estado me traria de salvarme.
Nas terras do gram Preste fuy nascido:
Professey religiaõ, e deste estado
Em que agora me ves, nam tenho a culpa.
Cativaraõme Mouros, e por força
Mouro tambem me fiz, nam por vontade:
Mas hum temor da morte, huma fraqueza
Com que todos nascemos, me fizeram
Que o verdadeiro Deos entam negasse.
Desde entam atégora esta alma minha
Sempre triste viveo: sempre com pena
Pungida, estimulada da verdade.
Desejo de tornar, se for possivel,
Ao moesteiro em que Deos me chamou, quando
Solêne voto fiz de acabar nelle.
E porque sou Christaõ, e a Fé confesso,
Pedindo a Deos perdam de meus peccados:
A ti peço tambem que lá me mandes,
Onde fiz profissam: mas quero darte
Hum proveitoso avizo: que nam sendo
Tu delle sabedor, muy facilmente
Puderás por traiçam ser destruydo.
Sabe senhor, que aqui anda encuberto,
Dentro na fortaleza hum homem falso:
A elRey tredoro, e a ti: mas Deos nam queira
Que a tanto mal nam dês algum remedio.

Este

Eſte infernal maldito, tem vendida
Eſta força em que eſtás com toda a gente
Ao gram Coge Çofar. Senhor atenta
Que ſe a iſto nam dás credito, ficas
Homicida, e culpado em mal tamanho.
O capitam que em tudo era prudente,
Nam fez deſtas palavras pouca conta:
Mas antes com ſuris razões inquire,
E eſcudrinha as entranhas: que moſtravam
Húa verdade facil, clara, e firme.
Pergunta, e diz: Amigo como ſabes
Iſto que me deſcóbres? e ſe acharmos
Que o que dizes he falſo? como cuidas
Que poderás paſſar ſem gram caſtigo?
O Mouro lhe reſponde com ſembrante
Seguro (que a verdade em fim ſegura
He ſempre e deſcanſada:) ſenhor quero
Crudeliſſima morte, ſe o que digo
Achares ſer engano, ou falſidade:
Saberás capitam famoſo, e forte,
Que hum Portugues dos teus, ou por dobiça
De grandes intereſſes, ou que foſſe
Por ſe eſquecer de Deos, e eſtar já todo
Do divino favor deſemparado,
Eſcondido em Çurrate entra o maldito,
Vaiſe a Coge Çofar (que como ſabes
He geral capitam do gram Mamude)
Prometelhe lançar ſecretamente
Mortifera peçonha na ciſterna
Donde todos bebeis: tambem promete,
De pôr fogo na caſa onde tens poſta

A polvora que aqui te he neceſſaria.
Chaves falſas tambem diſſe que tinha,
Para hum poſtigo abrir que era vizinho
Da torre que ſe chama Sanctiago:
E que eſte lhe abriria quando o tempo
Sem muito dano ſeu lho concedeſſe.
E quando nada diſto fazer poſſa,
Que entam daria entrada ſufficiente
Por hũa caſa ſua onde morava,
Que bem junto co muro, pola parte
Do mar tinha ſecreta ſervenia:
Por onde a gente com facilidade
Por eſcadas podeſſe ſobir, quando
A noite ſe moſtraſſe mais eſcura.
Iſto que aqui te digo he verdadeiro:
Atenta o que te cumpre, nam deſcanſes:
Nam venhas bom ſenhor crer iſto a tempo,
Que juntamente vejas a verdade
Co effeito do mal, quando perdida
Verás a fortaleza, e a eſperança
De cobralla já mais: e verás mortos
Todos os teus ſoldados: e eſtes muros
Banhados ſem vingança co teu ſangue.
Dizendo eſtas palavras, importuna
Ao capitam que o mande ao ſeu moeſteiro,
Para fazer devida penitencia,
Do tempo em que a Deos foy tam rebelde.
O capitam mandou que foſſe poſto
A bom recado, e guarda bem ſegura.
Em grande confuſam ficou, e atado
A hum profundo, e grave penſamento.

Aqui

Aqui, e ali diverte a fantaſia,
Revolvendo mil couſas differentes.
Cuida ſer por ventura ardil, e manha
Do diſcreto Çofar: ora cuidava
Que eſte Mouro diria mais do que era,
Querendo-o grangear, inda que foſſe
Aſſi como afirmava. Muy confuſo,
E afadigado tinha o penſamento:
Mas no meyo de taes eſtremos vinha
A verdade moſtrando tudo claro.
Ficava o invencivel, e robuſto
Animo, todo inquieto, ſem repouſo:
Fica ardendo em ira, por acharſe
Portugues que traiçam tal cometeſſe.
Determina chegar com tudo ao cabo:
Tirando inquiriçam ſecretamente,
E dar grande remedio aos grandes males
Que ali deſta traiçam, reſultariam.
Poucos dias deſpois da proveitoſa
Vinda deſte Abexim: tambem deſcobre
Hũa molher caſada, que já fora
Turca de geraçam, a falſidade
De como a fortaleza eſtá vendida.
Eſta molher, deſpois de bautizada,
Ali com ſeu marido viveo ſempre:
E ſabendo a traiçam, vaiſe depreſſa
Onde eſtá o capitam: dizlhe em ſegredo:
Neceſſario he ſenhor que tenhas tento
Em toda a fortaleza: porque hum Turco
Deſtes agora vindos á cidade,
Muyto me perſuadio que nam quiſeſſe

Eſperar aqui mais: porque chegando
Coge Çofar, ſeria logo entregue
Deſta força, matando toda a gente.
Aviſote que tenhas bom reſguardo:
Que ſe eſtás prevenido, pouco dano
Te poderá fazer: que os Portugueſes
Que aqui tens, bem ſe atrevem defenderſe
Contra todo o poder do gram Mamude.
O capitam folgou de ouvir a Turca,
Agradecendolhe muyto aquelle aviſo:
E logo começou com diligencia
Tirar inquirições, quem poderia
Ser aquelle nefando, e infernal homem,
Que com Coge Çofar tinha amizade:
Tratando de lhe dar a fortaleza.
Ruy freire ſe chamava eſte perverſo,
Que de Çofar, cada anno tinha tença.
Buſcou outro parceiro, para effeito
Deſte ſecreto mal, debaixo ſangue:
Mouriſco Granadil, conforme a elle
Em ter máo coraçam, máo zelo, e alma.
Pois como o capitam taes dous aviſos
Teve, mandou chamar eſtes dous homẽs:
A Ruy freire mandou que ſe apercebeſſe,
Para que ao Viſorey, que eſtava em Goa
Levaſſe deſte cerco nova certa.
Ao outro tambem manda que ſe faça
Preſtes para Chaul: eſcreve logo
Ao Viſorey, que tenha lá Ruy freire;
Por quanto delle tinha má ſuſpeita.
Outras cartas eſcreve deſta meſma

Ten-

Tençam ao capitam, que neſte tempo
Reſidia em Chaul; nellas lhe pede,
Que a Franciſco rodriguez lhe detenha;
Porque he mouriſco, e delle nam confia.

Neſte Canto terceiro ſe trata como o Capitam dom Joaõ Mazcarenhas mandou eſpias que lhe trouxeram certa nova do cerco. E de como ſe começou aperceber com muyta preſſa. Trata tambem da vinda de Coge Çofar: com outras couſas que ſoccederam, dandoſe principio a eſta tam trabalhoſa guerra.

QVem a ſeu adverſario teve em pouco,
Vimos a ſuas mãos ficar rendido.
Grandes males, e danos ſoccederam
Por hum pouco reſguardo, ou por deſcuido.
O capitam na guerra atalayado,
Nam deve de temer mais que a fortuna.
Prudencia he previnirſe em caſos leves,
Porque nos grandes poſſa eſtar ſeguro.
Ainda que dom Joaõ vio as palavras
Que o gram Coge Çofar na carta eſcreve,
Cubertas com brandura, e artificio,
Entendeo ſerem falſas e enganoſas.
E como elle tambem uſava manhas,
E ardis ſutis de guerra: mandou logo
Trez ſagazes eſpias, que ſoubeſſem
A certeza de tudo o que ſua alma

Deſ-

Deſta guerra lhe eſtava revelando.
Eis aqui vem, paſſados cinco dias
As eſpias, correndo alvoroçadas:
Amedrontando com terriveis vozes
A fortaleza toda, alto dizendo.
Que hum campo poderoſo, guarnecido
De muita artilheria, e gente armada:
Com bandeiras, guiões, e hum aparato
Que parecia ſer o mundo junto,
Vinha de Champanel marchando á preſſa,
E que em muy breves dias chegaria.
Tanto eſta nova cauſa de alvoroço
Nos peitos generoſos, e esforçados,
Quanto de gram temor no baixo vulgo.
O Capitam inſigne ouvindo as novas
Do gram poder de gente, que ſobre elle
Vinha: depreſſa manda a todos quantos
Pedreiros, carpinteiros ſe agaſalham
Fora da fortaleza: e outros muitos
Officiaes, que num ponto ſe recolham,
Trazendo vigas, maſtos, e a madeira
Toda que fóra eſtava. Neſte tempo
Paſſado o mes de Abril chega outro grande,
E muy forte eſquadram, que ali mandava
Coge Çofar: e entrando na cidade
Começaſe a romper, e a divulgarſe
O ſegredo da guerra: que eſcondido,
E em diſſimulaçam eſteve ſempre.
Tanto que o capitam teve certeza
Deſte cerco, mandou com diligencia
Aviſar Baçaim, Chaul, e Goa:

Man-

Mandandolhes dizer que o socorressem
Com gente, munições, e mantimentos,
Porque de tudo tinha grande falta:
Que ali na fortaleza nam avia
Mais que duzentos homẽs: e que a gente
Porque estava esperando, bem passava
De quarenta mil homẽs, os mais delles
Fortes, e bem armados: onde vinham
Capitães excellentes, no exercicio
Militar, sempre ousados, e assaz destros.
E sabendo despois que nam consente
O Rume capitam que se lhe vendam
Aquelles mantimentos, e outras cousas,
Que ali sempre os Christãos comprar sohiaõ:
Mandalhe dizer logo, que bem via
Que aquillo que mandava, era começo
De guerra, e que se nisso elle insistisse,
Que lá o yra buscar com maõ armada.
Porque Coge Çofar lhe tinha escripto,
Que aceitára a cidade: por mais firmes
Verdadeiros amigos serem sempre.
Que differente disto se mostrava,
Tolhendo mantimentos, e agua, dando
De guerra conhecida mil indicios.
Que logo ali mandasse vender tudo
Como de antes faziam: porque sendo
Isto de outra maneira, elle yria
Buscallo com batalha. Mas o Turco
Lhe mandou mil desculpas dos agravos
Que até ali recebêra, e que elle estava
Disto tudo innocente: que o fariam

Al-

Algũs ſoldados ſeus por algum premio,
Que ſó nos baixos animes tem força:
E que o caſtigo diſto moſtraria,
Quam fóra elle eſtá deſta grave culpa.
Que a ſua vinda ali era proveito,
E bem da paz que tinham verdadeira:
E para confirmar hũa amizade,
Que ſegura duraſſe para ſempre.
Geraes pregões mandou que ſe lançaſſem,
Eſte Turco manhoſo, e que ſe vendam
Todos os coſtumados mantimentos:
E aquelle que quebraſſe eſte mandado,
Com a vida o pagaſſe. Iſto fazia,
Porque Coge Cofar expreſſamente
Lhe mandou que guardaſſe a paz inteira
Ate elle chegar. Nam foi remiſſo
Dom Joaõ Mazcarenhas: que entendendo
O engano encuberto, e a malicia
Diſſimulada, quiz aproveitarſe
De quantos mantimentos ſe podiam
Comprar: e com cuidado fez que encheſſem
O almazem de madeira, que no Cerco
Proveitoſa lhe foy, e neceſſaria.
Mandou trazer murroés para eſpingardas.
E outros mil artificios para fogo:
Mas diligencia, e manhã que aproveitam?
Onde o tempo he tam breve, que nam teve
Mais dilatado eſpaço que tres dias
Para ſe remediar? e ſendo nove
Dias de Mayo andados, amanhece
O Campo todo a roda povoado.

De

De lustrosa, soberba, e fera gente:
Bandeiras de mil cores arvoradas:
Grandes montes de lanças, de muy limpos,
E çacalados ferros, onde Apollo
Mostrava hum resplandor que vence os olhos.
Viamse ali tambem espessas bandas
De nervosos, e duros, fortes arcos,
E nos armados hombros, povoadas
Aljavas, de furiosos, mortaes tiros.
A estas companhias se ajuntavam
Luzidos esquadroẽs de homẽs robustos:
Que lançam pelejando ardentes rayos,
Dando apressadas mortes a quem roçam.
Brancas toucas louçãs, luzidas armas:
Roupas de fina graã se devisavam,
E outros trajos diversos, que excediam
Em lavores sutis, a humana industria.
No meyo desta gente se aventaja
O gram Coge-Çofar, que a governa.
Hũa roupa vestia de purpurea,
E muy lustrosa seda, guarnecida
Toda por derredor de orientaes perlas.
Hum alfange cingido de fino ouro,
E na cabeça touca ao Ceo erguida:
Ornada com rubis de grande preço.
Apousentousse dentro na Cidade
Com bom concerto, e ordem, e os soldados
Tomaram do trabalho algum descanso.
Nesta tal conjunçam com atrevido
E desenvolto passo, sae depressa
Da Cidade, hũa serva la nas horas

Que

Que ja de todo o ar se escurecia.
Chegando á fortaleza, diz bradando:
Recolheime la dentro, ô Portuguezes.
E ao capitam dizey que he necessario,
E releva fallarme elle em segredo!
Pois como ao capitam lhe fosse dito
O que a serva dizia, manda logo
Que seja recolhida, e que lhá tragam
Diante, por saber se he novidade
O que esta lhe queria: ou se era o mesmo
Que já dos outros dous tinha sabido.
O capitam ficando so co ella,
Começa ella a fallar desta maneira:
Saberás capitam que estás em risco
De perderes a vida, e juntamente
Contigo a perderam quantos te seguem.
Perderás tu tambem por puro engano
Toda esta fortaleza: se deixares
Entregue o seu remedio a esquecimento.
Sabe nobre Senhor que estás vendido,
Por dous homẽs dos teus que se obrigaram
Dar a Coge Çofar a fortaleza.
Deste perfido pacto se mostrava
O nosso capitam estar contente:
Mas quando soube certo que Ruy freire
Tinha mandado a Goa, ficou triste,
E muito pensativo, parecendo
No descontente rostro esta verdade,
Que aqui neste lugar só te descubro.
Ouvindo o capitam, que se conforma
Este aviso cos outros: que ja de antes

Sa-

Sabia, manda ver com diligencia
A casa limitada para guardar
De toda quanta polvora ali avia.
Acharam da traiçam, muy verdadeiros,
E evidentes finaes: acharam rota
Hũa forte argamalla, que cobria
O lugar onde estava em negra especia
Escondido hum furioso, ardente fogo.
Manda tambem correr todas as casas
Fabricadas na rocha, pola parte
Onde continuamente o mar batia,
Por ver se estam seguras, e acham hũa
Que era de Ruy freire, lugar proprio,
E acommodado assaz, ao que intentava.
Hũa rasa varanda tem nas costas,
Que sobre a rocha cae, por onde podem
Os imigos sobir, e sem trabalho
Entrar na fortaleza facilmente.
Aqui estava hum sobrinho de Ruy freire,
Ao qual, o capitam manda que deixe
Num momento está casa, e se va logo
Num pequeno barel, ao baluarte
Que do mar se chamava. Tambem manda
A varanda tapar, e logo entrega
As casas aos soldados, de que tinha
Hũa certa, e segura confiança.
A polvora mandou para outra parte,
Onde estivesse livre de perigo:
E nam se contentando disto, manda
Que de noite, e de dia, algũs soldados,
Que em firme lealdade, ja muitas vezes

Se

Se moſtraram muy firmes, a guardaſſem
Com gram cuidado, e ſumma vigilancia.
Na ciſterna tambem mandou pôr guardas,
Porque beber pudeſſem ſem ſoſpeita,
E manda derrubar aquella ponte,
Que atraveſſava a cava no poſtigo.
Da eſtancia ſanctiago, outra fazendo
Levadiça que ſempre eſtava alçada.
Ja prevenido, e ja de tudo proſtes:
Eſtava o capitam cada momento
Eſperando que a guerra ſe rompeſſe,
Quando Coge Çofar dizer-lhe manda:
Que era ali chegado, e a primeira,
E mais principal cauſa deſta vinda,
Era para fazer, e tomar ambos
Em caſos importantes, algum têrmo
Proveitoſo, e que mais foſſe ſeguro.
Que o gram ſoltam Mamude lhe mandava
Que nada ali fizeſſe, ſem primeiro
Lhe dar informaçam, e larga conta.
Por iſſo lhe pedia que mandaſſe,
Hum homem de quem tenha confiança,
Polo qual ſaberá ao que elle vinha.

Inda que o capitam entendeo claro
Que lhe vinha pôr cerco: quis que foſſe
Simão feo ſaber o que queria.
Era eſte homem ſesudo, e entendido:
De engenho ſufficiente a couſas graves.
Chegando aonde eſtava o duro imigo,
Soube delle a razam da nova vinda.
Dizendo que o Soltam expreſſamente

Lhe

Lhe mandava fazer com brevidade
Hũa groſſa parede; que ficara
No contrato da paz por dom Garcia
Viſorey, concedida: e alem diſto,
Tambem firmes queria duas couſas.
A primeira, que os ſeus navios foſſem
Livres, por toda a terra de Cambaya:
Porque elRey ſe affrontava, vendo que eram
Seus vaſſallos ſogeitos, e opprimidos.
A ſegunda que as naos dos mercadores
Nam foſſem conſtrangidas tomar porto
Naquella fortaleza: mas que foſſem
Forras, deſembargadas a outras partes
Vender ſuas fazendas. Ouvindo iſto,
Eſte Eroe valeroſo, que ali eſtava
Naquella fortaleza, por ſupremo,
Lhe reſponde: que a elle nam compete
Nada diſto que pede: que la em Goa
Eſtava o Viſorey, a quem devia
Requerer eſtas couſas: porque a elle
Nam lhe era dado mais, que ter guardada
A paz, e as condições que confirmaram
Bhaudur Rey de Cambaya, e dom Garcia
De Noronha, que fora ja abſoluto
E geral Viſorey de toda a India.
Tornoulhe reſponder o Mouro aſtuto.
Que o Soltam nam mandava que pediſſe
Iſto, ſe nam a elle: que licença
Lhe deſſe, e que faria logo a obra,
Porque ſe lha negaſſe, elle faria
O muro, como elRey tinha em vontade,

E ſe elle o defendeſſe, ficaria
Quebrantador da paz. Vendo ja claro
O capitam inſigne, a falſidade,
E que a razam urgente nam baſtava,
Tomando o parecer dos cavalleiros
Que ali eſtavam co elle, quis que o imigo
A guerra levantaſſe, a Deos tomando
Por juiz deſta cauſa: logo torna
O meſmo Simaõ feo com recado,
Dizendo: Que o trabalho ſe eſcuſara,
Pois que nam vinha a mais que ao que dizia:
Que tam pequena couſa bem pudera
Fazella o Tenadár delRei, ſe avia
De guardar o contrato confirmado.
As taboas lhe mandou, onde o contrato
Da paz eſtava eſcrito, e que ſe reja
Por elle, nam quebrando o que aſſentado
Fora por dom Garcia de Noronha.
Que tudo quanto ali ſe prometia,
Elle determinava de guardalo,
Para ſempre ſeguro, inteiro, e firme,
Porque aſſi lho mandava, aſſi o queria
O gram Rey Luſitano: e ſe intentava
O muro fabricar fora do termo
Ia limitado de antes, que impoſſivel
Seria ſoffrello elle em nenhum modo.
Quando Coge Çofar vio as palavras
Do capitam, e como ſe moſtrava
Iuſtificado em tudo, mais nam pode
Diſſimular o engano. Logo manda
Que ſe pubrique a guerra, e ſe comeſſe

O

O que deſpois tam caro ali lhe cuſta,
Manda que Simão feo ſeja poſto
Em aſpera priſam com boa guarda.
Grandes feſtas ſe fazem com mil gritos
Na Cidade alterada, e poſta em armas
Os roucos atambores apregoaõ
Guerra: por guerra bradam apreſſados.
Crece o fervor, o brio, e alvoroço
No exercito enemigo, e vaõ correndo
Muitos Turcos ſem ordem, o apelido
Chamando de ſeus deoſes enganoſos.
Voaõ nuvẽs de ſetas polos ares,
Que eſtes ſoberbos tiram com violencia:
Diſparám arcabuzes, fazem outros
Mil ſinaés de ardimento, e grande furia.
Deſpois que o capitam vio começada
A guerra com furor, com tal ſoberba,
As eſtancias reparte por fidalgos:
O primeiro dos quaes, dom Joam era
Dalmeida: que em trabalhos, e perigos
Moſtrava aquelle esforço, e grande preço
Do ſangue antigo, e puro donde vinha.
A eſte ſe entregou hum baluarte
Chamado ſanctiago. A Luis de Souza
Filho do Chançarel mor, deram outro
Que Sam Thome ſe chama: a Gil coutinho
Outro, cujo apelido era daquelle
Filho do Zebedeu que Chriſto amava.
O baluarte Sam Jorge, fabricado
Sobre hũa grande, forte, e nova porta
Tinha Antonio peçanha: e a Couraça

Entregue foy a Joaõ de Venezéanos.
Outra torre que o nome tem do Apoſtolo.
Que Mouros tanto temem, deuſe á Afonſo
De Bonifacio: e a Couraça grande
Tinha Antonio Rodriguez, que entam era
Feitor ali naquella fortaleza.
Em outra torre nova, ſituada
Sobre hũa porta antigua, tinha mando
O Alcaide mor. Aqui ſe repartiram
Por cada eſtancia deſtas, ate vinte
Soldados: porque a gente era por toda
Duzentos de pelleja, e o trabalho
Era continuo, e grande em todos elles.

Neſte Canto quarto ſe trata da falta que o Capitam Dom Joaõ Mazcarenhas fez aos capitães das eſtancias: e de como mandou queimar hũa grande náo, em que Coge Çofar tinha inventado hum ſutil, e danoſo ardil.

GRandes ardis em guerras ja ſe uzaram,
Engenhos, e invençam nellas ſe viram:
Exemplo nos ſera o Grego aſtuto,
E o cavallo de tal traiçam armado.
Exemplo nos ſerá o de Peſcára,
Valleroſo Eſpanhol, que o belicoſo
Franciſco Ruy Frances, ſobre Pavia
Prendeo com ſutil manha, e pura induſtria.
Mas vimos outros muitos que o ſucceſſo

Com

Com deſeſtrado fim foy differente:
Mil vezes nam reſponde o que intentamos
Ao que Fortuna, e fado, e Ceo ordenam.
Dadas eſtas eſtancias aos fidalgos,
Segundo a cada hum lhe coube em ſorte
Eſtando todos juntos em ſilencio,
O capitam lhes diſſe eſtas palavras:
Esforçados ſenhores, valeroſos:
Vſados a trabalhos, e a perigos,
Bem vedes eſte cerco tam ſoberbo,
Que Mamude nos poem ſem cauſa juſta.
Bem vedes que eſte tempo, em tempeſtades
Metido, mil trabalhos nos promete.
Alembrevos que temos Jeſu Chriſto
Por noſſo capitam: e que eſtá certo
Vencermos, pelejando contra imigos
De ſua Fe ſagrada. O' Portuguezes
Dignos de immortal fama, e nome eterno,
Aqui moſtray quem ſois com vivo esforço:
Moſtray voſſo poder, e valentia.
Temos nas maos agora o que comino
Voſſos corações pedem belicoſos:
Nam deixemos perder a honra prezente.
Mil perigos paſſaſtes, mil trabalhos:
Mil batalhas venceſtes aſſaz duras:
Patria, e nome honraſtes pera ſempre,
Sigamos a fortuna que ſe moſtra
A Portuguezes ſempre favoravel.
Hum Deos temos por nós brando, e benigno:
Que nam quer, nem conſente noſſo dano:
Hum Deos que em fim morreo por nos dar vida.

TAYLOR INSTITUTION UNIVERSITY OF OXFORD LIBRARY

Ó fortes Portuguezes, o Senhores
Que sois de Jesu Christo Cavalleiros,
A religiaõ Christaã vos lembre a todos,
E aquella glorioſa, eterna fáma
Que os noſſos ja paſſados adquiriram.
Alembrovos que ſomos filhos deſtes:
Alembrovos quam juſto he que ſigamos
A via tam ditoſa por onde elles
Com tanta gloria, e honra caminharam:
Deixandonos hum raſtro todo tinto
Com ſangue ſempre freſco, que nos guie
Por caminho direito, ate que ajamos
O galardam final que pretendemos.
Lembrovos que eſte imigo he fraudulento:
Quebrantador do pacto, e paz firmada:
Que nam guarda palavra prometida:
Nem ſaberá vencer, nem cos vencidos
Terá clemencia algúa: atentay todos
Que eſta guerra he muy juſta, pois quebraram
Contratos, condições entre nós poſtas.
Lembrovos que o vencer he glorioſo,
E que o morrer he certo em toda parte.
Lembrovos defender a Fe ſagrada
Daquelle que por nós na Cruz com dores
Morrendo, derramou ſeu puro ſangue:
Ó qual ja nos promete hum vencimento,
Que celebrado ſeja em todo mundo.
E ainda que eſte cerco trabalhoſo,
E duro ſe nos moſtra: bem confio
Nos voſſos corações, a quem perigos,
A quem a meſma morte nam eſpanta.

Tro-

Troquemos noſſas vidas que nam duram,
(Pois ſomos a morrer em fim ſogeitos)
Por hũa honrada fama, e alto nome
Que ficará de nós eternamente.
Após eſtas palavras ſe alevantam
Todos num coraçam: ja deſejoſos
De ſe verem travados cos imigos.
Repartenſe dali por baluartes:
Cada hum no lugár ja limitado.
De laminas ſe veſtem logo todos,
E de luzente malha groſſa, e forte.
Ia claro ſe enxergava o grande eſforço
Dos fortes capitaes, e bons ſoldados.
Ia ſe viaõ nas torres mil bandeiras,
Que aqui, e ali o vento revolvia:
Sonoroſas trombetas dentro ſe ouvem:
Luzentes capacetes aparecem
Por todas as eſtancias: e no meyo
Andava o capitam provendo os muros
De tudo quanto ali he neceſſario.
Cobremſe os baluartes de fumoſas
Eſpeſſas negras nuvés, atroando
Os ares, e altos Ceos com trovoés falſos.
Vaõ pelouros de ferro em fogo envoltos,
Rompendo o ar com força: e vaõ fazendo
Hum eſtrondo eſpantoſo, deſtroindo,
E abatendo com furia quanto alcançam.
Começadà eſta guerra, ordena logo
O gram Coge Çofar hum proveitoſo,
Sutiliſſimo ardil, deſta maneira.
Manda que nũa náo ſoberba, e grande,

De

De madeira, ſe façam muitas torres,
Cheas de munições, lanças, e dardos,
Eſpingardas, e ſetas, e outros muitos
Inſtrumentos de fogo: e que vaõ dentro
Eſcolhidos ſoldados: porque quando
A beliſſima filha de Lathona
A ſua luz perfeita descobriſſe,
As agoas augmentando, a nao chegaſſe
Iunto daquella torre, rodeada
De continuas, ſalgadas, groſſas ondas:
Combatendo igualmente, ſem trabalho
Pudeſſem ſaltar dentro os fortes Turcos.
E ſendo taes, e tantos bem podiam
Facilmente tomar a fortaleza:
Pois nam eſtavam nella mais que trinta
Soldados Portuguezes: tal ſecreto
Do forte Mazcarenhas foi ſabido,
E logo em pouco eſpaço fazer manda
Preſtes a dous catures muy ligeiros.
Vaõ dentro nelles vinte bons ſoldados,
Esforçados, valentes, e animoſos:
Aos quaes Jacome Leite ali regia,
Que entam naquelle tempo tinha cargo
De capitam do mar. Pois como todos
Apercébidos foram: quando Apollo
Vay deſcançar nos braços do Occeano,
E a noite ſe chegava a grande preſſa,
Polo Ceo eſtendendo o negro manto:
Os ligeiros catures ſe eſpedem
Daquelle porto, e vaõ dobrando os remos
Com força, e com ſilencio: até que chegam

On-

Onde ancorada eſtava aquella grande
Machina bellicoſa, alta, e ſoberba.
Pois como as cintinellas deviſaſſem
Os cafures Chriſtaõs, deram mil gritos,
Apelidando a gente: que num ponto
Foy a mais della junta, e poſta em armas.
Começam diſparar hũa gram ſoma
De arcabuzes, e groſſa artilheria:
Mas os cafures vaõ remando ſempre
Por meyo das bombardas, ſem moſtrarem
Algũa covardia: e quanto eſtavam
Os imigos mais fortes, tanto inſiſtem
Os Portugueſes com furor dobrado,
No começado intento perigoſo:
Querendo antes morrer que fazer couſa
Que lhes foſſe notada por fraqueza.
Com tal riſco chegaram aonde eſtava
A nao: e cortam logo aquellas cordas
Que ligavam as groſſas fortes ancoras.
Lançam de la de cima, ardendo em fogo
Com impeto alcanzias, e outros vaſos
De ardentiſſimo azeite: que caindo
No mar, alevantava rechinando
Hum fumo eſpeſſo, e negro. Nada diſto
Foy parte que impediſſe eſtes ſoldados,
Que com heroyco esforço, e ouſadia:
Rompendo por perigos, e por morte
Que ante os olhos ali ſe lhe apreſenta,
Deixam a nao de todo ja abrazada,
A peſar dos que entam lha defendiam.
Alçanſe em pouco eſpaço grandes nuvens.

De

De fumo: e vay o fogo embravecido
Correndo toda a nao, e desfazendo
Em breve eſpaço aquelle fundamento,
Que aos olhos ſe moſtrava inexpugnavel,
Dos caſtellos que as nuvés ſe igualavam.
Ia polo mar, nadando vam madeiros,
Ardendo em vivas chamas: ja ſe abria
A nao por mil lugares, recolhendo
Quaſi o mar todo em ſi. Hum rumor grande
Se ouvia no arrayal: çorrendo todos
Por acudir á náo: mas ſem proveito
Era todo o trabalho: que os caturés
Seguros hiaõ, ja tendo acabado
Hum temerario caſo, porem digno
De perpetua memoria: porque ſendo
Vinte ſoldados ſos, acometeram
Tam grande multidam de taes imigos.
Foilhes iſto tam grave, e eſpantoſo,
Que todos a eſperança ali perderam,
De entrar a fortaleza pola parte
Que era do mar cercada. Quando a nova
Chega a Coge Çofar, vem num momento
Com ſembrante feroz: a gente toda
O ſegue, e vendo aquelle grande incendio
Com colerica furia ſe embravece
Porque via desfeito o proveitoſo,
E bem achado ardil, com que cuidava
Fazer na fortaleza mortal dano.
Faz grandes juramentos, e promeſſas
De nam alevantar aquelle cerco,
Ate que nam deſtrua, abata, e queime

A fortaleza: dando cruel morte
A todos os que eſtavam dentro nella.
O' entendimento humano, ſem firmeza
Da fortuna futura, e ſorte incerta:
Facil ſempre a ſubir, ſem guardar modo
Em proſperos ſucceſſos favoraveis.
Nam eſtava muy longe o ponto, e ora,
Em que Coge Çofar muy facilmente
Dera ſua riqueza, ſeu eſtado,
Por nam ter começado tal empreſa,
E por nam alcançar tal dignidade,
Nem ter poſto tal cerco: agora o triſte
Promete o que lhe nega a crua morte.
A náo tam alteroſa, pouco a pouco
Abaixando ſe foy, ficando as ondas
Fervendo, e fumegando grande eſpaço.
Eſtavam para vir na outra coſta
Corias, e navios dos imigos
Carregados de arroz, que he mantimento
De que os Mouros mais vſam neſta parte
E ſendo o capitam diſto informado,
Mandou algũs catures, que impediſſem
Eſte grande remedio, e que correſſem
Ate a ilha dos mortos: nam ficando
Navio dos imigos que nam foſſe
Alagado, roubado, e deſtruido.
A Antonio de Souſa tambem eſcreve,
Tambem ao de Noronha dom Hieronymo
Capitaẽs ambos nobres, e esforçados:
Rege eſte Baçaim, Chaul aquelle
Que cada hum detenha os Guzarates,

To-

Tolhendolhes a carga, e mantimentos
Que dos rios traziam: que eſta guerra
Era a que os Mouros mais temer podiam.
E logo á viſta delles, dous catures,
Com mais quinze cotias carregadas,
Roubadas, deſtruidas foram todas
Com morte dos que dentro nellas hiaõ.
Deſta maneira em furia, e em braveza
A guerra hia crecendo cada dia,
Acendendoſe mais dambas as partes
Os odios, os furores, e os trabalhos.

Neſte quinto Canto ſe trata como chegou Dom Fernando de Caſtro com nove navios em ſocorro da fortaleza: E de como Coge Çofar ſe vinha chegando aos muros, para dar bataria. Trata tambem da vinda de Mamude Rey de Cambaya.

ESforçaſe o que eſtá affrontado, em riſco,
Onde a vida ſe moſtra aventurada
Se algum favor lhe vem, e mais o eſtima,
Quando a eſperança delle tinha incerta:
Parecelhe ſer menos o perigo:
Renovanſelhe forças, e ouſadia.
Nam teme o ſocorrido a ſeu contrario,
Antes moſtra ſinaes de tello em pouco.
Como a nova chegou a Goa, logo
O viſorey mandou nove navios,
E por capitam mor mandou ſeu filho

Dom

Dom Fernando de Caſtro, moço em annos,
Ouſado nos perigos: mas os fados
Infelices ali ſe lhe moſtraram:
Negaramlhe o viver: mas nam puderam
Eſcurecer co tempo ſeus louvores.
Co eſte valente moço vaõ fidalgos,
E outra muy bem armada, deſtra gente.
Deſejoſos de honra, e fama; partem
Rompendo o mar com força de muy fortes
Valentes remadores. Vaõ vencendo
O vento embravecido, e groſſas ondas
Que os contraſtam mil vezes, e affadigaõ
Com trabalho contino: em fim vieram
Ao lugar deſejado, e que os deſeja.
Capitaẽs eram deſtes, dom Franciſco
Dalmeida, cujo eſforço era notavel.
Eſte forte mancebo era chamado
Do Ceo, para lhe dar eterna gloria,
E ça entre os mortaes, hum alto nome
Qual elle por ſeus feitos merecia.
Outro era Pero Lopez dos de Souſa
Antigos decendido: e hum mancebo
Que Diogo de Reinoſo ſe chamava,
Eſforçado, e infelice juntamente,
Ao qual o Ceo guardado tinha hum caſo,
A noſſo parecer aſpero, e duro.
Mas que couſa he Deos meu, o entendimento
Dos miſeros mortaes, para que poſſa
Alcançar, e entender o que depende
Da voſſa providencia, e ſer divino?
Tambem Diogo da Sylva co eſtes hia:

Man-

Mancebo de opiniaõ, e vivo esforço.
Vay Antonio da Cunha, cavalleiro
Exprimentado em mil grandes perigos.
Tanto que á fortaleza ali foi vista,
Batem com gram fervor os fortes remos:
Cheganse a terra, e fazem pranchas prestes
Para desembarcar. Algũs aguardam
O ponto, em que o refluxo do mar vinha
Para dentro encolhido, e muy ligeiros
Saltam dos esporoẽs na branca area.
Outros com grande pressa desembarcam
Por onde milhor podem. Grandes festas
Fazem na fortaleza, quando viram
As fustas, e socorro desejado:
Que inda que era pequeno, he de soldados
De insoffriveis trabalhos soffredores.
Quando ja parecia a fresca aurora,
Com seu formoso rostro affugentando
A tenebrosa, triste, e negra sombra,
Aparecem na barra muitas fustas
Do gram Coge Çofar, embandeiradas
Com ricos estandartes, cujas pontas
Se arrastram polo mar sereno, e calmo.
Diversos instrumentos sonorosos
Daõ de sua chegada certa nova,
E nos ares diaphanos, formando
Vaõ hum alegre som, que guerra incita.
Os seus naturaes salvam com mil gritas:
Disparando algũs tiros, e em chegando
Pola costa se espalham defendendo
O socorro, que os dias invernosos

Tam-

Tambem com tempeſtades defendia.
Muitos navios tomaõ, dos quaes vinham
Algũs á fortaleza carregados,
E deſta armada incertos, ali todos
As almas dam a Deos, ao mar os corpos.
Outros que navegavam com mais tento,
Em vendo aparecer a frota imiga,
Arribavam em popa, e vaõ quebrando
Com força os fortes remos por ſalvarſe.
Muy diligente andava neſte tempo
Coge Çofar, fazendo hũa parede
Tam intriſcada, e cega, que excedia
O enrredado lavor maravilhoſo,
Que Dedalo fundou, para morada,
E perpetua priſam do fero monſtro.
Faziaſe eſta obra, quando Apollo
Eſcondendoſe, deixa o mundo eſcuro:
Porque quando tornava com luz nova,
O mar, e os altos montes aclarando,
Vinham da fortaleza mil pelouros,
Que muy grandes canhões com furia mandaõ,
E com morte de muytos, eſtorvavam
A perjudicial obra, deligente.
Os ſoldados nam ceſſam nos baluartes,
E nos lanços do muro groſſo, e forte,
De diſparar furioſos arcabuzes
Na parte onde ſe faz eſte confuſo,
E encuberto edificio: mas nam deixam
Os Mouros de acabar o que inventado
Foy com induſtria eſperta, e ſutil manha.
E ainda que recebem mortal dano,

Tam

Tam junto á fortaleza chegam, quanto
Lançar pode hũa pedra hum forte braço,
De mar a mar vaõ logo atravessando
O campo com parede de grossura
De quinze palmos grandes, e outros tantos
No ar se levantava, com cubellos,
E fortes baluartes. Era esta obra
De pedra so sem cal: mas tinha tanto
Entulho, que a fazia inexpugnavel.
Estava esta tal força ali fronteira
Da christaã fortaleza, e num momento
Assentam nella murta artilheria
Grossissima, e furiosa, encheram de armas
Aquelle novo muro, e abrem outras
Bombardeiras debaixo onde puseram
Assestados violentos, grossos tiros:
Despois que este edificio, povoado,
De artilheria foy, de armas, e gente
Muy belicosa, e forte, chega o grande
Soltam Mamude, Rey da gram Cambaya,
Hũa manham, ja quando descobriam
Os Phebos cavallos no Orizonte
As soberbas cabeças, e lançavam
Por narizes, e bocas, puros rayos.
Luzida gente traz, em armas destra:
Bandeiras arvoradas, atambores,
E outros mil instrumentos que alvoroçam
Os cavallos, e os fazem dar mil saltos:
Sacudindo, e batendo a dura terra.
Alguns fortes mancebos, desejosos
De fazer cousas grandes, e notaveis:

Cu-

Cujos coraçoẽs ardem, por ventura
Em amoroſo, vivo, e doce fogo,
Vinham na dianteira, deſenvoltos,
Brandindo groſſas lanças dando moſtra
De grande eſforço, forças, e ouſadia.
O gram Coge Çofar ſae da Cidade,
Com grandes eſquadrões, bem guarnecidos
De muitas eſpingardas, e de muitos
Arcos fortes truqueſcos, e em chegando
Onde o Soltam ja vinha, alevantaram
Huma muy bem travada eſcaramuça.
Os de cavallo vem com força, e furia
Em cerrado tropel: acometendo
Aos outros eſquadroẽs de infanteria:
Mas todos a hum tempo ali diſparam,
As eſpingardas dando grandes gritas.
Eſpantanſe os cavallos, e algũs delles
Polo eſtendido campo vaõ fugindo:
Cos pes ameaçando as altas nuvens.
Outros duros, e pouco obedientes
Aos domadores freos, atropelaõ
E maltratam alguns: Neſta reyolta
Andam ja tam metidos, que parece
Batalha verdadeira, e nam fingida.
Com todas eſtas feſtas entram dentro
Na Cidade: que moſtra hum prazer grande,
Deſta vinda de elRey: e ordenam logo
Que com força ſe de na fortaleza,
Hũa apreſſada, e forte bateria.
Quando os da fortaleza ouviram tantos
Anafis, e atambores que ſoavam

Neſte ſexto canto ſe trata como os imigos batiam a fortaleza: e de como el Rey de Cambaya eſpantado de hum tiro, ſe foi da Cidade: deixando Fuzarcaõ Abexim que governaſſe a gente que com elle viera.

O Sol ardente em ſeu fogoſo carro,
Quaſi mea jornada ja compria,
Quando la polos ares ſe levanta
Hum alarido horribel, que penetra
As nuvens, e alto Ceo: os vivos gritos
Eſpalhados nos ares, vaõ buſcando
As concavas cavernas dos mais altos
E ſolitarios montes, e nos valles
Mais fundos, e vazios: com ajuda
Da triſte, e namorada Echo: formam
Com impetu diverſos apelidos.
Das contrarias paredes começaram
Diſparar baſaliſcos, e ſalvages,
Quartaos, eſpalhafatos, lioẽs groſſos:
Com que as altas montanhas ſe extremecem.
O principal que offendem, he a eſtancia
Do Apoſtolo, que a maõ meteo no lado
De Chriſto, e todo o lanço que ali della
Corre ate Sanctiago, porque viram
Ser eſtes tres lugares menos fortes:
Danificados mais, e mal ſeguros.
De todas eſtas partes lhe reſpondem,

Com

Com muy furiosos tiros. Cobre hum fumo
Escuro, e infernal as fortalezas.
Supitos, e mortaes ardentes fogos
Luzem com grande pressa em ambas partes:
O capitam ordena hum contramuro
Dentro naquella parte combatida:
De parede tam grossa, que medidos
Tinha dezasseis palmos, e de entulho
Tres covados. Repairos fez muy grandes,
Com fortes contracavas, no baluarte
Sam Thomé: porque vio que a elle vinham
Determinados com violenta furia.
Ferve a gente la dentro, crece a obra:
Hũs madeira acarretam, outros abrem
Com forças, e com ferro, a dura terra,
Fazendo contraminas. Outros correm
Com grande pressa ao muro, e as estancias
Povoaõ de arcabuzes, lanças, dardos,
De polvora, pelouros, e outras muitas
Proveitosas maneiras de peleja.
Os capitaẽs acodem diligentes,
Onde os tiros crueis fazem mor dano;
E ali com mil repairos fortificam
Lugares dos pelouros derrubados.
Corre o capitam mor a todas partes:
Com animo esforçando aquella gente
Que tinha de favor necessidade.
Fronteiro estava ali do baluarte
Sanctiago, de bronzo, hum grande tiro:
O pelouro do qual, tem bem medidos
De roda treze palmos; e lançava

Ca-

Cada pelouro deſtes, com tal furia
Que o mundo parecia confundirſe:
Aonde chega faz tam grande dano,
Que nam baſtava ali nenhum remedio:
Nem grande diligencia, que num ponto
O ſoberbo pelouro desfazia,
E derrubava ſem contraſte, o muro.
Grande eſpanto cauſava, e torpe medo
Nos baixos coraçoẽs, o gram rugido
Com que vinha rompendo o ar delgado:
Deſtruindo de todo o que alcançava.
Hum ſingular varaõ o tinha a cargo:
Tam deſtro no atirar, que nam lhe eſcapa
Quanto a viſta lhe alcança, ſem poderem
Os noſſos remediar hum mal tamanho,
Naſcido foy na Gallia Ciſalpina;
E era do gram Soltam, avantajado
Com merces, e favores: porque a todos
Os que atirar uſavam, excedia.
Trinta pelouros tinha ja lançados
Dentro na fortaleza: e ſe mais vida
Tivera, derrubara tudo quanto
Ali ſe achara mais ſeguro, e firme.
Mas hum ligeiro dardo, arremeſſado
Da fortaleza vem, e acerta o peito
Deſte Francez perverſo: levemẽte
As entranhas lhe paſſa, e num momento,
Ia da morte vencido cae em terra.
Reboleandoſe eſtá ſem ter repouſo,
Com mortal agonia: e ja chegado
O derradeiro ponto, cerra os olhos,

Se-

Sepultandoos em noite eterna, e triſte.
Logo foy admitido neſte cargo,
Outro que exercitado de pequeno
Foy neſte tal officio: mas nam tinha
A fortuna ditoſa, antes adverſa,
E imiga ſe moſtrava ao triſte ſempre.
Quantas vezes diſpara o tiro horrendo,
Tantas nos proprios ſeus, faz grave dano.
Que arremeſſado ao Ceo com grande furia
O pelouro eſpantoſo, nam levando
O ponto bem medido, juſto, e certo
Para dentro cair na fortaleza,
Cahia no arrayal, e aos que alcançava,
Deixava huns em pedaços, e outros muitos
Tolhidos, maltratados: dando gritos
Triſtes, e miſeraveis. Neſte tempo
A revolta era tal, a preſſa tanta:
Eſtrondo de bombardas, e arcabuzes,
E os gritos eram taes, que parecia
A machina do mundo deſtruirſe.
Dom Joam Dalmeida andava diligente
Na eſtancia Sam Thome, ſempre acodindo
A remedear o dano que os pelouros
Faziam, ſendo tantos, e continos.
Cauſavalhe o trabalho hum ſuor groſſo,
Que por abertos poros eſtilava:
Soffrendo o grave peſo, e a moleſtia
Das trabalhoſas armas, levemente,
Aos ſoldados esforça com palavras,
Das quaes elles ficavam ſatisfeitos,
E com dadivas groſſas os anima.

Iſto

Iſto meſmo fazia Luis de Souſa:
Que la no baluarte Sanctiago,
Com esforço defende o que parece
Dos mouros conquiſtado, e combatido.
Dom Fernando de Caſtro bem moſtrava
O animo Incanſavel, deſejoſo
De ganhar honra, e fama pelejando
Com mais força, e fervor, do que promete
Aquella tenra idade que entam tinha.
Aqui bem ſe aventaja dom Franciſco
Dalmeida, todo armado: o roſtro aceſo
Numa cor inflamada, com gram furia,
Sem deſcanço tomar, ſempre peleja:
E com voz levantada, a grandes brados
Incita, e move a guerra, todos quantos
O poſto defendiam do animoſo
E valeroſo irmaõ dom Joaõ dalmeida:
Que em grande affronta eſtava: porque tinha
As ameas ja raſas, e feridos
Com ſetas, e arcabuzes muitos homens.
Aqui Diogo da Sylva, ſempre andava
Com animo esforçado, honra adquirindo.
Pero Lopez de Souza ali ſoffria
Graviſſimo trabalho, pelejando.
Aqui Antonio da Cunha aſſaz merece
Honrado nome, e fama para ſempre.
E Diogo de Reinoſo, bem moſtrava
Robuſto coraçam contra os imigos:
Nam ſe apartando nunca hum ſo momento
Daquelle ouſado moço: que entam era
Gloria, e ſupremo bem do muy prudente

In-

Insigne Visorey dom Joaõ de Castro,
Que quando ja de Goa se partiram,
Em guarda lho entregou: mas aqui neste
Tam trabalhoso cerco, os fados dambos
Infelices, e tristes se mostraram,
Perdendo as vidas ambos juntamente.
O capitam dom Joaõ derrubar manda
Edificios alguns na fortaleza:
E sendo elle o primeiro no trabalho,
Aos lugares ja fracos acodia,
Os Mouros vendo ali sempre presente
O seu grande Soltam, que os animava,
Redobram mais as forças, e combatem
Com mor braveza, e furia a fortaleza.
Hum estrondo espantoso de bombardas:
Hum disparar continо de arcabuzes,
Em ambas partes soa, nam cessando
Hum so momento a dura bataria.
Mil clamores, mil gritas sempre crecem:
Direitos indo ao Ceo, e la nas nuvens
Abraçados, hum tal som vaõ formando,
Que os corpos, e os cabellos arrepia,
Estando este cruel fero combate
Aceso em mais furor: onde morriam,
E se feriaõ muitos de ambas partes:
Na fortaleza soa hum trovam forte,
Com impeto rompendo os sutis ares.
Vay o rayo mortal encaminhado,
Onde o Soltam andava, e junto delle,
Num momento desfez em mil pedaços,
Hum insigne baram, nobre, e animoso.

Ato-

Atonito ficou eſte Rey grande,
Vendo a morte apreſſada ali tam perto,
E deſaparecer ſupitamente
Quem lhe eſtava fallando: ficou frio
Quando a vida daquelle co as palavras
Meo formadas, vio num meſmo ponto
Cortadas, e as entranhas ſanguinoſas
Semeadas na terra. Nam aguarda
Outro ſucceſſo tal: vaiſe a Cidade,
Recolhendoſe em ſeu rico apoſento,
Entra no real leyto, que coſtuma,
Aos canſados membros dar repouſo.
Aqui, e ali diverte a fantaſia:
Traça no penſamento mil ſucceſſos,
Deſta tam trabalhoſa, dura guerra.
Ia ſe ve vencedor, ja triumfando,
Dos grandes capitaẽs, vay glorioſo
Por todas as Cidades do Oriente.
Neſta ſombra fantaſtica ſe ſobe,
A quanto ali lhe pede o vaõ deſejo:
Mas logo ſe demuda, e fica triſte
Vendo o grande valor de ſeus contrairos.
Imagina ficar vencido delles,
Com infamia, deshonra, e grande perda.
Aſſi eſta num mar de anſias engolfado,
Vendoſe num momento, ora no cume
Da venturoſa roda, ora cahido
No mais baixo, e infelice eſtado della,
Com penſamentos taes, foy entregando
A hum profundo ſono, os laſſos membros.
Dormindo lhe parece ver gram ſoma

De

De belicoſos Arabes ferozes,
Em ſangrenta batalha ſer vencidos,
Por pequeno eſquadram, de gente eſtranha:
Que huma branca bandeira levantada
Com Cruz vermelha ſeguem. Muitas outras
Bandeiras derrubadas ve no Campo:
Mortos os capitaẽs, a terra chea
De corpos em pedaços, e de ſangue,
Ve a fera Belona ſacodindo
Com gram furor, o ſeu ſangrento açoute:
E o bravo cruel Marte, acompanhado
Das furias yr piſando a morta gente,
Todo alterado acorda o gram Mamude:
Treme o triſte de medo, do infelice,
E prodigioſo ſono, dando voltas
A huma, e outra parte, ſem deſcanſo.
Hum penoſo, deficil, groſſo annelito,
Oprime o triſte peito, e affadiga
Aquella alma trovada da medonha
Eſpantoſa viſam, que o doce ſono
Com tal rigoridade lhe moſtrara,
Levantaſe num ponto, e com gram preſſa
Se parte do arrayal: ali deixando
Juzarcaõ Abexim que governaſſe
Aquella gente toda que com elle
Viera. Eſte Abexim, tinha antre todos
Nome de mais valente: tinha muitas
Terras, e groſſas rendas que lhe dera
O meſmo gram Soltam. Avia doze
Dias que elRey chegara a eſta Cidade,
Quando a morte daquelle ſeu parente

Tal medo lhe cauſou, que o fez partirſe.
Indoſe a huma Cidade que ſe chama
Amadabat, dali com diligencia,
Mantimentos, dinheiro, e tudo manda,
Quanto ao arrayal he neceſſario.
Deſpois que ſe elRey foy, crece o trabalho:
Crece a força dos Mouros, e a ſoberba,
Frequentando-ſe os combates, nam ceſſando
De dia, e noite a groſſa artilheria.
O quantas almas vão dando mil gritos,
Deixando os corpos feitos em pedaços:
Quantas ſe vão ao Ceo, ô quantas decem
Ao reyno cruel, fero, eſcuro, e triſte:
Onde nam tem lugar, concerto, e ordem:
Mas hum contino horror, e penna eterna.
Ja de todo ſe arraſam dous lugares,
Aonde Luis de Souſa, e Gil Coutinho
Paſſam trabalhos grandes, ſuſtentando
Com grande eſforço a honra. O muro groſſo
Que corre de hum ao outro, ja por terra
De todo poſto eſtá: mas a eſforçada
Gente, a entrada lhe faz deficultoſa.
Quando o capitam vio a gram ruina
Do muro, e baluartes, e o perigo
Em que todos eſtavam: vendo que era
Impoſſivel fazerſe pola parte
De fora contramuro, porque a cava
Tinha muy grande altura: e nam avia
Na rocha outro lugar que o que parece
Occupado do muro: ordena logo
Pola banda de fora, hum cubello alto

No

No meyo do travez: o qual servia
De triangulo justo a estas estancias.
Quarenta espingardeiros que o defendam
Pos aqui dentro nelle, e porque a este
Tal tempo era ja morta muita gente,
E outra muyta ferida: deu o cargo
Deste cubello novo, e destes homens,
A Antonio Peçanha, varaõ forte,
Valeroso, esforçado: o qual a todos
Deu largamente tudo o necessario.
Manda tambem a Joaõ de Venezeanos
A estancia vigiar, que ali ficava
Orfaã do gram Peçanha. Neste tempo
Defronte a Sam Thome os Mouros fazem
De terra, e pedra hum cumulo muy grande,
E nelle assentam altas, e frondosas
Arvores: fabricando ali hũa estancia
Tam alta, que co as torres se igualava.
Nesta ramosa torre se escondia
Hum valente esquadram dos enemigos,
Para entulhar a cava desta parte.
Por que estas obras taes os Mouros fazem,
Quando as humidas noites se mostravam
Ao mundo, de hũa cor mais negra, e triste:
O capitam mandava fazer grandes
Ardentes luminarias, com que os ares
Da luz favorecidos, aclarassem,
Os que na escuridam sempre trabalham,
Mais por força, e temor, que por vontade;
Andava huma gram turba, baixa, e cruel,
De huma misera, fraca, e triste gente,

Nes-

Neſte trabalho tal: aos quaes de cima
Dos altos baluartes, maltrataváam,
Matando muitos delles: mas aviam
Tam grande medo aos ſeus, que ſe ali fogem
Das perigoſas ſetas, e dos dardos
Que ſobre elles choviaõ de contino:
Por força os fazem logo, e com feridas
Tornar, para dar fim ao que cuidavam
Serlhe certo proveito: tanto medo
Aos ſeus naturaes tinham, como aos outros
Que das torres os matam. Muitas vezes
Vendoſe dos pelouros todos mortos,
Todos de agudos dardos traſpaſſados,
De pedras muy peſadas, e alcanzias,
Que em fogo ardem, cubertos: ja nam querem
Fugir: antes ſe deixam queimar vivos,
Padecendo crueis, e triſtes mortes.

Eſtavam tam canſados, tam feridos
Os Portugueſes, que era grande eſpanto
Poderenſe ſoſter. Os mais daquelles
Que o dano dos pelouros num momento
Tornam a refazer, eram ja mortos:
As torres maltratadas, deſtruidas:
Principalmente aquella que defende
Dom Joaõ Dalmeida: e outra que guardava
Antonio Freire, o qual tinha ali cargo
De alcaide mor daquella fortaleza.
Valente homem, criado na familia
De dom Lopo Dalmeida, cujo filho
Era eſte dom Joaõ, e dom Franciſco,
E dom Pedro mais moço: que aqui neſte

Cer-

Cerco todos se acharam, e aqui todos
Mostraram grande preço, e valentia.
Assi como estes dous lugares eram
Neste ponto mais fortes na peleja,
Assi dos Mouros eram combatidos
Com muita mais braveza, e era tanto
O dano recebido, que os imigos
Tinham por certo ja que os Portugueses,
Ou por firme contracto, ou que por força
Ali se entregariam. Vinham sempre
Chegandose cubertos, nam deixando
Aquelle lavor cego, e tam confuso
Das paredes, que davam cem mil voltas:
Virando e revirando a todas partes
Encobrindo o caminho que traziam
Direitos aos lugares, onde estavam
Por capitães Alonso Bonifacio,
Luis de Sousa, e Gil coutinho. Tanto
E com tal força os Mouros trabalharam,
Que em fim chegão á cava, dando pouco
Por todos os ardis que ali buscava
O sabio capitam, para impedirlhe
A perjudicial obra que faziam,
Pois tanto que elle vio que desta parte
Onde a famosa torre está fundada,
Os Mouros se cobriam, nam cessando
De deitar sempre terra, pedra, e rama:
Manda dentro ajuntar (a par da Igreja,
Defronte desta torre, que do vento
Era movida a hũa, e outra parte:
Com rumor sonoroso, e consonancia

Con-

Confuſa, e mal deſtinta) muita terra:
E manda que hum caſtello ali ſe faça,
No qual aſſentar manda hum baſaliſco
Com outra artilheria mais meuda.
Aponta hum bombardeiro, o groſſo tiro
A eſta verde torre, e pondo fogo,
Diſpara, reſonando os altos ares:
Derruba, abate, e quebra num momento
As groſſas, e altas vigas, que ſoſtinham
A deleitoſa eſtancia. Nam ſe viam
Correr neſte pomar canos de hũa agoa
Chriſtalina, delgada, clara, e fria,
Com manſo, e doce ſom: nem lamentarſe
De ſeu mal Philomena com brandura,
O que ſe pode ver ſam grandes chamas
De fogo acompanhadas de mil gritos
Dos que ali dentro eſtavam. Huns fenecem
Desfeitos em pedaços: outros ficam
Abraſados do fogo, e mal feridos.
Outros que mais vezinhos eſtam deſtes,
Fogindo vaõ, medroſos, e confuſos:
Dando com alaridos, e altos brados
Hum medonho rebate a toda a gente.
Em pouco eſpaço foy toda desfeita,
E derrubada eſta obra ate o cimento:
A qual com gram trabalho dos imigos
Foy feita em muitos dias. Nam ſabendo
Que conſelho tomaſſem: determinam
Encher a funda cava, e ver ſe podem
Sobir na fortaleza, por lugares
Que a furia dos pelouros ali abria.

Co

Começam entulhar grande a cava,
Por hũas ruas feitas de paredes
Cubertas com palmeiras: cujo fructo
Era bravo, amargoz: encima dellas,
Grandes, e verdes ramos deitam cheos
De terra humedecida: porque o fogo
Que sobre elles lançassem, nam tivesse
Força, nem seu intento lhe atalhasse.
De madeira muy grossa fazem mantas
Bem fornidas, e fortes, com que cobrem
Os lugares vazios, que estavam
Na cava: e por debaixo dellas lançam
Pranchas, por onde noite, e dia corre
Entulho, sem cessar hum so momento.

Neste canto septimo se trata como os Mouros continuavam sua obra com grande diligencia para entulhar a cava, e os da fortaleza secretamente lhe furtavam o entulho: na qual obra morreo Antonio Freire Alcaide mor da fortaleza. Trata tambem da morte de Coge Çofar, e do seu enterramento, com outras cousas que soccederam.

HAy de quem neste mundo se confia,
Que pode durar hum ditoso estado,
Pois o tempo se passa, e a fortuna,
Tem por costume ser sempre mudavel.
Brevissima he a vida: certa a morte:

Eſtreita a conta, e nada diſto lembra:
Triſte de quem nam ve com livres olhos
Por onde ha de paſſar, pois nam ſe eſcuſa.
Hum pequeno poſtigo aqui ſe eſconde
No fundo deſta cava, tam ſecreto
E ja tam eſquecido, que memoria
Quaſi delle nam ha, o qual o tempo,
De terra, pouco a pouco foy cobrindo.
O capitam mandou com grande preſſa,
Que foſſe logo aberto. Ia aparece
O que eſteve eſcondido largo tempo.
Ia vay por elle a gente deſarmada,
E os armados que vaõ em guarda della,
Ia fazem que o trabalho dos imigos
Fique de todo vaõ; e ſem proveito,
Furtandolhe de ca quanto traziam,
Para fazer a cava igual cos muros.
Em ambas partes crece a diligencia:
Em ambas o trabalho. Os Mouros fervem
Neſta continua obra, e os da cava
Com hum ſilencio grande, hũa ſo hora
Do proveitoſo roubo, nam ſe apartam.
Faziaſe do entulho huma piramide,
No fundamento larga: mas na ponta
Mais aguda ſe moſtra. Os Mouros lançam
Prumo para ſaberem quanto crece
A obra, o qual na ponta fez aſſento.
Cuidam que do caminho a mayor parte
Andado tinham ja: mas que, aproveita
Levantar o edificio, ſe o aliceſſe
Eſtá todo gaſtado, e pouco firme?

Iſto eſteve em ſegredo ſos dous dias
Porque outra vez lançaram prumo os Mouros,
E como a ponta ja do entulho eſtava
Gaſtada, e muy ſutil, foy reſvalando
O peſo, indoſe ao fundo, moſtrou claro
O engano dos imigos, e o prudente
Conſelho dos cercados. Iſto vendo
Os Mouros, eſpantados aparecem,
Todos poſtos em armas, e aos que andavam
Furtando a terra, offendem com gram copia
De arremeſſadas lanças, dobram arcos
Grossos, com grande força, e delles voa
Huma nuvem de ſétas que o ſol cobre.
Huns trazem grandes pedras, que achegadas
Iunto da cava, empuxaõ, e vem dando
Dali daquella altura grandes ſaltos,
Fazendo hum fero eſtrondo: outros diſparam
Eſpingardas furioſas: a vil gente
Que na cava trabalha, foge logo:
Socorréos o esforçado Mazcarenhas
La de cima dos muros. Ia ſe trava
Huma rija batalha, aſpera, e dura:
Deſte jogo vaõ muitos mal feridos,
Em ambas partes morrem. Bem ſe moſtra
Em todos os fidalgos, vivo esforço,
E a grande valentia dos ſoldados:
Cada hum moſtra valor, cada hum procura
Nos mais fortes perigos ſinalarſe.
Eſtando em mayor furia eſte ſangrento,
Perigoſo combate, vem dos Mouros
Deſmandado, hum pelouro deſpingarda:

Dereito vai buſcar Antonio freire:
Paſſalhe levemente armas, e corpo,
Cae debruços na cava, e ali fica
Ate que anoiteceo, que foy forçado
Que ceçaſſe a peleja. Recolhidos
Os Mouros á Cidade alevantaram
Da cava aquelles corpos já defunctos:
Com pompa funeral, os levam todos
A darlhe ſepultura para ſempre.
Eſtava o mundo ja todo cuberto
De huma eſpantoſa ſombra, negra, e fria,
Quando ſe abre o poſtigo manſamente:
Saem por elle armados muitos homens,
Com todos os eſcravos. Muita pedra
Acarretam: e ordenam que ſe faça
Hũa rua cuberta com barrotes:
Pondo ſobre elles ravoas, e ſobre ellas
Terra, porque nam poſſam porlhes fogo.
Eſta rua ſahia do poſtigo,
E enteſtava no entulho: em pouco espaço
Foy feita, e vaõ por ella ſem receo
De ſetas, darcabuzes, e de pedras
Que chovem de contino, nam ceſſando
Hum ſo momento a obra. Toda a noite
A ſeu ſalvo trabalham: mas ja quando
Apollo levanta o carro ardente,
Sobre o noſſo Emyſpherio, viram claro
Nam poder entulhar por eſta parte,
E que era todo em vaõ o ſeu trabalho.
A Coge Çofar levam diſto nova:
Perdida ja eſperança vem depreſſa

To-

Todo aceſo em furor: logo ali moſtra
As entranhas raivoſas, que rebentam
Por vingança cruel de muitas mortes
E de outros muitos males que ali paſſam.
Eſtando aſſi provendo, e ordenando
O que devem fazer: tendo alma pronta
Em buſcar mil ardis que lhe aproveitem,
Deſcuidado da morte ja vezinha,
Diſpara a fortaleza hum groſſo tiro:
Eſtremeceſe a terra, os ares bramam:
Cobrenſe de fumoſa, e negra nuvem.
O furioſo pelouro ſae envolto
Em fogo repentino, e vai direito,
Guiado ali por Deos, num ponto leva
A ſoberba cabeça, aſtuta, e grave
Do gram Coge Çofar, que governava
Todo eſte belicoſo, e grande campo:
O deſtroncado corpo ali ſe eſtende,
E aquella alma perverſa vay furioſa,
Gritando polos ares, indinada
Dece ao reino choroſo, eſcuro, e triſte.
Tanto que o capitam geral foy morto,
Levantaſe hum clamor de toda a gente
Raſgaſe o alto Ceo com grandes gritos:
Correm todos ſem ordem por mil partes,
A morte deſaſtrada publicando.
Viaſe o arraial todo alterado,
Todo poſto em acordos differentes:
Os alaridos crecem, e onde eſtava
O capitam defuncto eram mais vivos.
Ferve a gente ſobre elle: e vendo o corpo

Af-

Assi descabeçado, muytos mostram
Huma amarella cor que os desfigura:
Outros com grande furia determinam
Morrer na dura empresa, ou verse destas
Mortes, e graves males, bem vingados.
O combate cessou, e ordenam logo
Fazerlhe honras funebres, sepultando
O corpo morto, ingrato ao beneficio.
Dos mais principaes homens, rodeado
Estava, quando chega ali seu filho:
Que como lhe foy dada a triste nova,
Perdida a gravidade, se arremessa
Por meyo do conflicto turbulento:
Derrubase aos paternos peis, regando
Com copiosas lagrimas à terra,
E com dor entranhavel enche os ares
De mil palavras tristes, e gemidos.
Com grande magoa todos os mais nobres,
De sangue mais antigo, claro, e puro,
O levantam da terra, e nella mesma
Lhe vaõ com rouco pranto dar morada
Escura, fria, triste, e sempitema.
Ali sam celebradas as obsequias:
As vsadas, e antigas ceremonias:
Ali com muitas lagrimas lhe dizem
O derradeiro valle para sempre.
Despois disto acabado se ajuntaram
Todos para conselho, e nelle ordenam
Que seja capitam geral seu filho
Chamado Rumecaõ. Começa o Mouro
Novo na dignidade, com dobrado

Tra-

Trabalho: com dobrada força, e preſſa
A proſeguir a guerra, deſejando
Tomar juſta vingança. Logo manda
Fazer outras ſeis ruas, que eſtavam
Na cava, pola parte onde o poſtigo
Debaixo dos barrotes ſe eſcondia.
Lançam ſobreles pedras de grandeza,
E graviſſimo peſo, com que opprimem,
Rendem, quebram, e fazem mil pedaços
As tavoas, e os barrotes: mal tratando
Os que debaixo andavam, e o poſtigo
Cerrado foy com groſſas, fortes vigas.
Crecia cada hora o groſſo entulho
Por ſeis partes lançado: e eſta porta
Que em ſegredo eſtivera, outra vez torna
Eſconderſe, atalhando a ſerventia
Que era tam neceſſaria, e proveitoſa.
Vendoſe aſſi affrontado, em tanto riſco
O forte Capitam, de louvor digno,
Vendo faltarlhe a gente, e que o ſocorro
Eſtava duvidoſo: porque a força
Do tempeſtuoſo inverno lho impedia.
O Vigairo mandou da fortaleza
(Que aqui ſe offereceo neſta jornada)
Que num catur ſe embarque, e va depreſſa,
Sem paſſar de Chaul, e que ali diga
Quanta neceſſidade de ſocorro,
Quanta falta de gente ja avia.
O Vigairo partido, nunca deixam
Os Mouros o trabalho: crece a terra,
Crece o contentamento, e a eſperança

Deſ-

Deſtes duros imigos. Ia ſe chega
O temor ao perigo nos que eſtavam
Dentro na fortaleza. Em poucos dias
Entulharam de todo, e arraſaram
De terra a grande cava, larga, e funda.
Pola parte onde eſtava Gil Coutinho,
Os Mouros atraveſſam groſſos maſtos,
Pregadas nelles tavoas, que ſerviam
De pontes eſpaçoſas, e ſeguras.
Ardentiſſimos fogos ſe lançavam
De la da fortaleza, neſtas pontes:
Mas em vaõ era tudo, e ſem proveito:
Que o eſquadraõ cuberto com repairos,
A ſeu ſalvo apagava logo o fogo,
Levando ſempre avante o ſeu intento.
O capitam mandou fazer de preſſa,
De ferro, huma cadea groſſa, e forte,
E manda pegar nella muitas ſacas
De lona, que levavam para offenſa
Das enemigas pontes, mil maneiras
De pernicioſo fogo ali eſcondido.
O peſado artificio foy lançado
Na obra dos imigos, com grande impeto:
Acendeſe hum furioſo, grande fogo,
Queima dos groſſos maſtos, grande parte:
E queima quantos acha ali mais perto.
Bem aſſi como quando hum gram penedo,
Que longo tempo eſteve, de fragoſa
Rocha dependurado: ameaçando
O rio que por baixo vay fogindo
Com curſo acelerado, e as correntes

For-

Forçosas, e continas, solaparam
A terra, que sostinha o grave peso:
Dali daquella altura com gram furia
Se deixa vir fazendo hum espantoso
Estrondo, e dando nagoa, os ares gemem
Com sonorosa voz, ali causada
Do fero golpe, rouco, e escumoso.
Os pexes que alcançou a dura pedra,
Encima da agoa ficam em pedaços,
Outros de espanto cheos, vaõ fugindo:
Mas ja passado o impeto furioso,
Do perigo esquecidos, tornam logo
Proseguir os caminhos costumados.
Assi desta maneira os Mouros vendo
O dano que este fogo lhes fizera,
Queimados, todos delle se affastaram:
Mas com esforço grande, e ousadia,
Arremetem com furia, dando pouco
Por tiros despingardas, com que morre
Grande numero delles, e outros muitos
Mal feridos assaz, em terra caem.
Recebem mortal dano: mas nam deixam
De crecer muito mais cada momento:
E o lugar que ali fica dos que morrem
Vazio, se povoa com dobrado
Numero, e com dobrado esforço, e animo.
Em fim fizeram pontes, por mais dura,
E por mais forte que foy a resistencia.
Cobriraõnas com terra humedecida,
E com mil verdes ramos, logo ordenam
Polas bandas das pontes humas grossas,

E muy groſſas paredes, que reſiſtam
Aquella violenta, e grave força
Dos pelouros, que fazem fero eſtrago.
Outras paredes alçam polo meyo,
Cubertas com palmeiras, e erva verde,
Para virem por baixo ſem ſer viſtos,
Dos que na fortaleza ſeu mal buſcam.
Eſta tal obra ja ſendo acabada,
A força de picoens, tambem fizeram
Naquelle baluarte (onde reſide
Dom Fernando) hum portal que da licença
A dez homens entrarem nelle juntos.
Tendo tudo iſto feito, acometeram
Hum dia ja bem tarde a fortaleza:
Nam foy rijo o combate, nem foy muito
Travado: mas alguns foram feridos,
Outros feitos pedaços. Aſſi andavam
Eſtes fortes contrairos, dando ſempre
Rebates, ſem concerto, a todas horas:
Sem nunca o capitam tomar repouſo,
Nem fidalgos, nem outros cavalleiros
Deixarem hum momento as duras armas.

Neſte Octavo canto ſe trata como Simaõ Feo foy com recado ao capitam mor, e da repoſta que o Capitam lhe deu. Trata tambem do primeiro combate, e do ſucceſſo delle.

A Mudavel fortuna muytas vezes
Desfaz, e abate mil grandes eſtados:
Trabalhos offerece a quem primeiro
No mais alto da roda tinha ufano.
Mas ſe apos iſto tira a liberdade,
Todos os outros males ficam fracos:
A Deos ſe tornará de meu conſelho:
So nelle achará com que conſolarſe.
Vendo o gram Rumecaõ a fortaleza,
Por muitas partes ja quaſi desfeita,
E que a ſeu parecer eſtava certo
Entrala ſem trabalho, todavia
Achava ſempre forças renovadas
Nos que dentro pelejam, e com morte
He muitos, recebia mortal dano.
Dum recado mandou por Simaõ Feo:
Que atras ſe contou ja como levara
Do Capitam recadõ no principio
Deſte cerco, e que fora por mandado
De Coge Çofar preſo. Eſte de muitos
Mouros, muy bem armados, rodeado
Ao pe dos muros chega, e em voz alta
Os companheiros chama, conhecidos:

Di-

Dizendo que eſta ſua vinda façam
Saber ao Capitam: porque trazia
De verdadeira paz firmes contratos.
E ainda que os de cima nam no viaõ,
Por cauſa de hum eſcuro, e triſte manto,
Que entam naquellas horas geralmente
Polo Ceo ſe eſtendia a todas partes:
A voz delle conhecem, e alguns correm
Levando ao capitam diſto recado:
O qual ao muro chega, preguntando
A que era ſua vinda? Simaõ Feo
Reſponde logo, e diz eſtas palavras:
A vos ó capitam, a vos fidalgos:
A vos ſoldados fortes, e animoſos,
Peço que vos doais de voſſas vidas,
Que em ponto eſtam ja todas de perderſe.
Olhay o grande riſco em que eſtais poſtos:
Os muros derrubados, deſtruidos,
E a fortaleza ja quaſi tomada:
E com defenſa tal que em pouco eſpaço
Sera por Rumecaõ toda vencida.
Aviſovos Senhores que enfiſtirdes
Mais neſta vaã empreſa ſera dano,
Para quantos ahi eſtaes: que ſe ſe anoja
O Rumecaõ de voſſa contumacia,
Deſpois que vos tomar com mil tormentos
A todos mandará enterrar vivos.
Daivos de meu conſelho, e eu vos fico
Que juntos fereis todos perdoados,
E com dadivas grandes ſatisfeitos:
Que eſte gram capitam he piadoſo,

Ma-

Magnifico, clemente, e bom amigo.
Deſpois que o Capitam eſteve ouvindo
As forçadas palavras, que dezia
Simaõ Feo, com yra lhe reſponde,
Dizendo: Nam ſejaes mais atrevido
Para chegar aqui com taes palavras:
Porque ſe aqui vierdes, o caſtigo
Mandarey que vos dem, que ellas merecem.
Dizey ao Rumecaõ, que com taes homens:
Tam perfidos, tam maos, nunca amizade
Nem paz concederey: que bem confio
Em Deos, que antes que paſſe muito tempo
Seram por nos ſubjeitos, e vencidos.
Que os homens que aqui eſtam ſam coſtumados
Vencer mores trabalhos: e que nunca
A perigos, e affrontas ſe renderam.
Levando Simaõ Feo tal repoſta,
A Rumecaõ a deu, que gravemente
Delle ſentida foy: e em quanto a noite
Dilatava de Aurora os freſcos rayos,
Em vivo fogo ardia, deſejando
Tomar huma cruel, dura vingança,
Daquelle temerario atrevimento.
Aquella ſombra triſte humedecida,
Que occupado em ſilencio tinha o mundo,
Fogia com gram preſſa da luz nova,
Que o clariſſimo Apollo ja mandava,
Para que a cada couſa deſſe o luſtre
Que a noite lhe roubou: quando em tal hora
Ajunta o Rumecaõ ſeu poder todo
Bandeiras, e guioẽs entrega ao vento

O qual ligeiramente, a muitas partes
As revolve em mil ondas: e reſonam
Mil clarões, e atambores, e altas gritas:
Com grandes alaridos, que ali cauſam
Alvoroço aos eſpritos goſto aos olhos.
Hum fero aſſalto dam no baluarte
Que Sam Joaõ ſe chama, o qual ja dantes
Quaſi eſtava arraſado, e ali foram
Recebidos nas mãos de Dom Fernando
De Caſtro, que guardava o perigoſo
E ruinado lugar, tendo conſigo
Muy valentes ſoldados: acomete
Com grande esforço os Mouros que ſobiam:
E ainda que ali todos defenderam
A entrada aos imigos, nam foy parte
Os tiros deſpingardas, e alcanzias
De fogo que ſobre elles ſe lançavam,
Para lhes impedir que nam ſobiſſem,
E com morte de muitos, braço a braço
Entraſſem cos valentes Portugueſes.
Na dianteira andava Dom Fernando,
Que dava, e recebia grandes golpes,
Todo aceſo em furor. O' caſo eſtranho,
Feito de admiraçam: O' monſtro horrendo
Digno aſſaz de ficar eternamente
No mundo por exemplo, antes eſpanto,
Ver em tam poucos annos tanto eſprito,
E hum coraçam de Alcides, o Thebano.
A idade era pouca: mas iguala
Em esforço, e valor ao mais robuſto,
E ao mais aſſinalado antre os ouſados.

Onde a pelleja eſtava mais revolta,
O combate mais rijo, mais violento,
Ali buſcava o moço mil perigos,
Para ſe ſinalar, e moſtrar claro
O forte coraçam livre de medo.
Aſſi como acontece em larga praça,
Na qual entra o novilho eſquivo, e bravo
Criado no deſerto, aſpero monte:
Vendo os altos palanques, e as bandeiras
Ornadas com mil cores differentes.
Ouvindo os ſonoroſos inſtrumentos,
Ouvindo juntamente as altas gritas,
Que o ar, e as groſſas nuvens vaõ rompendo,
Eſpantado levanta muy furioſo
A ſoberba cabeça, iſenta, e livre
Do trabalhoſo jugo, e olha ouſado
A gente que o perſegue: e com braveza
Se abalança onde a gente eſta mais junta,
Fazendo largo campo, e ay daquelle
Que neſte ponto alcança, que no meyo
Das miſeras entranhas banha, e tinge
Com ſangue os muy crueis agudos cornos.
Aſſi deſta maneira o fero moço,
Ouſado ali ſe mete nos lugares
Que pareciam ſer mais duvidoſos,
E com morte de muitos vay moſtrando
As forças, e o poder do forte braço.
Aqui Baſtiaõ de Sá, filho daquelle
Prudentiſſimo velho que o governo,
E mando tem da illuſtre, gram Cidade
Do Porto em Portugal: bem claro moſtra

Que

Que de tal pai, tal filho se esperava.
Com furibundo animo arremete:
Bem cuberto do escudo ali revolve
O incansavel braço a todas partes.
A rutilante espada, ja perdida
Aquella clara luz, que os olhos cega,
Manchada está do sangue que os inigos
Mais escondido tinham nas entranhas:
Aquella opiniam altiva, e grande,
Aquelle muito esforço, e vivo espirito,
De que o seu coraçam ornado estava,
E a memoria dos claros, e altos feitos
Dos seus antepassados tam famosos,
As forças lhe sustentam que nam faltem,
O impeto, e furor acrecentando.
Assi estando inflamado no combate
Crudelissimo, e fero: hum Turco dobra
Com increivel força, hum arco grosso,
Nervoso, duro, e forte, escapa, e voa
A seta rechinando horribelmente,
Por meyo dos sutis, delgados ares:
Huma perna lhe passa toda em claro,
Por cima do joelho, donde os musclos
Ajuntando se vem (lugar temido,
E perigoso assaz) passalhe os nervos
Com dor acerba, e grave: logo corre
Hum arroyo de ruyvo, e quente sangue.
Mas o nobre mancebo dessimula
Aquella dor pennosa: tira forças
Redobradas de novo, e dobra os golpes,
Movido da ferida, ali peleja,

Mais

Mais raivoſo, e mais forte que ao principio.
Aſſi como ſe moſtra Hircano Tigre,
Quando o ſagaz monteiro, dalto poſto,
Ou antre eſpeſſas, matas eſcondido,
Lhe tira com ervada, mortal ſeta,
Sentindoſe ferido, encreſpa o lombo:
Os olhos revolvendo, encamiçados
Lançando delles fogo ardente, e vivo,
Vai dando bravo, e feró grandes ſaltos,
Com horrendos bramidos. O ditoſo,
O bem affortunado pay, que viſte
Todos teus filhos taes, que bem merecem
Ser por eterno tempo celebrados:
Dotados todos de virtudes grandes,
Que viſtas, e notorias ſam ao mundo:
De preço, de valor, e eroyco eſforço:
De delgados engenhos na ſciencia:
De grande valentia na milicia.
Pois Diogo de Reinoſo, nam perdia
Hum momento de tempo: mas com força,
E ouſado coraçam ali reſiſte,
O impeto violento dos imigos.
Tambem Diogo da Sylva ali paſſava
Hum immenſo trabalho pelejando,
E a vida levemente offerecendo
Ao notavel perigo, manifeſto.
Vendo eſtes duros homens que os imigos
Hiaõ prevalecendo, e que os feriam
Crudeliſſimamente, muy furioſos:
Animaõſe huns aos outros, e arremetem
Com furor denodado, com dobradas

Forças, e corações: ferindo rijo
Aos que ja ſe moſtravam vencedores.
Foy eſte impeto tal, com tal braveza,
Que os imigos nam podem reſiſtillo:
Retirandoſe vaõ com grande preſſa:
E os ſoldados ſintindo eſte deſmayo,
Huma grita levantam, todos juntos
Dizendo: Nam nos fique nenhum vivo.
E com eſtas palavras vaõ banhando,
As agudas eſpadas cortadoras,
No ſangue que lhe ſae polas feridas,
Em grandes, e eſcumoſas eſpadanas.
Derrubaõ com fains de groſſas aſtas,
Os que ja no mais alto eſtam dos muros:
E os outros que apegados nas eſcadas
Eſtam, lhes fazem dar daquella altura
A ſeu peſar mortaes, e grandes ſaltos,
Com que as pernas quebravam, e as cabeças
Eſcondidos miolos deſcubriam.
Aſſi com muita perda ſe affaſtaram,
Morrendo muitos delles: e na eſtancia
Alguns ficam dos noſſos, mal feridos,
Morrendo dous nam mais, neſte travado,
E revolto combate perigoſo.
Affaſtados os Mouros, deram fogo
Aos grandes baſaliſcos, que ali tinham
Aſſeſtados defronte, eſtremecendo
A terra toda á roda, com muy grandes,
E fortes bombardadas. Os pelouros
Tam junto hiaõ paſſando das cabeças
Dos que na eſtancia eſtavam, que o rogido

Do vento impetuoſo ſo baſtava,
A por eſpanto, e medo a quem nam foſſe
Tam coſtumado a ouvillos cada hora.
Deſpois deſte combate, grande tento
Os ſoldados tiveram nas eſtancias:
Com ſumma vigilancia dos fidalgos,
E dos capitaẽs grandes que ali eſtavam.
Nunca mais os imigos ſe atreveram
Sobir tam deſcubertos: mas ſobiam
Agachados, medroſos: e chegando
Ao lugar, que as bombardas lhes concedem,
Deitam dali de cima ardendo em fogo
Cada momento muitas alcanzias.
Outras vezes ao ſom dos inſtrumentos,
Moſtram quererem dar outros combates,
Arvorando bandeiras, com mil gritas:
E quando a gente toda em cada eſtancia
Apercebida eſtava, e poſta em armas,
Diſparam baſaliſcos eſpantoſos,
E outros muy groſſos tiros: os quaes davam
Por permiſſam divina, nos entulhos,
Sem fazer muyto dano: todavia
Mataram alguns homens. Bem merece
Ficar o preço, esforço, e valentia
Dos ſoldados, que os quartos vigiavam,
Em perpetua memoria, em todo tempo:
Aos quaes os furioſos baſaliſcos,
Cujos pelouros punham grande eſpanto:
Nem aquellas ardentes alcanzias,
Que em vivas chamas vinham de contino,
Nunca tiveram força que baſtaſſe:

A lhes pór algum medo, antes ouſados
Com animos ferozes, vaõ brandindo
As groſſas, teſas lanças, pelo meyo
Daquelle infernal fumo, e fogo ardente.
Chegavanſe queimados, e feridos
Aos lugares que eſtam mais perigoſos,
E das bombardas mais danificados.
Cubertos de fumaça, eſpeſſa, e negra:
Os braços, e as eſpadas vaõ movendo
Com furia, porque os Mouros neſta preſſa
Confuſa, e revoltoſa nam entraſſem.
Aſſi acabam ſeus quartos da vigia:
E ainda que eſtam quaſi meyos mortos,
O lugar nam daram por muito preço.
Neſte tal tempo, ja mais de ſeſenta
Esforçados ſoldados tinham dado
As almas pelejando, ao que as remira:
E outros muitos tambem eſtavam poſtos
No termo derradeiro, mal feridos.
Pois como ja tiveſſem, concertados
Os Mouros, os caminhos que ſobiam
Aos baluartes ambos, onde eſtavam
Dom Fernando de Caſtro, e Luis de Souza:
Tendo a cava de todo ja entulhada,
Entrar por força de armas determinam,
E vingança cruel tomar de quantos
Males dos Portugueſes receberam.

Neſ-

Neſte Canto nono ſe trata do ſegundo combate que os Mouros deram na fortaleza, e de como a entraram, e foy tornada a cobrar. Trata tambem da morte de Iurzarcaõ Abexim capitam da gente que o Soltam ali trouxera.

QVem puſer firme em Deos ſua eſperança
Na mor força do mal, tera o remedio.
Quando os perigos vir mais manifeſtos,
La do Ceo lhe virá certo o coccorro.
Exemplos temos muitos nas ſagradas
Antiguas ſcripturas que ſeguimos.
Nunca Deos ſe eſqueceo dos que o confeſſam,
Se com fervor, e fe ſeu nome invocam.
Daquelle baluarte fabricado,
No meyo das ſalgadas, groſſas ondas,
A Cidade ſe via, e tudo quanto
Os Mouros nella fazem, ſe deviſa.
Vinte e quatro de Iulho eram compridos,
Em era de quinhentos, e quarenta,
E ſeis, affora mil: que Chriſto ao mundo
Veo por nos naſcer em lugar pobre,
Quando o Sol recolhido, ja moſtrava
Huma ſombra, que o Ceo, e terra occupa:
Os clariſſimos ares convertendo,
Em tenebroſa cor avorrecida.
Da maritima eſtancia viram todos
Os que para deffenſa nella eſtavam,

La dentro na Cidade reſplandores,
De tochas, e brandoens innumeraveis.
Ouvenſe mil clamores, e altas vozes:
Merce pedindo em vaõ a eſſe maldito
Inventor do alcoram, e ſecta falſa.
Polas principaes ruas vay luzindo,
A grande prociſſam abominavel,
Entrando nas mezquitas muitas vezes:
As quaes de luminarias, e de gente
Eſtavam todas cheas, e tornando
A ſair polas portas, com devotas
Rogativas, favor, e ajuda pedem.
Vendo Fernam Carvalho a novidade,
E aquellas tam nefandas ceremonias,
Num pequeno batel ſe embarcou logo:
Indoſe a fortaleza, diſſe tudo
Quanto la ſe paſſava na Cidade
Ao capitam, que bem entendeo eſta
Superſtiçam ſer feita, para darem
Fortiſſimo combate: logo manda
Dizer aos capitaés, que apercebidos,
E armados eſtem todos: que por certo,
E ſem duvida tem, que a meſma noite,
Ou no ſeguinte dia, acometidos
Polos Mouros, ſeram com grande força.
Neſtes dous baluartes arraſados
Eſtavam dom Fernando, e Luis de Souſa,
Em Sam Joaõ eſtava dom Fernando:
Que por ſer mais batido, e menos forte
O capitam lho deo, que o defendeſſe.
E no cubello, feito antre elles ambos

Eſta Antonio Peçanha ſempre preſtes:
Com hum coraçam vivo, e animoſo,
Para que dali poſſa a qualquer parte
Deſtas duas eſtancias dar ſocorro.
O' Padre eterno Deos omnipotente,
Chegada he ja a ſazam: chegado o tempo.
Que com voſſo favor ſerá cantada
A grande vallentia, o vivo esforço
Dos Portuguezes, voſſos cavalleiros,
A que vos neſte cerco concedeſtes
Pelejando por vos, tanta honra, e fama.
Eu contarey as horridas batalhas:
As famoſas victorias que ali foram
Compradas com tam puro, e limpo ſangue.
Inſpiraime ſenhor hum novo alento:
Concedeime abundoſa, e larga vea:
Que para eu eſcrever couſas tamanhas,
Chegarme a vos meu Deos me he neceſſario.
Aquelle ſacro dia ja chegava,
Em que a Igreja ſanctiſſima Romana,
Com mil grandes louvores, faz memoria
Do Apoſtolo Eſpanhol, a cujo templo
Concorre quaſi toda a Chriſtandade:
Quando os Turcos, e Mouros determinam
Entrar na fortaleza, a força de armas.
Ainda a bella aurora nam moſtrava
Os ſeus louros cabellos, quando tinham
Poſtos ſeus eſquadroẽs em bom concerto:
Poſtas ſuas bandeiras em lugares
Onde ficam ſenhoras, e devaſſam
A fortaleza, e muros Portugueſes.

Levando com ſolenne reverencia,
E honrado acatamento, hũa figura
De aſpecto ferociſſimo, eſpantoſo!
A qual repreſentava o ſeu propheta,
Perverſo, e cauſador de tantos males.
Eſtando todos ja perto dos muros,
Cheos de confiança, e vaã ſoberba:
Com formoſos guioẽs, e mil bandeiras
Deſatadas ao vento: tocam muitos
Inſtrumentos da guerra, dando gritas,
Que com medonho eſtrondo vaõ rompendo
O ar, e as altas nuvẽs. Todos juntos
Com impeto arremeterã, e em tres partes
Daõ hum aſſalto fero! mas em todas
Acharam forte, e dura reſiſtencia.
Os noſſos arremeſſam com gram furia,
E com igual deſtreza; toda ſorte
De offenſivas, crueis, e duras armas.
Impéllemnos com força, como aquelles
Que o mais de ſua vida exercitaram
Em aſperos combates, em batalhas
Perigoſas, e duras: arriſcando
Cada momento as vidas pola honra.
Capitaẽs excelentes, de ambas partes
Acodem, animando os ſeus ſoldados:
Os quaes cada hum deffende, e guarda o poſto
Que com perigo lhe aſſinou a ſorte.
Alçaſe hum gram clamor, e vozaria,
Que o campo retinir faz todo em roda,
Cada momento mais, e mais ſe aſcende
A furia do combate ſanguinoſo.

Os muros, as eſtancias todas ardem,
Com corruſcantes rayos: caem grandes
Montes de corpos mortos dos imigos.
Acode aqui a frol dos Sarracinos:
Frecham com força, e preſſa curvos arcos:
Lançam dardos eſpeſſos, com que ferem,
E maltratam valentes cavalleiros.
Aqui aos cercados dam grande trabalho,
As homicidas ſetas, eſcondidas
Polas eſcuras ſombras, e ares negros.
Aqui perdendo os Mouros vidas, perdem
As almas para ſempre, couſa digna
De laſtimoſa dor, e ſentimento.
Dom Fernando de Caſtro aqui peleja,
Com coraçam, e animo invencivel:
Reſiſtindo aos imigos, tinge a eſpada
De ſangue freſco, e quente, ſobre aquelle
Que nella eſtava ja qualhado, e frio.
Dom Franciſco Dalmeida, grande parte
Soſtem do fero aſſalto, dando muitos,
E grandiſſimos golpes: pois dom Pedro
Dalmeida ſeu yrmaõ, bem claro moſtra
Hum coraçam mayor do que prometem
Os poucos annos ſeus, e tenra idade.
Eſtava ali diante o forte moço,
Soffrendo a força, e furia do perigo:
De laminas cuberto, e dum eſcudo,
Cortado dos peſados, duros golpes.
Encima da cabeça hũa celada,
Que ferida do Sol, outra vez torna
Mandar ao alto Ceo os claros rayos.

O roſtro juvenil, em cor ſanguinha
Convertido, moſtrava a grande affronta,
E o trabalho em que eſtá, ſoffrendo, e dando
Golpes de muita força. Luis de Souza
Tambem ſe moſtra aqui ouſado, e duro:
Por força deffendendo a entrada aos Mouros.
Aqui Antonio peçanha fortemente.
Acometido foy polos contrairos,
Com muitas eſpingardas, e com grande
Cantidade de ſetas: mas com forças,
Com fero coraçam dos ſeus ſoldados,
E grande esforço ſeu, vai reſiſtindo
O impeto, e furor deſtes imigos.
Em todas partes ſoam grandes golpes:
Deſparanſe eſpingardas, e huma ſoma
De lanças mil de fogo arremeſadas.
Ouveſſe hum grande eſtrondo: hum gram rugido
Das armas: como quando no gram monte
Etna, os feros miniſtros de Vulcano
Com agua, terra, fogo, e ar forjavam
A Jupiter coriſcos, atroando
As ſombrias moradas com continuas,
E grandes martelladas. Aqui os gritos,
E hum alarido triſte, ate as eſtrellas,
Dos miſeros que morrem, vai ſobindo.
Bem ſe pelleja, e fere em ambas partes:
Bem ſe conhecem forças, e ouſadia.
Neſte tempo era tanta a força, e preſſa
De lanças, dardos, ſetas, e eſpingardas:
De tam continos golpes, que parece
A machina do mundo deſtruinſe.

Tal

Tal era a tenebroſa eſcuridade,
E tal a confuſam, que punha eſpanto
Em todo coraçam: mas neſta ſombra
Eſcura, negra, e triſte reſplandecem
Nos altos muros, fogos rutilantes
De alcanzias, que lançam com gram furia
Os noſſos aos imigos: que profiam
Na fortaleza entrar por pura força.
Eſtando eſte combate aſſi affrontado,
E a batalha em ſeu peſo mais eſquiva:
Os ſoldados que eſtavam para guarda
E vigia da rocha, vem correndo,
Metenſe na revolta perigoſa:
Deſemparando todo aquelle lanço
Do muro que velavaõ. Foy ſentido
Do Iuzarcaõ, que eſtava iſto deſerto:
E como foſſe ouſado, vem depreſſa,
Nos tenebroſos ares eſcondido,
Traz conſigo Abexins, e fortes Turcos,
Traz eſcadas, que foram numa momento
Arrimadas na rocha. Sobem logo
Com gram deſenvoltura, e entram dentro
Polo deſemparado, fraco muro.
Levantam ſeus guioens, e nelle os firmaõ,
Iulgando por rendida a fortaleza.
Muitos decem a rua, e vaõ buſcando
As caſas de molheres povoadas,
E de tenros mininos, cuja idade
As armas, e a peleja lhe impedia.
Ouvindo eſte rumor, abre hũa porta
Hũa molher, por ver que era o que ouvira:

E como conheceo que eram imigos
Congelaſelhe o ſangue nas entranhas:
Fogelhe a cor do roſtro, e ja querendo
Alevantar hum grito, fica muda,
Cortado o coraçam, e a voz pegada
No meyo da garganta: como aquelle
Que metido em prizam por gtaves culpas,
Por caſos que prometem certa morte,
Affrontada, e medroſa de contino,
A miſera alma tem, ſempre temendo
A horrida, final, dura ſentença.
Como a nova lhe dam, deſconſolada,
E o miniſtro cruel apercebido
Ve, para executar o triſte officio:
Com extrema fraqueza ſe lhe cerram
Os eſpritos vitaes, e de improviſo
De todo fica frio, emmudecido:
Treſpaſſado de dor, e mortal anſia.
Ao tempo que a molher a porta abria,
Hum Turco chega a ella, e vendoa triſte,
Que com mortal deſmayo toda treme,
Dizlhe: Nam ajaz medo: mas dinheiro
Me traze todo aqui quanto tiveres:
Aquelle ſobreſalto, e temor grande
Que a miſera ſentio, ja lhe concede
Ao animo o vigor, o uſo á lingoa,
E com canſada voz lhe diz: Eſpera,
Que ja por elle vou. O Turco incauto,
Deulhe lugar que foſſe: e num momento
Pola porta ſe ſae, indo correndo
Com temeroſos paſſos, parecia

Nam

Nam ſe poder mover. Como acontece
Aquelle que na praça deixa morto,
E ja de todo frio, o adverſario.
Ouvindo o rebuliço, ouvindo os gritos;
E os altos alaridos das molheres:
Vai para ſe acolher, e porſe em ſalvo,
Com roſtro demudado, e cor defuncta:
Mas a torvaçam grande nam conſente,
Que com deſenvoltura mova os paſſos.
Vai com tal ſobreſalto atribulada,
A caſa de huma amiga, que ali junto
Era vizinha ſua: com voz baixa,
E medroſa, lhe diz que ja os imigos
Dentro na fortaleza eſtavam todos.
A outra ſe levanta dando gritos,
Aos quaes logo acodio outra vezinha,
Caſada, que entendendo eſte ſucceſſo
E infelice, deſeſtrado: vaiſe a caſa,
Arrebata huma lança, e vem correndo
Com coraçam ouſado, com eſforço,
E animo varoil. Como ſe moſtra
A ſoberba lioa, brava, e fera,
Quando os pequenos filhos acha menos:
Do natural amor pungida, ſalta
Por montanhas eſpeſſas, e altos montes,
Os olhos revolvendo encarniçados,
Sangue nelles moſtrando, e vivo fogo:
Com mortal raiva bate os brancos dentes,
E de horrendos bramidos enche os ares.
Chega a illuſtre molher aſſi furioſa,
Sem nella ſe enxergar femenil medo:

Mas

Mas com furor, e colera acomete
Alguns Turcos que eſtavam recolhidos
Num pequeno portal, co a noite eſcuro,
E com grandes lançadas lhes defende,
E reſiſte a ſaida. Nunca foram
Harpalice, e Camila nas batalhas
Tam ouſadas, e fortes. Neſte tempo
Andando o Capitam correndo todos
Os lugares de affronta, e acodindo
Aos mayores perigos, e trabalhos:
Trazendo dous ſoldados ſos conſigo,
E outro criado ſeu, que o acompanha,
Que nas maõs hum guiaõ traz arvorado:
Eis aqui vem correndo quanto podem,
Tres homens dando brados, e deziam,
Que os Turcos eſcalaram pola banda
Do mar, a fortaleza, e eſtam dentro.
Pois como ao Capitam foy dada a nova,
Manda a hum deſtes tres, que a todos quantos
Encontrar polas ruas, va guiando
Para a eſtancia do mar com grande preſſa,
O ſegundo mandou a húa eſtancia,
Que dos Mouros eſta deſaffrontada:
Os ſoldados chamando, que ahi eſtavam,
Aviſaos que ſe calem, que nam digam
O perigoſo eſtado em que eſtam poſtos:
Porque aquelles que eſtavam pelejando
Nos outros baluartes, affrontados
Dos imigos ſoberbos, e arrevidos:
Ouvindo como eſtava a fortaleza
Pola banda do mar, quaſi rendida,

Nam

Nam deixaſſem vazios os lugares,
Que com tanto trabalho defendiam,
Por acudir ao mal que nam cuidavam.
Em Deos ſo confiado, em Deos ſo poſta
Toda ſua eſperança, diz: Moſtraime
O lugar que os imigos ja ganharam.
Polas eſcuras ruas vai correndo,
Sem eſperar por mais outro ſocorro:
Levando o coraçam aceſo em yra,
Chega onde os Mouros ja na rua eſtavam,
Para bem pellejar apercebidos.
Ouve grande rumor de gente armada,
Dentro num apoſento, e vio na porta
Hum corpo atraveſſado, ja eſpirando.
Eſte miſero eſtava enfermo, e fraco
Onde os Mouros entraram. Vio que o triſte
Tinha grandes feridas, e com vozes
Da morte ja vezinha embaraçadas,
Se queixava, e gemia manſamente.
Vio eſtar num telhado vinte Turcos,
Com dous guioẽs luſtroſos arvorados:
E vio outros no muro eſperar tempo,
Para decer abaixo, e fazer dano.
Depreſſa pede hum vaſo todo cheo
De polvora, que quer deitalo dentro
Na caſa onde os imigos eſtam fortes.
Hum Abexim caſado eſtava junto
Delle, com deſmayado, e triſte roſtro:
Mandao que logo va, e o vaſo traga.
Mas como refuſaſſe polo medo
Que tinha concebido, foy forçado

To-

Tomalo por hum braço: e ja movido
De raivoſo furor, quaſi por força,
O empuxa, e coſtrange a yr depreſſa.
Dando os primeiros dous forçados paſſos,
Aſſegurou a morte o temeroſo
Atribulado peito: vindo hum rayo
De furioſo arcabuz, dentro da caſa,
As entranhas lhe paſſa facilmente:
Eſtendeſe na terra o corpo inutil,
Ia livre do temor, ja morto, e frio.
Deſpois que ja trazido foi o vaſo,
Onde eſcondido vinha ardente fogo,
O capitam nas maõs o toma, e tira
Co elle dentro a caſa: o fogo aceſo
Cruelmente abraſou alguns dos Mouros.
Renoute o capitam, entra chamando
O divino favor: os Mouros fogem
Por hum eirado abaixo, donde foram
Feitos em mil pedaços os ſeus corpos,
E as almas la no eſcuro, triſte reino,
A ſempiterno fogo condenadas.
Huma molher vai logo, e traz correndo
Huma eſcada: que poſta em breve eſpaço
Foy naquelle telhado, que ſoſtinha
O peſo dos imigos, que eſtam nelle.
Sobe por ella hum homem bem cuberto,
Com groſſo, e forte eſcudo: mas de cima
Hum Mouro o recebeo na aguda ponta
De huma groſſa, mociça, e dura lança:
E do degrao mais alto, mal ferido
Com gram força o empuxa, e abaixo o manda.

Cain-

Caindo em terra eſte homem, vem correndo
Hum tropel de valentes bons ſoldados:
Chamando a vozes altas, o apellido
Do ſancto, defenſor da noſſa Eſpanha.
Envolvenſe cos Mouros, e acometem
Com ouſadia, e animo furioſo.
Travaſe huma batalha horrenda, e aſpera:
Arremeſſanſe lanças de ambas partes,
E os liſos capacetes, os eſcudos
Retinem com muy grandes, duros golpes.
Ali anda o Capitam ſempre diante,
Onde o perigo eſtava mais notorio:
Trazendo as armas ja rotas, e a eſpada
Toda banhada em ſangue, aos ſeus incita,
Dizendo: Eà valentes Portugueſes,
A vencer coſtumados, dia he eſte
Para ficar de vos eterna fama,
E para que moſtreis o grande esforço,
O preço e o valor que em tudo tendes.
Com Mouros pelejamos, pouco valem,
Que em fim procuram vida, e honra engeitaõ.
Dizendo eſtas palavras, todos juntos
Redobram mais os golpes, e arremetem
Com dobrado furor. Aqui nam podem
Os Mouros aguardar o bravo encontro,
Da furia Portugueſa, que os coſtrange
Buſcar algum remedio de ſalvarſe,
Retirandoſe vaõ com grande preſſa,
Deixando hum lago ali de negro ſangue,
E alguns corpos ſem vida envoltos nelle.
Mas os ſoldados cheos de victoria:

A ſeguem ſem temor, e ſobem todos
Tam travados ao muro, que ſe arriſcam
Tratarenſe tam mal, como aos imigos.
Aqui com teſas lanças, com gram força
Aos vencidos empuxam, treſpaſſados
De hum deſmayo mortal, e torpe medo.
Cegos, deſatinados, ſe arremeſſam
Pola parte onde o muro ſituado
Eſtá, ſobre hũa rocha em grande altura:
Ao pe da qual, o mar continuamente
Bramandõ ſe desfaz em branca eſcuma.
Ficavam por mil partes os pedaços
Dos miſeros, que a morte perſeguia:
As entranhas ficavam penduradas
Por penedos, de quente ſangue tintos:
E as almas vaõ com dor naquelle inſtante,
Ao reino abominavel dos defunctos.

O' magnimo Eroe, varaõ forte,
Capitam excellente, valeroſo,
A quem Belona, e Marte engrandeceram,
Com inſigne triumpho, e fama eterna.
Se meus verſos tiverem algum tempo
Valor, para que poſſam ſer ouvidos,
Sempre nelles teras a mayor parte,
E em lira ſonoroſa, com voz alta,
Seram por my cantados teus louvores.

Ligeiro vinha ja corendo Phebo,
O ſeu caminho uſado, rodeando,
Sem parar hum momento, nem canſarſe,
Affugentando a triſte, e negra ſombra:
Quando o Capitam torna com victoria,

Pa-

Para ſaber o eſtado do combate,
E ver o que era nelle acontecido.
Aos baluartes chega, que ainda eſtavam
Trabalhados aſſas: mas ja ſe via
Nos noſſos aventagem conhecida.
Vendo aquella revolta tam furioſa,
Alevantou a voz, aſſi dizendo.
A' valentes ſoldados, á Senhores,
Fazeivos conhecer a eſtes imigos:
Corra por toda a terra do Oriente,
A fama deſte tam ditoſo dia.
Tiveram tanta força eſtas palavras,
Que os que eſtavaõ canſados do trabalho
Tamanho, e tam contino, com dobrado
Animo acometeram aos contrarios:
Os quaes, combatem ja com menos força,
E com menos ſoberba que ao principio.
Andava Iuzarçaõ ſempre diante,
Coſtrangendo os ſoldados á pelleja:
Mas todos ja moſtravaõ, de fraqueza
Mil ſinaes conhecidos. Todo aceſo
Em furia, ſem tomar algum deſcanſo,
Esforça, anima aos ſeus, que ja nam podem
Valerſe, nem ſoffrer tamanhas forças.
Eſtando neſtes termos o combate,
Hum luminoſo eſtrondo vem rompendo
O ar: eſte hum pelouro traz conſigo
Rodeado de morte repentina,
Encontra Iuzarcam, paſſalhe o peito
Com ferida mortal: ali eſtendido
Fica, e acelerada vay ſua alma,

La nas tartareas ſombras eſconderſe.
Eſta morte cauſou grande deſmayo
Em todos os imigos, e apartaranſe,
Ficando ali mil corpos em pedaços,
E outros mil, e quinhentos mal feridos.
Avida eſta victoria, os Portugueſes
A Deos dando louvores, fazem feſtas,
Correndo polos muros: com mil gritas
Moſtram grande alegria do ſucceſſo
Tambem affortunado, e tam ditoſo.
Nos Mouros o contrairo ſe enxergava:
Huns fazem ſentimento por amigos,
Cujos corpos ali ficam no campo,
Regando a dura terra, com mil rios
De hum eſcumoſo, negro, e frio ſangue,
E la no inferno foram trasladadas
Em vivo fogo as almas para ſempre.
Outros daõ mil ſinaes de ſentimento,
Porque de Iuzarcam a cruel morte,
Lhe roubara o remedio, e a eſperança,
E todo quanto bem os ſoſtentava.
Mas quanta mais triſteza, e mais trabalho
Os Portugueſes viaõ nos imigos,
Tanto com mais prazer ſe alegram todos.
A ſete companheiros que morreram
No combate, daõ logo ſepultura.
Nam ſe ouvem nas obſequias triſtes cantos,
Que a ſancta Igreja ordena para os mortos,
Nem officios ſe rezam com funeſto,
E triſtiſſimo ſom: mas com trombetas,
E com mil alegrias encomendam

As almas deſtes ſete cavalleiros,
A aquelle que na cruz morreo por ellas:
Affaſtaráõſe os Mouros com tal dano:
Ficando ali mil mortos, e outros tantos,
Com quinhentos encima mal feridos.
Com bandeiras perdidas, e a figura
Do ſeu falſo propheta Mafamede,
Toda deſpedaçada, e com injurias,
Que elles muito ſentiram. Logo mandam
Recado deſte triſte, e mao ſucceſſo,
Com muita diligencia, ao gram Mamude,
Que eſtava em Madabat. Eſta ma nova
Foy delle aſſaz ſentida, porque via
Contraſtado, offendido o grande exercito,
Onde o ſeu poder todo eſtava junto,
Por tam poucos contrairos: iſto lhe era
Graviſſimo tormento, e nunca hum hora
A ſua alma affrontada, ſe ve livre
De triſtes, e diverſos penſamentos.
Molheres ouve ja de illuſtre fama:
De excellentes virtudes, e alto preço,
Que nos paſſados tempos bem moſtraram
Ser de grande louvor merecedoras:
Mas neſte tempo agora, muitas ſe acham,
Que em perfeiçoens, excedem as antigas.
E ſe o groſſeiro vulgo, rudo e torpe
Preſume de aver nellas erro, ou falta,
Ignorantes nam devem ſer juizes,
De couſas onde Deos ſeu ſaber moſtra.
Nam he razam que aſſi fique eſquecido
O zello virtuoſo, e o trabalho

Tam

Tam contino, e tam grande das caſadas,
Viuvas, e ſolteiras, que aqui ſempre
Neſte cerco ſerviram, e eſtiveram
Em todos os perigos, e combates:
Soffrendo grandes fomes, e miſerias,
Que a coraçoens robuſtos, muitas vezes
Fazem desfalecer. E ſe eu deixaſſe
Sem memoria os louvores tam divídos
Sendo o Ceo teſtemunha de ſeus feitos,
Elle entam moſtraria ao mundo todo
Com grande gloria e honra, o que por culpa,
Ou negligencia minha ſe perdeſſe.
Eſtas, quanto durou o eſtreito cerco
(Trazendo cada huma ali conſigo
Os mais pequenos filhos, e criados
Que nas caſas avia) trabalhavaõ
Traſendo muitas dellas nas cabeças
Louras, ceſtos de cal, de pedra, e terra.
E do grande trabalho, aquelles roſtos
Que a natureza moſtra em tenra idade,
Em cor de alexandrina roza aceſos,
Cauſavam piedade em quem os via
De eſpeſſo pó, de groſſo ſuor cheos.
Nos combates violentos, e arriſcados,
Com fortes coraçoens, ſem nenhum medo
Da morte: que preſente a cada paſſo
Ali ſe lhes moſtrava, davam todas
Aos ſoldados, panellas, e alcanzias:
Que elles com grande furia, das eſtancias,
Sobre os Mouros com força arremeſſavam.
E como a luz do Sol, neſtes combates

Im-

Impedia ficaſſe, turva e cega,
De grandes, e fumoſas, negras nuvens,
Per antre as quaes voavaõ duras ſetas:
Mil vezes ſe encravavaõ tenros braços:
Mil vezes alvos peitos ſe tingiam,
Com ſangue puro, e quente das entranhas.
Dalgumas, eram taes eſtas feridas
Que a ſuas almas davam liberdade:
Outras que tanto mal nam recebiam,
Tiravam as crueis, ligeiras ſetas,
E apretando as feridas ſe tornavam
Ao lugar trabalhado, e perigoſo.
No meyo da revolta, crua, e fera;
Quando a terra, e os ares rebramavaõ,
Com hum medonho eſtrondo de bombardas:
Com gritos, e alaridos de ambas partes,
Alguãs empeçavam nos maridos
Chariſſimos: que ali de mil feridas
Traſpaſſados, defunctos, ſe eſtendiam.
Outras que antre ſeus olhos derrubados
Aquelles corpos viram, que eſcondidos
Nove meſes trouxeram nas entranhas,
E com dores graviſſimas pariram,
Em mil pedaços feitos, e piſados,
De arrebatados pes dos que pelejam.
E ainda que huma dor pennoſa, e grave
Lhe cortava, e feria as triſtes almas:
Vendo a tam cruel morte de ſeus filhos,
Deixavam nos eſtar, com mãos, e roſtros
Envoltos no ſeu meſmo negro ſangue,
Ate que o fero aſſalto ſe partia,

Ou

Ou por noite, ou com perda dos imigos.
Deſpois os levantavam dos lugares,
Onde com tanta honra feneceram:
E com gemidos baixos, e infinitas
Lagrimas, lhe ordenavam ſepultura.
Aos ſoldados feridos acodiam
Com couſas neceſſarias: procurando
Seu remedio, e ſaude: e ellas meſmas
Lhes davam de comer, com zello ſancto,
E virtuoſo amor. Como em convento
Obſervante, coſtumaõ fazer obras
Religioſas, ſanctas, e devotas,
Com puro, e ſancto intento, e de Deos cheo.
Affora o ſeu trabalho tam contino;
As caſas deſtas donas pareciam
Hoſpitaes verdadeiros: deſpendendo
Seu dinheiro, e fazenda, cos que eſtavam
Pobres, neceſſitados, e feridos.
Neſta tam virtuoſa obra divina,
Principal era ali Iſabel Madeira,
De Meſtre Joaõ molher, fermoſa, e moça,
Que ſempre trabalhou, andando prenhe,
Acarretando terra, e peſos grandes:
Iuſtamente devidos a outras forças
Mayores; e a robuſtos fortes membros.
Governava e regia o eſquadram fraco
Dos femininos braços; que contino
Acarretavam pedra, e groſſas vigas:
Com que ſe repairavam, e entupiam
Os lugares batidos com pelouros
De ferro, cujo peſo tinham certos,

Nam

Nam menos, antes mais noventa arrateis.
Aqui Grácia Rodriguez ajudava,
De Ruy Freire molher: Iſabel diaz
Caſada co feitor, tambem ſervia
Com grande diligencia, em qualquer parte
E Catherina Lopez, tambem digna
De grande nome, e fama: de grande honra
Molher de Antonio Gil, com outras muitas
Que grande parte foram na defenſa
Deſta tam minada fortaleza.
Eſcreva Tito Livio com palavras
Ornadas de artificio, engrandecendo
As illuſtres Romanas: encareça,
E levante ate o Ceo, ſeus feitos dignos
De perpetua memoria: va louvando
Com elegante eſtillo, como davam
As honradas matronas, e as donzellas
Beliſſimas, e nobres, quantas joyas:
Quantas riqueſas tinham, para o gaſto,
E paga dos ſoldados, que animoſos
A trabalhada patria defendiam,
Que eſtas davam ſeus bens: mas neſte cerco
As molheres ſerviam, e ajudavam
A reparar os muros com trabalho:
Quaſi todos os dias, deſde tempo
Que o Lathonico carro, levantando
Se vinha do Orizonte, ate que o mundo
Deixava eſcuro, e triſte, com ſua auſencia.
E quando nos combates, os pelouros
Que das bombardas vinham rodeados
De embravecido fogo, aos ſotis ares

In-

Inflamavam com fero, horrendo eſtrondo:
Andavam ſem temor de morte, ou dano,
Ajudando os ſoldados, e acodindo
Com couſas proveitoſas aos feridos.
Os mortos enterravam, onde algumas
Ficavam maltratadas, das nocivas,
E voadoras ſetas: padecendo
Graviſſimos trabalhos, com paciencia,
Com grande coraçam, e alta bondade.
Antigo Portugal, Reino ditoſo,
Ganhado aos infieis: e concedido
Por divino favor, ao Rey primeiro:
Que raſgados os Ceos, vio la na gloria
Cos olhos corporaes, as Sanctas chagas.
Em ti o gram Marte influe ſua potencia,
Fazendote temido, até nas partes
De ti mais apartadas, onde o Indo,
E furioſo Ganges, com crecidas
Apreſſadas correntes, vao regando
A fertil, oppulenta, e rica terra.
Muy fera, e belicoſa gente crias:
Coſtumada a vencer grandes batalhas,
E a romper mil exercitos famoſos,
Com numero pequeno de valentes,
E fortes cavalleiros: os quaes todos
Dotados ſam de eſforço, e corteſia.
Pois de honradas matronas, pois de damas
Honeſtas, e fermoſas, bem ſe póde
Dizer, que es eſcolhido em todo o mundo.
Governado de Reis prudentes foſte,
Com juſtiça direita, e ſancto zello:

Ao

Ao pequeno, ou pobre ſempre ouvindo
Seus agravos, e ſeus males, e miſerias.
Agora em ti ſtorece hum Rey potente,
Cuja vinda moſtrou ſer milagroſa:
E quando quaſi eſtavas arriſcado,
Sogeito a mil trabalhos, e perigos,
Entam to concedeo aquella eterna
Divina Mageſtade. Eſte promete
Na ſua idade tenra, hum alto preço:
Hum esforço, e valor, ao mundo raro.
Eſte Senhor ſerá perfeito em tudo,
Segundo claro delle o Ceo nos moſtra:
Darlhea Deos felices, largos annos,
Para que te acrecente em fama, e honra:
E para que com gloria, e nome eterno,
Faça o que delle eſtá prenoſticado.

Neſte decimo Canto ſe trata do terceiro, e quarto combate que os Mouros deram. E de como alevantaram a ſua artilheria da frontaria da fortaleza.

SE os Troianos do fado perſeguidos,
Ao falſo Sinon nunca deram credito,
Nam paſſara a infilice triſte Troya
Aquelle tam horrivel, bravo incendio.
Nem aquelle mortal, ſangrento eſtrago,
No mundo nam ficara por memoria,
Se foram prevenidos nos enganos,

Nas

Nas manhas, nos ardis na guerra uſados. A
Triſtiſſimo, e turbado eſtava ſempre
O animo do gram Rey de Cambaya,
Vendo, que o ſeu poder era vencido:
Os ſeus capitaens mortos, por tam pouca,
Debilitada gente, deſvelada,
Das continúas vigias, nam deixando
Hum ſo momento, as trabalhoſas armas.
De eſcravos fugitivos tinha nova,
Da fome que paſſavam: tambem ſabe
Quantos eſtam feridos, ſem poderem
Nos muros pelejar. Tinha certeza,
Que as eſtancias eſtavam derrubadas,
E entulhada de todo a funda cava.
E quando ve que os ſeus, ſendo tam deſtros:
Bem armados, e fortes: tendo tanta,
E tal artilheria, ſempre levam
O peor dos combates: pouco falta
Para o juizo perder, e aceſo em yra,
Manda logo recado, que com forças
Dobradas acometam: combatendo
Com animos ferozes juntamente
Os maltratados muros. Neſte tempo,
Avendo ja tres dias que era entrado
Aquelle ardente mes, que em ſi recolhe
O ſoberbo Liaõ, que o grande Alcides
La na ſerra Numea matou, dando
Das ſuas grandes forças, grande moſtra.
Os Mouros bem defronte a Sanctiago,
Hum beſtiaõ levantam, alto, e groſſo.
Aſſaz perjudicial aos Portugueſes.

O

O Capitam chamou dom Joaõ Dalmeida,
E ſeu yrmam dom Pedro, vindo juntos,
Manda que ambos ſe vaõ, acompanhados
Com cem ſoldados fortes, e valentes,
E que ponham por terra aquella força,
Com perda, dano, e morte dos imigos,
Ouvindo eſte mandado os irmaõs ambos,
Aguardam que o ſilencio da ſombria
Noite lhes de favor: e vendo que era
A luz do claro dia, ja mudada
Em cor eſcura, e triſte, armaõſe todos
De groſſa malha, e peitos daço puro:
Levaos o capitam a hum lugar baixo,
Que ſobre a cava cae: dali deceram
Por hũa bombardeira manſamente,
Sem fazer reboliço. Ia decidos,
Todos juntos na cava, o paſſo movem
Quietos: mas das armas bem ſe ouvia,
Hum rumor ſurdo, e baixo: e em chegando
Onde o beſtiaõ eſtava, ſobem logo
Per hũa eſtreita ponte, que mandara
O Capitam fazer naquella parte.
Os valentes irmãos acometendo:
Com vozes altas dizem Sanctiago.
Cobremſe dos eſcudos, e entram rijo,
Os ſeus os ſeguem, dando grandes golpes.
Mil gritos vaõ ſobindo ate as eſtrellas,
Daquelles que ali eſtavam deſcuidados.
Alteraſe o arrayal, e poenſe em armas:
Aos gritos atinando, diſparavam
Arcabuzes, e ſetas, com muy grandes,

E vivos alaridos: mas na parte
Onde a peleja eſtava em maior força,
Os Portugueſes dam mortaes lançadas:
Deixam corpos ali feitos pedaços,
Banhando a fria terra em negro ſangue:
E vãoſe retirando em bom concerto,
Aguardandoſe todos, hũs aos outros.
Aſſi na fortaleza entraram juntos,
Eſpantados deixando ſeus contrairos,
De tamanha ouſadia. Nam paſſaram
Muitos dias, deſpois diſto que he dito,
Que logo o capitam mandou quatorze
Valeroſos ſoldados, pola cava
Por onde os outros foram: mas ſobiram
Por outra eſtreita ponte, que ali eſtava
Num confuſo lavor de altas paredes
Que os imigos erguiam, bem fronteiras
Da eſtancia S. Joaõ. Chegaram todos
Com animo eſforçado, dando morte
Aos que neſte trabalho andam contino.
Foge a miſera gente com mil gritos
Acode hum gram tropel de armados homens:
Crecendo ſempre mais a grande turba
Dos ſoberbos imigos: mas os noſſos
Com vagaroſo paſſo, ſe recolhem
Sem receberem dano, ou perda algũa.
Paſſados eram ja vinte, e ſeis dias
Deſte calmoſo mes, quando os imigos,
Em grandes eſquadroẽs vinham guerreiros,
Marchando a grande preſſa: deſpregadas
Bandeiras, e guiões a hum brando vento:

Tra-

Trazendo levantada em groſſa lança,
Do falſo Mafamede, outra figura
Mais fera, mais horribel que a primeira.
Os compridos cabellos ſe eſtendiam,
No roſtro diabolico, moſtrando
Hum aſpecto, e ſembrante ferociſſimo.
Seguiaõ todos eſta inſignia torpe,
Eſpantoſa, infernal, fera, e medonha.
A hum tempo levantam todos juntos,
Hũa grita improviſa, e arremetem,
Sobindo polas partes derrubadas:
Mas em todas acharam valeroſos,
E duros adverſarios, que os recebem
Com ſalva de furioſas eſpingardas:
Com muy grandes penedos, que com força,
Com impeto graviſſimo, derrubam
Aos que na dianteira ſe moſtravam,
De eſprito mais ouſado. Ia começa
Acenderſe hũa rija, perigoſa,
E travada batalha. D. Fernando
De Caſtro, e Luiz de Souza bem reſiſtem
A entrada violenta, aſpera, e dura.
Dom Franciſco Dalmeida, com Dom Pedro
Dalmeida ſeu irmaõ, ambos pelejam
Co aquelle esforço grande, que os paſſados
Perigoſos combates defenderam.
Pois Antonio Peçanha, e Gil Coutinho,
De ſuor copioſo ambos banhados,
Os imigos maltratam. Tambem ſoffre
Pero Lopez de Souza hum gram trabalho,
E Diogo de Reineſo, la na eſtancia

Sam

Sam Joaõ, moſtra aver nelle bondade,
Aſſaz merecedora de gram fama.
Eſſe Antonio da Cunha, eſſe da Sylva,
Que Andrade tambem tem por ſobrenome,
Moſtram com gram louvor alta bondade.
Dom Joaõ Dalmeida faz da ſua eſtancia
Dano, e perda notavel, diſparando
Furioſos arcabuzes, e aos ſoldados
Incita a pelejar, ſendo o primeiro
Que ao perigo evidente ſe offerece,
Cobrenſe os baluartes de fumoſos,
Turvos, groſſos vapores: e as eſtancias
Em fulminoſo fogo todas ardem.
Alaridos, e gritos ſe levantam,
Com vozes deſiguaes, chamando todos,
Hũs a Chriſto Jeſu crucificado:
Outros a Mafamede immundo, e torpe.
Os pagãos capitaẽs, ſofrem trabalho,
Conſtrangendo por força os ſeus que ſubam:
Mas vendo aquella turba miſeravel
Como os que ſobem, vem ardendo em fogo,
Dando mil triſtes gritos, das pennoſas,
E graviſſimas dores que padecem,
Nam ouſam de ſobir, antes aguardam
O caſtigo cruel dos ſeus mayores.
Inſofrivel tormento ali cauſavam,
Os trajos de algodam que todos veſtem,
Que accendendoſe o fogo levemente
Nelles, os hia aſſi queimando vivos.
Eſfolado ficava o corpo, e roſtro,
O braço, e perna, tudo fica ardido.

Os

Os homens abraſados, ſe convertem
Em diſformes viſoens, feras, e feas:
Ficando os Chriſtaõs ſalvos deſte dano.
Porque o furioſo fogo que ſobre elles
Cada momento, os Mouros arremeſſam,
Os fez eſtar a todos prevenidos,
De cordavaõ fazendo veſtiduras,
Que a labareda ardente defendeſſem
E porque falta a algũs eſte remedio,
Deſtas veſtes de couro proveitoſas,
O Capitam mandou que ſe repartam
Hũas douradas peles (ornamento
No veraõ coſtumado em ricas caſas)
Por todos os ſoldados, e que façam
Veſtiduras que as vidas lhe defendam,
Aſſaz foy proveitoſo eſte remedio:
Porque todos os dias ſe lançavam
Dentro na fortaleza, ate duzentas
Grandes panellas, cheas de mortifera
Confeiçam infernal; que tantos males,
Tantas mortes, e danos, tantas perdas
No mundo tem cauſado. Do cubello
Onde Antonio Peçanha eſtá fizeram
Grande dano aos imigos, derrubando
Mortos, e mal feridos muitos delles.
Deſtroçados os Mouros ſe affaſtaram,
Deixando ali trezentos eſtendidos:
Hũs tornados em cinza, outros abertas
Cruelmente as entranhas: outros levam
Queimados, e feridos a Cidade.
Paſſando de trezentos os feridos,

Para nam tomar armas, e dos noſſos
Ainda que algús ouve maltratados,
Nenhum delles morreo. Pois vendo os Mouros
Quanto mal eſte dia receberam,
Da eſtancia que o Peçanha tinha a cargo,
Poſeram neſta parte aquelle groſſo
Eſpantoſo quartão, que deſpedia
Com horriſono eſtrondo, hum ferro, e grande
Pelouro, cuja roda ſe igualava
Aquellas que nos carros vão com roucas
Vozes, e vagaroſo movimento.
Puzeraõno raſteiro encaminhando
O ponto ao cubello do Peçanha:
Dando crueis, e grandes bombardadas:
Mas ſempre deſta parte lhe reſpondem
Com muitas eſpingardas: com furioſos,
Groſſos, e reforçados arcabuzes,
Ate que preſumiram que o cubello
Minado eſtava ja: porque ſe ouvia
Hum eſtrondo continuo, e apreſſado
Dos agudos picoens, que o muro batem.
Neſtes dias os Mouros procuraram
Com grande diligencia, aſtucia, e arte,
Entulhar toda a cava ali fronteira
Da torre Sanctiago: mas foy ſempre
Por hum groſſo camelo defendida:
O qual eſtando poſto ao pee da eſcada,
Da eſtancia Sam Thome, dali fazia
Mortaliſſimo eſtrago, nos que a torre
Com fervor entulhavam: muitas vezes
Os caneiros fazendo mil pedaços,

On-

Onde muitos morriam: e entendendo
Os Mouros eſte dáno, levantaram
Beſtioens de muy groſſas, fortes taipas:
Puſeram nelles dous ſoberbos tiros,
Cobriraõnos com mantas, de groſſura
Que o violento furor bem reſiſtiſſem.
A Sam Thome tiraram tantas vezes,
Que o camello de todo lhe cegaram:
E como nam tiveſſem reſiſtencia,
Foy cheá a funda cava em poucos dias.
E os que mais ſe moſtravam deſejoſos
De bater, e arraſar a fortaleza,
Com perda, dano, e morte dos que dentro
Com valeroſo esforço a defendiam,
Eram aquelles maos, perverſos homens,
Que na primeira idade receberam,
O Sagrado Baptiſmo, e deſprezando
Hum tam alto myſterio, prefiriram
Sua inclinaçam ma, a hum bem tamanho,
Que Deos lhe prometia. Eſtes pelejam
Com furia, com braveza: e aos imigos
Esforçam com palavras: perſuadindo
Que com grande rigor pelejem todos,
E os cercados maltratem. Tambem pedem
Que quando for entrada a fortaleza
(O que cedo ſeria) nam concedam
Vida a molheres, velhos, e meninos.
O' maldade nefanda, ó dignas almas
De tormento ſem fim la nos abiſmos.
Apoſtatas malditos, que perderam
Hũa tal redempçaõ, hum Deos tam brando:

Hum Senhor piadoso, que com morte
Deshonrada remio nossos peccados.
O falso Mafamede vaõ seguindo
(Cegos de todo ja) e os seus conselhos
Fundados em mentira, e vãs promessas.
Quinze dias avia que o gram Delio
Com clarissimos rayos ja dourava
Aquella quarta casa, aonde o signo
Do Tropico que aõ Norte se declina,
Tem nella seu poder, valor, e forças,
Quando aquelle Catur, que levou cartas
A Baçaim, pedindolhe socorro,
Ia de Chaul tornava, e nelle vinham
Nove muy esforçados cavalleiros:
Todos muy desejosos de chegarem,
Onde podessem ter parte nas honras,
Que ali com tanto risco se ganhavam.
Todo quanto prazer na fortaleza
O navio causou, tanto em dobrado
Trabalho converteo: que vendo os Mouros
Como este navegara, lhes parece
Que tambem mor soccorto acudiria.
Sabem que em Baçaim, seis centos homens
Aguardam, que hum bom tempo lhes conceda
Viagem, amansando o mar inchado,
Das grandes travessias, e altas ondas,
Que o muy furioso Austro ali levanta,
Com força de espantosas tempestades.
Estas novas sabiam por espias
Sagazes, que na costa andam continuas.
Determinar os fez este receo,

Que os trabalhados muros, e as eſtancias
Com tanta furia, e preſſa ſe combatam,
Que ja ſem reſiſtencia os entrem, dando
Crudeliſſimas mortes aos vencidos.
Neſtes dias mandou o gram Mamude
A outro Juzarcaõ irmaõ do morto,
Que va ao arrayal, e tome poſſe
Do cargo fraternal, com toda a renda,
E terras que o irmaõ ja poſſuira:
O qual polo ſervir ali perdera
(Sempre com grande eſforço pelejando)
As terras, mando, e vida juntamente.
O louro, e claro Apollo, deſejoſo
De banhar os cavallos la nas groſſas
Ondas daquelle velho horrendo, e bravo:
Ia declinava hum pouco ao Occidente,
Quando os Mouros em bom concerto chegaõ
Ao pe da fortaleza, e acometem
Com animo eſforçado os fracos muros.
Todos vinham ſoberbos, confiados
Por ſerem taes, e tantos: mas ja tinham
Certeza da gram força dos contrairos,
E da dura defenſa reguroſa
Que nelles ſempre achavam. Neſte ponto
Lhe infundio o gram Marte hũa grande furia,
E hum deſejo entranhavel de vingança:
Encendeolhe nos peitos hũa honroſa
Preſumpçam, nunca antre elles coſtumada:
Para determinar de morrer, antes
Que o combate deixar ſem vengimento.
Com grande impeto correm, dando gritas

Que

Que os vales, e altos montes atroavam:
Aſſi animoſos ſobem pola eſtancia,
Que Sam Thome ſe chama, porque a viram
Danificada, e quazi poſta em terra.
Dom Franciſco Dalmeida, neſtas horas
A ſeu cargo, a vigia tinha deſte
Baluarte tam cahido, e perigoſo.
Vinte, e cinquo homẽs tem nam mais cõſigo:
Mas cada hum deſtes he exprimentado,
Em combates, afrontas, e trabalhos.
Todos juntos ſeguiram dom Franciſco,
Que diante delles vai ao repentino,
Muy improviſo, e nam cuidado encontro.
Cuberto de hum peſado, e forte eſcudo,
Os primeiros cometeo: e a hum que vinha
Com deviſa luſtroſa, e ricas armas,
Dalhe hum peſado golpe, outro, e outro
Lhe redobra com força, e entra rijo,
Todo aceſo em furor lhe eſconde a eſpada
No meio das entranhas, pola parte
Por onde a alma ſe rende mais aſinha.
Lançaſe impetuoſo antre os que ficam:
Rodea ali com força, e grande preſſa
O incanſavel braço a todas partes,
Dando muitos, e feros mortaes golpes:
Aſſi como ſe ve lobo raivoſo,
Que a vorace garganta tem faminta,
De ſangrenta comida, e coſtrangido
De dura fome, falta ſem receo,
(Nem de bravos maſtins, nem de paſtores)
Em rebanho de ovelhas temeroſas,

Fa-

Fazendo nellas hum mortal estrago.
Os Mouros o rodeam num momento:
Carrega ali sobre elle grande turba,
Com alarido horrendo, e som das armas:
Mas elle firma o pe forte, e seguro,
Sem atras o tornar, espera, e sofre
Muitos, e duros golpes. Como quando
Em acendida fragua, decem juntos
Aquelles instrumentos trabalhosos,
Movidos com gram força, per obreiros
Que de suor, e po negro cubertos,
Dando golpes continuos, e apressados,
A mal composta casa enchem de vivas
E de ardentes faiscas; retinindo
Os negros cantos, e fumoso tecto:
Assi descarregavam nelle os Mouros
Mil alfanges, pedras, e zarguchos:
Os famosos soldados, que o seguiam,
Com tal exemplo fazem cousas dignas,
De fama glorioza, e alto nome:
O combate travado, e a peleja
Acendendose em furia sanguinosa:
Altas vozes se dam na fortaleza,
Armas, armas bradando. Logo se ouve
Polos ares delgados, sonnoroso,
Agudo, e vivo som, alvoroçado,
Do sino, que com pressa chama, e brada:
Socorr y, socorrey. Eis vem correndo
O Capitam, e traz força de gente.
Ia soldados chegavam, ja fidalgos,
E outros bons cavalleiros se arremessam

No

No meyo da batalha, que arde em furia.
Que como eſtes imigos ſoſpeitaſſem
O propinco ſocorro: determinam
De moſtrar ſeu poder, ardis, & forças:
De todo ſeu exercito traziam
Os mais fortes, melhores, e eſcolhidos
Naquella dianteira. O quantas lanças
Em fogo ardente aceſas ſe arremeſſam:
O quantas alcanzias inflamadas,
Voando vão de huma, e outra parte,
Grande dano cauſando nos lugares
Onde acertam cair. Ia ſe levantam
Gritos, e ja ſe dam grandes lançadas:
Ligeiriſſimos dardos ſacodidos
De mil valentes, e nervoſos braços,
A muitos corpos ferem mortalmente.
Ouvenſe trovoadas contrafeitas,
De arcabuzes furioſos. Grandes gritos,
Vozes deſconſoladas, ja ſe ouviam
Na parte dos imigos; abrafados
Com eſpeſſas panellas acendidas:
Que hũa carniça fazem de peſtifero,
E peçonhento cheiro. Aqui os fidalgos,
Capitaes, e ſoldados, bem pelejam
Por defender, as vidas, que bem viam
Poſtas em tanto riſco: porque as forças,
E o impeto dos Mouros era grande,
E tinham ja queimados, e feridos
Muitos, e bons ſoldados. Mas os fortes
Ouſados Portugueſes, nam perdendo
O lugar que ali tem, aſſi queimados

Pe

Pelejam com furor, e grande força.
O vento se mostrava favoravel
Aos imigos que delle se aprovçitam:
Levantando cos pes o po do entulho,
O qual vinha por força (constrangido
Do poderoso assopro) dar nos olhos
Dos que á afrontada estancia defendiam.
Os soldados raivosos se apegavam
Nas paredes, e os pes na terra firmaõ:
Cerram olhos ao po, dentes apertam,
Com colera mil corpos derrubando,
Delles mortos, e delles mal feridos.
Estava o baluarte todo cheo
De corações ferozes, de rebustos,
E muy ousados animos, fervendo
Em todos viva raiva, pelejando
Com espadas, com lanças, e com dardos:
Com grossas, ahugas, pedras, e alcanzias.
E os que subir nam podem, disparavam
Compridas espingardas furiosas,
E mil mortes de feras, nas estancias,
E mal tratados muros: mas respondem
Das torres, e cubello, com muy grandes,
Medonhas bombardadas, derrubando
Muitos Mouros, e outros em pedaços:
Sem lhe valer o arnes, menos a malha.
Cubellos, baluartes, todos ardem,
Com coruscantes fogos ardentissimos.
Levantaõse nos ares mil maneiras
De formas differentes, que o espesso,
E negro fumo faz: mas em pequeno

Eſpaço ſe desfazem. Tambem ſe alçam
De turbulento pó nuvens muy grandes:
Ouvenſe na peleja, em cada parte
Mil brados, e outros mil gemidos triſtes:
Muitas vozes carpidas, e hum eſtrondo
Eſpantoſo, de feros mortaes golpes:
Retrato, e viva imagem dos tormentos,
E pennas infernaes: mas dos imigos
Era o pranto choroſo, e lamentado,
Porque o mal quaſi todo elles o paſſam.
O mais deſte combate eſteve ſempre
O Capitam ao pé do baluarte
Sam Thome, onde eſtava mais revolta,
Mais aceſa, e travada eſta pelleja:
O neceſſario eſta dali provendo,
E para ſocorrer a qualquer parte
Que os Mouros cometeſſem. Dom Fernando
De Caſtro, acompanhado de muy forte
Deſtra, eſcolhida gente, defendia
A eſtancia Sam Ioaõ: lugar mais fraco,
E onde muito mais certo eſtá o perigo:
Por iſſo o Capitam daqui ſe moſtra
Deſcanſado por ter taes defenſores.
Por hũa, e outra parte ſe levantam
As grandes, temeroſas, e altas gritas.
Nam eſtá ocioſo o delicado
Eſquadram feminil, antes acode
Com ſumma diligencia, aos que pelejam.
Aquella cor ſanguina ja roubada,
Traſpaſſadas as timidas entranhas,
E arraſados os olhos em viva agoa,

Os

Os levantam ao Ceo com efficacia,
Pedindo a Deos que aos seus favor conceda.
Como nesta fazam aqui estivessem
Juntos, os que na fortaleza habitam
Ate pequenos moços, e os doentes
Que no hospital procuram seu remedio:
Escravos, e outra fraca, debil gente,
Faziam retinir os altos ares
Com clamor sonoroso, e vivos gritos:
Causando confusam, e espanto aos Mouros,
Que sabem certo ser a gente de armas
Pouca, e dibilitada das vigias:
Das fomes, dos trabalhos, e outros males
Que ali tinham passados. Ia se apartam
A pesar de seu grado, e ali deixam
Mil, e seiscentos Mouros em pedaços,
E mal feridos mil, e quatrocentos:
Dos Portugueses foram sos tres mortos,
Feridos, e queimados trinta, e cinco.
Assaz turvo, e calmoso era este dia,
Escondendosse o Sol por grossas nuvens,
E como todo o seu poder mostrasse,
Naquella conjunçam, causava grandes
Lentas calmas, pennosas, e aborridas.
Isto deu aos soldados gram trabalho,
Ficando quasi todos quebrantados,
Da quentura do dia brusco, e triste.
Eram ja neste tempo fallecidos
A ferro, e de doença, mais de cento,
E cincoenta dos nossos, sos ficando
Duzentos, e quarenta, e dous, servindo

Em

Em repairar os muros, fazer minas,
Derrubar edificios, trazer cestos
De terra, pedra, e cal, sem nunca hum ponto
Alivio receberem: mais trazendo
Continuamente as máos nas duras armas,
E os corpos no trabalho. Ia faltava
Dentro na fortaleza o mantimento,
E se se achava algum era tam caro
Que poucos o compravaõ. Trinta alqueires
De trigo feito em paõ, por cento, e vinte
Pardaos de ouro se vende, e em graõ, por cento
E trinta, e sete e meio. Dez cruzados
Para hum enfermo, val hũa galinha.
Comem gatos algũs, comem legumes,
E ainda estes por regra. Bebem agoa,
Nam de puras, e claras, frias fontes,
Nem de rios correntes, cristalinos:
Mas daquella, causada de vapores
Humedos, e pesados: que com força
Da regiaõ do ar, as nuvens lançam
Em antigua cisterna, e represada,
Grossa, e de maõ sabor ali se torna.
A polvora faltava, e nam avia
Em toda a fortaleza, mais algũa
Que aquella que despende o basaliscò,
Que levava de peso quatro arrobas,
E esta se faz ali na fortaleza.
Panelas, e alcanzias tambem faltam,
Que era hũa deffensam mais necessaria,
De que os Mouros recebem maior dano,
E aquella que era delles mais temida.

Sen-

Sentindo o Capitam eſta gram falta,
Hum ardil inventou deſta maneira,
Duas telhas tomava, e com betume
De pez negro, e viſcoſo, ambas abraça,
E manda encher o vaõ da ſalitrada
Peſtifera farinha. Eſtas ſerviam
Ate que ſe venceo a gram batalha,
Com ajuda divina: porque a outra
Que os Portugueſes tinham, nam baſtava
Tais imigos vencer, tam belicoſos,
Tam ſutis nos ardis: tambem armados,
Tam duros, deſtros, fortes, e ſoberbos.
Eſtando as couſas ja neſtes taes termos,
Entrando aquelle mes, onde tem força
Erigo, a bella filha de Deicaſo,
Ao Capitam foy dito, que de noite
Ate ponte chegavam algũs Mouros:
Que em numero ſeriam ſeis, ou ſete,
E que ali muitas vezes ſe ajuntavam,
Ou foſſe por eſforço, ou intereſſe:
Em fim, que as mais das vezes vinham juntos
Perto da fortaleza. Sendo diſto
O forte Capitam ſabedor, manda
Hum valente ſoldado (cujo nome
Era Martim Botelho) que eſcolheſſe
Nove, ou dez companheiros ſeus amigos,
E que armados vieſſem ja nas horas
Que em cor eſcura, e triſte fica o mundo.
Eſte Martim Botelho era criado
Do Capitam, e era elle muito aceito,
Por ſua valentia, e grande eſforço.

Ti-

Tinha robuſtos membros, tinha forças
Bem conformes a elles: era ouſado,
De vivo coraçam, experto, e duro.
Pois como a luz do Sol ſe transformaſſe
Nũa ſombra eſpantoſa, humeda, e fria,
Os nove companheiros ſe apreſentam
Ao Capitam, contentes, e animoſos:
O qual, naquellas horas repartida
Tinha polas eſtancias toda a gente.
Vai buſcar hum lugar que eſta ſecreto,
Eſcondido dos Mouros: dali manda
Que hũa corda lançada ſeja abaixo:
Chama Martim Botelho, e encomendalhe
Que ſe eſconda num poſto, onde diviſem
Os Mouros que ali vem, e que procure
Algũs delles tomar: que lhe de novas,
E o informe de tudo o que no campo
Antre elles ſe conſulta, e ſe pratica.
Dece Martim Botelho, e apos elle
Decem ſeus companheiros com ſilencio:
Eſcondidos naquelle negro manto,
Em que os ares, e o mundo eſtam envoltos,
Quando Phebo canſado da jornada,
Nos braços do Occeano ja repouſa.
Caminham polas fraldas do ſalgado,
E tranſparente Reino de Neptuno:
Metidos polas ondas (muitas vezes
Ate junto dos peitos) ſe lançaram
La no cabo da ponte, e com gram tento
Aguardam pola preſa duvidoſa,
Com animos ouſados, e ſeguros.

Nam

Nam tardou muito eſpaço que ſentiram
Hum confuſo rumor, e fallas baixas:
Que chegandoſe vinham pouco a pouco
Para onde elles eſtavam. Ia ferviam
Os fortes coraçoens em vivo fogo,
Por ſe ver em batalha: e hum deſejo
De fazer couſas dignas de alto nome
Lhes abraſa as entranhas. Aſſi eſtavam
Todos apercebidos, aguardando
Que os imigos chegaſſem (que eſta noite
Acaſo ſe acertou virem dezoito)
E paſſando per onde os Portugueſes
Agachados eſtavam, levantouſe
Martim Borelho, e diz aos companheiros:
O tempo he ja chegado, ſus ſenhores,
Com animo eſforçado, acometamos
Eſtes que vem ſeguros: em dizendo
Eſtas palavras, chama Sanctiago.
Levantaraõſe todos bem cubertos,
Dos eſcudos, e correm dando grita
Dos muros lhe reſpondem num momento,
Com trombetas, com vozes: diſparando
Muitas eſpingardadas, de que os Mouros
Que eram na ponte entrados, receberam
Hum grande ſobreſalto: ficam todos
Enleados, medroſos, e confuſos:
Mas vendo que lhes era neceſſario
Pelejando morrer, ou vencer eſtes,
Eſperam com feroz, bravo ſembrante.
Animoſos ſe chegam huns aos outros,
Daõſe grandes lançadas, e recebe

Ca-

Cada parte igualmente grandes golpes.
Mas como eſtes ſoldados ſe prezaſſem
De honrada opiniaõ, e foſſem todos
Mancebos, deſtros, fortes, e valentes,
Claro moſtravam ja ſer vencedores,
Redobram mais os golpes, nam podendo
Os Mouros aguardar tam duras forças,
A ponte vaõ deixando com ſeu dano.
Hum deſtes, era mais que os outros, fero:
De grande corpo, forças, e ouſadia:
Dos Nobis era o ſeu natural ſangue:
Deſtes naſceo, e deſtes tinha o nome,
Com vagaroſo paſſo, retirando
Se vai, dando, e ſofrendo grandes golpes.
Martim Botelho, vendo que ſoſtinha
Eſte todo o trabalho da peleja,
Determinaſe entrar co elle a braços:
Tendo eſperança em Deos, aguarda o tempo
Que o Mouro a lança empuxra com violencia;
Entrega ao ferro agudo, o eſcudo forte:
Deſvialhe com manha a groſſa lança,
Entra ligeiro, e cinge o grande corpo
Cos nervoſos, robuſtos, duros braços:
Aperta rijo, e alça os pes, que eſtavam
Aſſaz firmes na ponte: e com tal preſſa
Se chega ao pe do muro, diz: abrime,
Que deſta vez teremos quem nos diga
Verdade, do que os Mouros determinam.
O Capitam deceo, e aberta a porta
Recebe com prazer o valeroſo,
Eſforçado mancebo: entrando dentro

Os

Os nove companheiros todos juntos
Sem nenhum perigar. Martim Botelho
Os braços abre, e solta em terra o Mouro,
Que estendido ficou sem movimento,
E o rostro demudado, parecia
Estar de todo frio, e ja sem vida.
Hum Fisico chamado foy, e violhe
O pulso differente do desmayo,
E mortal accidente que mostrava:
O Capitam com riso, e com voz alta,
Diz: piquemno com ferro agudo, e limpo;
E nam tomando em si, passemlhe o peito
De hũa para outra parte, e saberemos
Que esta morto de todo com verdade.
Hum soldado arrancando levemente
A cortadora espada, pica o peito,
Na parte onde se via trabalhando,
O coraçam pulsar com puro medo.
Chegando a dura ponta a carne branda,
O Mouro se levanta muy ligeiro,
Pedindo que o nam matem, dando causa
De grande riso a todos: e apertado
O resurgido Mouro, contou logo
Tudo quanto passava na Cidade.
Tambem contou o estado descontente
Em que esta Rumecaõ, contino triste,
Por de todo yr perdendo a esperança
De por força render a fortaleza.
Vendo os Mouros que tarda ja o socorro
Que mandaram pedir ao gram Mamude,
E que a armada Christaã nam podeia

Muito tempo tardar, alevantaram
A groſſa artilheria, que aſſeſtada
Tinham na fortaleza: e ſendo viſto
Polos que eſtavam dentro, ſe alegraram
Iulgando por final ja de fraqueza.

Neſte undecimo Canto ſe trata do quinto combate que os Mouros deram na fortaleza: onde pola falſa informaçam de hum Guzarate os Portugueſes receberam grande dano, no incendio, e ruina do baluarte Sam Joaõ.

QVantos ſucceſſos maos vimos no mundo
De couſas que os principios tinham proſperos.
Quam deſaſtrados caſos redundaram,
De torpes coraçoens, falſos, fingidos.
Quantos males, e danos ſe ſeguiram,
De mentiras cubertas com virtude.
Quanto podem maldades eſcondidas,
Em ſanctas, e ſingelas apparencias.
Aqui ſe pode ver hum claro exemplo,
De hum animo danado, e contrafeito,
Cauſador de trabalho, e triſte pranto,
De eſpantoſas, crueis, e feras mortes.
Eſtava o baluarte do apelido,
Daquelle Evangeliſta, que no peito
De Chriſto reclinado, mil ſegredos
Da Sagrada Paixam vio manifeſtos:
Situado na parte que ja fora

Lar-

Larga, profunda cava, quando o insigne,
E valeroso Antonio da Sylveira,
Com forte coraçam resistio todo
O furor dos Janiçaros valentes,
Que por terra, e por mar o combatiam,
Tendoo quazi no ponto derradeiro.
Occupava tambem da rocha firme
Algũa cantidade, porque quando
Por Manoel de Souza de Sepulveda
Redeficada foy, ficou mais larga
A fortaleza toda. Pois sabendo
Os Mouros, que esta parte era mais fraca,
E para o seu intento mais disposta:
Começam de minar com grande pressa,
Sem nunca se entender esta tal obra
Dentro na fortaleza, polo falso,
Estrondo dos picoens, que ali no muro
Juntamente trabalhàm, para engano,
E dissimulaçam da verdadeira;
Desastrada, infelice, cruel mina,
Chegandose vem mais e ganhando sempre
A estancia Sam Thome. Trazem num ponto
Mil cavallos de pao, fingem sobida
Proveitosa, no muro: e como fosse
Este ardil tam nocivo aos Portugueses,
Elli tem sempre pronto, nesta parte
O cuidado, com summa vigilancia,
Nas ilhargas da estancia foram feitos
Seus reveses, por onde tudo quanto
Os imigos tratavam, descobria.
Chovem de la do muro, ali sobre elles,

De fogo rodeados mil pelouros:
Fazem mortal eſtrago: mas nam deixam
O proveitoſo ardil, e obra fingida.
Neſte tempo chegou ao pe do muro
Hum vil trabalhador ſeu, Guzarate:
De engano, e de mentira vem armado,
Ou lhe foſſe danoſa, ou conveniente.
Determina paſſar miſera morte,
Se por ventura foſſe comprehendido.
Aſſi determinado chega, e brada:
O' ſoldados (dizendo) ſoccorreime:
Nam me negueis favor que ſempre acharam
Em vos outros os miſeros ajuda.
Dizei ao Capitam que quero darlhe,
Hum proveitoſo aviſo, e que lhe cumpre
Falar logo comigo. Mas os noſſos
Perguntãolhe ſe quer ſobir: dizendo
O Gentio que ſó foy recolhido
Dentro na fortaleza, e todos moſtram
Grandiſſimo alvoroço de tal vinda.
Quanto melhor vos fora ó bons ſoldados,
Diſperar todos juntos neſſe peito
Perverſo, e cauſador de hum mal tamanho,
Furioſas eſpingardas: ou com lanças
As entranhas abrir, onde forjada
Tanta maldade vinha, que yr de preſſa
Alegres recebello: ſendo a cauſa
Da morte de taes homens, os mais delles
Conhecidos fidalgos, e outros muitos
Notaveis cavalleiros, cujas vidas;
Em toda parte foram neceſſarias.

Mas

Mas como alcançaram os mortaes homens,
Aquillo que o divino entendimento
So consigo dispoem, e determina?
Ou como fogiram casos adversos
Pola summa potencia permitidos?
O falso Guzarate rodeado
De muitos cavalleiros, e homens nobres,
Foy com grande alvoroço delles todos
Levado ao Capitam: que lhe pergunta
Por novas do que passa na Cidade.
O maldito Gentio com sembrante
Ledo, dissimulado: num momento
Começa a desatar em mil mentiras,
A venenosa lingoa astuta, e destra
Em toda maiçam. Diz que os Pathanes
Vinham sobre Cambaya, destruindo
Os lugares, e campos, avexando
A gente com mil roubos, e outros males.
Pola qual vinda estava o gram Mamude
Em grande confusam, e arrecetoso
Do mal que lhe virá, tinha mandado
Hum forte capitam, prudente, e grave,
Senhor de muitas terras, e vassalos:
Mogerecaõ chamado, este trazia
Cem Cavalleiros sos, e busoar vinha
A grossa artilheria, para offensa,
E resistencia dura dos imigos.
Ao Rumecaõ tambem traz hum recado
Expresso do Soltam: que se va logo,
E levantando o cerco, soltem todos
Em socorro delRey, com grande pressa.

Iſto foy occaziam de levantarem
Aquella artilheria, groſſa, e forte:
Mas antes que ſe foſſem determinam
Ambos os capitaens ver ſe a fortuna
Lhes ſerá num combate favoravel.
Tudo....
De Mogerecaõ era verdadeira:
O qual conſigo traz treze mil homens
Fortes, e bem armados: os mais delles.
A deſſimulaçam foy tal do imigo,
E a fingida vontade que moſtrava,
De querer ſer Chriſtáo, que todos juntos
Creram ſer verdadeiras as palavras
Cheas de falſidade, e puro engano.
Alguns dias avia, que nam davam
Moſtra de pelejar: mas com cuidado,
E diligente eſtudo, levantando
As muy groſſas paredes, hiaõ ſempre:
Que a eſtancia S. Thome ja ſenhoream.
Tudo iſto parecia ſer reſguardo
Do ultimo combate, que eſperavam
Fidalgos, e ſoldados: tam contentes
Como ſe á grandes feſtas, ou ſolennes
Recebimentos foſſem: aſſi todos
Alegres, feſtejavam o que eſtava
Ordenado do Ceo para ſeu danno.
Dom Fernando de Caſtro, neſte tempo
De perigoſas febres maltratado
Eſtava: mas ſabendo que o combate
Se ordenava de dar, com novas forças
Se faz para elle preſtes, ſem poderem

Pôr

Por alguma maneira deffendellho.
Tambem outros mancebos animosos,
Feridos, e doentes se apercebem:
Que por ser este dia desejado
De todos, com prazer, e hum alvoroço
Grandissimo, qui serám ser prezentes
Em todas as estancias, e ao perigo
Que elles nam presumiaõ. Ia chegava
Aquella conjunçam, e triste ponto,
Em que Atropos furiosa se apercebe:
Tendo a espada na maõ, e o braço forte
Levantava no ar: o braço digo
Com que o fio sotil das vidas corta,
Sem resistencia algúa: nam fazendo
Nos annos differença, ou nos estados.
Tu Musa Erato canta com voz alta:
Com lamentado som, funesto, e triste,
O succesSo infelice, permitido
Por respeitos, que so Deos os comprende.
Os duros coraçoens todos se abrandem:
Com lagrimas, com dor mostrem moverse,
Do destino cruel, e fatal caso
Que aconteceo aqui. Torna tu Musa
Comigo resumir as tristes mortes
Daquelles, que com fogo embravecido
Ao ar arremessados, de la decem
Ardendo, todos feitos em pedaços.
Dia era do Martyr, que estendido
Em vivas brasas, disse ao juyz tyrano,
Que assado estava ja, sentindo grande
E glorioso descanso em tal tormento:

Quan-

Quando os imigos todos bem armados,
E em ſom de dar combate ſe chegavam
Nas horas que o gram Phebo ja ſobido,
No meyo da jornada ſe moſtrava.
Por detraz das paredes apareceem
Bandeiras arvoradas, eſtendidas
Polos ares delgados. Grandes montes
De lanças, cujos ferros, a mil partes
Reſplandecentes rayos deſpediam.
Ao ſom dos arambores vaõ marchando:
Lançando o paſſo igual, medido, e juſto,
Moſtrando hũa animoſa confiança.
Logo final ſe deu na fortaleza,
Da vinda que elles tanto deſejavam:
Apreſſados acodem aos lugares
Limitados, e certos. Todos moſtram
Grande contentamento, e determinam
Aventajarſe aqui com fama, e nome
De que memoria fique para ſempre.
Os vivos coraçoens, ja coſtumados
A eſtas affrontas taes, os peitos rompem
Dos mancebos fidalgos, deſejando
Verenſe cos imigos em batalha
Travada, e perigoſa. Neſte tempo
Detiveraõſe os Mouros pouco eſpaço,
E logo apercebidos á batalha,
Moſtram querer ſobir aos baluartes.
Tocam com grande preſſa os arambores,
E ao tempo que haõ de dar o fero aſſalto,
Tornaõſe para tras acovardados.
Quando o Capitam vio que aſſi moſtravam

De-

Desusado temor manda num ponto
Avisar dom Fernando (que com muitos
Nobres, e fortes homens aguardava
O impeto dos Mouros) que se affastem
Todos os capitaes, e os bons soldados
Que ali com elle estam: porque parece
Que a detença que viaõ nos imigos
Era, quererem dar fogo em algumas
Minas que tinham feitas. Alguns ouve
Que ouvindo este recado se sairam,
Daquelle baluarte destinado,
Para ser de fidalgos sepultura.
Mas como o que ha de ser nada o impide:
E ao que Deos determina, ninguem foge:
Estando todos ja, deste perigo
Livres, levanta a voz hum valente homem,
Que Diogo de Reinoso se chamava,
Dizendo: Nunca Deos isto permita,
Que os Portugueses tenham tal infamia,
Nem no mundo se diga, que fizeram
Cousa que se lhes note por fraqueza.
Pode ser isto ardil, que se deixarmos
A estancia, sobiram estes imigos,
Ganhando o que despois, nenhum remedio
Tera: e se aqui tenho certa a morte,
Morrer com ganhar honra, isso he o que busco.
A vos digo senhores, que guardemos
Esta estancia delRey, e a deffendamos,
E aquelle que se for, eu lhe prometo
De apregoar que faz o que nam deve.
Tiveram tanta força estas palavras,

Que

Que logo tornam todos ao peſigo;
Querendo antes morrer que ſer notados
De fazer covardia. Vendo os Mouros
Que ja no baluarte ninguem cabe,
Ferozes arremetem, levantando
Hũa muy eſpantoſa, e alta grita.
Os mais ouſados ſobem, bem cubertos
Com eſcudos, os peitos, e as cabeças:
Mas como achaſſem dentro a reſiſtencia
Mais furioſa, e mais dura que as paſſadas,
Retirandoſe vaõ, moſtrando medo.
Apartados os Mouros, bem puderam
Iulgar os Portugueſes, que era indicio
Certiſſimo de darem fogo á mina:
Mas avia de ſer o triſte caſo,
Com tanta deſventura acontecido.
Eſta foy a razam, que quaſi a todos
Os olhos lhes cegou. Pois como foram
Diſtantes pouco eſpaço, lançam logo
Hũa grande panella em fogo ardendo:
Pegaſe num momento em grande ſoma
De polvora, que eſtava derramada,
Ate dentro na cava antigua, e velha.
Hum caminho ſe moſtra de hum ligeiro
Embravecido fogo: que com furia
Vai correndo ate dar na cava chea
De polvora, e de ſalitre. O Deos eterno,
Daime Senhor, favor, que eu ſo nam baſto
Dizer o que aqui fez a repentina,
E ſalitrada chama: que buſcando
Por onde reſpirar, e achando todos

Os

Os lugares tapados, com gram força
Repuxa para cima, atrunha, e abre
O balluarte todo: retombando
Os altos, e sotis, delgados ares
Com estrondo medonho. Hum grosso fumo,
Turvo, de negra cor, assombra, e cobre
Todo aquelle lugar. Ás labaredas
Arremessam ao Ceo pedras, envoltas
Com miseraveis corpos (crua, e triste
Maneira de morrer) de la deciam,
Hús, de todo ja feitos em pedaços,
Caindo antre os imigos: outros dentro
Na fortaleza, mortos com disformes,
E feas aparencias: outros ficam
Saõs, e vivos no campo, soterrados
Ate cima dos peitos, onde os Mouros
As cabeças lhe cortam num momento.
Todos estes estavam na amerade,
Que o balluarte tinha fabricada,
Sobre o que fora cava em outro tempo:
E os da outra amerade, que na rocha
Mais firme se mostrou, que nam passaram
Tanto trabalho, todos derrubados
Na cava das ilhargas foram juntos:
Onde hús quebram os braços, e outros muitos
Pisam, e torcem pernas, nam podendo
Sairse do tropel desatinado.
Outros, os rostros trazem muy disformes
Inchados, e feridos, todos cheos
De grandes pisaduras, de caliça,
De po, de espesso fumo, e negro sangue.

Assi

Aſſi deſta maneira, dom Fernando
De Caſtro aqui morreo, de dezanove
Annos, nam bem compridos, esforçado,
E de animo invencivel: generoſo,
Gentil homem, cortez, diferero, e brando.
O' avaro, o cruel precipe fado:
Ah morte riguroſa, acerba, e triſte,
Cortaſte a florecente idade, quando
Mil triumphos inſignes pretendia.
Aqui morreo tambem dom Joaõ Dalmeida,
Em quem valor das armas ſe moſtrava
Em ſumma perfeiçam: varam ſefudo,
Liberal, animoſo, e dos ſoldados
Amado, e muy bem quiſto. Gil Coutinho,
Ruy de Souza, e Diogo de Reinoſo,
Luis de Mello, e Alvaro Ferreira
Aqui todos morreram. Tambem foſte
Tu ó Triſtam de Sa, gentil mancebo,
Contado no ſucceſſo amargo, e triſte:
Cerrou a morte os teus fermoſos olhos,
Com maõ fera, e cruel, antes de tempo.
Eſte mancebo foy, quando vivia,
Antre todos os outros differente,
Em tam gram perfeiçam de roſtro, e membros
Que aquelle bello Adonis excedia,
Por quem Venus ca fez tantos extremos,
Quando vio traſpaſſado o branco peito,
E o dente da ſalvaje, brava, fera,
Banhado no ſeu puro, e freſco ſangue.
Co a força do ſalitre, foy nos ares
Em grande altura erguido, e delles veyo

Cair

Cair na fortaleza sobre hum monte
De agudos, limpos ferros, e hastas grossas.
Algũas dellas passam levemente
Aquelle corpo, em que a natureza
Quis mostrar seu saber, engenho, e arte.
Tingindo as vay de sangue, ja cerrando
Os olhos com sinaes de grande penna:
Mudando a viva cor, e ledo rostro
Numa amarelidam, e morral sombra:
A graça convertendo, que antes tinha
Na imagem da morte muda, e triste.
Qual fica o roxo lirio, que o agreste,
Rustico lavrador, com curvo arado
Arranca do lugar, que o sustenta,
Dandolhe ali virtude, e formosura:
Murchase a verde folha, e se entristece
A fresca frol, perdendo o humor, e a vida:
Assi desta maneira o gentil moço
Inclina o debil collo: cerra os olhos
Constrangidos da morte, e com profundo
Gemido espira, e voa ao Ceo sua alma.
Muitos outros fidalgos, e soldados
Morreram, que contados eram cento,
E vinte homens por todos, escapando
Treze sos, dos quaes tres logo acabaram
A trabalhosa vida, e o tormento
Que o fogo lhes causava ardendo vivos.
Maltratado ficou o forte moço,
Que dom Pedro Dalmeida se chamava,
Queimado de hũa parte, foy forçado
Que a peleja deixasse por huns dias.

Pois

Pois como os Mouros virão quanto estrago
O fogo tinha feito, e que arrasara
Aquelle baluarte até o cimento,
Sem ficar final delle, correm todos
Com grandissima furia, dando grita,
Que bem se pode ouvir no Céo mais alto.
Entram pela fumaça negra, e viva
Em cerrado tropel: cometem rijo
Entrar polo lugar falto de muro.
Acham nelle cinco homens, que resistem
A sarracina furia, com esforço,
E coraçoens ousados, todos cinco
Soffrendo, e dando mil furiosos golpes.
Era Bastiaõ de Sá hum destes cinco,
Outro Antonio Peçanha, valerosos,
E valentes mancebos: e outro era
Mestre Joaõ, que ali perdendo a vida
Foy sentida de muitos, pola falta
Que lhes fez seu saber: Bento Barbosa
Varaõ muy esforçado era o quarto,
Bartholameu Correa ali cerrava
O breve, e forte numero, soffrendo
Todos cinco hum trabalho, e grande affronta.
Tanto que o Capitam vio, da fortuna
O desastrado caso, vem correndo
Co aquelle coraçam, ousado, e forte
Que para cousas grandes sempre teve.
Quatorze ate quinze homens o acompanham,
Sem mais outro socorro, e em chegando
A desigual batalha, a voz levanta
Dizendo: O valerosos Portugueses,

Aqui

Aqui, por Deos percamos noſſas vidas:
Ganhando eterna gloria, e ca no mundo
Honrada fama, e nome para ſempre.
Dizendo eſtas palavras, entra rijo,
E os cinco companheiros favorece.
Carrega ali ſobre elles, dos imigos
Hum fermoſo eſquadram de bons guerreiros:
Acendeſe a batalha em furor grande:
A gente ferve em huma, e outra parte:
O rogido das armas, e os clamores
Ia fazem reſonar os altos ares.
Ali fortes eſcudos nas cabeças
Levantados, deffendem muitas vidas:
Ali direitos, e nervoſos braços
Com furor, e com força ſam movidos.
Huns arremeſſam lanças, outros decem
Came, e armas cortando. Ia ſe eſtendem
Muitos Mouros no campo, e ſempre crece
A grande multidam com mayor furia
Eſtando neſtes termos o revolto,
Perigoſo combate: eis vem correndo
Hum Sacro Sacerdote, e traz erguido
Nas maos hum Crucifixo, que em tal hora
Ao forte da furor, forças ao fraco:
Dos outros baluartes, vem correndo
Tambem alguns ſoldados, que moſtravam
Querer morrer por elle, e ganhar honra.
Envolvenſe cos Mouros, e o Vigairo
Chegando, com clamores altos diſſe:
O' ficis cavalleiros, vede a Chriſto
Que aqui crucificado eſta preſente:

Olhay

Olhay as ſanctas Chagas, que derramaõ
O ſangue divinal, que das entranhas
Daquella pura Virgem foy tomado.
Vede o divino lado todo aberto,
E o coraçam partido: vede os braços
Eſtendidos na cruz, com mil tormentos,
Com mil deshonras morto, por nos outros.
Morrey por tam bom Deos, ó Portugueſes,
Morrey neſte lugar, e a Fe Sagrada
Deffendei fortemente, que eſperando
Eſte Senhor eſtá por voſſas almas.
Nam vejais maltratar ſua ſancta Imagem,
Baſte o que padeceo por noſſas culpas.
Ajuntavaõſe a eſtas taes palavras
Outras que o Capitam alto dizia:
As quaes humas, e outras bem ſe imprimem
Nos coraçoens que a ſancta Fe confeſſam.
Perſuadidos aſſi co a verdadeira,
E ſancta exortaçam, logo acometem
Os Mouros ate li victoriоſos:
Com animo invencivel, confiados:
Vendoſe acompanhados do divino
Redemptor que os anima, e lhes da forças.
Os Mouros por entrar, e os Portugueſes
Por deffender a entrada, danſe grandes,
E valentes lançadas. Logo acodem
As molheres na preſſa revoltoſa
Com deſmayados roſtros, acarretam
Grande ſomma de pedra, indo, e vindo
Com muita diligencia. Tambem ſervem
Os feridos, e enfermos. Combatida,

E pelejada foy toda eſta tarde,
Revezandoſe os Mouros muitas vezes:
Bem o podem fazer, porque ali paſſam
De quatorze mil homens, os que a entrada
Procuram no lugar aberto, e fraco.
Em quanto huns pelejam, fazem outros
A peſar dos imigos, hũa forte,
Alta, e larga tranqueira. Mil panelas
Todas ardendo em fogo, ſe arremeſſam
De hũa, e de outra parte, e com mais força
Muito mais ſe animava, quando viram
Que Apollo entrava ja nas groſſas ondas,
Deixando polos ares eſtendido
Hum negro, e triſte veo. Pois como a noite
Se achegaſſe aſſombrando todo o mundo,
Apartanſe os imigos, deſcontentes:
Perdida ja a eſperança de poderem
Entrar na fortaleza. Foram mortos
Trezentos delles neſte meyo dia,
Valentes Abexins, e fortes Turcos.
Oito centos feridos, e abraſados,
Lamentando ſeu mal, com grandes dores,
Foram la na Cidade recolhidos.
Tambem dos Portugueſes alguns foram
Mortos: mas muitos mais dos que faziam
A obra proveitoſa da tranqueira.
Morreo Meſtre Joaõ, varam prudente,
De ouſado coraçam, de vivo ſpirito,
E muito exprimentado em Çururgia.
Apartados os Mouros, ajuntouſe
A feminil companha, em fama illuſtre,

Para dar ſepultura aos que morreram.
Com lagrimas vaõ todas ao funeſto,
E triſtiſſimo officio, ja nas horas
Que de eſtrellas o Ceo todo ſe pinta.
Huás levam brandoens, que aos tenebroſos
Ares vaõ dando luz, outras gemendo,
De funebres mortalhas vaõ providas.
Hum pranto baixo, e triſte antre ellas ſe ouve:
Huns ſoſpiros de la do mais profundo
Intimo das entranhas: huns ſaluços
De deſconſolado, e piadoſo choro.
Aſſi deſta maneira chegam onde
Os corpos ja defunctos, eſtendidos
Aguardavam por eſta obra tam pia.
Começam de apartar os que conhecem:
Logo em brancas mortalhas os envolvem:
Com olhos feitos fontes, os levantam
Nos trabalhados braços, e os reclinam
No geral apoſento, eſcuro, e frio.
Dom Fernando de Caſtro alevantaram
Piſado o corpo todo, e a cabeça
Amaſſada das pedras, ſem figura
Do roſtro juvenil, riſonho, e ledo:
Levaõno com peſar, e com ſoſpiros,
Com lagrimas, com dor de todos quantos
Na fortaleza avia. Os triſtes roſtros
Daõ muy claro ſinal da ſaudade
Que todos ali ſentem, da brandura,
E da converſaçam do gentil moço.
Tambem a dom João Dalmeida, e outros
Fidalgos alevantam, abraſados

Do pernicioſo fogo: a todos juntos
Lhe deram para ſempre ſepultura.
Andando aſſi tirando os corpos mortos,
Acha Iſabel Madeira, o firme amigo
Conjunto em matrimonio, do qual tinha
Tres mininos pequenos: que ali eſtavam
Em lagrimas banhados, perguntando
A' may deſconſolada, que era feito
Do pay, que tem diante em fogo ardido.
A conſtante molher, toma o defuncto
Marido nos ſeus braços, e ajudada
De piadoſas amigas, na mortalha
Alviſſima o envolve, tendo o roſtro
Seguro, ſem chorar: mas rodeado
De huma palida cor, e profundiſſima
Triſteza (ſinaes claros do que a alma
La dentro padecia) levam todas
Aquelle mortal peſo, e ja deixado
No lugar dedicado a mortuorios;
Proſeguir tornam todas o exercicio
A Deos aceito, e grato, ſepultando
Todos os que ficavam. Ia acabado
O trabalho fundado em charidade,
Vaiſe a triſte molher acompanhada
De outras muitas molheres que lhe ajudam
Chorar ſeu deſemparo, e grande perda.
No vazio apoſento entra, dizendo:
Que couſa pode aver que me conſole
Na voſſa morte, ó meu amigo caro,
Pois em quanto vivi comvoſco, nunca
Pude eſtar com razaõ de vos queixoſa.

Dizendo eſtas palavras, abraçava
Conſigo os ſeus mininos que lhe ficam
Por ſuave penhor do bem perdido.
Deſpois que os Mouros ja ſe recolheram,
Os de dentro acabaram diligentes,
A tranqueira de todo igual cos muros:
Com degraos para dentro, porque ſubam
Sem trabalho os ſoldados deffendela.
Muitos dias durou o venenoſo
Perjudicial cheiro, de alguns corpos,
Que nam puderam ſer deſenterrados:
Aquelles moleſtando, que a ſeu cargo
Tinham de deffender aquella parte.

Neſte duodecimo Canto ſe trata como os Mouros minaram a torre Sanctiago, e como chegaram a fortaleza Antonio Moniz, e Garcia Rodrigues de Tavora, apartados da armada de dom Alvaro de Caſtro, filho mais velho do ViſoRey. Trata tambem da vinda de alguns fidalgos: com outras couſas que ſoccederam.

GRande foy a ſoberba dos imigos,
Vendo os da fortaleza maltratados,
E muitos delles mortos no paſſado
Fero, e medonho incendio. Logo tornam
Prantar a artilheria nos lugares
Onde ſohia eſtar: os Mouros chegam,
Affrontam com palavras aos dos muros,

Mais

Mais cheas de arrogancia, que corteſes.
Começam com dobrada força, e preſſa
Proſeguir o trabalho, e vaõ picando
Todo hum lanço do muro, com continua
E ſumma diligencia. Ouvido o eſtrondo
Dentro na fortaleza, ſoſpeitouſe
Que o cubello minavam: porque o muro
Era tal, que nam pode ali romperſe,
Sem diſcurſo de tempo, e gram trabalho.
Pois vendo eſtes imigos a dureza,
E a gram largura delle, num momento
De lenha, e rama fazem montes altos,
E arrimados ao muro lhe dam fogo.
Levantaõſe furioſas labaredas,
Queimando as duras pedras: acarretam
Os Mouros de vinagre muitos vaſos
Grandes, e todos cheos: ja ſe rendem
As pedras a eſta força, e as robuſtas
Mãos de picoens armadas, ja derrubam
Com bem pouco trabalho o groſſo muro.
Outra mina fizeram no recanto,
Que a eſtancia Sam Thome, e o muro fazem:
A qual dos Portugueſes foy ſentida,
E com muy grande preſſa começaram
Contraminala logo. Neſtes dias,
Que no cerco ſe paſſa o que he contado,
O ViſoRey mandou para ſocorro
Dom Alvaro de Caſtro que era filho
Primogenito ſeu, com deſaſete
Ligeiras fuſtas, todas bem providas
De chuſma, muniçoens, e bons ſoldados.

A Baçaim chegou, e a dom Francisco
De Meneses achou, que duas vezes
Tinha arribado ja com vento, e força
De grandes tempestades. Ambos juntos
De Baçaim partidos, se engolfaram,
Seguindo aquella rota, que os levava,
Onde com tanto dano os Portugueses
Ao poder, e valor de seus contrairos
Resistem na cercada fortaleza.
Levantaselhe hum vento favoravel,
A' boca ja da noite, e dalhe em popa:
Enche as latinas vellas, navegando
Toda a noite co a luz da branca lua.
Assi vaõ com tal tempo, amigo, e brando,
Do outro dia quasi a mayor parte:
Mas quando Phebo ja se declinava
Para dar luz ao outro meyo mundo,
As Alcioens as asas sacodindo
Contra elle, tempo adverso prenosticam.
Fogio de todo a luz, e hum manto escuro
Cobrio a redondeza. Ia começam
Grossas, e negras nuvens estenderse
Polo Ceo, amostrando carregado,
E medonho sembrante: ja nas prayas
Se quebram, com furor inchadas ondas:
Ia se mostrava o mar escuro, horribel,
Alterado, bramando a todas partes,
E quanto mais a noite se cerrava,
Tanto crecia o vento com mais força.
Acodem marinheiros aos lugares
Que tem necessidade: amainam vellas,

Re-

Recolhennas, e ja quaſi perdidos,
Aguardam a braveza do ſoberbo,
E verde negro mar: ali os navios
Gemem da grande affronta que padecem.
Humas vezes ſe ſobem la nas nuvens,
Outras ao centro decem: entram dentro
Embravecidas ondas, e aos ſoldados
Deixam todos cubertos de groſſa agoa.
Soava o grande Ceo de hum pollo ao outro,
Com trovões eſpantoſos, e medonhos:
Moſtrava com relampagos eſpeſſos
Seu reſplandor fogoſo, e luz ardente.
Eis vem bramando com eſtrondo horribel
O furioſiſſimo Auſtro, e traz com força
Hũa peſada nuvem, groſſa, e negra,
Que huma multidam grande vem lançando
De congelada pedra, envolta em agua.
Eis a eſpantoſa imagem fera, e crua
Da morte, ſe lhes poem diante dos olhos.
A gente levantadas as maos, pede
Em alta voz a Deos miſericordia.
Deſta maneira arribaõ combatidos
De furioſas, crueis, inchadas ondas:
Quaſi desbaratados, tomam porto
No lugar que o paſſado dia, todos
Tinham deixado, ja, e ali repairam
Couſas danificadas da tormenta.
Vendo o Capitam mor que nam podia
Levar aquella armada toda junta,
(Que era neſta ſazam cincoenta vellas.)
Aos Capitaẽs mandou que procuraſſem

Na-

Navegar cada hum experimentando
A qual ſe moſtraria ali a fortuna
Mais amiga, mais branda, e favoravel.
Avida eſta licença, logo tornam
Importunar o mar, offerecendo
Todos juntos as vidas ao perigo,
Que manifeſto eſtava. Deſtes todos
Antonio Moniz foy o que primeiro,
Com Garcia Rodriguez dos de Tavora,
Ambos juntos entraram num pequeno,
E ligeiro catur na fortaleza,
Levando ſos conſigo ſeis ſoldados.

Grande contentamento deu a vinda
Deſtes dous bons fidalgos companheiros,
Dos quaes ſouberam novas dos navios
Que com furioſas ondas, e ſoberbos
Ventos, ficam travados em peleja.

Ia neſte tempo ſe hiaõ deſcobrindo
As minas dos imigos, por aquella
Que dentro ſe fazia: ſendo viſto
Polos Mouros, repuxo fazem logo.
E ſendo deſaſeis dias de Agoſto,
Fogo lhe dam de preſſa: mas eſtavaõ
Todos tam prevenidos, que affaſtandoſe
Os Mouros, outro tanto ca fizeram
Dentro na fortaleza: e aceſo o fogo
Nam achando tal força, e reſiſtencia,
Qual era neceſſaria no repuxo,
Com aſpera braveza atras ſe torna.
Leva a face do muro com grande impeto,
E com medonho eſtrondo cae ſobre elles:

Que

Que corridos, por nam entrarem dentro
No paſſado combate, agora eſtavam
Pouco eſpaço apartados, eſperando
Que eſte muro cahiſſe, para entrarem:
Arremetendo todos com valente,
E animoſa ouſadia: mas bem foram
Seus oraculos, fortes, e prodigios
Falſos ao que cuidavam: que eſte peſo
Amaſſou, e ferio mais de trezentos:
Vazandoſe a furioſa, cruel chama
Por outras contraminas, que os de dentro
Abertas tinham ja por outras partes.
Quando o muro cahio, arrebentando
A mina dos imigos, levantouſe
Nos altos ares, pô tam groſſo, e turvo
E o fumo foy em tanto eſtremo negro,
Que com largo circuito ſe moſtrava
Hũa cerrada, eſcura, e triſte noite.
Fidalgos, e ſoldados todos entram
Com vivo coraçam, pola fumaça,
Horribel, atimando aos baluartes,
E a todas as tranqueiras: outros ſobem
Em cima do cubello, ſem lembrança
Que lhe podem por fogo. Ia deſfeito
O nevoeiro ali, que o ſalitrado
Peſtifero vapor tinha eſtendido:
O baluarte Sam Thome ſe moſtra
De hũa, e outra parte, com bandeiras
Deſpregadas ao vento, e aparecem
Todos para batalha, apercebidos.
Os Portugueſes chegam bem cubertos

Dos eſcudos, e logo em pouco eſpaço
Fazem, que eſtes imigos ſe arrependam
De ſer tam diligentes na ſobida.
Muitas eſpingardadas, muitas lanças
Arremeſſadas, vaõ fendendo os ares,
Rompendo entranhas vivas: mil panellas
Em labareda aceſas, vam voando:
Tambem valentes pedras, e outras muitas
Maneiras de dar morte. Tal ſe acerta
Cahir de agudo dardo atraveſſado:
Tal fica ali eſtendido ſem moverſe,
Tocado de pelouro que eſpingarda
Com violencia mandou: hum fica ardido
Em fogo irremediavel: e outro entrega
A fetas crudeliſſimas o peito.
Aqui Antonio Moniz moſtrava o preço,
E o valor que nas armas ſempre teve:
Pois Gracia Rodriguez bem trabalha,
O braço rodeando a todas partes:
Procura ſinalarſe no perigo,
Sem deſcanço tomar: o roſtro banha
Em ſuor abundoſo, e a dura eſpada
No eſcumoſo ſangue dos imigos.
Todos os mais fidalgos, e ſoldados
Nam eſtam de vagar, antes pelejam
Com tal impeto, e furia, que duzentos
Dos Mouros foram mortos neſta parte,
E das outras eſtancias receberam
Aſſinalada perda. Ia ſe affaſtam
Maltratados, feridos: e dos noſſos
Alguns perdem as vidas, outros ficam

Com

Com panellas de polvora queimados.
Couſa de admiraçam, que parecia
Ser ali milagroſa, que nam ſendo
Os Portugueſes mais, para deffenſa
De todas as eſtancias tam cahidas,
Que cento e cincoenta, e os mais delles
Feridos, e queimados, ſempre achavam
Os imigos, em todos os lugares
Forçoſa reſiſtencia, que cauſava
Hum grande eſpanto nelles. Affrontados
E de alcançar victoria duvidoſos,
Deſiſtem do combate: e recolhidos
Para a ſua Cidade, com tal perda:
O grande Rumecaõ affligе o eſpirito
Com imaginaçoens todas diverſas.
Sabe que dos Chriſtaõs duzentos eram
Com mais cincoenta mortos, e outros muitos
Doentes, mal feridos: e ſabendo
Que naquelle principio que aſſentaraõ
Cerco na fortaleza, nam avia
Outros tantos ali, que armas veſtiſſem:
Eſpantaſe, e nam ſabe que remedio
Niſto poſſa tomar: deſata, e manda
A fantaſia oppreſſa, por mil partes.
Arrebentalhe dentro nas entranhas
O triſte coraçam cercado de anſia.
Aſſi como frenetico tomado
Do mortal accidente, que o juizo
Lhe traſtorna de todo, ali imprime
Mil fantaſticas formas alteradas.
Affrontaſe o enfermo, e vira os olhos

Deſ-

Desvelados a huma, e outra parte.
Levanta os braços dando em vaõ mil golpes:
Com varios desatinos brada, e pede
Vingança para o mal, que imaginado
O triste passa; e sente tanto a penna,
E trabalhos gravissimos causados
So da imaginaçam, quanto se fossem
Verdadeiros, e firmes, nam fingidos.
Desta maneira aquelle belicoso
Prudente Capitam raivoso, e bravo
Consigo falla so, e diz bradando:
O fortuna cruel, cruel destino,
Como me perseguis com tanto dano?
Com tanta infamia minha? O' altos deoses,
Porque me permitis tam grandes males?
Porque ordenais, que assi tam pouca gente
Leve sempre o milhor dos meus combates?
Onde, todo o poder que ao Soltam destes
E toda sua força aqui esta junta.
Malditos sejais vos ò deoses falsos:
Maldito seja quem em vos confia,
E quem tem postas suas esperanças
Nos enganos de vossas vans promessas.
Pois que quereis que a maõs de tam vil gente
Sejamos todos mortos, e vencidos:
Mas isto nam será, que eu tenho forças,
E tal poder, que o mundo he pouco, ou nada
Para me contrastar: quanto mais estes
Miseros Portugueses, que nam podem,
Por razam soffrer ja tam duros males.
Dizendo estas palavras, todo aceso

Em

Em raivoſo furor, manda, num ponto
Que la na Igreja logo lhe derrubem
Os altos chapiteos, porque ficando
As caſas ſem reparo deſcubertas,
Executar pudeſſe a furia nellas,
Que no ſeu coraçam arde contino.
Eſtava a fortaleza tam cahida,
E tam rotos os muros, que aos imigos
Grande eſperança davam de victoria.
Em pouco eſpaço foy a Igreja toda,
Com grandes bombardadas derrubada,
E em todas as eſtancias ſempre avia
Rebates perigoſos. Neſte tempo
Determinam fogir huns tres eſcravos:
Confiados de achar nos ſeus ſocorro,
E aquella deſejada liberdade
Que os captivos procuram, pondo as vidas
A perigos, e mortes por ſalvarſe.
Eſperam todos tres que a noite venha
Darlhes favor, mudando em triſte ſombra
A clara, e gracioſa luz do dia.
Ia chegadas as horas opportunas
Que dam licença a mil ſecretos males,
Os conjurados vaõ a hum lugar baixo
Examinado, e viſto delles antes:
Deſeja cada hum ſer o primeiro
Que de fora ſe veja poſto em ſalvo.
Hum dece atentamente com ſilencio,
Outro ſeguindo vay os meſmos paſſos,
Ficando do terceiro o triſte eſpirito,
Com medroſo receo trabalhado:

Pa-

Parecendolhe sempre qualquer cousa
Que ali o ouve, ou ve ser ja sentido.
Pois vendose ja livres, e seguros,
Contentes todos tres, vanse á Cidade,
Ao grande Rumecaõ apresentados
Foram, que os recebeo alegremente.
Perguntalhe do estado forte, ou fraco
Da Christaá fortaleza, e os soldados
Se receberam grande perda, ou dano
Daquelle fero incendio, na passada
Mina, tam desastrada aos Portugueses.
Os fogidos lhe dam razam de tudo,
E particular conta: tambem juraõ
Que la na fortaleza sos avia
Sesenta homens, que possam tomar armas:
Porque todos os outros de diversas
Graves enfermidades, e feridas,
Maltratados estam, e quasi mortos.
Sabendo Rumecaõ o que deseja,
Aguarda que o gram Delio, claro Apollo
Venha dar luz as terras offuscadas,
E sombrias, co a noite fria, e triste.
Pois como amanhecesse, movem todos
Com guioens, e bandeiras despregadas:
Em grandes esquadroens, bem repartidos,
E para hum fero assalto assaz despostos.
Chegando perto ja dos baluartes
Tocase hum sino grande, e aos soldados
Chama com apressadas, vivas vozes:
Acodem logo todos diligentes
Ao rebate improviso, e as estancias

Num

Num momento ficaram povoadas
De valentes deſtriſſimos mancebos.
Os Mouros arremetem dando gritas:
Cometem Sam Thome, porque cuidavam
Que neſta eſtancia eſtava toda a força
Da mais principal gente: e em chegando
Começam de ſubir: mas acham dentro
Aſpera reſiſtencia. Vendo muitos,
E bem armados homens, cuidam certo
Que neſta parte eſtava a gente toda,
E que as outras eſtancias eſtariam
Deſemparadas, ſos, e ſem deffenſa.
Vay hum grande eſquadraõ muy furioſo
Cometer a tranqueira, e achaõ nella
Alguns fortes ſoldados, que os recebem
Com animos ferozes: huns com ſetas,
Groſſas, compridas lanças: outros muitos
De rodellas nervadas bem cubertos,
E nas direitas maõs largas eſpadas,
Provadas ja mil vezes em mil duras
Arriſcadas empreſas: outros acham
Com mortaes, e furioſos arcabuſes,
Com que muitos perderaõ na chegada,
Ás vidas, dando as almas aos abiſmos.
Vendoſe eſtes imigos enganados,
Dos Indios que fugiram, vaõ-ſe todos
Affrontados, corridos, condenando
A miſeravel morte os tres fugidos,
Para que geralmente foſſe exemplo
A ſemelhante engano, e ouſadia.
Vendo o gram Rumecaõ ſempre os ſucceſſos,

Em

Em todos os combates differentes
Do que elle deſejava, mandou logo
Fazer naquelle muro alguns buracos,
E por elles, com pedras, e eſpingardas,
Manda tirar contino aquella parte,
Que por mais baixa ſer que as outras ruas
A cova lhe chamavam. Aqui muitos
Eſcravos foram mortos, e em ſabendo
O Capitam tal dano, deu remedio,
Mandando abrir as caſas, e por dentro
Fazer as ſeryentias: tambem manda
Repairar com madeira, terra e pedra
Os topos deſtas ruas. Vendo os Mouros
Que a eſte mal remedio tinham dado:
Lançavam muitos panos todos cheos
De polvora, e ſalitre, que ſerviam
Quaſi como alcanzias, porque as caſas
Que neſta cova eſtavam, as mais dellas
Eram de ſeca palma fabricadas,
E dando o fogo nellas, facilmente
Poderiam queimarſe: mas Deos ſempre
Aos ſeus Chriſtaõs guardou de tal perigo.
Achandoſe das minas ajudados
Eſtes fortes imigos, tornam logo
Minar por outra banda aquella torre
Que o apelido tem de Sanctiago.
Mas os cercados vendo eſte tal dano
Diligentes acodem ao perigo
Com huma contramina: e ordenaram
Logo hum repuxo tal, que bem pudeſſe
A' força reſiſtir do embravecido,

E ſalitrado fogo: o qual foy dado
Com ſumma brevidade: e como a torre
Das grandes baterias eſtiveſſe
Abalada, e movida, cahio toda
Para a parte contraira dos imigos,
Ficando o muro ſam: foy Deos ſervido
Que os ſeus nam recebeſſem nenhum dano.
Aqui os Mouros ganharam deſta torre
Dous camellos, hum ſam, outro quebrado:
E dando todos juntos hũa grita,
Que baſtara cauſar qualquer eſpanto
Em outros coraçoens menos valentes;
Com ligeireza ſobem pola parte
Que dantes era torre, agora hum monte
De pedras, e caliça igual cos muros.
Seus guioens, e bandeiras aſſentaram
Em cima, rodeados de eſpingardas:
Dali gram dano fazem aos de dentro,
E delle outro tal tambem recebem.
Os Portugueſes poem logo fronteiro
Hum camello de bronzo, que lançava
Muy violentos pelouros, que aos imigos
Que alcançava fazia mil pedaços.
Ficou a Sancta caſa dedicada,
Para divinos cantos, e louvores,
De Sanctiago, tal, que ao meyo della
Era ali deffendido fortemente
Dos Mouros, pola parte donde a mina
Huma abertura fez, e dali tolhem
A entrada aos Chriſtãos: os quaes fizeram
Huma groſſa parede, reſiſtindo

Os imigos com força, que nam entrem.
Neſta tal contumacia ſe gaſtava
De cada parte o tempo: ora lançados
Os Mouros com ſeu dano: ora ſobidos
A peſar dos que ali lho defendiam.

Neſte decimo tercio Canto ſe trata, como chegaram a fortaleza Luis de Melo de Mendonça, e dom Duarte de Menezes, filho do Conde da Feira, e dom Jorge de Meneſes com alguns ſoldados. Trata tambem da vinda de dom Alvaro de Caſtro, e dom Franciſco de Meneſes: e de como o Capitaõ mor ſabio aos imigos, tornandoſe a recolher com perda, e morte de alguns fidalgos.

O Mundo mal recebe adverſidades,
Grandes contas a Deos dellas pedimos.
E ſe o Ceo nam reſponde ao que queremos,
De nós ouſadamente he reprehendido.
Qualquer pequeno mal julgamos logo
Por rigor, e aſpereza intoleravel,
Sem nos lembrar, que Deos, como nos ama,
O que nos he melhor, ſempre nos buſca.
Se por nós quis veſtir humana carne,
E padecer na Cruz horrenda morte,
Como ſe pode crer que os noſſos males,
Para nos fazer mal elle os permita?
Sam caſos que a divina Providencia

So para ſi os guardou, e ſo os entende,
Louvemos o que faz, pois he tam juſto,
Sejam boas, ou mas as aparencias.
Quatorze dias eram ja de Agoſto,
Quando eſſe Luiz de Mello de Mendonça,
Na pequena galveta embarca, e ſegue
Outra vez a viagem, pondo a vida
Ao perigo evidente, das ſoberbas,
E proceloſas ondas. Leva noye
Soldados Portugueſes: mas o tempo
Naquella conjunçam foy tam furioſo,
Que la dentro no golfam, muitas vezes
A pequena galveta ſe cubria
Daquella tam ſoberba, e revolta agua.
Os ſoldados começam (vendo a força
Dos ventos, e o mortal termo chegado)
Enfraquecer de todo, e determinam
Fazer que o Capitam por força arribe.
Aires Gomes de Quadros, que era hum delles
Lhe deſcobre eſte intento; mas o forte
Mancebo, toma as armas deſmandadas
Daquelles que o motim tinham movido,
Tendo elle nas mãos ambas alto erguida
Hũa luzente, aguda, larga eſpada,
Diz com bravo ſembrante: Ninguem ſeja
Mais ouſado a fallar, nem tema dano,
Que em fim Deos he por nos, e deſta affronta
Todos nos ſalvará. Sus bons ſoldados
Eſforçay, eſforçay, que neſtes tempos
Se moſtram coraçoens livres de medo.
Dizendo eſtas palavras, rompe as nuvens

Hũa ligeira luz de vivo fogo:
Ouveſe polos ares hum rogido
Eſpantoſo que corre a todas partes:
Deixaſe vir abaixo impituoſa
Eſpeſſa, e groſſa chuiva, acompanhada
De horrendiſſimo vento, que revolve
Com grande furia o mar: fica a galveta
Cuberta de mil ondas, e eſcondida
Toda a gente ficou debaixo da agua.
Aparece outra vez o affadigado,
E ſumido navio: Soa hũa alta,
E miſeravel grita, a Deos pedindo
Mercê, dizem: Senhor miſericordia.
Luiz de Mello esforça a deſmayada
Enfraquecida gente, alto dizendo:
O nobres companheiros, ó ſoldados
Naõ moſtreis tal temor, que os Portugueſes
Aſſi ſervem ſeu Rey. Mores perigos
Paſſamos todos ja, pois que fraqueza
He eſta que moſtrais injuſta agora?
Acodi, acodi ao neceſſario,
Nam vos eſpante a força deſte vento,
Nem menos eſtas tam ſoberbas ondas,
Que eu vos affirmo aqui, que Deos nos leve
Todos a ſalvamento dentro a Diu.
Ouvindo eſtas palavras, toda a gente
Acode aos ambornaes, e faeſe humilde
Toda quanta agua entrou dentro ſoberba.
Com tal navegaçaõ, tam trabalhoſa
Surgiram dentro em Diu: de que a gente
Moſtrou grande alvoroço, polas novas

Qu

Que deu da outra armada, que ficava
Procurando chegar, soffrendo a furia
Daquella tam terribel tempestade.
A vinte deste mez tambem chegaram
Dom Jorge de Menezes que a Cidade
De Baroche tomou, e outro mancebo
Chamado dom Duarte de Menezes,
Filho daquelle antiguo illustre Conde
Que la na Feira tem renda, e governo.
Num Catúr estes ambos vinham juntos.
Trazendo dezasete bons soldados,
Todos vem desejosos de mostrarem
Honra, valor, esforço, e valentia.
Quis o Capitam mór polos em parte
Onde se sinalassem seus ousados,
E vivos coraçoens. Entrega logo
A guarda a todos tres do baluarte
Sam Thome, que os imigos quasi o tinham
De todo ja ganhado, vindo sempre
Com impeto arrunhando pola banda
Donde a mina foy feita junto ao muro.
Estavam ja Senhores, e occupavam
Do entulho, aquella parte que de fora
Para elles se estendia. Muitos ouve
Dos imigos, qne neste gram trabalho,
Vidas, e almas perderam juntamente,
Sem tornar nunca atras de seu intento.
O Capitam dom Joaõ co a nova vinda
De tam bons companheiros, determina
Tornar ganhar aos Mouros tudo quanto
Daquelle baluarte tem perdido.

Aper-

Apercebidos todos de muy fortes,
E proveitosas armas, entram dentro
Do cerco, que os imigos tinham feito
No mesmo baluarte, e como fossem
Aceſos em furor: em pouco espaço
Mataram muitos delles, e lançaram
Com pura força aos outros desta estancia.
Os Mouros levantaram grande grita.
E antre ella vivas vozes de bastardas,
Sonorosas trombetas, ao rebate
Acode a gente toda da Cidade.
Cobreſe num momento o novo muro,
De mil montes de tesas, grossas lanças,
De espingardas, de dardos, e de muitos
Curvos, nervosos arcos. Aparecem
Bandeiras arvoradas, e hũa turba
De muy lustrosa, armada, e forte gente.
Repartense em chegando, polas torres
De Sanctiago, e Sam Thome: disparam
Muitas espingardadas, grandes nuvens
De setas, outros correm dando gritas á
A tranqueira cometem, donde fora
O desastre passado. Destas partes
Os Portugueses fazem mortal dano,
Pelejando igualmente braço a braço.
Nesta tal conjunçam o claro Apollo
Foy escondendo os seus dourados rayos,
Detraz de grossas nuvens, e cobrioſe
O Geo de negra cor, lançando rijo
Hũa multidam grande de agua espessa,
Que fez logo cessar a bataria.

Co-

Como os Mouros ſe viram bem ſeguros
Do fogo, todos juntos arremetem
Ouſados, e combatem ſem receo:
Danſe mortaes lançadas huns aos outros,
Encontranſe as eſpadas cortadoras
Com peſados alfanges, retinindo
Os liſos capacetes, e os eſcudos,
Com grandes, apreſlados, duros golpes.
Dom Duarte, Dom Jorge ambos Meneſes,
Moſtram ſeus coraçoens ſem nenhum medo,
Cubertos dos eſcudos, apertando
As eſpadas nas mãos fazem temerſe.
Dom Franciſco Dalmeida eſta travado
Em aſpera peleja ſem deſcanſo
Tomar hum ſo momento: da mil golpes
Peſados, e furioſos, amoſtrando
A muita valentia de que eſtava
Seu coraçam altivo, ornado ſempre.
Aqui Antonio Moniz, e Luis de Mello
Bem fazem conhecer ſeu grande eſforço,
As eſpadas, e as mãos tintas em ſangue
Dos que a elles ſe chegam mais ouſados.
Pois Gracia Rodriguez bem peleja,
Com vivo coraçam, robuſto, e duro.
Aſſi todos os outros cavalleiros
Animoſos, pelejam com tal preſſa,
Que o mundo parecia ali fundirſe.
O Capitam prudente Mazcarenhas,
Com diligencia acode aos tres lugares
Affrontados dos Mouros, com palavras
Que em tal conjunçam criam novo ſpirito.

Os

Os ſoldados anima, ſocorrendo,
E ajudando co a eſpada cortadora
Aquelles que tem mais neceſſidade.
Frios corpos ſe eſtendem ja ſem vida,
Em húa, e outra parte: mas dos Mouros
Era o numero mais: muitos feridos
A ſeu peſar deixaram a peleja.
Querendo os Mouros ja deixar o duro
Trabalhoſo combate, ſe romperam
As nuvens la no Oriente, e aparece
A clariſſima face do gram Phebo:
A agua ceſſar fez, que do Ceo vinha,
E hum tempo concedeo ſereno, e limpo.
Logo os que pelejavam, vendo as nuvens,
Eſgotadas ja da agua, que ficavam
Mais leves, e de cor mais aprazivel,
Tornaõſe ás eſpingardas, e alcanzias:
Diſparam muitos tiros, e arremeſſam
Mil panellas aceſas, nas eſtancias,
Chovendo em ambas partes vivo fogo.
Eſte ſereno tempo foy aos Mouros
Cauſa de grande eſtrago, nam ficando
De todo livres delle os Portugueſes.
O combate durou mais de ſeis horas,
A noite lhe deu fim, a qual ja vinha
As terras, e altos ares aſſombrando.
Ficam ali ſem vidas muitos mortos:
Outros muitos feridos, vaõ gemendo
Lamentando ſeu mal, ſeu triſte fado.
Deſpois deſte combate, ao outro dia
Chegaram Dom Antonio de Taide,

E Franciſco Guilherme, em dous Catures.
Quinze ſoldados traz cada hum delles,
Envejoſos das honras que ganhavam
Os que eſta fortaleza defendiam.
Do Capitam mor foram recebidos,
E dos outros fidalgos com muy grande
Alvoroço, o prazer: eſtes diſſeram,
Que a outra armada eſtava pouco eſpaço
Apartada dali, que em breves dias
Surgiria no porto. Com tal nova
Ficou a gente toda tam contente,
Quanta era a vexaçam, e a trabalhoſa,
Grande neceſſidade que ſofftiam.
Tambem foy grande alivio aos que contino
Pedras acarretavam, com gram ſoma
De terra, e groſſas vigas: com que fazem
Proveitoſos repairos, e defenſas.
Logo o Capitaõ mor aos marinhetros
Mandou que ſe occupaſſem no trabalho:
Dando alivio algum aos ja canſados.
Quando os imigos viram que hum bom tempo
Sororro concedia, determinam
Com mais preſſa minar a fortaleze.
Que eſta ſo eſperança lhes ficava
De a poder alcançar: ſe toda junta
Podeſſe vir ao chaõ por todas partes.
Deſpois de ja aſſentado eſte conſelho,
Começam de minar com brevidade
Todo o lanço do muro, que corria
Da tranqueira ao cubelo do Peçanha.
Bravo fogo lhe daõ: mas prevenidos

Os

Os Portugueſes diſto, nenhum dano
Receberam, e o muro cahio todo.
Mas dentro tinhaõ ja feito outro muro,
Muy alto, largo, e forte, que ſofteve
E reſiſtio a entrada dos contrairos.
Ia ſe acarreta terra: ja mil vigas:
Ia pedra, e outras couſas neceſſarias.
Fidalgos, e ſoldados todos andaõ
Neſte trabalho tal, muy diligentes:
Acodindo de preſſa ao lugar fraco.
As ricas armas trazem de po cheas:
Os roſtros affrontados, e cubertos
De abundoſo ſuor, continо, e groſſo.
Eſte juſto trabalho conſtrangia,
Ser o Capitam mor nelle o primeiro:
O qual deſtes fidalgos rodeado,
Trazem todos nos ombros graves peſos,
Com mais razam divido a vulgares
Ruſticos jornaleiros: mas a hum nobre
Sangue, em tal conjunçam tudo he devido.
Por milagre evidente ſe julgava,
Antre tal multidam de fera gente:
Antre tantos pelouros, tam continos,
Nam ſer nenhum dos noſſos Portugueſes,
Nem morto, nem ferido neſte dia:
Andando deſcubertos, ſem fazerem
Caſo das bombardadas, e outros tiros
De eſpingardas, e ſetas, que ſobre elles
Eſpeſſos vinham la dantre os imigos.
Os quaes vendo que aqui nam tem remedio:
Com furor, e com novas forças tornam

Co-

Cometer Sam Thome, e tanto inſiſtem,
Que aquelle eſpaço tomam, que ja dantes
Nelle tinham ganhado. Muitos ſobem
Aceſos em furor polas paredes
Que eſtavam derrubadas: fortalecem
O meyo deſta eſtancia, pelejando
Cada momento, e hora, ſem deixarem
Tomar algum deſcanſo, aos que ametade
De dentro com esforço deffendiam.
Neſta tal conjunçam, quis o prudente
Dom Joaõ Maſcarenhas ter aviſo
Do que os Mouros faziam: deſejando
Hũa lingua tomar, que lhe de nova
Do que o gram Rumecão la determina.
Eſcolhe hum valente homem, que em perigos
Se moſtrava animoſo, cujo nome
Era Antonio Correa, e a eſte manda
Que leve alguns ſoldados: embarcando
Num ligeiro Catur, naquellas horas
Em que a noite ſe moſtra mais eſcura:
Tomando a terra firme, que ſe via
Fronteira da outra banda: e ali todos
Eſcondidos, detras de humas pequenas
Palmeiras, que da eſtrada eſtam vezinhas,
Aguardem alguns Mouros, dos que ſempre
Por ali vaõ, e vem: e que hum lhe tragam,
Que lhe poſſa dar novas, ſe ſam feitas
De novo no arrayal algumas obras.
O valente ſoldado deſpedido
Do Capitam mor, vay logo embarcarſe:
O ferro levantaram de tres dentes,

Que

Que o Catur fogigava, e manſamente
Ferem co remo, a onda eſcurecida
Co a tenebroſa noite, vam guiando
Ao lugar limitado, onde eſtivetaõ,
Ate que ſe moſtrou riſonha e leda
A beliſſima Aurora: derramando
Ao derrador do Ceo, purpureas roſas.
Embarcaranſe todos deſcontentes,
Por nam poder fazer a deſejada
Preſa, que hiaõ buſcar: porem naõ foraõ
Sentidos no arrayal, e deſta ſorte,
Duas vezes ali foram, mas ambas
Aſſi como a primeira, tornaõ triſtes.
Paſſados deſpois diſto cinco dias,
Ao Capitam differaõ que hum pequeno
Fogo, na propria ilha ſe fazia:
Quaſi no cabo della, e parecendo
Ser alguma vigia (o que em verdade
Era, que os Mouros tinham neſta parte)
Foy Antonio Correa por mandado
Do Capitaõ geral, logo embarcarſe:
Levando no Catur vinte ſoldados,
Partem do porto, e vaõ remando ſempre:
Chega onde parecia a luz do fogo,
E ſurgido o Catur diſtante delle,
Deſembarca o vaiente e bom ſoldado:
Fiando ſo de ſi a incerta empreſa.
Vaiſe direito ao fogo, e poſto em parte
Onde deviſa tudo o que deſeja,
Vio eſtar aſſentados doze Mouros
Derrador da fogueira que hũas vezes

Mor-

Morrendo a labareda, os deixa em ſombra,
Outras torna a dar luz co a diligencia
Com que os Mouros lhe poem aſſopro e rama
Vendo Antonio Correa que eram doze
Os que eſtaõ vigiando, vay de preſſa:
Diz a ſeus companheiros: ſus, ſeguime
Que temos preſa boa, ſem nos pormos
Em riſco, ou em ventura de perdernos.
Todos deſembarcando, o vaõ ſeguindo:
Levaõ preſtes as armas: mas mais preſtes
E ligeiros os pes para a fogida.
O' baixa, crivel gente, que chegando
Onde os Mouros eſtavam, todos vinte
Se tornam para tras, virando as coſtas
Fogindo ſem lembrança de deſonra.
Fica o Correa ali deſemparado,
Mas elle ſo valia mais que os outros,
Move com força o braço: da mil golpes
Muy grandes, e peſados: mas os Mouros
Animoſos o cercaõ, levantando
Alaridos nas nuvens, acometem
O esforçado varam por todas partes.
Qual ſe moſtra feroz, raivoſo, e bravo
No campo o Iavali, que perſeguido
De animoſos libres, e dos monteiros
Que a morte lhe procuram, vendo a preſſa,
E alaridos dos caens, que ja lhe chegam,
Com temeroſos roncos, encreſpadas
As irtas ſedas, vira, bate o dente
Agudo, todo envolto em branca eſcuma,
E ao que chega hũa vez, faz que nam ouſe

Im-

Importunalo mais. Aſſi o animoſo,
Valeroſo ſoldado aperta rijo
A eſpada na maõ, e aceſo em yra
Eſcarmenta os imigos: mas canſado,
E as forças ja de todo enfraquecidas,
Nam podendo mover a eſpada, cerram
Seus contrairos co elle ouſadamente:
Derrubaõno, e as mãos atras atadas,
Deſarmada a cabeça, o levam preſo
Ao Capitam geral: que em grande eſtremo
Co elle ſe alegrou, por ſaber novas
Do trabalho em que eſtava a fortaleza.
Pergunta ſe virá cedo o ſocorro;
Se eſperam muitas vellas: e pergunta
Que defenſa terá dom Joaõ, ſe foſſe
Acometido entaõ por toda a gente
Que no arrayal avia: quantos eram
Os homens que podiam tomar armas,
E quantos eram mortos no diſcurſo
De todo aquelle cerco: e outras couſas
Muito particulares lhe pergunta.
Mas Antonio Correa a nada diſto
Reſpondeo á vontade de que o Mouro
Deſejava ſaber, o qual aceſo
Em colera, e furor, manda que ſeja
Ao cabo de hum cavallo fortemente
Atado, e que arraſtado ſeja logo
Pola Cidade toda: deſpois manda
Por ultima ſentença que o degolem.
O' mancebo ditoſo, que tam perto
Por eſſa morte eſtas de alcançar vida,

Que

Que para ſempre dure deſcanſada.
Os Martyres no Ceo já te aparelham
Lugar, para que eſtés em gloria, dando
Louvores ao que quis nelle admitirte:
Angelicos eſpiritos juntamente
Se alegram, e feſtejam teu martyrio.
Os Mouros que apegados aſſtam nelle
O levam com injurias, dando grita,
Eſtendemno no chaõ, e os pes atados
Ao cabo de hum cavallo, vam contentes
Arraſtando o que eſtava mais contente,
Por morrer pola Fe. Levava os olhos
Levantados no Ceo, com ledo roſtro,
Pedindo a Deos favor em tal tormento.
Ia leva quebrantado todo o corpo:
Ia por alguns lugares corre o ſangue,
Que dava teſtemunho da pennoſa
Grave dor que padece. Acompanhava-o
Gram concurſo de gente, e polas ruas
Por onde vay lhe dizem mil injurias
Com tal penna, e deshonra foy levado
Por todos os lugares da Cidade,
E no fim da jornada tam ditoſa
A cabeça lhe cortam: ſay hum rio
De puro, e quente ſangue: e vay voando
A inviſivel alma libertada,
Ficando o corpo ali feito pedaços.
A cabeça fixada em groſſa lança
Foy poſta num lugar que eſta defronte,
E vezinho dos muros Portugueſes:
Para que ſendo viſta dos que dentro

Eſtavam, recebeſſem diſſo penna.
Paſſada a noite, viram la de cima
Dos muros a cabeça que eſtilava
Gotas de negro ſangue, e conhecido
Aquelle mortal roſtro dos ſoldados
Que as eſtancias guardavam, vaó de preſſa
Dizello ao Capitam, que gravemente
Eſta morte ſentio, e muitos outros
Amigos que ali tinha, bem moſtraram
Com lagrimas a dor que as triſtes almas
(Vendo o triſte eſpectaculo) ſentiram

Alguns Mouros eſtavam tam ſoberbos,
Vendo a fortuna, e tempo que ſucedem
Ambos em ſeu favor, que procurava
Moſtrarſe cada hum de vivo ſpirito
Em couſas arriſcadas: pondo a vida
A perigos notaveis, levemente,
Moſtrando hum coraçam ſem nenhum medo.
Aconteceo deſpois da cruel morte
Do valente Correa, no ſegundo
Dia de ſeu Martyrio, que intentando
Hum Mouro fazer couſa, que julgada
Antre elles todos foſſe por muy grande:
Ouſadamente ſobe num repairo,
Que o Capitaõ mandou que ſe fizeſſe
Onde hũa torre foy, com grande força,
De muitas bombardadas derrubada.
Deſpois de ja ſobido, afferra rijo:
Esforçaſe a levar hũa bandeira
Que ali eſtava arvorada: mas nam pode
Deſta vez arrancala, e recolheoſe

Sem

Sem receber dos nossos algum dano.
O intento do Mouro, já entendido,
O Capitam mandou que tres soldados
Prevenidos estem, porque presume
Que outra vez tornará provar, se pode
A bandeira levar, e aparecendo
Num ponto todos trez, nelle disparem
Furiosos arcabuzes: porque o Mouro
Gabando nam se va desta ousadia.
Assi como acontece ao cobiçoso
Caçador, que deseja empregar tiro
Na caça, que presume passar cerca,
Polo posto onde está, já conhecido
E examinado dantes, ali aguarda
Com prontos olhos, e com pronto espirito;
Vendo que ja aparece, ou toda, ou parte,
Por antre verdes ramas escondida,
Num momento despede a erveda seta,
Que voa rechinando polos ares:
Num tempo juntamente soa o brado
Da corda que escapou, e a caça morre.
Assi estam os soldados aguardando
Que o Mouro outra vez torne, tendo sempre
Arcabuzes nos rostros: chega o Mouro,
Afferra na bandeira, e num momento
Hum dispara a espingarda, corre o fogo:
Embravecido, lança hum fumo espesso
De arrebatada morte acompanhado.
Polo meyo do peito entra o pelouro,
Fazendo mil pedaços as entranhas:
Passa sem se deter as costas, foge

Eſcondido nos eſtribos, e eſtendido
O Mouro fica ali de todo morto.
O ſoldado eſquecido do perigo,
Com muy grande alvoroço ſobe ufado,
Em cima do repairo, e num momento
Se lança la na parte, onde eſtendido
O Mouro eſta debruços: e em chegando
A elle, ſem temor das eſpingardas,
Que da parte contraria lhe tiravam,
Arranca a eſpada, e da com grande força
Hum golpe na garganta, ſay hum ſangue
Das veas vagaroſo, negro, e frio.
O ditoſo mancebo levantando
A defunta cabeça, que ficara
Apartada do corpo, denegrida:
Retroſidos os olhos, a ſangrenta
A boca mea aberta, recolheoſe
Co ella para os noſſos, ſem ferida,
Nem dano receber, aſſaz contente
Por lhe ſucceder bem, com tanta honra
O feito a que ſe pos, com tanto riſco:
Nam pertendendo mais outro intereſſe,
Que aquella fama ſo, que os Portugueſes
Antigos procuravam, pondo as vidas
A mil grandes perigos levemente,
So por delles ficar viva memoria.
O Capitam mandou que foſſe logo
Poſta na propria lança, onde a bandeira
Que elle vinha tomar eſtava atada.
Ficou fronteira ali por muitos dias,
Da que Antonio Correa perdeo, dando

Ao nome Luſitano honrada fama.
Creciam ſempre mais em força os Mouros
Nos aſperos combates, ja faltava
Muy pouco por tomar, e ſer ſenhores
Da eſtancia S. Thome: mas acodindo
O forte Capitam com diligencia,
Manda pêo hum furioſo Baſaliſco,
No mais alto da Igreja: e deſta eſtancia
Sagrada, os Mouros foram maltratados,
E co aquelle eſpantoſo, groſſo tiro,
Todos ſeus edificios deſtruidos.
Neſte mez Ruy Fernandez tambem veyo,
Que era em Chaul feitor, eſte trazia
Vinte, e quatro ſoldados: la ſe vinha
Cada hora acrecentando ali o ſocorro.
Aquelle que venceo o bravo, e fero,
Eſpantoſo Python, e foy vencido
De Daphne nimfa bella, iſenta, e dura:
Alegrando ja vinha com ſeus rayos,
A caſa onde a Balança tem num peſo
Igual noites, e dias: quando longe
Engolfadas no mar, la ſe deviſam
Vinte vellas inchadas com bom vento,
Cortando as groſſas ondas, e aparecem
Bandeiras que hũa cruz trazem vermelha:
Outras as Portugueſas Reaes quinas.
Sinal ſe deu da armada, num momento
Acode muita gente aos baluartes,
Que para o mar tem viſta, e delles olham,
Como todas as ſuſtas vinham juntas,
E a preſſa com que vem ſurgir no porto.

Ia chegadas, disparam muitos tiros,
Salvando a fortaleza, e os de dentro,
Com algũs lhe respondem dando gritas.
Sabendo o Capitam mor que ali vinha,
Dom Alvaro de Castro, e dom Francisco
De Meneses, foy logo recebellos,
Com todos os fidalgos, e algũs outros
Cavalleiros de preço. Recolhidos
Todos na fortaleza, e descansados
Aquelles que das ondas algum dano,
E affronta receberam: foy entregue
Dom Alvaro de Castro da tranqueira
Que estava no lugar mosino, e triste,
Porque com sua gente so bastava
Deffendella aos imigos. Dom Francisco
De Meneses, se foy ao baluarte
S. Thome, que ali está quasi caydo,
E perigoso assaz. Todos os outros
Capitaes, e fidalgos se repartem,
Delles em Sanctiago, delles nesta
Estancia S. Thome: que nestas partes
Todas tres se mostrava ali o perigo.
Muito mais evidente: trazem logo
Das fustas mantimento, com que a gente
Satisfeita ficou, remediando
Suas necessidades alguns dias.
Ia nam trabalham tanto deffendersse,
Quanto por offender a seus imigos.
Nisto determinados, assestaram
Tres camellos de bronzo em tres lugares,
Que nas suas estancias, grande dano,

Mor-

Mortaliſſimo eſtrago lhe faziam.
Hum esforço moſtravam, com que os Mouros
Aparecer nam ouſam, nem ſairſe
Fora dos grandes valos: porque a morte
Com furia arrebatada, num momento
Lhes aparece, e da fim deſaſtrado.
Eſtando neſtes temos hũs, e os outros,
Confiados nas forças que ali tinhaim
Quiſeram retirar os Portugueſes
Hum grande, e monſtruoſo baſaliſco,
Que eſtava em S. Thome: mas tanto eſtava
Metido pola terra, que nem forças,
Nem induſtria, nem manha lhe dam vento.
Pois vendo que era vaõ todo o trabalho,
E que era por demais poder movello,
Ligamno com amarras fortemente,
Avendo que aſſi fica bem ſeguro.
Mas nam lhe ſoccedeo como cuidavam:
Porque os Mouros que vinham ſolapando
A eſtancia, que eſte tiro ſuſtentava,
A fizeram tam fraca, e pouco firme,
Que ſoffrer nam podendo o grave peſo
Se rendeo para baixo, e nam podendo
De todo ali cayr o grande tiro,
Ficou dependurado das forçoſas,
E groſſas aradoras. Os ſoldados
Que nas fuſtas vieram, vendo a força
Com que os muros desfazem, e o continuo
Trabalho dos pioões, com que no muro
Hum tenteroſo ſom ſempre ſe ouvia:
Ouvindo elles tambem fallar nas minas:

Na

Na braveza do fogo, que em pedaços
Arremessa aos ares muro, e homẽs:
Pesavalhes do cerço, e determinam
No campo pelejar como valentes,
E nam morrer ali por desastrada
Sorte, como ja a outros succedera.
Ajuntaõse em conselho antre si mesmos,
Dizendo, que melhor aos Portugueses
Seria ser primeiros nos encontros:
Fazendo elles fogir a seus imigos,
Que esperar, que se fossem livremente
E sem receber dano: tambem dizem,
Que se o Capitam mor tinha ganhado,
Deffendendose tanta fama, e honra,
Que muito mais louvor lhe estava certo,
Se pelejando em campo, e em batalha
Aprazada, os vencesse: e se esquecido
Da honra, e gloria antiga Portuguesa,
Isto, nam concedesse, que em tam nobre,
Illustre companhia, certo estava
Acharse quem seguise esta famosa,
E tam honrada empresa. Todas estas
Cousas, antre os soldados se praticam:
Os quaes todos num corpo amotinados,
Com animos ferozes se vam juntos
Buscar o Capitam, e nam o achando
Naquella conjunçam, em sua casa,
Ascendese nos peitos alterados,
Hũa dissensam grande, e brava furia.
Aquelle infernal Rey, que as tristes almas
La no profundo abismo, eternamente

Caſtiga com rigor, e em priſam dura:
Com mil pennas, e males ſem remedio
Atribuladas tem, vendo deſpoſta
Hũa tal conjunçam, em que podia
Eſtes noveis ſoldados Portugueſes,
Com ſeu Capitam mor revolver todos,
Com horrida voz chama Alecto, e dizlhe:
Ao alto mundo ſube, e vaite a Diu,
E aos ſoldados que agora ali ſe moſtram,
Contra o Capitam mor quaſi diviſos,
Encherás de furor: movendo antre elles,
Tam grande diſſenſam, que ſe nam poſſa
O Capitam valer, e furioſos
Os imigos comecem, recebendo
Aquelle galardam, que de tam leves
Iuyzos, ſempre em taes caſos reſulta.
Em quanto Pluthon diſſe eſtas palavras,
Tremeo co a voz o centro negro, e triſte;
As immundas cavernas rebramarã,
E as atligidas almas deſmayadas
De puro medo, ali ficaram mudas
Os monſtros infernaes, polas ſombrias
Concavidades todos ſe eſconderam;
Do ſembrante eſpantoſo, e viſta eſquiva
Do bravo, cruel Rey, medonho, e fero.

La no meyo de Italia, ao pe de huns montes
Altiſſimos, ſe faz hum vale eſcuro
De negro, e eſpeſſo boſque rodeado:
Polo qual hum medonho, e torto Rio
Corre com gram rugido antre penedos.
Dentro neſte lugar, ſombrio, e triſte,

Hũa

Hũa profunda cova, e boca horrenda
Eſcuriſſima eſtá, e nella ſe abre
Hũa fera garganta, que deſcobre,
As triſtes negras agoas de Acheronte,
Infernaes, e peſtiferos vapores
Deſta eſpantoſa boca vem continos
Daqui ligeira ſay aquella horribel,
Abominavel furia, que com impio,
Duro, ſangrento, agouro, as triſtes almas
Caſtiga com rigor perpetuamente.
Duas aſas eſtende, e ſolta aos ares,
As pennas de cor negra, e pelo triſte,
Os olhos rutillando ardente fogo,
Moſtrando hum cenho eſquivo, e odioſo ao mundo.
Palido o roſtro, a fronte rodeada,
De venenoſos Aſpides nocivos:
As mãos, e eſcura veſte, de corrupto
Humor, e ſangue vil, todas manchadas.
Com eſtrondo eſpantoſo as aſas bate,
Deſpedindo fumoſo, e negro lume,
A pedragoſa altura do Apenino,
Monte, demanda, e da ſubida pena.
Vira os olhos á parte eſquerda, e nesta
Como ſe vay moſtrando, por tal parte
Eſſa famoſa Italia, reclinbatida
Do Adriatico mar, e mar Thirreno
Ve Apullia, e Calabria: ve Siponto,
E aquelle monte Gargano vezinho,
Illuſtrado co a luz viva, e fulgente
Do Arcanjo, a quem Luzbel eſtá rendido.
Ve Brundufio aſſiſtente ao rompimento

Deſ-

Dessa gente Cesarea, e Pompeana:
Ve que do mal passado se lamenta
Hidrunto em outro tempo, Otranto agora.
Ve Tarento feroz, assento antigo
Dos bravos enemigos dos Romanos,
E ve deffronte os portos, os de Albania:
Os de Epyro, Durazo, e os de Velona.
A pestifera Dessa corre a vista,
Ao longo da outra costa do Adriatico;
Ve Dalmacia, com tantas fortalezas,
Do perfido Tyrano possuydas:
E os seus povos Illiricos oufados;
De animos invenciveis, bellicosos:
Viver agora ja em triste jugo,
De sogeiçam tirana, dura, e barbara.
A Istria chega os olhos, e ve nella
Os Alpes descansar, despois que a Italia
Deixam mumda, e forte, com mil voltas
De levantados montes, e agras serras.
A Austria ve soberba co Danubio,
Illustrada das ondas crystalinas:
Ve Boheria cercada da Herecinia,
Onde o Albis nascendo, a rega, e lava.
Ve Moravia, e Saxonia poderosa,
Por seus cavallos Frisia conhecida:
Junto desta vio Hassia, ambas sentadas
Antre os famosos rios Rhenb, e Albis.
Toda Alemanha ve, onde o gram Phebo
Oblicos manda os seus dourados rayos:
Ve Vngria, e Polonia, ambas partidas
Co as fraldas desse gram monte Carpathos.

E vio aquellas gentes obſtinadas,
Na ſua opiniam, e infernal cizma,
Que vibrando os nervoſos, curvos arcos,
Nuveẽs de ſetas lançam nos imigos.
Lituania, e Livonia, com fornbroſas
Coroas de pungentes, e altos pinhos:
Ve dellas vir Boriſthenes bramindo
Com impeto rompẽdo o ponto Euxino:
Aquelles ve tambem, que mais ao Norte
Em mil perpetuas neves ſempre vivem,
E a mor parte do anno ſe lhe eſconde
O lathonico carro em groſſas nuvẽs.
Poem os olhos em Grecia, e ve a inſigne
Theſalia do Peneo, ja libertada,
E vio a inculta Tracia, onde os dous montes
Hemo, e o Rodope ambos ſe exalçam
Regada co a corrente amena, e doce
Do Hebro, que com voz confuſa, e rouca
Inda lamenta a morte, e fim tam triſte
Daquelle que Euridice em vaõ chorava.
Ve da Pharſalia os campos triſtemente
De ſangue de Romãos todos banhados:
Ve os diroſos Pheaces, e as alturas
Com que os Acroceravinos o Ceo tocam
Infamados com mil naufragios triſtes,
De graves, deſaſtrados, infortunios:
E aſſentados ambos la em Epiro
O Adriatico mar, e o Ionio, Aparte.
E vio aquella parte que com voltas
A corrente veloz de Halyacmon banha,
E as ondas de Axio liquidas, que alegram

Os

Os campos dessa antiga Macedonia.
Ve aquella regiam fim dos trabalhos
Do filho de Agenor, cuja Cidade
Pola musica, e harpa sonorosa
De Amphion, foi de muro alto cercada.
Ve desta a antigua Euboea dividida,
Polo temido Euripo, aos navegantes
Espantoso, e cruel, polas mudanças
Sete vezes ao dia nelle certas.
Ve a grande Morea entre dous mares:
Onde Corintho lustra o mar Egeo,
E o Ionio se ennobrece, e toma brio,
Tendo na boca o golfo de Lepanto.
Insigne, co a victoria antiguamente
De Octaviano Cesar: mas agora
Muito mais celebrado, mais insigne
Co a fama do mancebo, que Austria exalça.
A' parte do meo dia volve os olhos,
E ve o Thyrreno mar que lava Italia,
Ve por elle assentado aquelle reino,
Sobre o qual ouve ja tantas discordias.
Cicilia vio, e os altos promontorios,
Que Trynacria lhe dam por appellido:
Por quem Romaõs, e Penos, as sangrentas
Armas, com brava furia, ja tomaram
E passando cos olhos ao dereito
De Affrica, bem no fim vio a Numidia,
De ferissima gente, ousada, e forte
Entre a antiga Carthago, e Mauritania.
Ve a Penthapolim, e no deserto
Areoso, devisa as sepulturas.

Dos

Dos Philenos yrmãos, que poſpuſeram
O goſto de ſua vida, ao bem da patria.
Ve Marmaryca ao longo la do Egypto:
Que os moradores barbaros conſtrange
Buſcar torpes comidas, pola falta
Dos noſſos coſtumados mantimentos.
Os feros Troglodytas ve que habitam
Lugares ſolitarios, eſpantoſos,
Naquelles arcaes, onde Vulturno
Abate daqui ſeras, dalli as alça.
A quente Ethyopia ve toda eſtendida
Ao longo do gram Nilo, cujas ondas
Da ſua alta catadupa deſpenhadas
Enſurdece os vezinhos, e os atroa.
Centypoléa ve donde devia
Miſeraveis ruinas de Cidades
Outro tempo famoſas: e ao preſente
Delas enxerga ſo triſtes memorias.
A freſca, e fertil Cipro, onde ſe honrava
Antiguamente a bella Cytharea
Ve com grande alegria, polas mortes,
Polos danos, belligeros futuros.
Quando do cruel Barbaro inſolente,
A poderoſa mão, e forte armada,
Em ſangue banhará praças, e ruas
Da forte Phamaguſta, e Nichoſſya.
Deſpois que as brava furia vio dos ſados,
O que de Europa, e Affrica ſe mostra
Em Aſia firma os olhos, eſtendendo
As negras, ſerpentinas, grandes aſas.
Daquella grande altura ſe abalança,

Para onde a menor Asia está fronteira;
As bramadoras cobras, de veneno,
Enchendo lhe vaõ mãos, peitos, e rostro.
Bythinia vai passando, onde o sangrento
Fero Carthagines morto descança;
Deixa Galacia, e deixa os que as montanhas
De Pamphilia, entre feras sempre habitam.
Deixa Phrygia, onde vio vestigios tristes
Daquella nobre, antiga, infausta Troya:
E deixa os que com curvo arado rompem
As jugadas fructiferas de Lycia.
Tambem deixa Cilycia, antigo assento
De valentes Pyratas; deixa aquelles
Que no Caucaso monte, as tristes vozes
E o pranto de Promotheo, estam ouvindo.
Deixa ambas as Armenias: tambem deixa
Aquelles que na altura pedragosa
Do gram Niphate habitam, gente brava
De feroz coraçam, e animo duro.
Exercitada, e destra em vibrar arcos,
E despedir com força mortaes setas:
A terra defendendo, que do Euphrates,
E do ligeiro Araxes he regada.
Aquelles vay deixando que entre as aguas
Desse ligeiro Tygris, e as quietas,
E liquidas do Eufrates, os lanosos
Gados, em campos ferteis apascentam.
Vay vendo as tres Arabias, a Petréa,
A Felix, e a Deserta, entre os dous mares
Roxo, e Persico seo, caminhando
Para onde Persia ve sem mais deterse.

Os

Os olhos infernaes firmas nas armas
De seus habitadores nos cavallos
Briosos, e soberbos, nos luzentes
Açacalados ferros, e hastas groſſas.
Chega ao Paropamiſo, onde ſe envolve
Co a liquida corrente do rio Indo,
Sem nunca ſe apartar della aſſombrando
As tranſparentes ondas, entra em Diu;
Entra na fortaleza, e num momento
Corre os ſoldados todos, e deſtilla
Hum veneno infernal em todos elles.
Os ſentidos lhes cega, e aſſopra hum fogo
Que os oſſos, e as entranhas lhes abraſa,
E no mais fundo dos ſyrados peitos
Lhes deixa hũa peçonha, e furia inſana.
Deſpois que embravecidos, e inſtigados
Os vio, e a deſeſtrada tea urdida,
No medonho apoſento ſe abalança
Alegre, por deixar poſto em effeito,
A vontade danada, e inico zello.
Os ſoldados ja cheos deſta furia
Vão bramando, dizendo muitos delles
Em alta voz, palavras atrevidas.
Do Capitam ſe queixam, e de medo
Dizem que pellejar lhes nam concede
Em batalha campal: mas que ali todos
Encerrados de fome morreriam.
Pois como ao Capitam lhe foſſe dito
O furor dos ſoldados, e o que pedem,
Acodio diligente, e traz comſigo,
Dom Alvaro de Caſtro, e Dom Franciſco

De

De Meneſes, com todos os fidalgos
Com outros Capitães, e Cavalleiros
Aos do motim chegando, com ſemblante
Benevolo, amoroſo a todos pede
Que promptamente o ouçam, que quer dallhes
Razam daquella guerra, e vende a todos
Em ſilencio, lhes diſſe eſtas palavras:
Companheiros, amigos, bem ſey certo
Que os voſſos coraçoens ſempre vos pedem
Couſas, de que tereis honrada fama,
E que eſtardes aqui, nam vos conſentem
Detras deſtes tam rotos, fracos muros:
Mas rogovos que olheis a merce grande,
Que atégora nos fez Deos neſte cerco,
Ajudandonos ſempre contra tantos,
E tam duros imigos: e pois ſendo
Nós tam poucos aqui nos deffendemos,
Eſtando a fortaleza cómo vedes,
Desfeita, e derrubada em tantas partes,
Agora ja que ſomos mais, nigis juſto
Será, que deffendamos noſſas vidas
Com trabalho menor, e ſem perigo
Mandarey tomar lingoa, que nos diga,
O que paſſa no Campo: quantas forças
Os imigos tem, para fazermos
Aquillo que nos for mais proveitoſo:
E tendo por certeza que tam pouca
He a gente que eſtá la na Cidade
Como cuidais, entam bem poderemos
Cometer, e vencer muy facilmente.
Peçovos que tireis, ó bons ſoldados,

Tal

Tal imaginação de vossas almas:
Que gram perda fera se por desastre
Algum mal, algum dano acontecesse,
Em tam fortes varões como vós todos.
Nam vos concederei sairdes fora,
Ate que hum nombremos hũa lingoa,
Que de toda a verdade nos informe.
Porque se vós cuidais que a gente he pouca;
O meu parecer he muito contrairo,
E tenho para mim que toda a força
E poder de Mamede aqui está junto.
Bem cuidaro Capitam que com tam vivas
Aparentes razoens tinha vencidos
E apaziguados ja estes soldados:
Mas antre elles se ouvia hum mal destinto,
Hum confuso rumor alvoroçado.
Algũs mais acendidos, alevantam
Altas vozes, dizendo que bem fora
Estam de tomar lingoa, porque tinham
Os Mouros tal vigia, que escusado
Seria hũa esperança tam incerta
E que nam se ganhava mais que estarem
Presos, acovardados; dando aos Mouros
Animos mais ousados, e soberbos.
Dizem que S. Thome desbaratado
E de todo esta ja quasi rendido:
Que se os imigos tomam posse delle,
Mataram aos que andarem polas suas,
E aos outros que estiverem descuidados
Dentro em seus aposentos. Que era injusto
Querer o Capitam aguardar isto:

Pois

Pois a Victoria eſtava (pelejando
Fora no Campo) certa, e muy ſegura.
Eſtas palavras taes, eram muy altas:
Com muitos ademães, com muitas vezes
Levantarem ao Ceo os inquietos,
E collericos olhos, ſempre ardendo
Aquelle peçonhento infernal fogo,
Que Alecto, nas entranhas acendido
Deixou, e os corações todos revoltos.
Aſſi eſtavam ferozes, que nam póde
Valerſe o Capitam: menos ſe atreve
Apaziguar eſte impeto furioſo.
Avendo quarto dias que Dom Alvaro,
E D. Francisco ali tomaram porto,
Os Mouros deram fim ao gram trabalho,
Em que contino andavam desfazendo
A eſtancia S. Thome, levando a terra,
E o entulho por baixo, o Baſaliſco
Das amarras ficou dependurado.
Os Mouros começaram com induſtria,
E com força tirar por elle, dando
Altas, e grandes vozes de alegria:
E vendo iſto os ſoldados, vaõ correndo
Com corações, e entranhas abraſadas:
Em tropel, todos juntos entram dentro
Onde eſtá o Capitam, ali começam
Como homens ſem juizo, dar mil brados,
Dizendo: Ia nos levam os imigos
O groſſo Baſaliſco, com deshonra
E grande infamia noſſa, pois o vemos
Por força aſſi leyar, e o conſentimos.

Como ſe ſoffrerá que polo mundo
Se apregoe, e divulgue tal fraqueza?
Iſto ſo baſta dar aos Mouros forças,
Para tomar duzentas fortalezas
Poderoſas, e fortes: bem providas
De gente, e munições, quanto mais eſta
Debilitada, fraca, e tam cahida.
Com taes brados, e vozes iſto dizem
E com tantos ſinaes de deſmandarſe,
Que o Capitam nam tendo quem o ajude
A ſuſtentar, o que elle bem entende,
Foy forçado fazerlhes a vontade.
Avida eſta licença, todos ſe armaõ
De laminas, de malha groſſa, e forte
Com celadas, com limpos capacetes:
Todos juntos na praça alvoroçados,
Ao Capitam aguardam, que ali vindo,
Cem homens repartio polos lugares,
Que eſtam mais derrubados: logo entrega
A D. Alvaro de Caſtro, a D. Franciſco
Aquella dianteira, os quaes armados
Eſtavam, de luſtroſas, fortes armas.
Segueos o Capitam ço a outra gente:
Com todos os mancebos esforçados,
De nobre, e limpo ſangue deſcendidos.
Abrenſe as grandes portas, ſae por ellas
O fermoſo eſquadram dos fortes homẽs:
Hús levam teſas lanças, outros levam
Eſpadas de ambas mãos acecaladdas,
Outros bem apontados arcabuzes,
Outros, groſſas rodellas, com pinturas

Agra-

Agradaveis á viſta, de famoſas
Batalhas, e de fabulas antiguas.
Ao tempo que ſahia eſta companha,
Theſiphone aſſentada eſtava em cima
Da porta, com defuncta cor, com triſte,
Infelice ſembrante, prompta olhando
Como vaõ deſcuidados os que eſtavam
Deſtinados á morte: e em ſaindo
O nobre D. Franciſco de Meneſes,
Começa eſta funeſta, e triſte Furia
Dar mil grandes gemidos, lamentando
Aquelle deſaſtrado, e máo ſucceſſo.
D. Alvaro de Caſtro, e D. Franciſco
De Meneſes levando deſpregadas
Suas bandeiras ambas, chegam juntos
As eſtancias dos Mouros, e animoſos
Sobem por força de armas ao mais alto.
D. Alvaro pedio neſte trabalho
A Iorge de Mendonça, e Luis de Mello
De Mendonça, irmãos ambos, que atentaſſem
Por elle na ſobida das paredes.
Como ſobidos foram nellas, logo
Dali ſe lançam dentro, ferem rijo
Nos imigos: que todos bem armados,
Em pouco eſpaço acodem, levantando
Mil eſpantoſas gritas, e alaridos.
Em chegando, deſpedem muitos dardos:
Daõſe grandes lançadas huns, e os outros:
Diſparam arcabuzes: tiram muitas
E violentas pedradas. D. Franciſco
De Meneſes, aos ſeus brada, dizendo:

Ah Senhores, ah fortes companheiros,
Pelejemos, que a honra aſſi ſe adquire.
Dizendo eſtas palavras, entra dando
Grandes, e mortaes golpes: mas chegava
A hora, que a ſua alma num momento,
Deixando o mundo ao Ceo ſe ſobiria.
Eſtando aſſi furioſos na batalha,
Vem das partes dos Mouros hum pelouro,
De chumbo, ardendo em fogo repentino,
Paſſa de D. Francifco as groſſas armas:
Paſſalhe o coraçam ouſado, e forte:
Cerralhe logo ao triſte hum duro ſono,
E hum repouſo mortal, os frios olhos.
Cae o bom Capitam antre os imigos:
Alevantam o corpo ja deffuncto,
Ao Rumecaõ foy logo apreſentado,
Por dom de grande preço: e neſte inſtante
La no Ceo ſe apreſenta a generoſa,
Illuſtriſſima alma. O' varaõ digno
Dos louvores de Achiles, e grande Eƈtor,
Deſconſolados deixas, ſaudoſos
Todos os Portugueſes, que na India
No teu ditoſo tempo reſidiam.
Amigo eras de todos, brando, affabel,
Amado, e muy bem quiſto dos ſoldados:
De ouſado coraçam, de proveitoſo,
E prudente conſelho: de virtudes
Exemplo manifeſto, tu morreſte:
Mas tua fama, e nome, ca no mundo
Celebrados ſeram por tempo eterno.
O Capitam mor foy logo correndo

Apos

Apos eſtes primeiros, e em chegando
Os ſoldados noveis, ao groſſo muro
Que os Mouros tinham feito, achamſe todos
Enganados da altura das paredes,
Que com viçoſas ervas pareciam
De la da fortaleza ſerem baixas.
Vendo que os Mouros matam alguns homens,
Com ſetas, e arcabuzes: vendo certo,
E evidente o perigo, nam ouſavam
Subir: mas recolherſe determinam.
O Capitam ſentindo eſte deſmayo,
Com todos os fidalgos, arremete
Dizendo a grandes vozes: Ah ſoldados
Ouſados nas palavras: mas agora
Temeroſos no Campo, eis aqui tendes
Nas máos o que pedieis, que fraqueza
He eſta que moſtrais? Ea ſubamos,
Reſtauray pellejando tal deshonra.
Dizendo iſto, ſubio logo as paredes,
A peſar dos imigos, que com toda
Sorte de pelejar lho deffendiam,
Ate a ponte chegaram pelejando
Com impeto e furor: mas os imigos
Vinham cada vez mais cobrindo o campo.
Como quando no mar começam ondas,
Com vento embranquecerſe; em pouco eſpaço
Crecendo o vento, crece a grande força
Do tempeſtuoſo mar, e vam ſobindo
Com furia deſdo centro ás altas nuvens.
Aſſi os Mouros acodem ao rebate:
Engroſſandoſe mais em força, e numero.

Car-

Carrega hum grande monte de ſoberbos,
Bem armados, e fortes, duros homens:
A D. Alvaro poem em termo eſtreito,
De grandiſſima affronta, o qual peleja,
Ajudado dos ſeus, com grande eſforço.
Mas tudo nam lhe val, que foy forçado
Recolherſe da furia que os imigos
Trazem, matando muitos cavalleiros
De fortes coraçoẽs. Porem chegando
Ao pe deſtas paredes, quis ſobirſe
Em cima: mas nam pode, porque o peſo
Das armas lho empedia. Neſte inſtante
Os dous irmãos Mendonças chegam juntos,
Que tinham pelejado com eſforço
Digno aſſaz de louvor: e menor delles,
Que Iorge de Mendonça ſe chamava,
Andando ja ferido de hum pelouro
Darcabuz, pola perna ezquerda, toma
D. Alvaro nos hombros, poemno em cima
Da parede, a peſar dos que o máltratam.
Quis ſobir apos elle, e nunca a perna
Ferida o conſentio: mas Luis de Mello
Seu irmaõ lhe ſocorre, e áli por força
Faz que ſuba, e ſe ſalve, e logo trepa
Com aſſaz de trabalho: e neſte tempo
Os Mouros vencedores, chegam dando
Húa eſpantoſa grita: frecham arcos,
Deſpedindo ligeiras mortaes ſetas:
Diſparam arcabúſes, arremeſſam
Húa nuvem de agudos, crueis dardos.
A D. Alvaro dam com grande força

Em

Em cima da cabeça hũa danoſa,
Graviſſima, cruel, dura pedrada:
Retine o capacete, cae o nobre
Eſforçado mancebo, ſem ſentido.
Ferem Luis de Mello mortalmente,
Que a Chaul foy morrer em breves dias.
A Ruy Fernandes marami, e apos elle
A Franciſco Guilherme, ambos paſſados
De arcabuzes, ja tendo mil feridas.
Lopo de Souza eſtá cercado á roda,
Hum montante revolve á muitas partes
Temer ſe faz aos Mouros: más voando
Hũ dardo agudo vem, paſſalhe o peito,
Sae hũ rio de ſangue das entranhas,
Trabalha por ſoltarſe a triſte alma:
No meſmo ponto cae ſobre a ferida,
Os montaes olhos ja com dor torcendo,
E ja eſpirando, ali na dura terra,
Calando, pega a boca enſanguentada.
Dom Iorge de Meneſes, ſempre firme.
O pe direito tem, o eſcudo em alto,
Ora com furia manda a aguda eſpada,
Aos imigos que a parte ezquerda ferem,
Ora torna a virar ſobre os que ficam,
A dereita offendendo, com agudas
Lanças, dardos, e pedras, que o maltratam
Fazendolhe perder quazi o ſentido.
Dezaſete feridas juntamente
Dam ſahida ao ſeu puro, e quente ſangue,
Tingindo as rotas armas: más o nobre,
Eſforçado mancebo y ſempre aperta

Na

Na maõ a eſpada mais: o braço forte
Com colera movido, fere, e mata
A muitos dos imigos. Neſte inſtante
Vendo os Mouros no campo tanta gente,
Parecelhes que ja ninguem la fica,
Para guardar os muros, e arremetem
Com furia aos lugares derrubados.
Viſta por hum ſoldado a grande turba,
Soberba, e furioſa, que comete
Entrar na fortaleza, ſem lembrança
Que la ficam valentes deffenſores:
Movido por fortuna, triſte, adverſa,
Ou foy porque aſſi Deos o permiſſe,
A voz alevantou, e diz bradando.
Acodi, acodi á fortaleza
Porque entrada he dos Mouros. Eſtes gritos
Cauſaram deſaranjo nos ſoldados:
Alguns determinando morrer antes,
Que fraqueza moſtrar, tendo preſente
Aquella opiniam, e illuſtre fama
Dos Portugueſes, entram mais ferozes,
Querendo ali vender caras as vidas.
Outros de todo entregues, e rendidos
A hum vil, e torpe medo, dam as coſtas
Aos imigos: fogindo, ſem lembrança
De infamia, ou de deshonra, todos cegos
Deſatinados, vam lugar buſcando
Para ſalvar as vidas: que iſto era
O que entam lhes lembrava: e como viſſe
O Capitam mor eſte caſo feo,
Vay correndo a dotellos: affrontando

Os

Os mais acovardados, com palavras,
Que os roſtros lhe tornava em cor ſanguinha,
Dizendo: Onde fogis, ó fracos homens?
Aonde intentais yr mezquinha gente?
Onde eſperais ſalvar tam triſtes vidas?
Porque abateis aſſi com tal injuria
A fama Portugueza? que vos move
Ao voſſo Capitam deixar no campo?
Porque deſamparais voſſos amigos,
Que com esforço ficam pelejando?
Tornay, tornay ſoldados Portugueſes,
Nam infameis hũ tam nobre apellido.
Com taes palavras, muitos delles viram
Os roſtros outra vez, e ſobem todos
A muralha dos muros: procurando
D. Alvaro ajudar, e D. Franciſco
Que ainda nam ſabiam que era morto.
O' quanta multidam de armada gente,
Quantos Helches, e Turcos, quantos outros
Arabios, Farraquins ali carregam
Sobre eſtes Portugueſes: quantos dardos
Se arremeſſam com força: quantas ſetas,
Com gram rugido vaõ fendendo os ares.
O' quantos arcabuzes ſe diſparam:
O' quantos Portugueſes mal feridos,
E mortos ali ficam: neſta volta
Os mancebos fidalgos ſe offereçem
Com grande esforço á morte: era muy grande
A grita dos imigos, e outras vozes
Dos que chamaõ com preſſa Sanctiago.
Quebraõſe facilmente groſſas lanças,

Deſ-

Desfazemſe os eſcudos com mil golpes,
Penetrando os ſotis, delgados ares.
As armas ja cortadas, ja desfeitas,
Se tingem de eſcumoſo, e quente ſangue:
Os vivos alaridos ſempre erecem,
Moſtrandoſe os imigos vencedores.
Eſtando neſtes termos o combate,
Diſpara hum arcabuz, e vem direito
O pelouro guiado por moſino,
E deſaſtrado fado, acerta e paſſa
O valeroſo peito a D. Franciſco
Dalmeida, e as entranhas deixa feitas
Todas em mil pedaços: cae o moço
Eſtendido antre os pes dos que pellejam.
Deſconjuntalhe logo hum mortal frio
Todos os fortes membros, e a ſua alma
Polos ares ſe vay ao ceo voando.

Perdeſte a vida, ó inclito mancebo,
Em grande eſforço, igual ao fero Marte:
Mas ficará teu nome alevantado,
La junto das eſtrellas: e a memoria
De teus eroycos feitos, dará luſtre
A Luſitana patria: tambem deixas
Ao nobre velho pay, e aos irmaos charos
Grande conſolaçam, com tam ditoſa,
Com tam honrada, e glorioſa morte.

Eſtando aſſi affrontado eſte combate,
Hum valente ſoldado mal ferido
Ao Capitam chegou, dandolhe nova
Como vira matar ante ſeus olhos
Ao nobre D. Franciſco de Meneſes,

E o ſeu corpo levado por prezente
Ao grande Rumecaõ: tambem diſſe eſte
Que da muralha abaixo quaſi morto
Derrubaram D. Alvaro, e o feriram
Com violenta pedra, nam valendo
Do groſſo capacete a fortaleza.
Ouvindo o Capitam eſtas mas novas,
Com triſteza, e trabalho ſe recolhe:
Soffrendo ali os fidalgos, e outros homẽs
Honrados, e valentes toda a força
Todo o furor dos Mouros, que a victoria,
Soberbos, e ferozes, vem ſeguindo.
Nam val a reſiſtencia dos fidalgos:
Nam val do Capitam o animo grande,
Para que concertados entrem dentro
Nos conhecidos muros: mas vem todos
Em confuſo tropel: ora virando
Meas coſtas aos Mouros, ora os roſtros,
E peitos, entregando as ſerracinas,
E victorioſas armas. Aqui neſte
Lugar tam perigoſo, vam ſoffrendo
Eſtes fidalgos hum trabalho immenſo.
Travados vam co elles os imigos:
Hũs, e os outros cubertos de huma nuvem
Turva, eſpeſſa de pô, por onde voaõ
Dardos, ſetas, e pedras que ali ferem,
E maltratam valentes Cavalleiros.
Deſta maneira entraram todos dentro
Na Chriſtaã fortaleza, la ficando
Mortos no campo, trinta homens de preço,
Com algũs Capitães: tambem ſe acharam

Se-

Setenta mal feridos, dos quaes eram
D. Iorge de Meneſes, hum; e o outro
Era Nuno Pereira varaõ nobre,
Muy esforçado, e rico. Neſte dia
O Capitam levou, por culpa alheia,
O pior da batalha, e a fortuna
Imiga ſe moſtrou neſte ſucceſſo
Deſaſtrado, e cruel: mas ella meſma
Hum tempo lhe moſtrou mais venturoſo,
Em que tomou vingança igual ao dano.

Neſte Canto Decimo quarto ſe trata como foy levado ao Viſorey recado do diſcurſo do Cerco: e do eſtado em que eſtava a fortaleza. Trata tambem da morte de Nuno Pereira, e de ſu enterramento.

QVem ſabe da fortuna a variedade,
Pouco caſo fará dos bens que offrece.
De incoſtante ſe preza; e quando moſtra
Mais firmeza, entam mais preſtes ſe muda.
Nunca repouſa, nunca a roda para,
A hum eſtado contente, hum triſte ſegue,
Mil varios caſos traz num ſo momento
Quem fará de ſeus bens, ou males conta?
Nem ſe pode alegrar o que eſta proſpero:
Nem pode entriſtecerſe o perſeguido,
Pois todos os eſtados ſam ſogeitos,
Ao querer deſta falſa tam mudavel.

Eſ-

Eſtando aſſi ferido mortalmente
Nuno Pereira, pede que lhe outorgue
O Capitam licença, que quer yrſe
Morrer, ou guarecer em ſua caza.
Embarcaraõno logo nũa fuſta,
Ao Viſorey levando do deſcurſo,
E ſucceſſo do cerco, certa nova.
Neſtes dias os Mouros tanto cavam
Na eſtancia S. Thome, que o Baſaliſco
As amarras quebrou, e cae antre elles
Iuntamente com outro Liaõ groſſo.
Levados foram logo dos imigos,
Com tal contentamento, quanto aos noſſos
De triſteza ficou, e de deſgoſto.
O Capitam mandou que ſe fizeſſe
Dentro de S. Thome, com grande preſſa
Hum contra baluarte groſſo, e forte:
Com degraos para dentro, e nelle eſtavam
Quarenta Cavalleiros, que o deffendem.
Os imigos fizeram tambem outra
Obra mais admiravel, que entulharam
O fundo, e largo rio, que divide
A Cidade de Diu, de hũa villa
Que dos Rumes ſe chama, ali fronteira.
Era grande eſte Rio, tinha de alto
Sete braças, e nove de largura.
Entulhado foy logo em pouco eſpaço,
Com gram ſomma de pedra, e nella fica
Hũa mociça ponte, tam ſegura
Que o grande impeto de agoa nunca pode
Desfazer nada della, por mor força,

E furia, que a corrente ali levaſſe.
Muitas carretas vaõ para ſerviço
Do arrayal, e Cidade, pola eſtrada
Feita de novo na agoa, com trabalho
Que parece exceder humanas forças.
Tinha o gram Rumecaõ pouco receo;
Que o Viſorey chegaſſe a dar ſocorro:
Porque neſta ſazam, tinha ali juntos,
Vinte, e ſete mil homẽs de pelleja:
Muitos arcabuzeiros, outros muitos
Que dobram fortes arcos, outros lanças,
Outros que agudos dardos arremeſſam.
Tam ſeguros eſtam, que junto ao muro
Da fortaleza, ergueram muitas caſas
De palma, e nellas tem feitas eſtancias
Todas paramentadas com mais ricas,
E finas alcatifas: tambem tinham
Suas torpes mezquitas, donde chama
O Caciz infernal, com grandes brados,
A gente ao Alcoram nefando, e falſo.
Partido para Goa, e ja entregue
Nuno Pereira ao mar: tambem ſe entrega
Em muito poucos dias, a mil graves
Acidentes, e dores que moſtravam,
Que ja ſe lhe chegava o fim da vida.
Pois como pouco a pouco ja chegaſſe
Aquella hora final que todos temem,
Os ſeus canſados olhos começaram
Sentir da vida o termo derradeiro.
Viſtos eſtes ſinaes acodem juntos
Seus criados ali, e os outros todos

Que

Que no navio vaõ, moſtram triſteza,
Vendo o nobre varaõ que ja eſpirava.
Hũs neſta grande affronta em que eſtá, chamam
Ieſu, com grandes brados: outros trazem
Com preſſa a funeral, ultima cera,
Companheira das horas derradeiras.
Entregaõlha na maõ, e a triſte alma
Trabalhada, comete a ſair fora:
Mas cercada de extremos differentes,
Acovardada torna a recolherſe,
Dando ao miſero corpo grave penna.
Os olhos tem no Ceo promptos, e fixos:
A boca mea aberta, os beiços negros,
Amarello na cor, inchado o peito:
O alento apreſſado, os membros frios
Ja do ſpirito vital deſemparados.
Ouveſe na garganta hum ſom ja rouco:
Começa eſtremecerſe com pennoſo,
Mortal deſaſſocego: e triſte anguſtia
De que a morte vem ſempre acompanhada.
Aquellas tres irmãs crueis, e feras,
Por quem paſſam as noſſas mortaes vidas,
De tras da cabeceira ali preſidem,
Neſte paſſo final tam certo em todos:
Sinaes moſtrando claro de triſteza,
Veſtidas de hũa cor avorrecida,
Qual para o triſte officio ſe limita.
Mantos de negro pano tem cubertos,
Que hũs triſtiſſimos roſtros eſcondiam.
A Sentença aguardavam do ſupremo
Iuſtiſſimo Iuiz, a quem confeſſam

Os,

Os Anjos por ſenhor: a quem com vozes
Suaviſſimas louvam para ſempre
Os altos Seraphins, e a cujo nome
Se inclina a larga terra, e o Reino eſcuro.
Sendo chegado o termo, os poros ſe abrem:
Eſtillanſe por elles gotas frias:
Abaixa os olhos ja cheos de morte,
E com grande agonia de improviſo,
Hũa nevoa mortal lhe cerca o roſtro.
Vendo Atropos ſinaes tam conhecidos,
Alevanta no ar o braço, e corta
Num momento o delgado, debil fio.
Ajudado de todos, com devotas,
E pias oraçoens, ſe foy ſua Alma
Ao Ceo, ficando o corpo ali eſtendido.
Neſte ſucceſſo máo, em que a fortuna
Se moſtrou reguroſa aos Portugueſes,
Ou por fallar mais certo, em que Deos ouve
Por ſeu ſerviço, que iſto aſſi paſſaſſe,
A fama levou nova do recontro,
Moſino, e deſeſtrado, por eſtranhas
Provincias, e regioens de nos remotas
Aſſi como ligeira vai voando,
Aſſi deixando vai em mil diverſos
Lugares, eſta nova acrecentada,
Dizendo: que perdida era ja toda
Quanta gente Chriſtãa em Diu avia.
Iſto affirmou no reino de Bengála,
E no de Biſnagá: tambem no reino
De Pegú, diſcorrendo ate Malaca.
Por toda aquella coſta: tambem paſſa

Por

Por Çamatra abundoſa em ouro, e chega
Ate toda Tartaria, dando ſempre
Por verdade eſta nova fabuloſa.
Pois aſſi diſcorrendo o fero monſtro,
Na Cidade de Goa entra eſcondida,
Sem ſe querer moſtrar de puro medo:
Mas com voz fraca deu a incerta nova:
Cauſando geralmente gram deſmayo,
Ate nos corações mais animoſos.
Pola Cidade andava hum rumor ſurdo,
Hum pronoſtico mao, dito em ſegredo:
Que nem crer ſe deixava, nem podia
Eſcuſar grande magoa eſta ſo ſombra.
Deſta maneira affirma a veloz fama,
E por certo faz crer o que era falſo:
E com ligeiro curſo vay primeiro
Onde pode cauſar mayor triſteza.
Andando aſſi por hũa, e outra parte,
Toma forças de novo, e entra ouſada
No ſumptuoſo, nobre, alto apoſento
Do grande Viſorey, e nelle affirma,
Ser de todo aſſolada, e ja perdida
A Chriſtaã fortaleza, e os valentes
Fidalgos, e ſoldados todos mortos.
Eſta nova cauſou no generoſo
Peito do Viſorey, hum peſar grande,
E na ſua alma dor quaſi inſoffrivel.
Trabalha por moſtrar ſembrante alegre,
E por diſſimular eſte tormento,
Que o animo lhe traz cauſado, e triſte:
Mas nunca hũ grande mal pode eſconderſe.

Eſta continua dor, eſta triſteza
Lhe durou tanto tempo, ate que hum dia
Eſtando em ſua caſa acompanhado,
Do Sagrado Paſtor, que tinha a cargo
As Ovelhas Chriſtaãs daquella terra,
E tambem do Cuſtodio, que ſeguia
Do ſeraphico Padre a Sancta Regra.
Fr. Antonio ſe chama eſte Prelado
E alcunha do Caſal, varaõ prudente,
O qual ſendo mancebo, foy muy deſtro,
E esforçado em batalhas, neſtas partes,
Antes que honras do mundo avorreceſſe,
E a Sancta obediencia profeſſaſſe.
Pois eſtando aſſi todos dam recado
Ao Viſorey, que vem la polo Rio
De Goa, pola parte que ſe chama
Ponta do Arrebendat, remando a preſſa
Hum ligeiro Catur, e que cortava
Ramos verdes, moſtrando ſinaes claros
De trazer nova certa de alegria.
Outro recado vem, diz que deſpede
O Catur enramado muitos tiros,
Com moſtras, e ſinaes de prazer grande.
Chega o Catur ao caez, e vam correndo
Com muy grande alvoroço muitos homens.
Dizem ao Viſorey que era chegado
Ao porto o Capitaõ deſte navio,
Que a ſeu filho D. Alvaro de Caſtro
Levou. Eis apos eſtes vem de preſſa,
O Capitam cercado todo a roda
De gente populár, e dos honrados,

De ſaber deſejoſos, novas certas
Do que a todos trazia tam ſuſpenſos.
Tanto que foy entrado lhe pergunta
O Viſorey, ſe eſtava Diu ainda
Por elRey ſeu Senhor, ou ſe de todo
Era perdido ja, elle reſponde
Com gram contentamento: Deos nam queira
Nem tal permitirá: por nos he Diu,
E ſello ha a peſar do gram Mamude.
Ouvindo o Viſorey tam boa nova,
Aſſentaſſe em giolhos: iſto meſmo
Fez o Biſpo, e o Cuſtodio, levantadas
Juntas as mãos ao Ceo, davam louvores
A Deos, que ſe lembrava dos que eſtavam
Sua Fé Sacra, e Sancta deffendendo.
Tras iſto o Viſorey com grande feſta
Faz trazer hũa nobre veſtidura
De brocado requiſſimo, e luſtroſo,
Que de tam boas novas foſſe o premio.
Manda que o Capitam ſe viſta nella,
E com tal ornamento a grandes vozes
Alegre a triſte gente, pubricando
O ſocorro que deu a fortaleza
D. Alvaro de Caſtro, e D. Franciſco
A peſar do ſoberbo fero Eolo,
A quem os bravos ventos obedecem,
E do Rey que o ſalgado Reino manda.
Correndo vaõ molheres, e meninos,
Para ſaber as novas. Ia ſe tocam
Sonoroſas trombetas junto ao patio:
Ia ſae o Capitam com veſte de ouro,

E a grandes vozes diz, que eſtava Diu
Socorrido dos noſſos. Toda a gente
Alevanta hum clamor, dando a Deos mil graças.
O Viſorey ao Biſpo, e ao Cuſtodio
Prociſſoẽs muy devotas encomenda,
Que agradeçam a Deos o bem preſente,
E ao futuro trabalho favor peçam.
E reprimindo a dor acerba, e grave
Que dentro na alma tem, da triſte morte
Do filho, que elle mais que a ſi amava,
E dos outros fidalgos louvou muito
D. Joaõ Mazcarenhas, e os ſoldados,
Que com tanto fervor ali ſe tinham
Contra taes adverſarios ſuſtentado.
Quando pola Cidade andava a nova,
Que a todos dava gram tormento.
Nam ſendo inda paſſadas duas horas,
Que o Catur enramado ao porto veyo,
Surgio a triſte fuſta que trazia
O corpo do Pereira ja defuncto,
E as novas traz tambem dos que lhe foram
Na morte aquelle dia companheiros.
Chegou ao Viſorey eſta triſteza,
Que nam pode encubrir, ouvindo a perda
De tantos, e esforçados cavalleiros.
E moſtrou mil ſinaes de grave penna,
Que ſentia a ſua alma pola auſencia
Do nobre D. Franciſco de Meneſes.
Porem iſto nam fez que ſe eſqueceſſe
Da pompa funeral deſte deffuncto.
Deſembarcaram logo o corpo frio,

De

De lagrimas, e gente acompanhado,
Para o seu aposento o vaõ guiando,
Onde a triste molher, de tal desastre
Estava neste tempo descuidada:
Ainda que hum receo de contino
Avexa o feminil, e fraco espirito.
Ia do triste aposento se divisa,
Aquelle funeral ajuntamento,
Quando corre a gram pressa hũa criada,
Encontrando a Senhora solta a lingoa,
Com grande torvaçam nestas palavras:
Muita gente acompanha hum corpo morto,
Nam sey o que sera, que esta minha alma
Toda se me cobrio de negra sombra,
Quando hum clamor ouvi triste, e chorosso,
E que esta casa vinham demandando.
Dizendo estas palavras, assentouse
Mostrando hum coraçam enfraquecido.
Estas novas ouvindo aquella caita,
E fermosa molher, a quem seus tristes
Cruellissimos fados ordenaram,
Que todo o bem da vida entam perdesse,
Perdendo para sempre hum tal amigo.
Emmudecida fica, toda fria,
Atonita, pasmada, sem sentido:
Passado coraçam, alma, e entranhas
Desta desconsolada, e triste nova.
A cor do rostro perde, perde o tento:
Levantase torvada, e vay depressa:
As criadas tambem se vam tras ella,
Incertas deste mal: mas receosas.

De-

Desacordada vay toda tremendo
A misera viuva trespassada,
Tocando ao coraçam o que receа.
Alli como em cerrado, espesso bosque
Onde pacendo andava livremente
A descuidada Cerva, foy ferida
Do rustico pastor, com venenosa,
Ligeira, aguda seta, o doce pasto
Desatinada deixa, e vai correndo
Por onde a leva a dor, ate que chega
O corrompido sangue, em pouco espaço
Ao vivo coraçam, e ali num ponto
Supitamente cae sem mais moverse.
Alli a formosa dona sem lembrança
Daquelle vagaroso, honesto passo
Com que sohia andar, vai apressada
Chegando a huã janella, vio no patio
Hũa tumba cercada de mil gritos,
De saluços cansados, e ja roucos:
Sabendo que ali dentro vinha morto
Seu remedio, seu bem, sua alegria:
Com dor pennosa, e grave se lhe cerram
Os spritos vitaes, e as femininas
Forças, de todo ja enfraquecidas,
Cahio supitamente quasi morta.
Levantaõse mil gritos de improviso:
Mil alaridos altos de molheres,
Fazendo hum triste som que rompe os ares.
A cabellos, e rostros nam perdoam,
A tudo huã raivosa dor maltrata.
O concavo aposento soa, e brama,

Com

Com vozes desiguaes a todas partes,
A fermosa molher está cercada
De parentas, e amigas que a confortam,
Fazendolhe remedios necessarios,
Trabalham por lhe dar outra vez vida.
Pois como em si tornasse do desmayo,
E mortal acidente, os olhos abre
Cheos de grossas lagrimas dizendo:
Qual desaventura fez, que vos perdesse
O' meu unico bem, minha esperança,
Em que eu so sustentava a triste vida,
Porque assi me deixastes nesta idade
Desemparada, e so? com taes palavras
Perde outra vez as forças, e o sentido,
E outra vez desmayada cae em terra.
As molheres nos braços a levantam:
Para dentro a recolhem, porque possam
Remedio dar ao corpo ainda vivo,
E lugar para as honras do defuncto.
Choram sobrelle, entam todos os nobres:
Alçam os principaes a negra tumba,
A casa se despeja, e fica toda
Vazia desta gente; mas muy chea
De lagrimas, de dor, de grandes gritos.
Os sacros Sacerdotes, ja começam
As vozes levantar, com triste acento,
Dizendo: Senhor dalhe eterna gloria.
Muitas tochas ardendo vão diante,
Estas levavam pobres, e a insignia
De nossa redempçam, vai junto delle.
Ia se ouve o triste som desconcertado,

Do concavo metal, e ja ſe move
A grande prociſſam, com novo pranto.
Todos com vagaroſo paſſo chegam
A Igreja mayor, onde lhe deram
(Deſpois do funeral, e ſanto officio)
O geral apoſento, eſcuro, e triſte.
Acabadas aſſi eſtas exequias,
Deſte nobre defuncto ſe apercebe
Com preſſa o Viſorey, para ſocorro.
Manda Vaſco da Cunha (experimentado
Em mil perigos ja, e em couſas de honra)
Que ajunte toda a armada, que por força
Dos tempeſtuoſos ventos, nam chegara
Com ſeu filho D. Alvaro, e a levaſſe
A Diu, o mais depreſſa que pudeſſe.
E que ao Capitam mor da ſua parte
Aviſe, e com inſtancia tambem peça
Que nam de de ſi copia aos enemigos,
Nem ſaya fora ao campo, antes que chegue
A frota em que elle vay. E com gram preſſa
Arma ſeis caravellas, as quaes levam
Polvora, mantimentos, e pelouros,
Eſcadas, ferramenta, e outras couſas
Que ſam la neceſſarias: nellas manda
Quatro centos muy bõs eſpingardeiros.
Graviſſimo tormento lhe cauſava,
A morte de ſeu filho D. Fernando,
E aquelle apartamento, e cura auzencia,
As entranhas lhe paſſa com dor grande.
Trabalha quanto pode por moſtrarſe
A toda a gente ledo: mas os olhos

De

De viva agoa atrafados, descobriam
Aquella saudade que a lembrança
Continua de seu filho lhe fazia.
Quantas vezes o Sol deixava os ares
Cubertos de hũa fria, e negra sombra,
Tantas o triste pay, despois que todos
Delle se despediam, se encerrava
Na casa onde dormia, e com sospiros,
Com lagrimas dizia estas palavras:
O' filho meu, tristeza da minha alma,
Annos tam mal logrados: mas ditosos
Pois morrendo ganhaste eterna fama.
Iusto he o que Deos faz: mas parecia
Razam viveres tu, e no principio
Da florecente idade, a injusta morte
Assi te me roubou, sendo tu filho
A vista destes meus tam tristes olhos.
Grande magoa me faz ver acabarse
Na tua tenra idade, aquella grande
Honrada opiniam, que em ti se via.
Mas consolame ver, que se morreste
O teu braço tirou primeiro muitas
Vidas dos infieis, e que pagaste
A teu Rey hum tributo tam devido,
Como era em seu serviço, e deffendendo
A verdadeira Fe, perder a vida.
Eu vingarey meu filho a tua morte,
Se Deos vida me der, ou nesta empresa
Se acabaram os meus cansados annos.
Estas palavras taes da alma saidas,
Com salgado licor banhado o rostro

De-

Dezia o Viſorey, quando em lugares
Apartados ſe via, conſtrangido
Do entranhavel amor, brando, e ſuave
Com que amava eſte filho. Sempre teve
Paſſado o coraçam de dor ſecreta,
Inda que no ſembrante trabalhava
Por parecer contente: mas no meyo
Deſte prazer fingido, e contrafeito
Se enxerga claramente a grave penna
Que ſua alma la dentro eſta ſentindo,
Que nunca a grande dor pode encobrirſe.
Parte Vaſco da Cunha com a armada,
E dandolhe favor o mar, e o vento,
Ancóra em breve tempo dentro em Diu.
Alegraſe de vello aquella gente,
Que eſtá na fortalleza deſejoſa,
De ver aparecer aquella frota,
Em que o gram Viſorey lhe traz ſocorro.
O Capitam prudente Mazcarenhas:
Esforçado, leal, e da fortuna,
Poſto junto daquelles dous tam fortes,
E ſoberbos parentes, que os Farſalios
Campos, de nobre ſangue bem tingiram.
Mandou alguns navios que correſſem
A Coſta, e que fizeſſem todo o dano
Quanto foſſe poſſivel, alagando,
Roubando, e dando morte a quantos Mouros
Achaſſem polo mar. Antre elles hia
Luis Dalmeida, e leva tres guerreiras,
Soberbas caravellas, bem armadas
De artilheria, e gente. Era eſte homem

De

De bom ſangue, cortez, e muy valente.
Partidos deſte porto, em poucos dias
Se encontraram com naos de mercadores,
Que do eſtreito de Meca, e da gram coſta
De Arabia, vinhàm todas juntamente,
Carregadas de muitos mantimentos,
Para ſuſtentaçam do campo imigo.
Vendo Luis Dalmeida a boa preſa,
Que a fortuna lhe dá ſalta ligeiro
No meyo do convés, e diligente
Manda, que ſe aperceba a gente de armas.
Acodem logo todos num momento,
Servindo ſeus officios: hũs borneam
Groſſas bombardas, outros caçam pojas,
Outros com gram prazer alçam bandeiras.
Infunadas as vellas, com forçoſo,
E favoravel vento, vem moſtrando
Os navios as quilhas. Ia ſe cerram
Os lemes a huma banda: ja ſe cortam
Groſſas ondas com proas, e atras fica
Hum raſto de ſalgada, branca eſcuma.
Apontam aos navios dos imigos,
Ficando a balravento, ali diſparam
Reforçadas eſperas, e outros tiros,
E todos logo amaina, amaina gritam.
Hum negro fumo cobre as caravellas,
Reſplandece o cruel, e vivo fogo:
Saem dantre elle aceſos mil pelouros,
E rompendo os ſotis, delgados ares:
Cada hum la nas náos dos cnemigos
Rompe, quebra, deſtroça, abraſa, e mata.

Deſ-

Deſpois que os Mouros viram evidente
Victoria conhecida, mais quiſeram
Entregarſe a clemencia que eſperavam
Alcançar dos Chriſtaõs, que ſerem todos
Manjar dos mudos peixes, e dos brutos
Crueis habitadores de Neptuno.
Vendo Luis Dalmeida as naos rendidas,
Afferra na mayor, e ſalta dentro:
Apos elle outros muitos bons ſoldados:
Aos deſmayados Mouros as máos atam,
Tomando o Capitam que era parente
Do gram CogeÇofar, ſe recolheram
A ſua caravella, e com tal preſa
Alegres ſe tornaram para Diu.
Algũs outros navios Portugueſes
Tambem por força de armas ſogigaram
Naos de mercadorias, foy levada
Toda a gente a Chaul, onde num ponto
Enforcada foy toda, nam fazendo
No ſexo differença, ou nas idades.
Surgio Luis Dalmeida la na barra
De Diu cos ſeus preſos, e ſabendo
O nobre Capitam, tam bom ſucceſſo,
Com gram contentamento mandou logo
Que as cabeças lhe cortem: nam ficando
Molher, velho, ou menino ali com vida.
Executada foy eſta ſentença
Com grande brevidade, os frios corpos,
E as defunctas cabeças, ja deitadas
Nas alteradas ondas, a corrente
Em tombos as levava, ora ſumidas,

E cubertas das ondas, ora em cima
Todas desfiguradas apparecem,
Enchendo o mar de ſangue negro, e frio.
Quando o Capitam Turco a reguroſa,
Cruel juſtiça vio, ouvindo os gritos
Dos triſtes que morriam: bem ſe pode
Preſumir o temor, e a grande affronta
Em que a ſua alma miſera eſtaria.
Com voz embaraçada, e mortal roſtro,
O Sarracino diz, todo tremendo:
Trinta e dous mil pardaos de fino ouro
Darey por meu reſgate: diſto levam
Recado ao Capitam: mas antes elle
Quis do Mouro a cabeça, que o dinheiro.
Ia vay tremendo o triſte deſmayado:
Atadas leva as máos, e junto ao bordo
Que de qualhado ſangue eſtava cheo,
O derrubam de bruços, no peſcoço
Hum fero golpe ſoa, e juntamente
Sae da boca mortal hum triſte grito.
Deitado foy no mar, ſeguindo a via
Que os outros corpos mortos ja levavam.
Quando o gram Rumecaõ vio tal caſtigo
Gravemente o ſentio, e aceſo em yra
O coraçam rebenta por vingarſe.
Hũa mina mandou fazer na torre
Que foy do Alcaide mor Antonio Freire:
E como dos dentro foy ſentida,
Com grande diligencia, e preſſa vazam
Muita parte do entulho: porque ſendo
Derrubada, ficava deſcuberta

A fortaleza toda, e ſem deffenſa.
Pois ſendo ja chegados dez de Octubro,
Com grande preſſa os Mouros lhe daõ fogo;
Derruba toda a face que para elles
Se moſtrava, ſem mais, outro algum dano
Fazer aos Portugueſes, que ficarem
Tres delles com feridas perigoſas.
Abertos foram dous grandes buracos,
Pola parte contraira neſte muro,
Onde aſſeſtados foram dous camellos,
Que feriam contino com gram força,
A ciſterna que eſtava junto á cova,
De cuja agoa bebia a gente toda,
Que outra na fortaleza nam ſe achava.
Vendo o Capitam mor eſte perigo,
Manda fazer de preſſa hũa parede,
A qual de beſtiam ſervir pudeſſe;
Manda nella aſſentar hum furioſo
Reforçado camello, que ficava
Fronteiro dos buracos: eſte tiro
Reprimio o furor dos enemigos
Com tanto dano ſeu, que mais nam ouſam
Deterſe neſta parte, e logo tapam
Os buracos, deixando tal empreſa.
Alçam muitas panellas todas cheas
De polvora, ſobre teſas, groſſas lanças:
E das ſuas paredes as lançavam
Dentro nos Chriſtaõs muros, que de perto
Nam ouſam com temor: mas de la vinham
Aceſas, e apos ellas grandes pedras
Que aos cercados fazem grave dano.

Ou-

Outra mina ſe fez no baluarte
Que de D. Joaõ Dalmeida, deffendido
Foy ſempre, ate que a negra, e triſte morte
A vida lhe tirou, dandolhe fama.
Com grande diligencia logo vazam
O entulho por baixo, mas os Mouros
Daõlhe fogo ao primeiro de Novembro.
Com ſonoroſo eſtrondo cae a eſtancia,
Arrebenta por fora, e fica o muro
Inteiro, ſem fazer aos noſſos dano.
Tambem ſe preſumio que em Sanctiago,
E em S. Thome, queriam os imigos
Outras minas fazer: porque ſe ouvia
O ſom, com que os picoẽs em ambas partes
Do continuo trabalho davam moſtras.
O Capitam proveo a eſta ſoſpeita,
Acodindo com preſſa a tal perigo.
Hum repairo mandou fazer muy groſſo,
E muy forte: affaſtado pouco eſpaço
Da eſtancia S. Thome; e delle manda
Fazer ate Sanctiago hum largo muro:
Porque ſe arrebentaſſe a dura rocha
Com a força do ſalitre nam ficaſſem
De todo deſcubertos. Aſſi eſtavam
Trabalhados aſſaz, ſempre eſperando
Por aquelle ditoſo, alegre dia
Em que o gram Viſorey, para ſoſorro
Traria poderoſa, e forte armada.

Neſ-

Neſte Canto XV. ſe trata, como o Viſorey partio de Goa, levando groſſa armada em ſocorro da fortaleza. Trata tambem como D. Manoel de Lima chegado de Portugal a India o Viſorey o mandou de Baçaim a coſta de Cambaya fazer guerra, onde os Mouros receberam muyto dano.

TRabalhos, afflições, grandes anguſtias,
Deſconſolações, males, e miſerias,
Soccorreas Deos entam, quando mais clara,
E mais certa ſe moſtra a deſventura:
Ou prenoſticos triſtes emmudeçam,
E paſmem com mortal eſpanto a gente,
Ou a cruel fortuna, ſe nos moſtre
Com aſpero, feroz, bravo ſembrante:
Firme eſperança em Deos tenhamos ſempre,
Pois nelle certa eſtá miſericordia,
E quando em noſſos males eſquecido
Se moſtra, entam nos dá o mor remedio.
As naos tardavam já em vir do Reino,
E a eſta cauſa em Goa ſe enxergava
Na gente popular hũa triſteza
Naſcida do temor que o grande cerco
Nos corações vulgares tinha impreſſo.
Treſpaſſa hum grande eſpanto as triſtes almas,
Daquellas que na guerra os charos filhos,
E ſeus maridos tem aventurados

A

A desastrado fim cada momento.
Os templos frequentados eram dellas,
Com lagrimas pedindo a Deos socorro;
E com voz alta, e triste, a Virgem pia
Chamavam com fervor, que lhes valesse,
Tomando-a por terceira em tal perigo.
Estava o Visorey com pouca gente,
Apercebendo a armada, e ordenando
As munições, e cousas necessarias
Ao lugar affrontado, que esperava
Por este so remedio. Bem se via
No aspeito descontente, o pesar grande
Que tinha do trabalho que passavam
Fidalgos, e soldados, pelejando
Com tanta multidam de forte gente.
Em Deos so confiava, que a esperança
Das naos que aviam de yr tinha perdida.
Confuso, pensativo, e triste andava
Pola falta dos fortes cavalleiros,
Que neste estreito cerco pelejando,
Com muy duros trabalhos feneceram.
Via bem que importava este negocio,
A salvaçam da India, ou total perda:
Parecialhe caso assaz dificil,
De imigos cometer tamanho numero,
Que sobre trinta mil contar se podem;
Tendo elle sos consigo dous mil homes
Que possam menear espada, e lança.
Differentes estremos lhe causava
O trabalhado spirito, que trazia
De varios pensamentos combatido.

Assi se apercebia diligente,
Tomando sobre si tam grave peso,
E ainda que a sua alma receava
O incerto succesſo desta empresa,
Mostrava na aparencia hum grande esforço,
Com que animava a gente, e lhe fazia
Determinarse a couzas que parecem
Exceder as mortaes, humanas forças.
Estando nestes tertnos o socorro
Com rezam desejado, dos que em Diu
Resistem com esforço a furia imiga,
Mil trabalhos soffrendo, estando a gente
De Goa toda triste, e receosa,
Por males que do cerco redundavam:
La na volta do golfam aparece
Hũa nao alterosa, bem talhada,
A qual mostrava ser de grande preço.
Inchadas tras as vellas, e rompendo
Com força as ondas vem deixando hum rasto
Por popa de salgada, branca escuma.
A revolta foy grande na Cidade
Co a vista desta nao, e num momento
A nova se divulga a todas partes.
Ajuntase no porto muita gente.
Molheres, e meninos vam correndo
Com mostras, e finaes de prazer grande.
Velhos de longos annos tambem correm
Co a presse concedida a tanta idade:
Levantadas as mãos, dam mil louvores,
E mil graças a Deos, que em tal fortuna
Tal remedio mandava, que por certo

Ti-

Tinham todos que a nao hia do Reino.
Surge na barra à nao, a gente ferve
Dentro nella acodindo ao neceſſario.
Hũs recolhem as vellas eſtendidas.
Outros deitam ao mar peſadas ancoras:
Virafe em larga roda a nao ſoberba,
E ateſando as amarras ſe aſſegura.
Ia polos altos bordos apparecem
Os homẽs enfadados da viagem,
Feita por tantos climas differentes:
Por tantos, e por tam ſoberbos mares.
Ia todos moſtram quanto lhe he ſuave
A deleitoſa viſta de tal terra,
E com luzidos trajos de mil cores,
Moſtram dos corações os alvoroços.
Hum final lhes foy feito, e recolhidos
Nos caſtellos de popa, e proa deixam
Livre todo o conves aos bombardeiros.
Diſparam furioſos, groſſos tiros:
Cobreſe a nao de turvo, eſpeſſo fumo:
Soa dentro hũa viva, e alta grita:
Mas logo em pouco eſpaço ali ſe moſtra
A grande nao ornada com bandeiras
Nas quaes as armas vaõ dos fortes Limas.
O Viſorey cercado de fidalgos,
Ao porto chega, e manda num momento
Saber (do Capitam que nella vinha)
O nome, reſponderam com voz alta,
Que D. Manoel de Lima governava
Aquella gente toda. Era eſte homem
Naquella parte ja bem conhecido

Por Capitam prudente, valeroſo,
De grande authoridade, e experiencia
Em perigoſas guerras, e combates,
Onde ſempre moſtrou por muitas vezes,
Hum nobre coraçam, hum braço forte:
Hum eſforço em perigos, e ſoffrellos
Com animo invencivel. Quando ſoube
O Viſorey que vinha ali tal homem,
Tam forte, tam verſado ſempre em guerras:
Nam ceſſa de dar graças, e louvores
A Deos que lho trouxera a tam bom tempo.
Hum ligeiro Catur chegou a bordo
Da grande nao, e logo nelle veyo
O Capitam da terra, onde eſperando
Eſtava o Viſorey com toda a gente:
Levanta o alegre povo hũa tal grita,
Que fere as altas nuvés, reſonando
Polos teitos das caſas, e dizendo:
Ditoſo Capitam ſejas bem vindo,
Pois a tal tempo vens remir a India.
Apos eſtas palavras vaõ correndo
Sem ordem polas ruas, feſtejando
A deſejada vinda deſta armada.
Vendo D. Manoel a pouca gente
Nobre, que ao Viſorey acompanhava,
E que os Capitaẽs eram quaſi todos
Em ſocorro de Diu: e quando ſoube
Que Chaul ſe velava, receando
Do Zamaluco a vinda, e juntamente
Que tambem Bacaim ſe fortifica:
Sabendo que o Hidalcaõ lhe era contrairo,

Aim

Ainda que encuberto: quando a India
Em tal eſtado vio, e em tanto riſco:
Vendo os fortes ſoldados, delles mortos,
Delles, no grande cerco conſtrangidos
A mil grandes trabalhos, foy forçado
Moſtrarem os ſeus olhos a dor grande,
O peſar, e a triſteza da ſua alma.
Deſpois que ao Viſorey fallou, e a todos
Os fidalgos que ali eſtavam com elle,
Foraõſe praticando no perigo,
Dos que na fortaleza eſtam cercados:
Determinaõ logo que o ſocorro
Se faça ſem tardar, com diligencia:
Chegam aſſi fallando ao apoſento
Nobre, dos Viſoreys certa morada.
Recolhe o Viſorey eſte valente
Inſigne Capitam ali conſigo,
Ate que hum favoravel, brando tempo
Lhes conceda lugar para partirſe.
Mandam logo prover com muita preſſa,
As fuſtas, e gales de artilheria,
De munições, e couſas neceſſarias:
Soberbos galeões todos vaõ cheos
De muitos mantimentos, de pelouros,
De polvora, e de muy luſtroſa gente.
Vendo D. Manoel tempo oportuno,
Para ſervir elRey, como a vontade
Para iſſo aſſaz deſpoſta ſempre teve:
Ao Viſorey pedio com grande inſtancia,
Que licença lhe de para embarcarſe
Com trezentos ſoldados, e á ſua cuſta

A todos largamente proveria.
O Viſorey lhe diz, que muy bem ſabe
Quam certo eſtará ſempre no ſerviço
Do poderoſo Rey, e quam inteiras
Eſtas ſuas palavras ſam: mas que era
Muito mais neceſſario que ſe embarque
Núa ligeira fuſta, porque poſſa
Ir ali junto delle. Tanta conta
Se fazia do ſeu animo grande,
Que ſempre os Viſoreys, em graves feitos,
Procuravam de o ter junto conſigo.
E bem parece ſer iſto verdade,
Pois quando la em Diu, convidado
O gram Nuno da Cunha foy daquelle
Bhaudur Rey de Cambaya: vendo que era
Importante, e arriſcado eſte negocio
A D. Manoel mandou que ali eſtiveſſe,
(Nam ſendo nunca muito ſeu aceito)
E a porta lhe guardaſſe: que em taes tempos
Taes homés eſcolhia, outros deixando
Que com adulaçoés ganham vontades.
Outro tanto como iſto fez o nobre
Viſorey D. Garcia de Noronha;
Quando a ſoberba armada do gram Turco
Foy aguardar no mar, que eſte prudente
Valente Capitam mandou que andaſſe
Com ligeiros navios na dianteira
De toda ſua armada: ſendo hum caſo
Onde aſſaz evidente ſe moſtrava
A deſtruiçam da India, e final perda.
Mil caſos de importancia fez, andando

La

La no abundoſo, e fertil Oriente
Por tempo de vinte annos, que chegado
Ali de hum anno ſo, logo lhe deram
Grandes, e honrados cargos, conhecendo
Seu animo invencivel, ſeu bom zello,
Sua verdade, e ſeu felice fado,
Pois como ja os navios eſtiveſſem
Guarnecidos de novo, e aparelhados:
Os fortes gálioẽs de vergas dalto
Eſtavam todos ja, dando eſperança
Da victoria futura: a grande praya
Fervia a todas partes, e a revolta
Da gente que embarcava, enſurdecia
O porto, e alto, mar. Todos contentes,
E deſejoſos de honra, davam preſſa,
Porque nada ficaſſe, que impediſſe
A ditoſa partida hum ſo momento.
Tudo ja concertado, tudo preſtes,
O Viſorey ao porto vem cerçado
De grande companhia de fidalgos,
Mancebos, de animoſos, fortes peitos.
Capitaẽs valeroſos o acompanham,
E ſoldados robuſtos, no exercicio
Militar ſempre uſados: tambem vinha
Seguindo logo atraz hum grande povo
Rogandolhe mil bens, a Deos pedindo
Com grandes rogativas que deffenda
Eſtes ſeus cavalleiros, e aos imigos
De ſua ſanta Fe, em triſte jugo,
E captiveiro ponha para ſempre.
Aqui ſe via em roſtros de molheres

Hũa defuncta cor, que as desfigura:
Correndo hum medo frio polos ossos,
Que as entranhas lhe deixa trespassadas,
Com taes sinaes, mostrando o temor grande
Deste succesſo incerto, e duvidoso.
Ia o dourado Phebo aparecia
Ferindo com luz nova os altos montes,
E aos nossos Antipodas deixava
Cubertos de hũa negra, e triste sombra,
Quando esta grande armada deixa o porto
Desemparado, e so. Em despregando
As grossas naos as vellas, alçam todos
Hũa grita que o Ceo penetra, e passa.
Levava o Visorey na dianteira
Hũa fusta, antre todas escolhida,
Que vence em ligeireza o mesmo vento:
Traz ella vam remando outras sesenta,
Com doze galoões, e naos mais grossas.
D. Manoel de Lima governava
Outra ligeira, bem provida fusta:
E Garcia de Sá varam prudente
Por Capitam vay de outra, e outra leva
D. Manoel da Sylveira, e o mancebo
Valeroso, esforçado, cujo nome
Era Iorge de Sousa, outra governa.
Tambem Manoel de Sousa outra levava,
Deste era sobre nome de Sepulveda.
Miguel da Cunha, e Ioaõ Falcam levavam
Duas fustas iguaes, em chusma, e remos.
A D. Ioaõ Manoel outra foy dada,
Que tocara inda entam o mar de novo.

Fran-

Franciſco Dazevédo ali procura
Aventajar a ſua de outras muitas
Pois Franciſco da Cunha bem queria
Que a ſua foſſe igual das dianteiras.
Leva Antonio de Sa, com força grande
De valentes mancebos, outra: e outra
Leva Iorge Cabral: tambem levava
Coſmo de Paiva aqui outra pequena;
Mas muy ligeira fuſta, e por parceiro
Vay Pero de Taide, em outro novo,
E bem feito navio. Iuntamente
Luis Alvarez de Souſa vay regendo
Outra fuſta ſotil, aparelhada
De novas muniçõés, de bõs remeiros.
O Padre Fr. Antonio, que dalcunha
Do Caſal ſe chamava, e neſtas partes
Cuſtodio era geral de S. Franciſco
Hia por Capitam de outro navio:
Tres frades leva ali por companheiros,
E leva vinte e quatro bons ſoldados,
Dandolhes de comer muy largamente.
Outros bõs Capitães vam repartidos
Por naos, por Galioés, por outras fuſtas.
Todas levam bandeiras de mil cores,
Deſatadas ao vento, com deviſas
De ſuas entençoés, todos veſtidos
De ricos, e luſtroſos atavios,
Cauſam nos coraçõés hum vivo eſforço:
Hũa grande eſperança de victoria.
Logo as fuſtas começam a moverſe,
Tornando em branca eſcuma o mar inchado

Os remeiros com força vam dobrando
Os fortes remos com valentes braços.
Cortam as naos a par as groſſas ondas:
Bate hum continuo alento os açodados,
E trabalhados peitos dos que remaõ.
Das ſecas bocas ſae hum bafo eſpeſſo:
Os robuſtos, e nus hombros ſe moſtram
De abundoſo ſuor todos banhados.
De quando em quando ſoa hũa alta grita
Que as nuvẽs rompe, e chega ate as eſtrellas.
Perdida ja de viſta a terra firme,
Engolfados no mar, ſupitamente
Nam muito longe delles, as inchadas,
E furioſas ondas arrebentam:
E em largo circuito ferve a agoa.
Empolas levantando a muitas partes:
Taes que por altos montes ſe julgavam.
Abreſe em fundas covas o mar todo:
Aparecem Marinhos feros monſtros,
De mil-diverſas formas, feſtejando
A vinda do gram Padre, que o governo
Tem das profundas agoas. Aparece
Aquelle velho Glauco co ſeu choro:
Aparece tambem o grande exercito
De Phorco, e a donzella Panopea:
Aparecem Tritões, por outra parte
Correndo muy ligeiros polas ondas.
Aparece apos eſtes, Cimodoce
Com ſuas companheiras, noutro tempo
Troyanas naos, agora convertidas
Em fermoſas Nereidas por Cibelles.

To-

Todas trazem nas mãos muy ſonoroſos,
Suaves inſtrumentos. Apos eſtas
A deoſa Thetis may do Grego Achiles,
Vinha leda, e contente prometendo
Hum tempo favoravel, ſem perigo.
No meyo deſtes todos, ſe levanta
O gram Neptuno com ſereno roſtro,
Sobre hum carro riquiſſimo, adornado
Com pedras, de valor raro no mundo,
Cujas ligeiras rodas vem cubertas
Das perlas que produze o Oriente.
Quatro cavallos fortes, e ſoberbos
O gram carro tiravam: deſcobrindo
Os eſcamoſos peitos, dam mil golpes,
E ferem com as mãos as claras ondas.
Das bocas, e das ventas lançam grandes
Rios de agoa corrente, e o grande Padre
Com ſembrante aprazivel, e ſereno
Os olhos vay voltando a todas partes.
Obedecem as ondas á preſença
Do poderoſo Rey, e o mar inchado
Sereno fica, manſo, amigo, e brando.
Alça Neptuno entam o bráço forte,
O tridente ſacode com gram força:
Alteranſe os cavallos, arremetem
Dando ſaltos aqui, e ali ligeiros:
Ferindo as agoas com ſonoro eſtrondo.
Reparteſe aqui a corte de Neptuno,
Cerca a armada por hũa, e outra parte,
Moſtrando em todas ellas alegria.
Hũs ſe eſcondem debaixo dagoa, e logo

Con-

Contentes aparecem, revolvendo
As escumosas ondas com rugido.
Outros tocando vás conchas, atroaõ
Os altos ares, outros com divertos
Alegres movimentos, fazem festas
A Portugueſa armada belicosa.
Ali guiava o carro de Neptuno
A fusta Capitaina, e junto della
Com vozes suavissimas, cantando
Vaõ formosas Nereidas, os louvores
A tam bom Capitam, justo devidos.
Com tanta magestade navegando
Chegam a Baçaim, e os encurvados
Ferros ao fundo deitam: segurando
Os navios no porto, onde estiveram
Algũs dias: mas todos, embarcado
Esteve o Visorey, sem tomar terra.
D. Manoel de Lima se offerece
Ao Visorey, dizendo que elle yria
A Costa de Cambaya fazer guerra:
Da qual Costa tem larga experiencia,
E gram conhecimento dos lugares,
Em que pode fazer notavel dano.
Aprova o Visorey este conselho,
Mandoulhe que partisse, e que levasse
Seis ligeiros Catures, por nam serem
Mais entam necessarios, e fizesse
Por ali quanto mal possivel fosse.
Mandalhe expressamente, que a molheres,
A velhos, e a meninos nam de vida:
Mas antes crueldade em todos mostre,

Nem

Nem perdoe a idade, ou fermoſura.
E para mais eſpanto, tambem manda
Que os gados, os cavallos, e egoas mate:
Para que o gram ſoltam ſinta ver tantos
Innocentes morrer, ſo pola culpa
De ſeu fraco juyzo, e pertinacia.
Chegam a enſeada em breve tempo,
Começam de fazer hũa ſangrenta
Crueliſſima guerra. Tomam trinta
Cotias que levavam mantimentos
Ao imigo arrayal, e toda a gente
O Capitam mandou que foſſe feita
Em pequenos pedaços, e as cotias
Deſta carga mortal todas encheſſem.
Os ſoldados com furia ſe arremeſſam,
Aquelles que a morrer ja eſtam julgados,
Com grande crueldade cortam membros:
As entranhas desfazem, tiram almas
Que em breve eſpaço vam com dor gritando
Ao reino tenebroſo, fero, e triſte
De hum congelado, negro, e frio ſangue,
Os ſoldados eſtavam todos cheos.
Rodam polos conveſes as cabeças
Defunctas, em qualhado ſangue envoltas,
As cotias encheram deſta carga:
Polos rios as metem, pubricando
A temeroſa nova em toda parte.
Ia ſe ouvem triſtes prantos, e altos gritos,
Onde a funeſta armada toma porto.
Corre a miſera gente ſem concerto,
Ajuntaõſe molheres em manadas:

Eſpantadas vão ver o fero caſo,
Que viſto, as faz ficar emmudecidas.
Hum medo torpe ali combate as almas
Deſta miſera gente, e rouba aos roſtros
Aquella cor de vivos, parecendo
Levantarſe das frias ſepulturas.
Os dentes ſe lhe apertam, e hum rogido
Nas deſmayadas bocas ſe lhes ouve,
Qual ſoe cauſar no fraco, triſte enfermo.
O frio da quartaã. Hum grande eſpanto
Nos ſeus coraçoens cauſa o eſquadram negro
Das carniceiras aves que ſeguiam
A frota avorrecida, com clamores
Deſconcertados, e altos, que raſgavam
As mais ſobidas nuvés. Conſtrangidas
Da dura fome, decem com gram preſſa
Aquelles corpos vis deſpedaçados,
Armando antre ſi meſmas nova guerra,
Sobre a partilha vil da immunda carne.
Os triſtes miſeraveis alaridos,
Da gente que iſto via, atroa os montes,
Todos os fundos valles, e as cavernas
Concavas retombavam com mil gritos.
Seſenta Mouros todos eſcolhidos
Meteram nos Catures: bem cuidavam
Os triſtes, que da morte ja ſeguros
Hiam, e deſte mal livres, e ſalvos.
Deſpois que o Capitam eſte gram dano
Naquella parte fez, tornaſe aonde
Eſtava o Viſorey, com promptos olhos
Aguardando por elle, e em chegando

A

A' viſta da gram frota, logo manda
Enforcar os captivos que trazia.
Sobiraõnos em alto a todos juntos:
Derrubamnos dali a hum meſmo tempo,
Correndo de vagar os crueis laços,
As gargantas apertam com dor grande,
E com mortal trabalho padeciam,
Aqueſles a quem ſua triſte ſorte,
Tam deſaſtrado fim tinha guardado.
Os corpos com dor grande, com tormento
Se revolvem a hũa, e outra parte:
E no ar eſtendidos ſe eſtremecem,
Lidando com tal morte tam penoſa.
Todos deſta maneira á frota chegam,
Com grande grita, e feſta dambas partes.
Quando os da armada viram as bandeiras
Com que os Cátures vinhaõ tam ſoberbos,
Louvam com vozes altas a ventura
De quem tam bom principio deu a guerra,
Que todos com razam tanto temiam.
Muitas, e grandes honras foram feitas
A D. Manoel, com publicos louvores
Do Viſorey, com quantos cavalleiros,
Capitães, e fidalgos na gram frota
Avia entam: dizendo que elle abrira
A porta, e o caminho que fechado
Eſtava com receo do ſucceſſo,
Que duvidavam ſerlhes favoravel:
E co eſta ſua vinda tam ditoſa,
Animára os ſoldados, e eſpertára
Os coraçõés de todos, que ja ardiam

Em

Em vivo fogo de honra: deſejando
Fazer couſas de fama, e gloria dignas

Neſte Canto Decimo ſexto ſe trata, como D. Manoel de Lima tornou á Coſta de Cambaya por mandado do Viſorey: contaſe nelle todas as couſas que ali fez neſta ſegunda viagem. Trata tambem da chegada do Viſorey a Diu.

ANimos generoſos, e eſforçados,
Que altos, e grandes feitos emprenderam,
Da proſpera fortuna, com ſucceſſos
Ditoſos, vimos ſer favorecidos.
E a corações covardos, os deſaſtres
Eſtam mais evidentes, e mais certos.
Sempre a fortuna ajuda hum nobre peito,
Ouſado, que a morrer ſe determina.
Nam paſſou muito tempo deſcanſando
Eſte bom Capitam que no terceiro
Dia, ſe apercebeo para dar volta
Segunda vez, a Coſta de Cambaya:
Mandoulhe o Viſorey que entam levaſſe
Trinta ligeiras fuſtas eſcolhidas
Das milhores que ouveſſe em toda a armada.
Leva por Capitães algús fidalgos
De origem decendidos, clara, illuſtre,
Com outros varoés dignos de mil honras,
Na guerra experimentados, e prudentes.
Tambem leva conſigo outros mancebos,

De

De puriſſimo ſangue, e tronco antigo:
Aos quaes naquella idade, hum vivo esforço,
Hum deſejo de fama, faz que emprendam
Dificultoſos, e arriſcados caſos:
A vida offerecendo pola fama.
Os que vam por ſoldados ſe chamavam,
D. Fernando, e Antonio ambos de Lima,
D. Duarte tambem deſte apelido,
Que a tantos deu glorioſo, immortal nome,
D. Hieronymo Deça, e D. Antonio
Com D. Gemes, tambem Deça chamados:
Vai Bernabe de Sa aqui neſte conto,
Com Mathias de Souza, e hum mancebo
Filho do ſecretario, cujo nome
Era Miguel Carneiro. Todos levam
Armas reſplandecentes, e cuſtoſas,
Celadas fortes, duros coſſoletes,
Com veſtidos de panos de mil cores,
Que poem esforço nuns, noutros eſpanto:
Enxergaſe bem nelles que deſejam
Empreſſas, de que tirem fama, e honra.
Os Capitaes das fuſtas que ſeguiam
A D. Manoel de Lima neſta armada,
Eram D. Manoel Deça, Alvaro Peres
Que tem Andrade, e Abreu por ſobrenome,
Tambem Iorge da Sylva, e Luis Figueira,
Hieronymo de Souza: e logo co elle
Hum Malavar, ſobrinho do Sequeira
Que por Capitam hia em outra fuſta:
Hia Nuno Fernandez, que dalcunha
Pegado ſe chamava, e o Ramalho.

Vay Lourenço Ribeiro, Antonio Leme:
Vay Alvaro Serram, homem sesudo,
E de animo robusto. Tambem leva
O destro Capitam Cosmo Fernandez,
Na Ligeira galveta sempre certo.
E aquelle que a hũa voz todos chamavam
O Rey de Zanzibar, que conhecido
Era por este nome em toda parte.
Sem mais outra detença o remo affetram
Aquelles que escolheo por mais expertos:
Vsados em trabalhos, e em fortunas
De tempestuosos ventos, diligentes.
O mar batem com força, vão em saltos
Os ligeiros navios, como quando
Vão seguindo os Golfinhos no mar alto,
A civel, fraca presa, que lhes foge
Assi vão com bom vento navegando,
Chegam a grande Costa de Cambaya,
E dentro na enseada entráram logo,
Por ser o principal de todo o Reyno.
Desembarcam em terra, e de improviso
Começa arder o fogo com braveza,
E levantar no ar a ardente chama.
Ia se ouve o triste pranto, os altos gritos
Daquelles miseraveis, tristes corpos,
Que abre o ferro cruel, e queima o fogo:
Mas nem isto bastou para pôr freo
Naquelles furiosos, duros braços.
Despois que destruhio alguns lugares,
Sem ficar cousa em pé, e que nam fosse
De todo ruinada, se tornaram

Lo-

Logo embarcar nas fuſtas, indo ſempre
Tam pegados com terra, que varrendo,
E levantando vaõ a branca area.
Eſtava ali hum lugar que ſe chamava
Do Abexim, de riquezas abundante:
De Çurrate, diſtancia de hũa legoa;
Onde CogeÇofar tinha seu trato,
Com muitos outros groſſos mercadores.
Edificios moſtrava bem lavrados
Muitas caſas fermoſas todas cheas
De grandes mercancias, e outras couſas
De eſtranheſa, e valor raro no mundo.
Como a gente ſentiò que hia ſobre elles
O Capitam valente, deſemparam
O lugar num momento: porque o medo
Nam lhe conſente mais ali deterſe.
O deſejo da vida faz que deixem
As fazendas, e tudo o que poſſuem,
Entregue ja de todo a hum fogo ardente
Que em mil partes ardia, e aos ſoldados
Que he outro fogo maior, mais perigoſo.
O luſtroſo eſquadram hia cerrado,
Guarnecido de muitos arcabuzes,
De luſtroſas, e groſſas, fortes armas.
Hũa branca bandeira vay ſeguindo,
Que deſatada ao vento, vay moſtrando
O divino final, em que Deos homem
Por nos quis padecer, no gram Calvario;
Indo deſta maneira entraram dentro
No lugar aprazivel, e nas caſas
Que de famoſa preſa eſtavam cheas;

Lançam perniciosso, ardente fogo,
Que em breve espaço faz notavel perda.
Ia por mil partes arde o lugar grande:
Os lavores sotis dos altos teitos,
Vivas brasas se tomam: e a custosa,
Bem lavrada madeira, em fogo ardendo
Por todas partes cae, e entupe as ruas.
Grandes nuvés de fumo levantadas,
Ali com outras se andam encontrando,
Do po que o vento erguia. Grandes montes
De trigo, milho, arroz, e de outros muitos
Proveitosos ligumes, todos ardem,
Todos em leve cinza, se convertem.
Ali nada se salva, ali fenecem
Mil nobres edificios, e estimadas
Ricas mercadorias: tudo ao fogo
Embravecido, com rigor se entrega.
Ali ficam perdidos mercadores,
Ali o racional, e o bruto morre.
Tomaranse alguns Mouros nesta parte,
Os quaes por deffender as tristes vidas
Em balde se esforçaram, logo atados,
E a bom recado foram todos postos.
Vanse os nossos daqui a hum largo campo,
Que estava do lugar pouco affastado.
Levam comsigo aquelles, a que o duro
Fado quis dilatar hum pouco a morte,
Para lha dar despois com mor tormento,
Porque em muy breve espaço foram feitos
(Mandandoo o Capitam) em mil pedaços,
Hum so deixando vivo, que presente

Eſtiveſſe ao tormento riguoroſo,
Que os outros condenados padeciam.
Deſpois que ſe paſſou o triſte termo
Deſte tam neceſſario, e cruel feito,
O Capitam mandou trazer diante,
O Mouro, a quem a vida ſegurara,
Que quer que va direito a fortaleza,
Levar do que ali vira certa nova.
Tremendo, e ſem figura vinha o triſte,
Atonito paſmado, ſem ſentido.
Tal vinha como aquelle a quem fantaſma
Apareceo de noite, com figura
Horrenda, pavoroſa, e aſſombrado
Fica, com mortal cor da viſam fera:
E rodeando a viſta a todas partes,
Nenhũa couſa vẽ: tam atreſpaſſado
Eſtá do grande medo, que nam falla,
Nem ouve o que lhe dizem. Aſſi eſte,
Dos que vira matar, vem com tal medo,
Que quaſi traz perdida ja de todo
A viſta: mas ſabendo por certeza
Que o Capitam lhe dava a vida, torna
Hum pouco ſobre ſi com mais ſprito.
O Capitam lhe diz, que leve a nova
Do que vira fazer, aos que em Çurrate
Eſtavam recolhidos: mas queria
Que primeiro deixaſſe as mãos la onde
Elle vira deixar outros as vidas.
Quando o Mouro entendeo que eſtava livre
De morrer como os outros, inda que era
Perdendo hums membros taes, tam neceſſarios,

Qua-

Quaſi alheo de ſi co prazer grande,
Proſtraſe logo em terra, nam ceſſando
De dar ao Capitam infindas graças,
Pola merce da vida: e logo eſtende
Com alegria as maos no duro cepo,
Em que outros eſtenderam as gargantas,
Sogeitas ao cruel imigo fero:
Onde foram cortadas, e ligados
Os decepados braços fortemente:
Porque o ſangue nam ſalte achando as veas
Abertas, que a fugir lhe da licença.
Traz iſto o Capitam lhe diz, que pode
Partirſe ſe quizer, porem que diga
Aos que eſtavam em Currate que outro tanto
Se avia de fazer a toda a gente
Do reino de Cambaya. O Mouro inutil
Deſpois que ſe vio ſolto vay correndo,
Sem acabar de crer que era verdade
Que eſtava livre ja. Ainda ſentia
Aquelles crueis golpes com que vira
Fazer em mil pedaços ſeus parceiros.
Ainda ali preſentes leva os gritos,
Com que as almas deixando os frios corpos,
Deciam ao eſcuro, horrendo abiſmo.
Pouca pena, e trabalho entam lhe dava
Máos, e nervos cortados: mas ja quando
O medo deu lugar que ſe ſentiſſe
A grandiſſima dor, começa o triſte
Queixarſe gravemente: e a eſte tempo
Chegava a fortaleza de Currate,
Ouvio dentro hum rumor, hum triſte pranto,

Hũs gemidos cansados, e ja roucos.
A grandes brados pede que o recolham,
Que vinha dos imigos mal tratado
Hum pequeno postigo abriram logo,
Os que estavam la dentro, com desejo
De saber o que passa: e recolhido
Na fortaleza, o Mouro com gram pressa
Poem de novo ao postigo o duro fecho.
Acode a gente toda desmayada,
Cercam o Mouro em roda, e lhe perguntam
Se ficara contente com este dano
O cruel Capitam, ou se elle ainda
Lhes quereria por fogo a fortaleza,
Deixandoos abrasados, e por terra,
Como, aos outros lugares tinha feito.
Porque tal era o medo que lhe tinham,
Que inda ali se nam tinham por seguros.
Em alta, e triste voz todo tremendo,
Estilando hum licor salgado os olhos,
A todos conta o Mouro o fero caso:
Os tormentos crueis, as duras mortes.
Os incendios, as perdas, e as ruinas
Que elle vira, e em si tambem sentira.
Os braços mostra entam correndo o sangue,
Testemunhas do mal que succedera.
Tambem lhes da o recado que levava
Do Capitam para elles, que foy causa
De hum tormento mortal nas tristes almas.
Sabida a cruel nova geralmente
Se faz hum novo pranto, e as molheres
Que os pequenos filhinhos sustentavam

Nas

Nas ſabroſas terás, quando ouviram
Do Capitam contar taes crueldades,
Apertão nos comſigo, ſuſpirando,
E gemendo diziam: triſtes filhos,
Hay miſeras de nós, ſe por ventura
A fortuna cruel vos entregaſſe
Nas mãos dos carniceitos Portugueſes.
Hay filhinhos pequenos, Deos nam queira
Que o Capitam que agora fez tal dano
Venha onde vos eſtais; para vos vermos
Acabados, e a nós com triſtes mortes.
Iſto dizem as mãis deſconſoladas,
Em lagrimas banhando os tenros filhos:
E deſtes ſobreſaltos tinham ſempre
As almas, e as entranhas treſpaſſadas.
Tinham todos temor, e hum médo grande
Porque viram bandeira, e mão armada,
Com perdas de lugares, de fazendas,
Com tanto dano, em parte onde cuidavam
Que era couſa impoſſivel, Portugueſes
Poderem chegar nunca em algum tempo.
Aſſi lhes parecia que hum tal homem
Naſcera por ſeu mal, e quando nelle
Falavam, logo os roſtros deſcubriam
Das almas o temor, a cor perdendo.
Deſpois que eſte lugar que ſe chamava
Do Abexim, foy queimado, e tudo quanto
Avia dentro nelle: determina
O Capitam dar fim ao que ja tinha
Começado tambem com tanta honra,
E ainda que fazia eſtas crueza,

Nam

Nam era por cruel, que muy benigno,
Brando, e affabel era: mas compria
Tratar desta maneira hũa tal gente:
Porque eram tam soberbos que daquellas,
E de outras muito mores crueldades
Tinham necessidade: porque sendo
Tratados menos dura, e cruelmente,
Levantam de contino novas guerras,
Dando novos trabalhos cada dia.
Assi que era muito justo, e necessario
Domallos com temor, com força de armas.
Partido o Capitam deste famoso
Gram lugar do Abexim, de que nam fica
Outra memoria mais, que grandes montes
De cinza, e de carvoẽs, vai tomar terra
Em Ançote, levando a dianteira
Este Alvaro Serram que atras se conta,
Esforçado em perigos, com quarenta
Assaz destros, e bõs arcabuzeiros.
O Capitam atraz o vai seguindo,
Com todos os fidalgos, e soldados.
Armados hiaõ todos de lustrosas,
Ricas, e fortes armas, delles levam
Compridas espingardas, delles lanças
Tesas de agudos ferros: e em tal ordem
Chegam a dous lugares, nam muy grandes,
E deixandoos queimados se partiram,
Porque Ançote mostrava os edificios
Apartados dali pouca distancia.
Neste grande lugar avia muitas,
E bem lavradas casas, todas cheas

De

De muy groſſas fazendas, tinha ruas
Direitas, e compridas, onde eſtava
Hũa ſo fortaleza alta, e ſoberba.
Entrados na Cidade em breve eſpaço
Começa o fogo arder por muitas partes:
Cobreſe o alto Ceo de huma fumoſa,
Eſpeſſa nuvem negra, eſcura, e triſte:
Ia os ſoberbos, e os altos edificios,
Com eſpantoſo eſtrondo vem a terra:
Ia ſe movem os braços victoriosos:
Ia ſoaõ grandes golpes, grandes gritos
Dos triſtes, que da morte, o duro encontro;
E do inimigo a furia, vaõ ſentindo,
Em todas partes crece o pranto, e o medo,
De mil mortes crueis acompanhado,
Os ſoldados com força (derrubando
Vaõ) com fortes marroẽs as grandes caſas,
Matando a quantos acham polas ruas.
O' caſo cruel, duro, e laſtimoſo,
Que ſo a lembrança delle nos inclina
E move a piedade: muitas moças
Alviſſimas, fermoſas, cuja idade,
Florecia em tal tempo, temeroſas
Daquelle grande incendio, nam ſabendo
A que parte fogiſſem, vinham todas
Cair nas duras mãos de ſeus imigos,
Que aceſos em furor, nam nas tratavam
Co aquella corteſia honeſta, e branda,
Que por razam ſe deve em todo tempo
A hũs olhos fermoſos, a huma graça
Onde coſtuma Amor armar ſeus laços:

An-

Antes de todo cegos, denodados,
Os tenros peitos abrem, e as espadas
Banham naquelle puro, e limpo sangue.
A todas partes correm, tam cubertos
De abundoso suor, de espesso fumo,
De fresco, e vivo sangue, que parecem
Figuras infernaes, antes que humanas.
Nam fica ali com vida o fraco velho,
A innabel molher, o tenro moço,
Nem o gado innocente, bruto, e manso,
Com tudo o mais que goza a vital aura.
Trinta e sinco cotias ardem todas,
Com outras mil fazendas differentes.
O Rumecam recebe grandes perdas:
Ficam mil mercadores destruidos:
Baneanes de resgates proveitosos,
Enforcados os deixam nos caminhos:
Nas mezquitas lhe fazem mil injurias:
Mil grandes vituperios, a seus deoses
Falsos, e mentirosos: daqui foram
Quasi duzentas almas, ao profundo,
Horrido, pavoroso, e triste inferno:
Ficando esta Cidade, e tudo nella
Sem nada se salvar, ardendo em fogo.

Cansados todos ja de tantas mortes,
Ao serviço delRey tam necessarias:
Embarcamse nas fustas, quando Apollo
O luminoso carro ja escondia,
E os cavallos banhava no Occeano,
Ficando o ar envolto em negra sombra,
E o mundo todo em cor escura, e triste.

Todos tomam repouſo do contino
Trabalho, em que o paſſado dia andaram.
Eſtendemſe por bancos, por conveſes,
Dam repouſo aos canſados, laſſos membros,
Entregandoos a hum brando, e doce ſono.
Dormindo movem hũs os fortes braços,
Dando com muita força em vaõ mil golpes:
Outros com vozes mal diſtintas, dizem:
Aqui matemos eſtes que nos fogem.
Alguns iſto dizendo, levantavam
As cabeças em ſono ſepultadas,
Moſtrando com ſinaes de furor grande,
Naquellas mortes inda andar envoltos:
Mas o profundo ſono torna logo
Render os alterados corpos: liga
Os ſentidos de novo, e repreſenta
Em todos hũa imagem muda, e triſte,
Da cruel, fera, horrenda, e negra morte.
Quando no meyo ja da gram jornada,
As luzentes eſtrellas ſe ſobiam,
E a terra eſtava entam em mor ſilencio:
A deſerta Cidade, com mais força
Se abraſava de todo, e ſe ruinam
Ate o cimento as caſas, ſepultando
Aquelles mortos corpos meyo ardidos.
O fogo vai buſcando onde ſe esforce,
Onde faça mais dano com braveza.
Acha vaſos muy grandes de eſtimado
Precioziſſimo oleo (neſta parte
Caro, e cuſtoſo aſſaz) os vaſſos ardem,
Derramaſe o licor, deſapparecem

As

As grandes, e furiosas labaredas.
Vivas brazas de azeite ficam cheas,
Fervendo, e levantando hum fumo negro:
Mas logo em pouco espaço ali se ascendem
Chamas, mais esforçadas que as primeiras.
Ia com fogosa luz os mares mostram,
Em largo circuito o grande incendio.
Ia se converte em dia (antes das oras
Costumadas) a fria escura noite.
Despois que amanheceo, vindo o gram Phebo
Com seus rayos dourando os altos montes,
O nobre Capitam hum final manda
Fazer da sua fusta, porque acordem
Os que em sono agradavel sepultados
Estavam, e a partir se façam prestes.
Levantanse dali e a voga larga
Vam sobre dois lugares, que mostravam
Doerse das miserias da vezinha
Misera, e mal affortunada Ançote.
A gente foge delles nam salvando
Mais que somente as vidas, que as fazendas,
E os lugares, ao fogo ardente foram
Logo entregues, caindo ate os cimentos.
Aqui quinze lugares se queimaram:
A gente toda sente o cruel ferro:
Nem se perdoa a cousa alguma viva
Os velhos, e mancebos, igualmente
Passaram pola morte regurosa:
As molheres, e moços mais pequenos,
Todos hum fim tiveram desastrado,
Nam ficou mantimento que nam fosse

Em

Em cinza convertido: e a eſta cauſa
Avia em todo o Reino de Cambaya
Grandes neceſſidades grandes fomes:
Porque a parte maior da gente della
Se provia daqui de mantimentos
E deſta fertil coſta ſe mantinham.
Todos eſtes lugares que abraſados
Ficaram com taes perdas, governava
O grande Rumeçaõ, e quanto avia
No meyo de Balſſar, e de Baroche
(Que ſam de coſta grandes quinze legoas)
Tudo foy deſtruido, a gente morta:
Os cavallos tambem, e egoas, e gados,
Se viam eſtendidos pola praya.
Naos groſſas, e cotias tambem foram
Convertidas de todo em leve cinza.
Tudo era mal aqui, tudo deſtroços:
Tudo era ferro, e fogo, e triſtes mortes.
Deſpois que tantos danos fez, e tantas
Mortes a tantos deu por eſta coſta,
Eſte bom Capitam com tal victoria,
Se torna onde eſperando eſtá por elle
O Viſorey em Bethel: que do tempo
Do gram Nuno da Cunha, lhe puſeram
Antre nos, para ſempre, hum triſte nome.
Chamaſe desdentam Ilha dos mortos.
Ali o Viſorey por elle aguarda,
Porque chegando a Diu, determina
Dar batalha campal aos enemigos,
E nam quer neſta affronta entrar ſem elle.
Se da primeira vez foy recebido

Com

Com honra, com louvor, com alvoroço,
Com tudo mor agora o receberam.
Chegando D. Manoel, alcançou logo
Perdam do Viſorey, aos malfeitores,
E outros omiziados, que o ſeguiram,
Em todos os trabalhos da viagem.
Era eſte Capitam muy valeroſo:
Muy verſado na guerra, tinha muita
Experiencia, e eſforço: e ſobre tudo,
Era amado, e bem quiſto dos ſoldados:
Era affabel, e brando: e juntamente
Hum bravo aſpecto tinha autorizado:
Hum ſembrante ſevero, que moſtrava
Deſprezar arriſcados, e altos feitos.

No fertil Oriente ja ſe vinha
Levantando a fermoſa, freſca Aurora,
Com alegre ſembrante, derramando
Ao derrador do Ceo, purpureas roſas,
Quando o Viſorey manda dar as vellas,
Aos grandes galeões, e as fuſtas todas
Vogando, abrem caminhos polas ondas.
O Comitre cruel, ja na coxia,
Com rigor aos forçados caſtigava.
Os vivos gritos, e clamor ſonoro
Dos remeiros, feria as altas nuvẽs.
Todos hiaõ contentes, e animoſos:
Em todos ſe emxergava huma ouſadia,
Hum vivo coraçam determinado,
Para acabar qualquer empreſa grande.
Hindo aſſi navegando eſta gram frota,
O cercado lugar lhes aparece,

E vendo a fortaleza conquiſtada,
Por tantos, e tam duros enemigos,
Hum alvoroço grande, hũa viveza
Ferve nos corações dos mais valentes.
Grande foy alegria dos fidalgos:
Grande o contentamento d'outros muitos
Notaveis cavalleiros, quando viram
Que ſe lhes chega o tempo de moſtrarem
A Fe devida a Deos, a lealdade
Que devem a ſeu Rey, como vaſſallos,
Que podem com razam ſer eſcolhidos
Antre todos os outros do univerſo.
As fuſtas poſtas todas em concerto,
Vaõ fazendo hũa mea grande lua:
Soberbos galeões com vellas altas,
O raſto dellas vaõ de tras ſeguindo.
Mil baſtardas trombetas, e outros muitos
Inſtrumentos de guerra alvorocavam
Os nobres corações, que ja deſejam
Em batalha moſtrar ſeu grande esforço:
Vaõ todos os navios com bandeiras
De mil diverſas cores, aprazivels:
Moſtraſe a gente nelles, com luſtroſas,
Reſplandecentes armas: os remeiros
Dobram com maior força os fortes remos,
Chegando bem ao Ceo ſeus vivos grisos.
Com tal ordem ſurgiram todas juntas,
Eſpaço de hũa legoa da Cidade.
Começa logo a armada Portugueſa,
Que la na fortaleza eſtava ſurta,
Salvar o Viſorey com muitos tiros.

Reſ-

Reſpondelhe a gram frota juntamente:
Turvaſe todo ar com groſſas nuvés
De peçonhento fumo: reſplandecem
Supitas labaredas, e bramavam
Os ares, com eſtrondo fero, horribel.
Diſpara a fortaleza toda quanta
Artilheria groſſa tinha dentro.
Os Mouros outro tanto das eſtancias
Fazem, para moſtrar quam pouco medo
Daquella, e doutra armada, ter podiam.
Nam tardou muito eſpaço, que hũa fuſta
De la da fortaleza vem direita,
Demandando a ſoberba groſſa armada:
Lourenço Pirez vinha dentro nella,
Dos Tavoras illuſtres deſcendido:
E chegando onde eſtava a Capitaina,
Entrando dentro, vai com prazer grande
Fallar ao Viſorey, que por eſtremo
Co elle ſe alegrou, por ſer hum homem
Na guerra largamente exprimentado,
Prudente nos conſelhos, e ardis della.
Foy por Capitam mor das naos que foram
Aquelle anno do Reino: e por ſer tarde,
Fez viagem por fora de hũa ilha,
S. Lourenço chamada, e por tal cauſa
Foy ſurgir a Cochim: onde ſabendo
Os termos deſte eſtreito, duro cerco,
Se embarcou neſta fuſta, co a mais preſſa
Que poſſivel lhe foy, e no paſſado
Dia, deſembarcou na fortaleza.
Grande foy o prazer de toda a gente,

Co a vista deste bom Capitam, quando
A nova se estendeo por toda armada:
Tendo todos tal vinda por agouro,
De prospero, ditoso, e bom succesſo.
Assi passaram todo aquelle dia,
Entendendo no que era necessario:
E logo no seguinte dia, chega
Aquelle Capitam da fortaleza
Que com razam merece, em roda parte
Ser por tempos eternos celebrado.
E vindo perto ja da grande armada
Disparam toda quanta artilheria
Avia dentro nella: e apos isto,
De trombetas hum som esperto, e vivo
Com gritas de alegria rompe os ares.
Despois que entrou na fusta, que ali vinha
Por principal de todas, foy com festa
Recebido nos braços do prudente
Visorey valeroso, e dos fidalgos
Capitães, que co elle estavam juntos.
Tornados assentar, antre si tratam
Que maneira teram de tomar terra.
Despois de praticadas muitas cousas,
Hum ardil inventaram proveitoso,
Sutilissimo, e bom, desta maneira:
O Visorey mandou que os marinheiros,
E outros homẽs do mar, que ali narmada
Aviam de ficar, tivessem todos
Nas mãos direitas remos, e nas outras
Tivessem levantadas grossas lanças:
E apercebidos todos aguardassem,

Por hum certo ſinal que lhes faria,
Com tres foguetes juntos, e a tal tempo
As tromberas tocando, e altas gritas.
Moſtraram querer por em terra a gente.
Porque os Mouros cuidando que iſto he certo,
O peſo, e força delles ali corra:
Deixando ſem contraſte o lugar, onde
Elle eſpera de dar o fero aſſalto.
Deſpois de praticarem grande eſpaço
No que devem fazer, toma licença
Eſte bom Capitam, do valeroſo
Inſigne Viſorey, e vayſe logo
Tornar a preſidir na fortaleza.
Manda nella fazer muitas eſcadas,
As quaes, poſtas na parte, que ſe eſconde
Do enemigo arrayal, ſobem por ellas
Os ſoldados de noite, ſem ſer viſtos,
Nem ſentidos dos Mouros. Niſto gaſtam
Tres dias, e no quarto, eſtava a gente
Toda na fortaleza recolhida.

Grande foy a revolta na Cidade,
E no grande arrayal co a viſta deſta
Tam belicoſa armada. Vendo a guerra
Chegada em concruſam, muitos moſtravam
Nos roſtros, huns ſinaes de ja vencidos:
Ainda que confiam na gram força,
E no poder de tam ſoberba gente.
O Rumecaõ mandou com diligencia
Fortificar eſtancias, com mil vaſos
De alcatram todos cheos, e de enxofre:
Poẽm antre elles barris de fina polvora,

E em todas as paredes grandes pedras
De graviſſimo peſo, que aos ſoldados
Que ſobiſſem, fizeſſem mil pedaços.
Tambem manda que eſtem na frontaria
Quinze mil bós ſoldados, repartidos
Por todas as eſtancias, combatendo
Com grandiſſima força a fortaleza.
Deſtes os mais ſam Turcos, e hũa ſomma
De muy valentes Helches, e de Arabios
Eſtam na frontaria, porque poſſam
Reſiſtir ao furor dos Portugueſes.
Tambem mandou prover o baluarte,
A que o nome ficou daquelle illuſtre,
E nobre Diogo Lopes de Siqueira,
Que já naquellas partes do Oriente
Teve mando abſoluto: por acharſe
Nelle, ſaber, esforço, e mil virtudes
Outras, dum cargo tal merecedoras:
O qual foy ſituado nũa ponta,
Que o ſeu muro fazia ſobre hum poſto
De pequena calheta, lugar proprio,
Para fuſtas poyarem gente em terra:
Por aqui ſoſpeitaram que queria
O Viſorey, que a gente deſembarque.
E por quanto eſta eſtancia eſtava toda
Derrubada, levando della pedra
Para fazer os outros edificios
Que ali da fortaleza eſtam fronteiros:
Agora neſtes tres dias tornaram
Refazella de novo, pondo nella
Soberbos, furioſos, groſſos tiros.

E para os deffender poſeram ſete
Centos homẽs de guerra: porque a força
Do lugar, mais ſoldados nam pedia.
Outros tantos puſeram la na ponte,
Que o Rio atraveſſa, para a villa
Dos Rumes, preſumindo ſer por eſta
Eſtancia por ventura acometidos.
Aſſi tem Rumecaõ tudo provido:
Aſſi eſtá confiado na deſtreza,
Na grande multidam dos ſeus, que julga
Ser vaõ todo o trabalho dos cercados,
E que haõ de ſer em fim todos vencidos.
Ia deſeja no campo ver batalha,
Ia deſeja provar as forças delles,
E ja ſe vem chegando aquelle tempo,
Que ſe arrependerá deſte dezejo.
O Padre Fr. Antonio com tres frades,
Que elle levava ali por companheiros,
Ouvem de confiſſam a todos quantos
Eſtavam para entrar na gram batalha.
E ſendo ja paſſados quatro dias,
Que o Sol com rayos de ouro viſitava
O prudente Chiron, meſtre do Grego
Animoſo, eſforçado, fero Achiles:
O virtuoſo Prelado ſe levanta
Cos tres ſeus companheiros, la nas horas
Que as eſtrellas ſubidas no mais alto,
Mea jornada cumprem: apercebem
No meyo de hũa rua, hum altar alto,
Para dar o divino Sacramento,
Aos que hiaõ pelejar pola deffenſa

Da Sanctiſſima Fe, ſo verdadeira
Reveſtido o Cuſtodio, diſſe Miſſa,
Dando com devaçam aos cavalleiros
O verdadeiro corpo, que por noſſos
Peccados padeceo com taes tormentos.
Acabandoſe a Miſſa derradeira,
O Viſorey chamou quantos fidalgos,
Capitaẽs, e ſoldados ali eſtavam:
Vendo-os a todos juntos com ſilencio
Com alta voz, começa eſtas palavras.
O' nobres Portugueſes, ſe a grandeza
Do animo que em vos claro eſtou vendo
E eſſa grande alegria verdadeira,
Que todos amoſtrais, me pareceſſe
Que de temeridade procedia,
Tivera o coraçam menos alegre.
Mas como ſey muy certo, que vos lembra
Quem ſois, e o que deveis aquella fama
Dos noſſos Portugueſes ja paſſados,
Nam ha couſa que aqui me faça triſte.
Porque elles nam ſomente ſe viveram
Por contentes, vencendo muitas vezes
Exercitos em Affrica com pouca,
E mal provida gente: mas ainda
Aos valentes Romãos, que conquiſtavam
Quaſi todas as partes do univerſo,
Deram muito trabalho, e ſendo poucos
Forão mil vezes delles vencedores.
Alembro-vos a todos as victorias
Que aqui neſte lugar, os noſſos ſempre
Deſtes meſmos imigos alcançarão.

Lem-

Lembrovos que a batalha ha de ſer rija,
Perigoſa e cruel em ambas as partes;
E que elles fogiram, ou nôs ſeremos
Ao impeto, e furor delles rendidos.
Pois bem ſabemos todos que eſta gente
Pellejará a mais della com frieza,
Sem muito ſe arriſcar, porque bem ſabem
Por quam pouco intereſſe ſe aventuram:
Pois neſta fortaleza, mais de preſſa
Acharam crueis mortes, que theſouros,
Nem mais outro proveito os que acabarem
Que penar para ſempre la no inferno.
A eſperança lhe falta de poderem
Alcançar de Mamude grandes premios,
Por ſer o ſeu theſouro ja gaſtado,
Em guerras que tem ſempre tão continas.
Mas nôs outros vencendo, temos certa
Hũa fama glorioſa em todo mundo:
Temos delRey mercês, temos favores,
Temos em fim fazer o que devemos
Por Deos, por noſſa patria, e por quem ſomos.
O proveito que diſto ſe nos ſegue,
Alem deſtas razões que ja vos diſſe,
He que ficando agora vencedores,
(O que ſenhores tenho por muy certo)
Pois que temos a Deos por noſſa parte:
Nunca mais os imigos terão forças
Para ſe levantar: porque nos Turcos
Tem poſtas todas ſuas eſperanças.
Os quaes, inda que ſam fortes, e deſtros,
Nam ſe igualam comvoſco, com gram parte:

E ſendo eſtes por vos aqui vencidos,
Serlhaõ tam dilatados os ſocorros,
Que de Tracia viram, ou Macedonia,
Como os que a nôs nos vem de Luſitania.
A gente de Aſia he mais belicoſa,
Que eſtes miſeros Indios, e nam menos
He dos Turcos immiga que nós outros.
Pois o povo da India he coſtumado
A contino ſervir: e nam tem conta
Nem menos lha dá nada da victoria.
Pondo eſtas couſas todas ante os olhos.
Aſſi vos esforçay, como ſe viſſeis
ElRey noſſo Senhor aqui preſente,
O qual ha de julgar voſſos trabalhos,
E ha de remunerar voſſos ſerviços.
E ainda que eſte Rey tam poderoſo
Auſente eſtá de nos, vos encomenda
Que olheis ca por ſua honra, que eſtá poſta
No fim deſta batalha, no ſucceſſo,
Que eſtá ſer mao, ou bom nos voſſos braços.
Esforçaivos valentes Portugueſes,
Que ſois de Ieſu Chriſto cavalleiros:
Esforçaivos leaes, e bons vaſſalos,
Ou por melhor dizer amados filhos
DelRey de Portugal. Pelejay todos
Com grande coraçam, que aqui vos guia
IESV Crucificado (iſto dizendo
Levanta hum Crucifixo, que adorado
Foy de todos ali com reverencia.
E grande devaçam) pois arentemos
Se com tal Capitam avera couſa

Que

Que poſſa contraſtar o furor grande,
E a força dos ſoldados que o ſeguirem.
Cometamos com força eſtes immigos,
Da Santa, e Sacra Fe que profeſſamos,
Moſtremoslhe, que mais val a pequena
Copia de corações nobres, e fortes,
Que a immenſa multidam dos ſeus covardos
Perverſos, desleaes, e femenùdos.
Dizendo eſtas palavras, lhes pergunta
Se lhe parece bem, (e lho aconſelhem
Lhes pede) que a batalha apreſentada
Seja ſem mais tardança: e diſto todos
Soldados, Capitães lhe dem repoſta.
Ouveſe antre elles hum murmurio ſurdo
De juyzos diverſos. Hús aſſentam
Que a batalha ſe de, outros duvidam,
Outros dam mil razões, em nam ſer juſto
Aventurar a India, e pola em riſco
De ſe perder no fim de hũa batalha
Tam deſigual, incerta, e duvidoſa.
Formavaſe hum rumor ſurdo, e confuſo
Ali, deſtes diverſos pareceres,
Como quando ſe quebra manſo rio
Antre piquenas pedras, levantando
Tranſparentes empolas, com rogido
De ſonoroſas, mal deſtintas vozes.
Mas Garcia de Sa varaõ prudente,
De ſembrante ſevero, de eſforçado,
E nobre coraçam, com razões moſtra
Quam danoſo ſeria ſe a batalha
Se deixaſſe de dar: e que os imigos

Mais

Mais fortes ficariam, parecendolhes
Que aquelle impeto grande que moſtravam
Se lhes quebrava ja, e as forças todas
Por fracas julgariam: que mais era
Neſte caſo importante offerecerſe
A batalha, ſem mais outra detença,
Pois tinham Deos por ſi, que lhes daria
Vencimento, por mais, e mais que foſſem
Em numero dobrado ſeus contrairos.
Eſtas razões moveram quaſi a todos
Num meſmo parecer de dar batalha,
Pedemna com inſtancia, e altas vozes.
Armanſe num momento de contraças,
De groſſa malha, e fortes peitos daço:
De limpos capacetes, de celadas
Todas cheas de plumas, de mil cores,
Groſſos, fortes eſcudos, teſas lanças
Levam todos, com ferros reluzentes.
Apercebidos ja com ledos roſtros,
Moſtram hum coraçam ativo, e forte:
Hũa nobre, e animoſa confiança:
Aguardam na gram praça todos juntos,
O tempo em que o ſinal ſe lhes fizeſſe,
Em que os Mouros aviam de ſer delles,
Com furia violenta acometidos.
O Padre Fr. Antonio, bem armado
Nas armas de IESV, com que celebra,
Veyo logo, trazendo nas mãos ambas
Arvorada hũma groſſa, e alta lança:
E no mais alto della hũa Cruz vinha,
Onde Chriſto IESV, por nos morrendo,

Com

Com tormentos, e dores, se mostrava.
A cabeça inclinada, o mortal rostro
Pisado, e denegrido, as mãos abertas,
E o lado derramando infindo sangue.
O Custodio chegado logo disse
Com alta, e clara voz que todos ouvem,
O Evangelho do Santo Evangelista,
A quem Christo deixou encomendada
A Virgem Sacratissima May sua.
Absolveos em geral, e ali concede
Comprida remissam de seus peccados.
Assi esperando estavam que se abrissem
As grandes portas, dandolhes licença,
Rompendo os corações, quasi de todos,
Os açodados peitos generosos.

Neste Canto XVII. Se trata, como o Visorey entregou a dianteira da batalha a D. Joam Mascarenhas Capitam da fortaleza, e de como se apresentaram aos immigos. Trata tambem de outras cousas que succederam antes que cometessem o assalto.

DEz dias sam passados que o gram Phebo
La na casa novena se detinha,
Festejando a Chiron, o sabio mestre,
Do animoso, grego, ousado, e forte.
Aquelle de quem canta em desusado,
Suave, brando verso, e alto estilo,

O antigo Meonio, os feitos dignos
De perpetua memoria. E neſte tempo
Avia ja tres dias que batiam
Tres grandes caravellas hũa eſtancia,
E muralha dos Mouros, por mandado
Do grande Viſorey D. Ioam de Caſtro.
Capitães eram dellas Luis Dalmeida,
De que a traz ſe fez mençam mais larga.
Outro era Antonio Leme valente homem,
De quem ſe contou ja que acompanhara
A D. Manoel de Lima quando fora
Segunda vez a Coſta de Cambaya.
He Franciſco Fernandez o terceiro,
Que Moricalo tem por ſobrenome.
Tanto eſpaço bateram eſta eſtancia,
Com tantas, e continuas bombardadas,
Ajudadas tambem de muitas outras
Que o noſſo baluarte do mar dava
Com furia impetuoſa; que as paredes
Dos Mouros vem a terra: inda que eram
Em largura diſpoſtas a ſofrerem
Toda a força, o furor de grandes tiros.
O Viſorey chamando ali preſente,
O forte Mazcarenhas, diz que leve
Aquella dianteira, e que acomete
Os Mouros, como delle ſe eſperava.
Manda que vaõ com elle muitos outros,
Valentes Capitães, e bõs ſoldados.
Vay Antonio Moniz varaõ experto,
De forte coraçaõ, de vivo eſprito.
Vay D. Ioaõ Manoel, gentil mancebo,

Eſtor-

Esforçado, animoso, mas mofino.
Vay Antonio da Cunha: vay Francisco
Dazevedo, e Coutinho varaõ forte,
E de animo feroz, robusto, e duro.
Com elle vay tambem Iorge de Souza,
Mancebo, em quem se achava cortesia,
Destreza, coraçam, saber, esforço.
Ah duro fado, dura, e triste sorte,
Ah misero destino, acerbo e fero:
Quem poderá guardarse, ou prevenirse
Dos fins crueis, que la tendes guardados.
Hia o forte mancebo com sembrante
Aprazivel, contente, ledo, oufano,
E no meyo da idade florecente,
Achou no fero assalto fera morte
Tambem vay Ioaõ Falcaõ, Cosmo de Paiva,
Varões ambos de grande valentia.
E vay Vasco Fernandez, cavalleiro
De grande esforço, ao qual ali obedecem
Gentios, Canarins. Este era em Goa
Casado: tinha grande autoridade,
E nos conselhos era muy prudente.
Apos estes vaõ muitos cavalleiros,
Muitos, e bõs soldados, que seriam
Em numero quinhentos: mas em forças,
Em grande coraçam, assaz bastantes
A pelejar com gram copia de enimigos.
Pois estando assi todos esperando,
Que chegue a hora delles desejada,
O Visorey promete ao que sobisse
Primeiro nas estancias dos immigos,

Qu

Ou puſeſſe bandeira Portugueſa
Em cima dos ſeus fortes, groſſos muros,
Alem da fama, e nome que ganhava,
De lhe fazer por iſſo merce grande:
Eſtava Ioaõ Falcaõ deſafiado
Com D. Ioaõ Manoel, para que ambos
Acabada a batalha ſe mataſſem,
Por certa differença que antes tinham.
Mas antes que a batalha rompa, dizem
Que aquelle que primeiro nas eſtancias
Dos immigos ſobiſſe neſte aſſalto,
Ficaſſe vencedor do deſafio.
Deſpois que iſto de tal ſorte aſſentaram,
Procura cada hum ſer o primeiro,
Querendo antes morrer que ſer vencido.
Eſtando apercebidos os ſoldados,
Eſtando os Capitães para romperem:
Tendo preſtes eſcadas, tendo preſtes
O que era neceſſario, para o aſſalto,
Chegaõſe tres ſoldados companheiros,
Onde Antonio Moniz Barreto eſtava,
Eſperando o final em igual paſſo,
Daquelles que procuram ſer primeiros.
Todos tres neſte tempo juntamente
Hũa carta lhe dam, dizendo que era
De ca de Portugal, que lhe pediam
Quiſeſſe entam ſaber o que vem nella.
Vendo Antonio Moniz o que com tanta
Inſtancia lhe rogavam, toma a carta:
Vio ſer de ſua may, e lendoa toda,
Diſſelhes rindo: Amigos nam vos cumpre,

Nem

Nem vos he proveitoſo o que me manda
Minha May que vos faça, ao menos neſte
Tam perigoſo tempo: porque pode
Que vos leve comigo em toda parte,
E ja vedes que agora vos nam cumpre,
Por ſer em conjunçam de tanto riſco.
Se Deos vida me der eu vos prometo
Fazervos quanto bem me for poſſivel.
Hum delles com ſevero aſpecto, diſſe:
Se a nos nam nos comprira neſte tempo
Darvos ſenhor tal carta, nam avia
Para que mais a deſſemos: pois quando
De Portugal partimos, nam foy outro
O noſſo intento mais que ganhar honra.
Quatro dias ha ja que aqui chegamos
E com Lourenço Pirez nos quiſemos
Embarcar em Cochim, por nam perdermos
Hũa tal conjunçam, de que eſtá certa
Honra, e fama no mundo, e no Ceo gloria.
Aqui eſtamos Senhor para ſervirvos,
O lugar eſte he que pretendemos:
Aqui nos dai favor, que qualquer outra
Merce, que nos podeis fazer, deixamos
Por eſta que entre as maos temos preſente.
Quando Antonio Moniz vio tam conſtante
O valente ſoldado, e as palavras
Em que bem ſe moſtrava o grande eſforço
Que tinha, quando vio aquella altiva,
Honrada opiniam, diſſelhe: amigos
Nam poſſo mais fazer, que ſem mais outra
Noticia que de vos tenha, entregarvos

A honra que pretendo ganhar oje.
Mandalhe logo dar a ſua eſcada:
Encomendalhe muito que trabalhem
Por lha por, das primeiras que no aſſalto,
Nas eſtancias dos Mouros, ſe arvoraſſem.
Eſtes tres companheiros eram todos
Naturais do Torram, villa pequena
Situada na parte de Alentejo,
A qual ſempre produze bellos roſtros:
Na qual ſempre ſe criam perigoſos,
Fermoſiſſimos olhos, que a robuſtos,
Iſentos corações dam triſte vida.
A negra e triſte noite ja perdia
Sua força, e vigor: e a freſca aurora,
De aprazivel rocio acompanhada,
Vinha dando final da luz vezinha,
Quando o gram Viſorey manda depréſſa
Polos ares lançar tres ardentiſſimos
Foguetes, onde a armada eſtá eſperando.
Pois Nicolao Gonçalvez que ficara
Por Capitam da armada, nam dormia
Neſta tal conjunçam, e o ſinal vendo
Manda remar com força, dando gritas:
Tocaõſe mil trombetas, e outros muitos
Iſtrumentos de guerra. As fuſtas todas
Com força de valentes, bõs remeiros,
Se movem polo mar de ſombra negro.
Reluze grande ſomma de acendidos
Murrões, que de eſpingardas dam certeza;
Bem aſſi como quando la no tempo
Da doce Primavera, ſe nos moſtra

Em

Em ſerena, calmoſa, eſcura noite,
Hum formado eſquadram de ardentes bichos:
Que a mil partes correndo polos ares,
Com ſombra eſcurecidos, vaõ moſtrando,
De quando em quando luz fogoſa, e viva.
Quando eſte tal eſtrondo os Mouros viram,
Correm todos a parte que parece
Ser deſta grande frota demandada.
O' altiſſimo Deos Omnipotente,
Daime agora Senhor hum ſaber novo:
Adelgaçay o meu groſſeiro ingenho
Que ſem voſſo favor nada tem força.
Ajudandome vos ò Deos benigno,
Cantarey por extenſo o que ſuccede
Aqui neſte conflicto tam confuſo,
Tam bravo, tam cruel, e combatido
Com tanta força, e furia de ambas partes
Vendo os Mouros a frota que ja chega;
Onde elles ſoſpeitavam que queria
Deitar a gente em terra: vendo tantos
Montes de groſſas lanças levantadas,
Reluzindo por ellas os aceſos,
E delgados murrões: vendo a bandeira
Que arvorada ali vay na Capitaina,
Ouvindo os inſtrumentos ſonoroſos,
E eſpalhadas mil vozes polos ares,
Parecelhes que o Viſorey procura
Por ali tomar terra. Correm dando
Huma grita eſpantoſa, que enſurdece
Ate aquelles que eſtam mais apartados.
Pois vendo o Viſorey o rumor grande,

E o eſtrondo da gente alvoraçada,
Manda tirar as portas dos antigos
Lugares em que eſtavam, fica aberta
A fortaleza toda, e ſem deffenſa.
Sae D. Ioaõ Mazcarenhas, e acomete
Co a força dos ſoldados que levava
O muro dos immigos. Os fidalgos
Que vam na dianteira correm rijo,
E poſtas as eſcadas com gram preſſa
Na muralha dos Mouros, vaõ ſobindo
Cubertos dos eſcudos ao mais alto.
Os dous deſafiados procuraram
Por ſer ali primeiros: tambem foram
Os que neſtas paredes, com feridas
Eſpantoſas, primeiro foram mortos.
Hia o gram Manoel ja quaſi em cima,
Quando hum Turco chegou, vendo que alcanç
Co a maõ direita o alto da parede,
Levanta o braço, e dalhe hum fero golpe:
Apartandolhe a maõ do braço, ficam
Correndo em fio as veas ruivo ſangue.
O mancebo esforçado reprimindo
A graviſſima dor ouſado afferra
Co a maõ ezquerda, o muro procurando
Entrar dentro hũa vez: mas o ſoberbo,
E belicoſo Turco outra vez alça
O duro, forte braço, com gram furia,
E com raiva mortal, dece cortando
Nervos, oſſos, e a maõ morta, pegada
Fica ali na parede: o varão forte
Nos decepados braços eſtribando

Todo o peſo do corpo, inda procura
Entrar: mas impidiolho hum furioſo
Mortal, e duro golpe, que fendendo
O groſſo capacete, entra cortando
O agudo alfange, a carne, e os eſcondidos
Miolos igualmente, dece abaixo
Onde os dentes eſtam. Cae num momento
O corpo da alma ja deſemparado,
Banhando armas, e terra em quente ſangue.
O' valente mancebo, que morrendo
Em mil pedaços feito, a patria honraſte:
A fortuna cruel de ti envejoſa
Eſſe fim te ordenou: mas a memoria
Do teu animo grande, do invencivel
Robuſto coraçam ficará ſempre
Nos meus verſos cantada, pois es digno
De illuſtriſſimo nome, e fama eterna.
Neſta meſma ſazam indo correndo
Os fortes Capitães ao fero aſſalto,
Aquelles tres ſoldados companheiros,
De ca de Portugal encomendados,
E que Antonio Moniz hiaõ ſeguindo:
Com grande coraçam vaõ todos juntos,
Levando a eſcada ali nas mãos erguida:
Mas antes que chegaſſem pola em parte,
Onde o ſeu Capitam lhes tinha dito,
Das eſtancias dos Mouros vem bramando
Hum pelouro de pedra ardendo em fogo:
Encontra no caminho eſtes ſoldados,
Desfaz a eſcada em rachas, e os tres corpos
Feitos em mil pedaços, acompanham

Hum largo eſpaço as almas poloſbarés.
Capitães, e ſoldados ſobem todos
Por eſcadas ao muro dos immigos:
E ſobidos em cima, ja ſe trava
Hũa dura batalha perigoſa.
Os grandes alaridos ja ſe avivaõ
Por todo o arrayal, achaõſe os Mouros
Enleados, confuſos, vendo a frota
Diſparar muitos tiros, e as trombetas
Moſtrar certo ſinal de tomar terra.
Ouvem por outra parte gram rugido
De lançadas, de golpes, de eſpingardas:
Grande eſtrondo de vozes ſem concerto,
Nam ſabem a que parte dem ſocorro,
Nam ſabem onde o mal he verdadeiro,
Nem ſabem dar remedio a tanto dano.
Neſta cega revolta os Portugueſes
Moſtram ſeus corações ſem nenhum medo,
Hũs tiram arcabuzes, outros groſſas
Teſas, e fortes lanças, vaõ tingindo
Em ſangue dos immigos: outros cobrem
Com rodelas os peitos, e as maõs deſtras
Aqui, e ali revolvem com gram força
As armas do metal acecalado.
Carrega hũ grande monte de ſoberbos
E belicoſos Nayres, que em deſtreza
Deſpada, e de rodela igual não achaõ.
Carregaõ muitos Helches, e hũ gram numero
De Arabios, Farraquins, Nobis, e Parſios.
Em chegando deſpedem muitas lanças:
Muitos e agudos dardos: dobraõ groſſos

For-

Fortes, nervosos arcos, dos quaes voaõ
Mil nuvés de ligeiras, mortaes setas.
Os fidalgos que estavam pelejando
Com toda a multidaõ vinda de novo
Metense ousados por agudos ferros,
Mortes nelles buscando, e fins honrados.
Cae Ioaõ Falcaõ, passadas as entranhas,
E ja de todo morto, entrega as armas
E o corpo espedaçado, a seus inmigos.
Cahio Cosmo de Paiva neste instante,
O qual tinha mostrado neste assalto,
Hum grande coraçam, robusto, e duro,
Hum esforço, e valor dino de fama.
Estando pelejando aceso em yra:
Procurando vencer aos que o contrastaõ,
Chegase hum Turco a elle, pola banda
Direita: levantando hum reluzente
E cortador alfange: descarrega
Tal golpe, que hũa perna pola coxa
Levemente lhe corta, naõ valendo
Grossura darmas, nem dureza de osso.
O corpo desta parte cae lançando
Hum gram rio de sangue, e a sua alma
Nos ares escondida foy de pressa
Presentarse no Ceo leda, e contente.
Estava em tal sazam Vasco Fernandez
Afrontado de muitos Mouros, dando
E recebendo mil furiosos golpes.
Alcançou co a espada hũa cabeça
Que o perseguia dandolhe trabalho,
Cortalhe a branca touca, retorcida:

Cor

Cortalhe o groſſo, duro, e alvo caſco,
E nam parando aqui, tambem lhe corta
Sem nada ſe deter, brandos miollos.
O Gentio cahio: mas nam ſe avendo
Vaſco Fernandez, diſto por contente,
Abaixaſe por dar de todo morte
Ao que ali eſtava ja morto de todo
Eſtando baixo aſſi, chegaſe hum Mouro,
E dalhe em deſcuberto polas coſtas
Tal golpe, tam peſado, que cortando
Hum valente cotam de groſſa malha,
Entra na branda carne, e corta tanto:
Que quaſi o corpo em roda foy partido:
Cae o bom cavalleiro, e rende o ſprito,
Banhando as duras pedras no ſeu ſangue.
Grande revolta avia em ambas partes:
Grande preſſa, e ferir ſem ceſſar nunca
Grandes vozes, e gritos vam rompendo
Com miſeravel ſom as altas nuvés.
Banhaſe o muro em ſangue, e o rugido
Das armas, das trombetas, abraçado
Com altos alaridos ao Ceo chega.
Ia perdem os immigos as paredes,
Conſtrangidos co a força dos ſoldados:
Ia tornam com favor da nova gente
Que os ſocorre, ganhar tudo o perdido.
Dardos, lanças, e pedras ſe arremeſſam:
Acendenſe com fogo os ſotis ares:
Eſtendenſe ſem vida muitos corpos:
As concavas celadas, os eſcudos
Retinem com peſados, duros golpes.

Co-

Como quando da parte do Occidente
Hũa furioſa chuiva dece ſupeta,
Açoutando, e batendo a dura terra.
Franciſco D' Azevedo faz temerſe:
Eſcarmentanſe os Mouros, onde alcança
O ſeu robuſto braço, e dura eſpada:
Mas na força de tal revolta, chega
Hum pequeno pelouro d'eſcopeta,
Paſſalhe facilmente as groſſas armas,
Os peitos tambem paſſa ſem deterſe:
Cae o bom Capitam dando a Deos a alma,
E o corpo ali offerece a ſer piſado.
Aqui Iorge de Souza ja derrama
Por muitas partes ſangue em abundança:
Mas com golpes mortaes, logo ſe vinga
De todo quanto mal recebe.
Eſtava eſte mancebo valeroſo
No meyo de hum gram corro de enemigos,
Os quaes por todas partes o combatem.
Hũs lhe arremeſſam lanças, outros chegam
De mais perto a ferilo: mas o nobre
Mancebo contra todos ſe embravece,
E certo de morrer, entra animoſo
Com furor denodado, cos immigos.
Como em campo ſe ve Liaõ ſoberbo
Cercado de monteiros, que procuraõ
Com duros dardos, lanças, e altas gritas,
Por todas as maneiras darlhe morte,
Mas o fero animal, raivoſo e bravo,
Ligeiro ſalta dando mil bramidos:
Com fea catadura, e cenho horrendo.

Fo-

Foge a canalha vil: de todas partes
Tirando dardos, pedras, e zarguncho.
Aſſi, Mouros aqui juntos ſe esforçam
Por de todo tirar a vida aquelle
Que merece vivet tempo mais largo.
Eſtando aſſi afrontado na peleja
O valente mancebo, dino de honra.
Hũa lança com furia vem direita:
De duro, e forte braço arremeſſada:
Paſſalhas groſſas armas: que de muitos
Golpes ja ſe moſtravam ſem defenſa,
Atraveſſalho corpo facilmente
Com ferida mortal: mas o mancebo
Sentindoſe morrer, afferra ouſado
Na lança: tira rijo, e apos ella
Tira hum rio de quente, e puro ſangue.
Cae de bruços no muro, com raivoſas
E mortaes vaſcas, ſe anda revolvendo,
E logo entrega os olhos a hũa triſte,
Profunda, ſempiterna, eſcura noite.
Antonio Moniz vay fazendo hum raſto
De ſangue, dando mil valentes golpes.
Reſiſtido he de gram ſomma de immigos:
Mas a todos faz elle conhecerſe.
Hũas vezes o pe direito affirma
Dando talho, ou revez com grande força:
Outras lhe he neceſſario repararſe
Com eſpada, e rodela juntamente,
De peſados alfanges que ſobrelle
Os imigos com furia deſcarregam.
A batalha ſe aviva, e ſempre crecem

As grandes, altas gritas dambas partes.
Crece o cruel horror deſta batalha,
Por pontos, mais e mais, com nova furia.
Que ſe dirá de ti ó valeroſo,
O' forte Capitam, que ali levavas
A teu cargo o perigo, e a dianteira
Deſta fera batalha? Soſtiveſte
Os trabalhos, e peſo do gram cerco
Com animo invencivel: com prudencia:
Co aquella lealdade: co a virtude
Que os teus ſempre, aos paſſados Reis guardaraõ
Hia o varaõ inſigne, pola parte
Onde eſtava dos Mouros, hũa eſtancia,
A qual de Diogo Lopez ſe chamava.
Aqui eſtava gram força de ſoberbos
Deſtros, e bem armados fortes Turcos,
Por aqui vay ferindo com grande impeto:
Fazendo nelles hum ſangrento eſtrago.
Nam fez Heitor famoſo tantos males
Nos Gregos arrayaes, quando ſeguindo
A victoria dos ja vencidos, hia
Abraſando mil naos, e neſte ponto
Tivera a guerra fim, ſe o duro fado
Outro fim nam tivera, diferente
Guardado a infelice, e triſte Troya.

Neſ-

Neſte Canto. XVIII. ſe trata da glorioſa victoria que o Viſorey D. Joaõ de Caſtro teve dos Capitães do Gram Soltam Mamude ajudados dos Turcos, e do que mais ſuccedeo deſpois do vencimento deſta tam famoſa batalha.

O Belicoſo Marte, fero, horribel,
Quando batalhas ve com denodado
Bravo, e cruel furor, ja começadas,
E que hũa raiva ali cauſa mil mortes,
Em peſo as deixa eſtar ardendo ſempre
O impeto mortal, e brava furia:
Mas querendo moſtrar clara a victoria
Buſca os bõs coraçõẽs, e ali ſe inclina.
Deſpois que o Capitam ſubio por força
Em cima das paredes, poſa parte
Que temos atras dito pouco eſpaço
O Viſorey tardou, com todos quantos
Soldados, Capitães, e valeroſos
Fidalgos o ſeguiam. Em chegando
Ao muro dos immigos, ſobem logo
Por força, e a peſar dos que o defendem.
Chegou Baſtiam de Sa neſta preſente
Aſpera conjunçam, que deſdo tempo
Que a ferida mortal recebeo, nunca
Mais pode pelejar: mas embarcouſe,
La para Baçaim por remediarſe,
E ſendo guarecido, chega neſte

Tam

Tam perigoſo ponto, e traz conſigo
Dezaſete ſoldados. Pois entrando
Pola batalha atroz, ſangrenta, e fera,
Acha Manoel de Souza de Sepulveda
Eſtendido no chaõ, que procurava
De vagar, e peſado, levantarſe.
De ſangue tinha o roſto todo tinto
Que a ferida cabeça derramava,
Vendo a Baſtiam de Sa, dizlhe bradando:
Iuntemonos Senhor, e nos immigos,
(Ambos juntos num corpo) feriremos.
Mas como o tempo entam nam concedia
Alguma dilaçam, foyſe de preſſa,
Onde a batalha vio, mais duvidoſa.
Entra animoſo, e forte, e faz temerſe:
Moſtra de valentia ſinaes claros:
Da mil peſados golpes, e aqui logo
Dos ſeus ſoldados foram ſeis feridos.
Vai D. Manoel de Lima pola via
Que guia ao apoſento de Mamude,
Onde luſtroſa gente eſtava em guarda:
Com muita artelharia groſſa e forte
Subindo o Capitam, favorecido
Da proſpera fortuna, e os ſoldados
Praceiros nos trabalhos de Cambaya,
Com grande impeto fere, e vai rompendo
Os que eſtaõ prevenidos, aguardando
Com toda ſorte darmas, a batalha.
Os valentes ſoldados arremetem
Cubertos dos eſcudos: os immigos
Os recebem com lanças, eſpingardas,

Com ſetas, dardos, pedras, e alcanzias.
Neſte violento aſſalto, muitos Mouros
Com dores treſpaſſados, daõ as almas.
Crece hum cruel, e laſtimoſo eſtrago:
Ferve a gente com furia, ſoaõ golpes
Peſados, com gram força nos eſcudos.
Vai polos ares hum clamor horrendo:
Que alçam de todas partes huns e os outros,
Com impetos contrairos, e diſcordes.
Como quando no mes em que lamenta
Philomena, ſeu mal com mais brandura,
Se ve grande eſquadraõ ſoberbo e fero
De nocivas colericas abelhas:
Roubadas do lavor maravilhoſo
Que com tantos trabalhos aqueriram.
Todas amotinadas ſe embravecem:
Correndo ſem concerto polos ares,
Com eſtrondo e clamor de roucas vozes.
Raivoſas, e aſſanhadas, daõ combate
Com veneneſo dente aos que procuram
No ſilveſtre apoſento entrar por força,
Deſpojandoas do fruto de que vivem.
Ouviaõſe ali já grandes gemidos
Dos deſaventurados que morriaõ,
E em lagos mil de ſangue ja ſe envolvem
Armas, e corpos mortos. Ali andavam
Grandes nuvẽs de po eſpeſſo e turvo.
Tudo era confuſam, tudo era furia,
Tudo eram fortes golpes, e alaridos.
Sem concerto pelejam braço a braço:
Procura cada hum quanto mais pode

Che-

Chegar o ſeu contrairo ao fim da vida,
O Viſorey ſubido cos fidalgos:
Cos outros Capitães que o acompanham,
Reſiſtido com força foy dos Mouros
Com muitas eſpingardas: com panelas
De ardentiſſimo fogo: com zarguncho
Com ſetas, dardos, pedras, e huma ſomma
Darremeſſadas lanças. Sobe a grita
Aqui neſte lugar, ate as eſtrelas.
Portugueſes ſoldados, algũs ſobem
Por partes, que para iſſo acham deſpoſtas,
Outros ſubidos ja, andam travados
Em aſpera peleja cos immigos.
O Padre Fr. Antonio reveſtido
Sobe, levando alçado hum Crucifixo,
Dizendo a grandes vozes: cavalleiros
Olhai Chriſto IESV que aqui vos guia.
Esforçay, esforçay, ò bons ſoldados,
Que com tal Capitam, nenhum perigo
Se pode arrecear, e a morte menos,
Pois morrendo por elle, vos da vida
Que deſcanſada dura para ſempre.
Sobe Lourenço Pirez, dos de Tavora
Illuſtres, decendido, e com grande impeto
Arremete aos immigos, apos elle
Sobe Duarte Barbudo, que levava
Ao vento deſatada huma bandeira
Branca, com cruz quadrada em cor ſanguinha.
Perigoſa era, e grande eſta peleja:
O eſtrondo das armas eſpantoſo:
Os clamores, os gritos ſem concerto,

E furor ſempre mais embravecido.
Eſtando aſſi travados na profia,
Onde mortes crueis eſtavam certas:
Esforçanſe os ſoldados a ſobirem
A pura força, em cima das paredes.
Carrega grande ſomma de enemigos,
Para lhes deffender com força, e armas
A violenta ſobida. Aqui ſe acende
Com muito maior furia eſta batalha.
Muitas bombas de fogo os cavalleiros
De Ieſu Chriſto queimam, muitos dardos
De pontas agudiſſimas, vem dando
Onde acertam cair, mortaes feridas.
Cae o Chriſtaõ alferez co a bandeira:
Levantaſe hũa grande, nova grita:
Voaõ nuvẽs de pedras polos ares,
Fazendo nos Chriſtaõs mortal eſtrago.
Muitas eſpingardadas de ambas partes:
Muitas mortes, e gritos, muitas dores,
Muito trabalho, e preſſa aqui ſe via.
Tal era aqui a deſordem, como quando
Por ſinalado dia, em larga praça,
Onde anda o furioſo, bravo touro,
Acerta de cair alto palanque,
Ao qual peſo de gente fez renderſe.
Deixaõſe vir abaixo groſſas vigas:
Levantaſe hũa grita aos altos ares:
Armaſe hũa revolta aſſaz confuſa:
Procura cada hum poder ſoltarſe:
Mas hũs detem aos outros, e aſſi todos
Fervendo, ficaõ muitos maltratados.

aſſi

Affi os fortes, e deſtros cavalleiros
E animoſos ſoldados que cahiaõ,
Trabalhaõ por erguerſe, e tornaõ logo
Subir ali outra vez ao largo muro,
Eſquecidos da morte, que preſente
Em tal lugar eſtava manifeſta.
Levantaſe o Barbudo, intenta e prova,
Arvorar a bandeira nas eſtancias
Que os Mouros com tal força defendiam.
Tres vezes derrubada foy: mas todas
Com vivo coraçaõ, ſe ergueo ligeiro,
E a peſar dos immigos, ſobe em cima
Daquella alta muralha: ſobem muitos
Soldados cobiçoſos de bom nome.
Começaõ com dobrada força, e preſſa
Hũa aſpera, e duriſſima batalha.
Os immigos pelejam com gram furia,
Se recebem, tambem daõ grandes golpes:
Se morrem, tambem matam varoẽs nobres,
Iguaes eſtam nas forças: mas em numero
Grande aventagem tem aos Portugueſes.
O' como em tal ſazaõ, por todas partes
Se moſtrava a peleja brava e fera,
Quantos corpos ali jazem ſem vida
Feitos em mil pedaços: quantos lagos
De negro ſangue eſtam por todo o campo.
O Viſorey com vozes altas brada,
Esforçando os ſoldados, diz: O' fortes
Illuſtres Portugueſes, tomay todos
Com vivo coraçam a fama e nome
Que vos concede Deos neſta batalha.

Di-

Dizendo iſto moſtrava hum grande esforço:
Dando golpes mortaes a todas partes.
Iuntas vem dos immigos rechinando
Duas ligeiras ſetas, que atraveſſam
A branca forte adarga que trazia
Eſte bom Capitam por ſeu emparo:
Iuntas ali pregadas lhe dam graça,
E juntas lhe acrecentam gentileza.
Lourenço Pirez vay ſempre com elle
Sem nunca hum ſo momento deſviarſe:
Sofre trabalho immenſo, e ſempre anima
Os ſoldados que ve faltarlhe alento.
Eſtando neſtes termos. Vem da parte
Contraira, hum grande monte denemigos
Com toda ſorte darmas, dando gritas,
E alaridos que as nuvẽs, e o Ceo rompem.
Em chegando, deſpedem com gram furia
Muitos dardos agudos, muitas lanças:
Muitas pedras com força arremeſſadas.
Avivaſe outra vez a perigoſa,
E travada peleja, tornam darſe
De novo mil furioſos, grandes golpes.
O' juſtiſſimo Deos, ò Senhor noſſo,
Daime agora favor, que desfallece
O meu ſprito vital, e eſta alma minha
Tóda ſinto torvada, toda triſte,
E toda com razam chea de anguſtia.
Que duro coraçam? Que ſecos olhos.
Que perverſas entranhas podem verſe,
Sem moſtrar ſentimento, ſem dor grande
Do que aqui ſuccedeo? que Chriſtaãs almas

Ave-

Averá ſem gemidos, vendo a imagem
De Ieſu Chriſto feita pedaços?
Eſtava ali o Cuſtodio na revolta,
Tendo nas mãos alçado hum Crucifixo,
Para que com tal viſta ſe esforçaſſem
Aquelles que por elle pelejavam.
E como as pedras foſſem tam continuas,
Offendendo os ſoldados, vem direita
Hũa dellas com força polos ares,
De maõ dura, infernal arremeſſada,
Acerta o Crucifixo, e leva hum braço
Daquella piadoſa, e ſacra ephigie.
Vendo tam grande mal o bom Prelado
Com grandes brados diz: O' Cavaleiros,
O' ſoldados Chriſtaõs, vedes que offenſa
Se fez, a quem por vos com tantas dores
Na Cruz quis padecer? Vingay ſoldados
A injuria feita a Deos, pelejay todos
Com mayor eſperança dalcançardes
Victoria deſtes maõs, perverſos homẽs.
Ouvindo eſtas palavras os ſoldados
Todos cheos de furia, tiram forças
Renovadas de novo, e arremetem
Com tal impeto aos Mouros, que nam baſta
Numero deſigual darmada gente:
Nem baſtam quantas forças tinham juntas
Para que pelejar poſſam ſeguros.
Mas nam podendo ja reſiſtir tantos
E tam peſados golpes, dam as coſtas,
Procurando ſalvar as triſtes vidas.
O retinir dos golpes, os clamores,

E triſtiſſimos gritos penetrando
Vaõ as mais altas nuvés: os defuntos
Deſpedaçados corpos impediam
Aquelles que ſalvarſe trabalhavam.
Grande era a confuſam, grande a revolta:
Grande o eſtrondo das armas, com que os ars
Retombavaõ, bramando a todas partes.
Pois o bom Capitam (dos Maſcarenhas
De valor, e virtude claro exemplo)
Anda em tal conjunçam em furia ardendo
As armas tras desfeitas, e elle todo
Manchado de inimigo negro ſangue.
A vencedora eſpada tras ja bota
De mil golpes nam vaõs: mas bem merece
Ser hũa das famoſas, que no mundo
Com juſta razam foram celebradas:
Cuberto o roſtro tras de hum copioſo
Suor, e em cor vermelha todo aceſo,
Correndo a todas partes, onde a furia
Da gente ſe moſtrava com mais força.
Em aſpeito feroz, em vivo eſforço,
Parecia o temido, e fero Marte.
D. Manoel de Lima, neſte tempo
Tinha chegado a ponte, e tinha feito
Por toda aquella parte nos immigos
Hum mortal e cruel, ſangrento eſtrago.
Eſte bom Capitam hia tomando
Com grande honra o triumpho concedido
Da favoravel proſpera fortuna:
Rendendo eſtancias fortes, povoadas
De belicoſa gente: de mil peças

De

De groſſa, e furioſa artilharia.
Iá os braços daquelles que o ſeguiam,
As lanças, as eſpadas ſe moſtravam
Todas tintas de ſangue. Ia de todo
Os immigos fugiam, e eram tantos,
Que ſem muito trabalho grandes montes
Ficavam, delles mortos polo campo.
Inſignes Capitães, que ali moſtraſtes
Tanta virtude junta, e tanto preço:
E vos fortes mancebos, de nobreza
De puro e limpo ſangue decendidos,
Que poſſo eu eſcrever? que ſatisfaça
Voſſo merecimento? nem que poſſo
Dizer de vos? que ſeja de vos dino?
Abaſta que fizeſtes o que ſempre
Celebrado ſerá por todo o mundo.
Moſtram todos ali de valentia,
Grandiſſimos eſtremos, e cubertas
De negro ſangue as armas, vão matando
Sem piedade, os immigos que fugiam.
Chega D. Manoel de Lima a ponte
Que atraveſſava o rio junto as caſas
De Mamude, Senhor da gram Cambaya.
Ao Viſorey mandou dali hum recado
Como rendida eſtava aquella parte.
Em tempo, e conjunçam chega eſta nova
Que eſtava o Viſorey confuſo, e triſte,
Porque neſta revolta tam furioſa
Nam tinha algum recado, nem ſabia
O que era acontecido na batalha
A D. Ioaõ Mazcarenhas. Quando ſoube,

Que o campo era vencido, com famoſa
E memoravel honra, a Deos da graças.
Move para a Cidade, e entram dentro
Os Soldados, moſtrando hũa inhumana
Barbara crueldade. Muitos ouve
De cruel natureza: baixa e civel,
Que mataram canſados, triſtes Velhos,
E innocentes meninos: tambem moças
Alviſſimas, fermoſas, no começo
Dos ſeus floridos, e aprazivеis annos.
Cortam ſem nenhum do, caſtas gargantas:
Peitos alvos treſpaſſam, com feridas
Que as entranhas deſcobrem: ficam todas
As cabeças, ſem cor desfiguradas:
Treſpaſſados os ſeus olhos beliſſimos,
Cubertos de hũa triſte, e mortal ſombra.
Bem aſſi como quando ficam roſas
De ſuaviſſimo cheiro, e cor purpurea,
Se por deſaſtre ſam, de animaes brutos,
Piſadas, perdem cor, e aquella graça,
Que dava viſta aos olhos aprazivel,
E ainda que perdida tem ja toda
A fermoſura, e luſtre que antes tinham,
E em differente forma eſtam mudadas,
Toda via ſe enxerga, e ſe ve nellas
Que tiveram freſcor, valor e eſtima.
Outras molheres prenhes tambem matam.
Abrindolhas entranhas, e os filhinhos
Que inda de todo nam eram formados,
Tiravam com rigor: poſtos em cima
Dos peytos das defuntas máis, lhe eortam

Com

Com crueza brutal as innocentes
Imperfeitas cabeças. Nem perdoam
A brutos animaes que nam tem culpa.
Em fim deſtruem tudo, e poem por terra
Quanto a ferro, e a fogo eſtá ſogeito.
Pola Cidade correm, poſta a ſaco:
Ficaõ todas as ruas convertidas
Em ribeiras de ſangue: ficam grandes
Montes de corpos mortos, differentes
Nas idades, no ſexo, e outros muitos
Brutos irracionaes, ali empoçados.
O' miſero eſpectaclo, ó viſta triſte,
O' caſo lamentavel, e piedoſo,
Ver lagos de qualhado, negro ſangue
Cheos de corpos feitos em pedaços:
De maõs, pernas cortadas, e cabeças
Eſpantoſas, e feas: que moſtravam
Em diſformes ſinaes, as grandes dores
Com que as vidas perderam, e as torvadas
Almas, ao duro inferno ſe abaixaram.
Os ſoldados entravam nos deſertos
Apoſentos, metendo tudo a ſaco.
Carregados vem todos de riquezas,
De preço, e de valor raro no mundo.
Hũs levam fina roupa, outros brocado:
Outros ſedas de cores differentes:
Outros aquem fortuna foy mais proſpera
Trazem fermoſa, e riça predaria.
Deſpois que o Viſorey vio acabada
E vencida a batalha duvidoſa,
A cavalo ſe poem, e vay contente.

Re-

Recolher os ſoldados: que chegando
Onde elle vinha, todos levantavam
As vozes pregoando ſeus louvores.
A todos recebia o valeroſo
Prudente Capitam, com gaſalhado;
E com amor de filhos, parecia
Deſejar de os meter la dentro nalma.
Hum menſageiro ali chegou correndo:
De D. Ioaõ Mazcarenhas enviado,
Dizendo ao Viſorey que todo o campo
Eſtava ja vencido, e ja ſeguro.
Deſpedio Capitães, que recolheſſem
Os que a victoria ſeguem deſmapdados.
Elle ſe foy direito ao apoſento
Do gram Soltaõ Mamude, ali chegado,
Vendo as furioſas, groſſas, fortes peças
De bronzo, ja tomadas as mais dellas
Por D. Manoel de Lima, e por aquelles
Que o ſeguiram, mandou que ſe chamaſſe
Elle bom Capitam, e dalhe em premio
Do trabalho ſoffrido hum muy furioſo
E grande Baſaliſco. Nam querendo
D. Manoel de Lima mais que a honra
Deſta dadiva, torna o groſſo tiro
Ao Viſorey, dizendo que aceitava
Eſta grande merce: mas que fazia
Serviço á S. Alteza deſta peça
Por ſer tam monſtruoſa na groſſura,
No grande comprimento, e fortaleza.
Morreram oito mil naquelle dia
Gente de armas, e de outra deſarmada;

To-

Todos juntos decendo em breve eſpaço
Ao chorofo lugar abominavel:
Deſconſolado, e triſte onde ſam certos
Exceſſivos tormentos: duros males
Miſerias, pena, e fogo eternamente.
Soldados, e fidalgos Portugueſes,
Aqui cincoenta e cinco foram mortos
Por defender a Fe; com vivo eſforço
E grande valentia, de que a fama
E honra delles merece ſer por tempos
Eternos, ca po mundo celebrada.
O grande Rumecaõ, vendo preſente
O mofino ſucceſſo, e grande eſtrago
Deſta batalha que elle tinha em pouco:
Vendo morrer a gente, vendo a furia
Dos ſoldados Chriſtãos, qué vaõ ſeguindo
Por todo o campo o gram vencimento,
Vendo ja ſeu poder desbaratado:
Todos os Capitães mortos, e preſos:
As bandeiras tomadas, e a Cidade
Entregue ja nas mãos de ſeus inimigos,
Dapartado lugar olha o deſmoço:
O cruel desbarato dos que fogem
Sem concerto, e ſem ordem por palmares:
Por campos, e por onde lhes parece
Que poderam milhor ſalvar as vidas.
Os olhos arraſados em viva agoa
Lamenta, e chora o mal que os ſeus padecem.
Eſtando aſſi cuidando que remedio
Terá para ſalvarſe, eis vem num ponto,
Do reino dos defuntos, negro, e triſte

The-

Theſipone, de Alecto yrmaá, e ambas
Nacidas da ſombria, negra noite,
As viperinas aſas ſacudindo
Com eſtrondo eſpantoſo: e transformada
Supitamente em huá pequena ave,
Que muitas vezes anda, ou por peſados
Adros, ou por antigos edificios,
De noite ja muy tarde importunando
Os que a ouvem, com mil gemidos triſte
A cabeça rodea do prudente.
E ſagaz Capitam, batendo as aſas,
Com preſſa nos delgados, fuis lares:
Hum ſom funeſto faz: prenoſticando
O deſaſtrado fim, que lhe eſtá certo.
Elle, prodigio tal ja entendendo,
Com grande preſſa deixa as fortes armas,
Deixa ricos veſtidos: tambem deixa
As inſignias do ſeu tam nobre officio.
Veſteſe em panos vis, de pouco preço:
Meſturaſe cos mortos, que na cava
Da ſua gram Cidade eſtavam todos
Empoçados num mar de negro ſangue.
Mas que aproveita ao triſte a diligencia,
Que pos em ſe ſalvar? que lhe aproveitam
Os trajos que eſcolheo baixos, e pobres?
Que aproveita o lugar immundo, e torpe
Onde ſe foy meter, antre mil corpos
Horribeis que ali eſtam feitos pedaços?
Pois Atropos rayvoſa o vay ſeguindo,
E no proprio lugar que o triſte eſcolhe
Para ſe remediar, ali fenece.

Jun-

Iuntos todos seus bens, e sua vida.
Estando este geral Capitam grande
Deitado ali na cava, sem moverse
Fingindose ser morto, vem de cima
Do campo, hũa furiosa, grave pedra
Das muitas, que com força arremessadas
Polos ares andavaõ, vai direita
Onde esta o Rumecaõ, e dalhe em cheo
Em cima da cabeça, quebra, e rompe
O duro, e alvo casco; ficam todos
Pola cava, os miolos espalhados,
E aquella alma soberba, que pouco antes
Temida foy dos vivos, com gram medo
Antre mortos buscando algum remedio
Para salvar a vida, a deixa antre elles,
E ao abismo infernal dece ligeira.
O' fortuna inconstante, O' fado adverso
O' sogeito mortal, O' vida triste
O' mundana esperança O' gloria falsa;
Caduca, transitoria, e pouco firme!
Se todos pereceis, e com tal pressa
A hũa vil corrupçam his por momentos
E pontos apressados, que firmeza
Se pode ter em vos, ou que esperança
Pois quando nos julgamos por seguros,
Na mor felecidade, e mor alteza;
No meyo de tal bem caduco, e breve
A morte nos atalha, e corta o fio
Muitas vezes primeiro padecendo
Hũa triste miseria, e vil deshonra.
Tinha este Capitam mando absoluto,

Assi

Aſſi nos Capitães, como na força
Deſte Exercito grande de Mamude.
Tinha grandes theſouros, tinha rendas,
Tinha ricos ſugares, em fim tinha
Suprema dignidade em todo o Reyno:
Mas nada diſto foy baſtante parte
Para eſtrovarlhe a morte baixa, e civel,
Que diſfraçado, aqui paſſou, contado
Por hũ dos que na cava jazem mortos
Em mil confuſos montes, cuja viſta
Era eſpantoſa, triſte, e miſeravel.
Morreram no furor da gram batalha
Outros dous Capitães fortes, e deſtros:
Acedeção ſe chama hum, que o dia
Dantes chegou com cinco mil ſoberbos
E belicoſos Mouros: ſem receo
De lhe ter o ſeu fado limitado
Hum tam pequeno prazo, e breve termo,
Na ydade que estam mais florecia.
Outro era o Hidalcaõ, ſagaz, prudente
Esforçado, e dos ſeus muito temido:
Mas muito mais amado: trazia eſte
A ſeu cargo o governo, e todo o mando
Dos Turcos eſtrangeiros. Cativaram
O Iuzarcaõ, yrmaõ do outro que o nome,
As terras, renda, e grande dignidade
Lhe deixou ſolamente no ſegundo
Perigoſo combate: quando entrada
Eſtava ja de todo a fortaleza.
Aqui renunciou o cargo, e mando
A eſte ſeu, e a vida avorrecendo

Se

Se foy ao triſte reyno dos tormentos.
Mogethecaõ fugio: fugiraõ muitos
Outros bõs Capitães, e homẽs de preço:
Corridos, affrontados, nunca ouſaram
Mais aparecer diante de Mamude.
Perdeo aqui o Soltaõ toda a nobreſa
E honra da ſua corte: perdeo quaſi
Todos quantos theſouros tinha juntos.
Ficou desbaratado, avorrecido
Ficou com juſta cauſa ſempre triſte.

Quantos Turcos, e Mouros neſte alcanço
Foram cativos, todos afirmaram
Que hũa molher eſtava em todo o tempo
Que a batalha durou, ſentada em cima
Das ameas da ygreja, cujos olhos
A mil partes hũs rayos deſpediam
Fermoſos, muito mais que os do gram Phebo,
Que a todos os cegava. O' eſcolhida
Mais que o radioſo Sol, O' mais fermoſa
Que a Lua, vos O' Virgem ſacratiſſima
Madre do eterno Deos, vos ſe preſume
Serdes eſta que aos Mouros vos moſtravcis:
Para que com vos ver ficaſſem todos
Medroſos, deſmayados, e confuſos.
Dali Senhora noſſa ſocorrie is
As trabalhoſas preſſas, inſpirando
Novo esforço, e alento: novas forças
Naquelles cavalleiros redemidos
Co Sanctiſſimo ſangue, e ſacra morte
De IESV Chriſto voſſo unico filho.
Quem vos ſervir Senhora tenha ſempre

Fir-

Firme esperança em vos, e terá certo
Remedio de seus males, e dos fortes
Adversarios, ditoso vencimento.
Estes tambem disseram que eram tantos
Os soldados Christãos, que parecia
A cada Mouro, ou Turco, combaterse
Com dez, e doze juntos: e a verdade
Era que os Portugueses nam passavam
De mil, e nove centos, os que o peso
Da batalha sofrendo, ali ficaram
Com gloria, fama, e honra vencedores.
Os immigos contados eram vinte
E seis mil bõs soldados, em que entravam
Helches, Turcos, Arabios, e Resbustos,
Abexins, Farraquins, Nobis, e Parsios.
Gente toda destrissima, soberba,
Bem armada, esforçada, e belicosa,
Com cem peças de grossa artelharia:
Com muitas espingardas, muitos arcos
Turquescos, muitas lanças, muitos dardos:
Muitas bombas de fogo, e alcanzias.
Mas isto que aproveita, se o divino
Favor se inclina, e esforça a outra parte?
Despois que a gram batalha foy vencida,
Os Capitães valentes do soberbo
Soltaõ Rey de Cambaya, todos mortos,
E a Cidade de Diu posta a saco,
Com morte, dano, e mal de muita gente.
O Visorey ficou na derrubada
Fortaleza, ja posta quasi em terra:
Por mandar desfazer os edifícios,

Os engenhos de guerra, que os immigos
Tinham feitos ali, com admiravel
Induſtria, ſubtileza, e diligencia.
Mandou desfazer duas fortes pontes
Que o Rio atraveſſavam, tambem manda
Derrubar alcorões, derrubar todas
Suas torpes mezquitas, e as ſoberbas
Caſas do gram Mamude: e nam querendo
Que nada lhe ficaſſe ali com força,
Tambem derrubar manda os altos muros
Com quantas cercas tinha eſta Cidade.

Neſte XVIIII. Canto ſe trata como D. Manoel de Lima por mandado do Viſorey foy buſcar duas Naos del Rey de Cambaya, e nam as achando, entrou outra vez na enſeada de Cambaya, onde deſtruhio a Cidade de Goga, fazendo grandes danos por toda aquella parte.

IA vimos Succeder muy differentes
Fins, daquelles principios que intentamos,
E em couſas nam cuidadas a fortuna
Moſtrarſenos mil vezes favoravel.
Nam baſta humano ingenho alcançar caſos
Sogeitos ao querer do fado incerto,
Nem comprender ſegredos eſcondidos
Nos celeſtes planetas, e orbes altos.
Eſtando aſſi provendo o neceſſario
Para reedificar a fortaleza,

Algũs Mouros de credito lhe deram
Enformaçam de duas naos que foram
Por mandado delRey surgir em Meca:
Carregadas de ricas mercancias,
E de grandes thesouros, para soldo
Dos Turcos, que de la manda que venhaõ:
E que lhe era forçado tomar porto
Nas barras de Baroche, ou de Çurrate,
E crea certo ser isto verdade.
Sendo este caso tal, tam importante
O Visorey mandou que se aperceba
Com pressa D. Manoel de Lima, e parta
Em busca destas naos: manda que leve
Mais, e melhor armada, que das outras
Duas vezes levou, tambem lhe manda
Que acabasse de entrar la bem no cabo
Da ensenada, onde fez ja tantos males.
Porque elRey de Cambaya estava vinte
Legoas no mais dali, e vendo os danos
Que fizesse na Costa que ficara
Das outras vezes ja segura, e livre,
Agora estando della tam vezinho,
Affronta recebesse, e grande injuria.
O Sol deixava ja o signo aonde
Subida, e tresladada ficou sempre
A brutal Amalthea, que la em Creta
De Saturno criou o nobre filho.
Quando D. Manoel de Lima parte
Desta barra de Diu, leva trinta
Ligeiras fustas, todas escolhidas
Em remos, munições, e bõs soldados.

Levava regimento, e de palavra
Tambem o Viſorey lho roga, e pede
Que na barra de Goga naõ ſurgiſſe;
Por quanto era informado, que ali eſtava
Toda a gente de guerra recolhida
Que eſcapou da batalha, e por mandado
Do gram Mamude eſtava toda junta
Neſta grande Cidade, fabricada
Pouco eſpaço do mar, determinando
De ali ſe refazer, e ajuntar gente
Com que outra vez tornaſſe dar batalha,
E para ſegurar eſta Cidade
Do grande eſtrago, e males recebidos
Do forte Lima em toda aquella Coſta.
Pois aſſi navegando o valeroſo
E nobre Capitam: ſeguindo ſempre
Aquelle regimento que levava
Com tanta inſtancia, e força encomendado
Do grande Viſorey, dalhe hum contrairo
E tam furioſo vento, que por força
O fez ſurgir na barra prohibida.
As fuſtas padecendo hũa tormenta
De grande afronta, e ja quaſi alagadas,
Os encurvados ferros todas deitaõ
Ao fundo, aſſi eſperando que ſe amanſe
A braveza do mar, a força, e furia
Do tempeſtuoſo vento, que moſtrava
Naquella conjunçam ſeu poder todo.
Quando o Capitam ſoube que era aquelle
O lugar defendido, ficou triſte
Por nam cumprir de todo o regimento

Que

Que o Viſorey lhe dera, e porque via
Que era a Cidade tal, tambem guardada
Que nam ſe lhe podia fazer dano.
Deſpois que ja ſeguros os navios
Eſtavam todos ſurtos junto a terra,
No lugar mais ſeguro, e abrigado
Das furioſas correntes, que por toda
Aquella grande enſeada vam com impeto.
Vem eſtar hũa Nao junto com terra,
E na alteroſa popa lhe aparecem
Algũs Mouros que davam grandes vozes
Fazendolhe ſinal com hũa bandeira
Que eſtendida nos ares lhe moſtravam,
Que a Cidade com preſſa ſe deſpejá:
Ficandolhe vazia, e ſem perigo.
Mas o bom Capitam eſtava longe,
E nam lhes entendia tal avizo,
Parecelhe que o fazem de ſoberbos:
Por eſcarnecer delle, e que iſto eram
Mais feros, e algazarras que verdades.
Saltalhe o coraçam dentro no peito:
Embraveceſe, e arde em pura raiva:
Sahiaõlhe dos olhos vivas chamas,
Por ver que zombam delle, e que nam pode
Tomar ſatisfaçam, porque nam leva
Gente que reſiſtiſſe a toda quanta
Se ſoſpeita que eſtá la na Cidade.
Aſſi eſtá furioſo: aſſi eſtá fero:
Como quando no corro o bravo Touro
De hum aſpecto feroz ſe pára ouſado:
Acenalhe de longe o que preſume

De

De fazer arriſcada rara ſorte,
Hum vivo grito da, movendo a capa:
Fazlhe ſegura moſtra de eſperalo.
O raivoſo animal eſcarva, e lança
A terra polo ar em grande altura:
Recua para traz: eſcuma, e brama
Todo cheo de furia, e de corage:
Vaiſe determinando em ver ſe pode
Vingarſe do que moſtra telo em pouco.
Deſta arte o Capitam ardendo em furia
Se queixa da fortuna que começa
Darlhe a ſeu parecer eſte deſgoſto
Em deſconto da gloria, e fama que antes
Com tantas honras ja lhe concedera.
Queixaſe do furioſo, cruel vento
Que o fez ali arribar: tambem ſe queixa
Do ſeu fado infelice, que lhe tinha
Guardado iſto no fim de tal jornada.
No meyo deſta afronta em que a ſua alma
Eſtava, vira os olhos á Cidade:
Vio ferver muita gente por diverſas
Partes: levando fato, e parecee-lhe
Que nam era ſem cauſa aquella preſſa:
Mas que a Cidade ſe hia deſpejando.
Entaõ vio que o final que lhe faziam
Os Mouros co a bandeira era dizerlhe
Que a gente com temor hia fugindo,
E que a Cidade eſtava ja deſerta.
Manda fazer final a toda a armada:
Os Capitães acodem num momento,
E juntos todos D. Manoel lhes diſſe

Com peito mais quieto eſtas palavras:
Eſforçados Senhores, bem vos lembra
Com quanta inſtancia o Viſorey me diſſe,
E aſſi tambem mo deo por regimento:
Que nam ſurgiſſe aqui: porque preſume
Que toda quanta gente, da batalha
Eſcapou, toda aqui eſtá recolhida.
Mas bem vedes Senhores que nam póde
Darnos culpa nenhũa, pois o vento
E as furioſas ondas nos fizeram
Neſte porto buſcar remedio ás vidas.
Deos ſabe qual fiquey, quam deſcontente
Por nam poder ſeguir meu regimento:
Mas ſe elle he aſſi ſervido, quem ſe pode
Guardar ou prevenir do que elle ordena.
Os olhos levantay: vereis a gente
Como foge apreſſada, e deſemparam
Eſta grande Cidade, que ſe moſtra
Tam fraca, e ſem nenhũa reſiſtencia.
Eu quero embarcar ſo nũa galveta,
E ſaber ſe o que vemos he verdade.
Peçovos bons Senhores, pois o caſo
He de tanta importancia, queirais todos
Concederme que vá: ficando certos
Que farey o que cumpre a noſſas honras.
Eu naõ vou pelejar, que ſe aſſi foſſe
Ninguem milhor que vos pode ajudarme,
E ſe foſſe treyçam, he tam ligeiro
O navio em que vou, que facilmente
Me poſſo recolher, ſem temer nada.
A todos pareceo que o que pedia

Eſ-

Eſte bom Capitam era muy juſto.
Sendolhe çoncedido ſe quiſeram
Algũs parentes ſeus aſſaz valentes,
E outros bõs Capitães, embarcar logo
Na pequena galveta, deſejando
Ir ſempre junto delle em toda parte.
Mas nam o conſentindo o forte Lima,
Entrou ſo na galveta, e apos elle
Hum page ſeu entrou, que lhe levava
Hum furioſo arcabuz comprido, e groſſo.
Apartado da armada, algũs ficaram
Deſcontentes, queixoſos, elle corre
E rodea a Cidade pola banda
Da praya: vendoa toda atentamente.
Entra por hum eſteiro que a cercava,
Dali diviſa, e ve que a gente foge,
E que com grande preſſa, levam tudo
Quanto podem levar. Olha por onde
Podem poyar em terra os ſeus ſoldados,
Acha que o mais ſeguro he aquelle eſteiro.
Manda que lancem prumo, e ſaibam certo
Quantas braças avia de agoa nelle:
Porque era preamar, e elle queria
Saber em quanta altura lhe ficava
O eſteiro em baixa mar. Logo poſeram
Por obra o que mandava, bem medidas
Oito braças acharam: mas ja vinha
Decendoſe a marê, e porque em toda
Aquella grande enſeada corre a agoa
Com tal velocidade, que num ponto
Fica eſgotado, e ſeco todo o eſteiro,

Foylhe ali neceſſario recolherſe
La para onde o Catur ficaſſe em nado.
Em breve eſpaço foy todo vazio:
Ficando em lugar de agoa, branda, negra
E atoladiça vaſa; entam vio claro
Ficar forçadamente a ſua armada
Em ſeco neſte eſteiro. E porque eſtava
Adiante hum terreiro prano, e limpo,
Determinou deixar as fuſtas todas
Iuntas: cos eſporões voltos a terra
Para ſe defender co artilheria
Se foſſe neceſſario, e mais pudeſſe
Aproveitarſe bem dos arcabuzes.
Porque os immigos vindo nam podiam
Entrar por força de armas nos navios
Se naõ foſſe atolados polá vaſa,
Onde muy facilmente eram perdidos.
Deſpois que tudo aſſi fica ordenado,
O Capitam ſe torna para as fuſtas,
E diz aos Capitães que determina
Deſembarcar, ja quando a noite foſſe
Fogindo da gracioſa luz, que a freſca
E beliſſima Aurora, traz conſigo.
Aos ſoldados tambem diz: Esforçados
Companheiros, amigos, bem ſei certo
Que ſempre moſtrareis aquelle esforço
Que em voſſos corações eſtá continho.
Nam peço que moſtreis neſta peleja
Animos invenciveis braços fortes:
Que iſto eu o vi em vos em todo o tempo.
Porem vos encomendo, e tambem peço

Qu:

Que avorreçais o saco da Cidade,
E nam o cobiceis; porque nam seja
Causa de desmandarvos, que bem pode
Este despejo ser ardil, e manha
Com que nam sendo cautos nos percamos.
E se isto fosse assi (como ja muitas
Vezes aconteceo) se formos juntos
Nam ha cousa que estorve, ou nos impida
A nossa embarcaçam: porque os soldados
Que aqui mandó ficar, e os bombardeiros,
Com favor desta nossa artilheria,
Nos faram tornar salvos, e seguros.
Logo em amanhecendo desembarcam,
E com boa ordenança e passo ousado
A Cidade cometem pola parte
Que está para o sertam: porque se ouvesse
Cillada, a descubrissem de mais longe,
E nam podessem ser nella enganados.
Leva na dianteira arcabuzeiros
Com outros de mistura que levavam
Brancas adargas, tesas, fortes lanças,
E destes poem tambem na retaguarda.
A Cidade passaram co este passo
Seguro, e vagaroso, e em subindo
Hum pequeno cabeço que escondia
Grande espaço de terra, viram grandes
Grossas nuvês de po revolto e torvo,
Por hũa varzea larga de campina
Formosissima aos olhos dos que ai viam
Sem temor, e receo: mas nojosa
E importuna aos tristes que deixavam

Seus

Seus bens todos entregues aos immigos,
E cortados de medo as triſtes vidas
Procuravam ſalvar da furia delles.
Aqui neſte lugar os Portugueſes
Se detiveram vendo a grande preſſa
Com que a mezquinha gente vay fogindo.
Mil carretas douradas vam ſem ordem
Polo eſpaçoſo campo, e vaõ de longe
Com libiſtinos rayos reluzindo.
Gente a cavalo vay por outra parte,
Levando muitos delles as molheres
Abraçadas conſigo: tambem fogem
Traſpaſſadas de medo muitas outras,
Com volumes de fato nas cabeças:
Nos braços levam filhos que nam podem
Andar, e os outros ja de mais idade
Tambem vaõ carregados ajudando
Suas miſeras mãys. Vaõ muitos velhos
De longa idade e annos: ja canſados
Com corrida forçoſa, e deſuſada.
Bem aſſi como quando, por caſtigo
Divino: ſe permitte aquella grave
Contagioſa doença: de quem todos
Fogem, ſem ſe lembrar mais que das vidas,
Os caminhos, e campos occupados
Se moſtram de avexada, triſte gente.
Atonitos, paſmados, e as entranhas
Treſpaſſadas nam ſabem onde aſſentem,
Ou onde lhes ſerá lugar ſeguro.
Sem concerto, e ſem ordem vaõ fugindo
Dos rebates mortiferos: que em dando,

Mi-

Mataõ ſem ter remedio ; e eſtas mortes
Cauſam temor aos outros , deſemparam
As familias , e caſas , deixam tudo ,
Fugindo do rigor que Deos lhes moſtra.
Aſſi deſta maneira pola varzea
Hia toda eſta gente em mil manadas.
Todos fugindo vam , quanto mais podem ,
Receoſos dos males , dos eſtragos ,
Das perdas , e das mortes que eſte meſmo
Famoſo Capitam tinha ja dado
Poucos dias avia , em toda a Coſta
Deſta grande enſeada , com que o nome
Delle era neſta parte aſſaz temido.
Antre toda eſta gente ſo ſe achavam
Algũs poucos ſoldados que pudeſſem
Pelejar , eſtes hiam diſparando
Arcabuzes de longe polos ares.
Porque a gente de guerra que ali eſtava
Ao gram cerco era hida , e á batalha
De Diu , e ao preſente nam avia:
Aquella guarniçam de bõs ſoldados
Que ao Viſorey foy dito : mas eſtavam
Mercadores riquiſſimos , e outra gente
Popular que ſeriam dez mil almas.
Deſpois que D. Manoel deſcobrio todas
As partes , que emboſcadas ter podiam ,
Deixando ja ſeguro todo o campo ,
A Cidade ſe vay : entram com furia
Os ſoldados correndo , acendem fogos
Que em breve eſpaço vam as altas nuvés.
Ia por mil partes ardem ſumptuoſos

So-

Soberbos edificios: ja nos ares
Se levanta hum bulcam eſcuro, horribel,
De peçonhento, eſpeſſo, e negro fumo.
A grandes Almazẽs ja chega o fogo,
De azeites, e manteigas ateſtados:
Onde com maior furia ſe embravece:
Onde toma maior poder, e forças.
Deſpois que ja de todo o claro dia
Fugio, e a noite deu cor triſte ao mundo,
Recolhe o Capitam os ſeus ſoldados:
Entram nas fuſtas, daõ aos laſſos membros
Hum deſejado, doce, e brando alivio.
A deſerta Cidade ficou toda
Ardendo, e por mil partes arraſada.
Ajuntaõſe nas praças infinitos
Caẽs, e outros animaes, dando bramidos:
Certo retrato, certa, e viva imagem
Do triſte, e eſcuro inferno. Os carniceiros
Corvos, todos em banda negra, e triſte,
Os ares atroavam com mil gritos:
Sem poder apartarſe da fumaça
Que o lugar abraſado aſſombra e cobre.
Nam foy mais o medonho, grande incendio
Da deſaventurada infauſta Troya:
Nem aquelle que em Roma mandou Nero
Acender: por fartar ſeus peçonhentos
Brutos, torpes, crueis, e maos deſejos.
Quatro dias andou ſempre eſte fogo
Furioſo, e cruel tomando novas
Forças cada momento: conſumindo
Muitas mercadorias de gram preço,

Pon-

Pondo por terra nobres edificios
Ate que a seu furor faltou objeito.
E sempre neste tempo ali os soldados
Andaram trabalhando, porque tudo
Ficasse destroçado: convertido
Em desaproveitada, e leve cinza.
Tres ricos mercadores Baneanes
Aqui foram tomados, e em tres fustas
Repartidos, e a bom recado postos.
Porque quando os perguntem, nam se possam
Prevenir, com reposta ja cuidada,
Contrafeita, fingida, e fabulosa.
Manda o Capitam mor trazer diante
De si, hum destes tres fracos Gentios,
Apartado, perguntalhe se sabe
A gente que fugio, onde se fora.
Quantos eram de guerra, se levavam
Todos, ou delles armas: o mezquinho
Sem malicia responde: senhor pouca;
Ou nenhúa he a gente que aqui pode
Contra ti tomar armas: porque toda
Foy ao Cerco de Diu, sos estamos
Mercadores, e o mais he tudo povo,
Tudo gente fraquissima plebea.
Recolhidos estam num lugar todos
Duas legoas daqui. Porem mais perto
(Todavia será quasi húa legoa)
Outro lugar se mostra mais pequeno
Onde está muita gente recolhida.
Despois que estas palavras, este disse,
Foy levado, e trazido ali o segundo,

E deſpois o terceiro : todos dizem
Eſta verdade, ſem mudar mais nada.
Tendo D. Manoel iſto por certo,
Determina dar neſte mais vezinho:
Antes que a freſca Aurora o veo rompeſſe
Da fria, triſte, eſcura, e negra noite.
Sua gente ordenada em bom concerto,
Começa de marchar com atrevido,
Seguro, deligente, e largo paſſo.
Leva os tres Banèanes que lhe moſtrem
O direito caminho. Começando
Entrar polo Sertaõ, vio mil Pagodes,
Mil tanques bem lavrados, e cuſtoſos,
Onde ſe vaõ lavar, aſſi guardando
Seus coſtumes, e torpes cerimonias.
Os ſoldados começam com violencia
Derrubar, deſtruir quanto aqui acham:
Sem couſa lhe ficar a que perdoem.
Porque como eſta gente toda adora
Qualquer boy, qualquer vaca, e tem por certo
Eſtes ſerem ſeus deoſes, os ſoldados
Matavam muitos boys, e as immundicias
Com cabeças, e pelles, todas cheas
De negro ſangue, deitam nos pagodes:
Nos tanques, e nos poços de agoa fria,
Delgada, criſtalina, e ſaboroſa.
Diſto ficaram todos juntamente
Com dor que lhe atormenta as triſtes almas:
Por ver aſſi ſeus deoſes offendidos
Com tanto mal, com tantos vituperios:
Com tal rigor, e tanta crueldade.

Num-

Nunca mais os Gentios neſtas partes
Fizeram ſacrificio, ou cerimonias:
Porque lho deffendia a ſua falſa
Torpe religiam: neffandos ritos.
Muitos Mouros ficavam nos pagodes
Tambem por muitas arvores ſoſtendo
Todo o peſo dos corpos, em delgadas
Cordas, com que as gargantas padecendo
Hũa penoſa dor, as triſtes almas
Trabalhadas, mandavam ao medonho
Caliginoſo, vil, eſcuro centro.
E porque D. Manoel, encomendado
Levava, que a ninguem vida outorgaſſe,
Tambem manda enforcar os Baneanes
Todos tres num pagode. Foy julgado
Antre elles eſte caſo por muy grave
E duro ſacrilegio: mal dizendo
Eſte tam infernal homem, que em partes
Tam ſagradas fazia taes cruezas.
Mil manadas de gado aqui os ſoldados
Tomaõ de toda ſorte. Hũs traſem manſos
E ſimplices cordeiros, outros trazem
Atados com murrões, tenros cabritos.
Outros trazem vitelas, outros mataõ
Muitas vacas, e boys, com arcabuzes.
Com eſpadas, e lanças atraveſſam
Aquelles grandes corpos proveitoſos.
Tanto que cae algum, os triſtes correm
Onde eſtendido eſtá: cheiramno dando
Sobre elle mil triſtiſſimos bramidos:
Mas neſte bruto, e tam funebre pranto,

Ou-

Outros muitos daquelles ficam mudos:
Atalhados da morte que os ſoldados
Lhe daõ com preſſa, e furia num momento.
Triſte ſpectaculo era ver no campo,
Tanta ſomma de gado differente,
Com vozes deſiguaes, queixarſe todo,
Quaſi com natural deſtinto humano:
Pareciam ſentir as graves mortes.
Que todos ſem ter culpa padeciam
Os ſoldados matavam ſem piedade
Fracas molheres, velhos, e meninos:
Deſtes matam trezentos, que com medo
Por altas milharadas ſe eſcondiam.
Chegando perto ja do lugar, fogem
Aquelles que eſtam nelle recolhidos:
Levando ſeus theſouros, e deſerto
Fica todo o lugar, ao fogo entregue.
Abraſado foy logo em pouco eſpaço
E com furioſas chamas conſumido.
Acabado eſte dano, ſe recolhem
Onde a armada ficou. Todos canſados
Num campo ſe aſſentaram, que vezinho
Eſtava da Cidade, e nelle hum grande
Alto tamarinheiro ali aſſombrava
Verdes, e freſcas ervas, com frondoſos:
Robuſtos, eſtendidos, velhos braços.
Encima dellas poem brancas toalhas
Polas ervas, e flores eſtendidas:
Aqui nobres mancebos, ali deſtros
E valentes ſoldados ſe aſſentaram.
Em bom concerto, e ordem lhe trouxeram
Com

Com grande diligencia muitos pratos
Bem providos de todo o neceſſario:
Com que os canſados animos recream
Ia dos grandes trabalhos eſquecidos.
Iuntas eſtam aqui muitas cotias
Encalhadas em terra, ardendo todas
Em grandes labaredas: os ſoldados
Querendo ali ordenar ſuas cozinhas,
Aſſam nellas cabritos, aſſam quartos
De ſaborozas vitellas: aſſam gordos
Aſſaz tenros cordeiros. Hũs nam podem
Tanto eſpaço ſoffrer a fortaleza
Do deſmandado fogo, outros de preſſa
Com roſtos affrontados vam correndo,
Levando nos toſtados paos (que ſervem
De eſpetos) aſſaduras, que eſtilando
Vam gotas de hum cheiroſo, e quente çumo.
Deſpois de ſatisfeitos, ſe levantam:
Embarcaõſe na armada, ſem levarem
Deſta grande Cidade, mais proveito
Que hum trabalho grandiſſimo: ſoffrido
Por ſerviço delRey, com grande goſto.
Porque como eſta armada toda foſſe
De navios ſutis, e eſta enſeada
Moſtraſſe ali ſoberbas, procelosas
E levantadas ondas: pola força,
Polo ímpeto furioſo das correntes
Que ali ſam ſempre certas, e continuas,
O Capitam pedio, e juntamente
Mandou a todos, quantos ſeguem ſua
Vencedora bandeira, que nam levem

Deſ-

Deſtas fazendas groſſas: porque poſſam
Os navios ſoffrer qualquer tormenta,
E poſſam mais ligeiros paſſar, eſta
Trabalhoſa enſeada a outra banda.
Por eſta cauſa foy tudo queimado:
Sem nada ſe ſalvar, nem dar proveito
A muitos que ali tem neceſſidade.

Neſte Canto Vigeſimo ſe trata como D. Manoel de Lima atraveſſou a enſeada de Cambaya com grande trabalho, e riſco queimando, e deſtruindo a Cidade de Gandar, e tornandoſe para Diu, o Viſorey lhe entregou a Capitania da fortaleza, aſſi como eſtava derrubada, aberta, e ſem nenhũa defenſa.

AQuelle belo filho de Lathona
Viſitava o Troyano Ganimedes
Quando eſtas fuſtas todas levantando
Os encurvados ferros atraveſſam
A perigoſa enſeada, com trabalho
E grandiſſima affronta dos remeiros.
Chegando ja no meyo onde a corrente
Mais impeto moſtrava, as fuſtas paſſam
Perigo de perderſe, pola furia
Com que as contrairas agoas as combatem.
Os valentes remeiros vam dobrando
Com tanta força os remos, que parece
Nas gargantas, e braços as inchadas

Veas,

Veas, arrebentarem puro ſangue.
Hum penoſo, difficil, groſſo alento
Affadigando vay os fortes peitos,
E ja quaſi raivoſos apertando
Os dentes com furor, ferem com força
As ſalgadas, furioſas, groſſas agoas.
Nam deixam de remar: lutando ſempre
Co aquelle repentino, impetuoſo
E tam bravo eſcarceo. Procuram todos
Surgir em grandes poços, que ali ficam
Com agoa, porque tudo o mais he negra
E atoladiça vaſa, quando dece
A ligeira maré, naquella parte
Tanto porfiam, tanto niſto inſiſtem,
Que ja quando a manhaã riſonha, e leda
Com ſereno ſembrante, vinha dando
Claro e certo ſignal da luz do dia:
Com hum trabalho immenſo, chegam todos
Onde eſtava Gandar, Cidade rica
Situada no cabo da enſeada:
Diſtancia da queimada, e triſte Goga,
Catorze grandes legoas: e foy tanto
O fumo que em bulçaõ nos altos ares
Eſpeſſo, negro, horribel, ſe moſtrava,
E aquella claridade do furioſo
Bravo, medonho incendio; que os que neſta
Nobre Cidade eſtavam, preſumiram
Que ſoldados Chriſtãos eram chegados,
E que era Goga delles deſtruhida.
Fogem todos levando ſeus theſouros,
E levando tambem as triſtes almas

Traſ-

Traſpaſſadas de medo, deixam erma
Deſemparada, e ſo toda a Cidade.
Pois quando D. Manoel, e ſeus ſoldados
Neſte rico lugar entraram, logo
Começam acender por todas partes
Ardentiſſimas, bravas, crueis chamas.
Deixam arder as caſas, as mais dellas
De bem feita, e ſutil macenaria:
Correndo vam ao campo: matáõ muitos
Mouros, que da Cidade pouco eſpaço
Alongados eſtavam: tornam preſtes
Derrubar, e queimar: deſtruyr quantos
Edificios avia: ſem ſalvarſe
Couſa, que aproveitar ja mais pudeſſe.
Ardida ja de todo eſta Cidade,
Embarcaõſe, deixando hum tal eſtrago
Por toda aquella coſta, que a marmoreos
Corações, inclinados ſempre a males
Abrandara, e movera aver piedade.
Toda a armada vay junta per hum manſo
Aprazivel eſteiro de agoa clara:
Cercado todo de hũa e outra parte
De mil arvores altas, e ſombrias,
Em que o agradavel zefiro formava
Hum brando ſom, confuſo e mal deſtinto.
As manſas ondas moſtram ricos toldos,
Pintadas popas, e armas reluzentes.
Reverberava nellas ouro fino
Com que vam guarnecidas: tambem moſtram
Celadas de diverſas plumas cheas.
Indo aſſi navegando manſamente,

Scu-

Sendo as agoas entam todas crecidas,
Querendo ja decer co aquella furia
Sempre ali coſtumada, vanſe todos
Os navios ſurgir num poço grande,
De algũs que na vazante ficam cheos.
Deitam ao fundo ferros: deitam berços
Em groſſas cordas, fortemente atados,
Para que ſegurar ſe poſſam da agoa
Que começa a decer com grande força.
Reſvalando ſe foy polo Orizonte
O declinado Sol, ficando a terra
E os ares juntamente eſcurecidos.
O poderoſo vento mais ſe eſforça
Quanto mais a maré vinha decendo.
As correntes levantam alteradas,
E procelloſas ondas. Ia começam
Os navios arfar: ja o inimigo
Mar os entra por força: ja caçando
Vaõ todas as amarras, affrontados
Em riſco de perderſe. Nam ſabiam
Patrões, e marinheiros que conſelho
Seguiſſem por melhor, e mais ſeguro.
Mas D. Manoel de Lima aceitou antes
Atraveſſar a enſeada neſtas horas,
Onde avia bem certos mil perigos,
Que eſperar hum tal dano manifeſto,
Ao qual ſo Deos podia dar remedio.
Manda fazer final a toda a armada:
As amarras levantam juntamente,
Dando as pequenas vellas ao furioſo
Embravecido vento. Deſgarradas

As fuſtas vaõ ſem ordem : mas trabalham
Quanto lhes he poſſivel por ſeguirem
O luzente Fanal da Capitaina
A termos chegam todas de perderſe :
Mil vezes alagados ſe ſentiram,
Vendo de quando em quando ja chegada
A cruel, miſeravel, fera morte.
Com tal trabalho vaõ todos cubertos
De hũa eſpantoſa, eſcura, e triſte ſombra:
Onde o bramar das ondas, onde o vento
Nos ouvidos formava hum ſom horribel.
Paſſaram toda a noite em tal trabalho :
Mas ja quando a roſada manhaã vinha,
As terras aclarando, eſtavam junto
Da derrubada Goga : e ſendo o tempo
Sereno, favoravel, brando, amigo,
As fuſtas todas movem per hum manſo,
Aſſoſſegado mar poſtas em ordem.
Os remeiros, ſaltar fazem das ondas
Feridas a compaſſo, eſpeſſa chuiva
De criſtalinas gotas. Vaõ contentes,
Vendo muitos lugares pola Coſta
Deſtruidos, queimados, e outros danos,
Perdas, e grandes males, que com crua,
Sangrenta, e dura guerra tinham feitos.
Com tal contentamento a Diu chegam,
Onde do Viſorey foy recebido,
Eſte bom Capitam com prazer grande:
Com feſtas, e alvoroço, com louvores
Encarecidos delle, e de outros muitos
Fidalgos, e vallentes cavalleiros.

Pois

Pois como neſte tempo ſe quizeſſe
O Capitam famoſo Mazcarenhas
Vir para Portugal: ſendo comprido
O tempo do governo que ali tĩnha.
Entrega o Viſorey a fortaleza
Toda desfeita, toda aberta, e fraca:
Sem repairo, ſem muro, e ſem defenſa,
A D. Manoel de Lima, que a governe:
Que a defenda, e empare, e reedifique.
Inſigne Capitam, luz, gloria, honra,
E reſplandor dos teus, ja concedia
O tempo a teus trabalhos, que puderas
Iuſtamente tomar delles doſcanço.
Vinte annos de ſerviço tam contino
Em perigoſas guerras, em combates
Eſtreitos, arriſcados, pondo a vida
Mil vezes a perigos evidentes:
Aſſi nas tempeſtades do furioſo,
Soberbo, e bravo mar, como em mil grandes
Trabalhoſas affrontas, todo o tempo
Que no fertil Oriente reſidiſte.
Vas agora aceitar tam perigoſa,
Tam forte, e dura empreſa. O' valeroſo
Magnanimo varaõ, tudo iſto he pouco:
Que o teu animo grande, o teu robuſto
Coraçam invencivel mais te pede,
Mais te conſtrange, e faz que a mais te ponhas.
Quando la no meyo do eſtrellado
Ceo a humida noite ſe ſobia,
E em repouſo agradavel occupava,
O ſono geralmente, os mortaes corpos,

O nobre Viſorey no deſcanſado
Leito, mil couſas traça, e imagina:
Nam ceſſando de dar infindas graças
A Deos pola merce de tal victoria.
Pois vendo o brando ſono tam bom tempo:
Tam boa conjunçam, tam opportuna,
Entra na quieta caſa facilmente:
Com atrevido paſſo vagarozo,
Onde pequena luz, com triſtes rayos
Moſtrava tudo ali cego, e confuſo.
Ao Viſorey ſe chega, e num momento
Hum ramo em ambas fontes lhe ſacode
Molhado no licor do Rio Letheo,
E na lagoa Stigia, turva, e triſte.
Cerralhe logo os deſvelados olhos,
Infundelhe hum peſado, e doce ſono:
As forças, e ſentidos juntamente
Lhe rouba, e deixa o corpo ali eſtendido,
Sem ter de vida mais, que hum perlongado,
Quieto, concertado, brando alento.
Nam bem o repentino ſono tinha
Começado a travar os laſſos membros,
Quando num verde prado ſe vio junto
De hũa delgada, clara, fria fonte:
Cujas delgadas agoas criſtalinas,
Com ſuave murmurio, e lento curſo
As verdes, freſcas ervas vaõ regando.
Altos, e verdes Alemos faziam
Aprazivel, quieta, e doce ſombra.
E as namoradas aves manſamente
Feriam os delgados, e altos ares:

Com

Com ſeus cantos, e clauſulas ſem arte;
Co aquelle doce ſom nam aprendido.
Parecelhe chegar cançado á fonte
Armado de luſtroſas, fortes armas:
A ſede ſatisfaz, e no delgado,
Tranſparente licor ſe deſaffronta.
Hum anciano varam de aſpecto grave,
Maltratado no trajo, e differente
De tudo o mais que nelle ſe enxergava,
A elle ſe chegava, e lhe dizia:
Deos te ſalve ó magnanimo, felice,
Prudente Capitam, que ennobreceſte
A Luſitana patria, acrecentando
Sua fama immortal, alta, e glorioſa.
Deos te ſalve ó Coroa dos antigos,
Illuſtriſſimos Caſtros: ſeja ſempre
O Ceo em teu favor, e os mais benignos
Fados te dem o fim qual tu mereces.
Vem comigo Senhor não te detenhas,
Que eſperando te eſtá deſdo principio
De tua vida, hum premio ſo devido
A bem affortunados raros homẽs.
Nam refuſes a minha companhia,
Ainda que me vez tam mal tratado,
Que da minha pobreza ſo tem culpa,
Os tempos pervertidos, e mudados.
Meu nome ſempre foy Merecimento,
Por mim vinham merces, por my ſe dava
Toda a honra, e favor aos fortes braços,
Que as vidas arriſcavam aos perigos.
Iſto ſe coſtumava nas idades

Antigas, e douradas: mas ja agora
Sou pouco conhecido, porque os homens
Por hum baixo intereſſe me deixaram.
E aquelles que por my com juſta cauſa
Apreſentados ſam, ja nam alcançam
Outra ſatisfaçam polos ſerviços
Continos, e leais, mais que hum deſgoſto
Que lhe vay conſumindo as triſtes vidas.
Outros muitos verás que alcançam rendas,
Eſtados, dignidades, e privanças,
Sem os eu conhecer: mas iſto tudo
Por caminhos ſe adquire, e por huns modos
Illicitos, e vis, diſſimulados.
Hũs com boas, e ſantas apparencias:
Outros per encubertas tyranias.
Outros per mil maneiras de intereſſes,
Em ſeus proveitos proprios mais fundados,
Que nos univerſais bẽs da Républica.
Eſte he o mundo que corre, eſte he o tempo
Que geralmente curſa em toda parte:
Valias, e adereneias ſe procuram
Alcançar, ſem valer merecimento.
Levantate que he tarde, e temos muito
Por fazer, e por ver com que te alegres.
O inſigne Viſorey depois de ouvidas
Ao antigo varaõ eſtas palavras,
Ligeiro ſe levanta, com ſembrante
Que moſtrava hum prazer cauſado na alma,
Por ſe lhe offerecer tal companhia.
Ambos vam praticando por caminhos
Aſperos, e fragoſos: em que muitos

Di-

Diverſos caminhantes perfiavam,
Com aſſas de trabalho, por chegarem
Ao ſumptuoſo templo, onde a Victoria
Coſtumava de dar galardam juſto
Aquelles, que o temor nunca foy parte
Para lhes impedir, que graves caſos
Deixaſſem de emprender: antes ganharam
Com trabalhos, e affrontas grande fama.
Eſtes que o Viſorey neſte caminho
Via, lhe pareciam ficar ſempre
Grande eſpaço detras, e perguntando
A cauſa diſto, o velho lhe reſponde:
Saberás bom ſenhor, que os que aqui neſtes
Caminhos ves andar, e que nam podem
Chegar ao alto templo, ſam aquelles
Que por pura aderencia, ou por fingida
Sanctidade, pretendem grandes premios:
So devidos aquelles que com ſangue,
Com trabalhos, e mortes mereceram
Ficar delles hum nome eterno ao mundo.
Neſtes tempos de agora reynão eſtes,
Tem mandos, tem governos, tem privanças,
Tem eſtados, e rendas, e admitidos
Sam ſempre ſeus conſelhos, ſo Deos ſabe
O fundamento delles, e o ſeu zelo.
La tem mundanos bens: mas aqui ficam
Sempre em vaõ trabalhando por chegarem
Ao ſumptuoſo templo, onde nos ymos:
Mas como vaõ ſem my, he lhes negado
Aquelle galardam, que em ti eſtá certo.
Eſpantado ficou o nobre Caſtro

Das

Das palavras do velho, porque a muitos
Daquelles conhecia, e apreſſando
O paſſo acelerado, nam quiſeram
Deterſe em ver tal gente, tam fingida,
Chea de ypocréſia, e falſidade.
Nam muito eſpaço andaram, quando a hũ monte
Altiſſimo chegaram, cuja viſta
Em toda parte os olhos alegrava.
Começando a ſubir, ſupitamente
Começa o monte todo eſtremecerſe,
E abaixar com eſtrondo inchados ríos
Polas ladeiras ingremes, e hum vento
Furioſo lhe reſiſte ali à ſubida.
O nobre Viſorey affadigado
Co a ſupita tormenta, muitas vezes
Poem em terra as mãos ambas, e outras muitas
Ao velho ſe apegava por ſoſterſe:
O qual com riſo alegre diz: Esforça
Que nam ſe ſobe aqui ſem gram trabalho.
Depois de ja ſobidos ao mais alto
Daquelle levantado monte, viram
Eſtendidas campinas, todas cheas
De purpureas, ſuaves, freſcas roſas.
Mil antigos carvalhos, e altos louros
As gracioſas ervas aſſombravam.
Riquiſſimos tropheos delles pendiam,
Ganhados a nações muy belicoſas,
Com gloria, e com louvor dos vencedores.
No meyo do eſtendido campo, eſtava
Hum admiravel Templo, cujos teitos
Quaſi antre as altas nuvés ſe eſcondiam.

No

No ſoberbo portal la no mais alto
Se moſtrava o furioſo, fero Marte,
Todo de duro ferro bem cuberto.
Num carro diamantino, com ſembrante
Horribel, e feroz, hia regendo
Os ſoberbos cavalos: que com furia
Pareciam romper os altos ares.
A ſangrenta Belona, e a gram Palas
Ambas de armas riquiſſimas veſtidas,
Nos dous umbrais da porta preſidiam:
E logo abaixo dellas, pouco eſpaço,
Em cada parte dez robuſtos homẽs
Com baſtardos claroẽs, e a hum tempo todos
Hum rouco, e eſpantoſo ſom faziam.
Entram juntos no templo os companheiros,
O Viſorey ſe eſpanta, e fica mudo
Vendo a grandeza delle: vendo a obra
Das Doricas colunas; das Corinthias;
Das Ionicas, e de outras que exceediam
As raras perfeiçõẽs do gram Praxiteles.
Muy traſportado eſtava o grande Caſtro,
Paſmado do lavor ſubtil, e eſtranho
Do riquiſſimo teito, e das pinturas
Que em torno das paredes, quaſi vivas
Com ledos roſtos todas ſe moſtravam.
Os olhos levantou, e no mais alto
Do templo, vio armados valeroſos
E famoſos varoẽs, cujas cabeças
Eram de verde louro coroadas:
Muy certa, e clara inſignia de notaveis
E celebres triumphos. Muitos eram

Dos

Dos belicoſos Gregos, outros muitos
Dos valentes Troyanos, e hũa turba
De famoſos Romãos em largo bando.
E como o Viſorey foſſe muy douto
Nas Gregas e Latinas letras, corrẽ
Por todos geralmente os olhos, vendo
Se pode conhecer algum daquelles
De quem graves auctores ca deixaram
Os nomes em memoria eterna, e viva.
Vio Ector valentiſſimo abraſando
As Gregas naos, e vio mil deſmayados
Roſtos que hiam fugindo da gram força
Do ſeu robuſto braço, e dura eſpada.
Via per outra parte o fero Achiles
Nos Troyanos fazer ſangrento eſtrago.
O grande Macedonio vio, que o mundo
Com proſpera fortuna ſugigava.
Ve o invencivel Ceſar, triunfando
De Affricanos, de Egypcios, de Franceſes:
Da provincia de Ponto, de Farnaces
Muy poderoſo Rey, e de outras muitas
Belicoſas provincias. Ve que a patria
Por força conquiſtava, e pouco avante
Ve que ſobre a defuncta, enſanguentada
Valeroſa cabeça de Pompeyo
Fazia piedoſo, e triſte pranto.
Ambos os Scipiões, e aquelle forte
Capitaõ, que em Cartago tinha o mando,
Dos Romãos muy cruel, duro adverſario,
Ve com grandes victorias. Logo abaixo
A Beliſario ve vencer ſoberbas

Be-

Belicoſas provincias. Iunto delle
Ve Iorge Caſtrioto Rey de Epiro,
(A que os Turcos chamaram Scander Bego)
Vencer com pouca gente a Mafamede,
E Amurate ſeu pay, ambos Senhores
Dos imperios, que agora rege o Turco.
Folgava o Viſorey de ver os feitos
De Varões tam illuſtres, e esforçados.
Ve muitos Capitães Italianos,
Outros muitos Franceſes, e outros muitos
De diverſas nações, todos moſtrandó
A juſta, e digna gloria de ſuas armas.
Virando os olhos ve por outra banda
Famoſos Capitães, que com gram parte
Se aventajavam deſtes mais valentes.
Eſpanhoes eram todos, e as victorias
De famoſas batalhas, retratadas
Eſtavam tanto ao vivo, que o que nellas
Via, lhe parecia verdadeiro.
O valeroſo Conde Caſtelhano
Vencia ali Almançor Rey poderoſo,
Com poucos cavalleiros enche o campo
De Sarracinos corpos ja ſem almas.
Viaſe a terra aberta, e que recebe
No frio, eſcuro ventre hum cavalleiro
Do Conde (triſte agouro, e final claro
De certa deſventura) mas o Conde
Nem por iſſo ſe eſpanta, antes ouſado
Com animo invencivel acomete
Os ſoberbos immigos: dando á patria
Famoſo, e alto nome para ſempre.

O valente Bivar, Cid famoſiſſimo
Ali moſtrava mil grandes victorias,
E Bernardo del Carpio tambem tinha
De ſeus merecimentos a coroa.
O gram Capitam ve que com ſeu nome
Toda Eſpanha ennobrece, cujos fados
Proſperos e ditoſos, invencivel
O fizeram, ficando entre nos ſempre
Eternos, e immortaes os ſeus louvores.
O dos de Avalos gloria, e de Peſcará
Digniſſimo Marques, aqui ſe via
Com mil grandes victorias, e o de Leiva
Prudente Capitam: e logo avante
D. Alvaro de Sande ſe moſtrava
Com forte coraçam, robuſto, e duro.
D. Alvaro de Baçam, e o de Mendoça
D. Bernardino juntos, e outros fortes
Inſignes Capitães da noſſa Eſpanha.
Cujos illuſtres nomes, e famoſos
Deixo de referir, porque pretendo
Cantar ſomente aqui da patria minha.
Tam enlevado eſtava, e ſem lembrança
O nobre Viſorey, que o companheiro
O toma pela mão, e dizlhe: Atenta
O que agora te cumpre, que la fica
Tempo, para que vejas tudo quanto
Aqui com ſubtil mão eſtá pintado.
Dizendo eſtas palavras, vão ſobindo
Por hũs altos degráos: todos cubertos
De deſpojos, com grande honra ganhados.
Em cima no mais alto parecia

Hum eſcano real, em que aſſentada
Se moſtrava a Victoria ouſana, e leda.
Encoſtavaſe a hum alto, e verde louro,
Donde juſtas coroas, com louvores,
A famoſos varoẽs ſe concediam.
O bom velho tomou o muy prudente
Viſorey pola maõ: ambos chegados
Onde eſtava a victoria, diz o velho
Com voz ſonora e grande, eſtas palavras:
Aqui trago comigo apreſentarte
O' illuſtre ſenhora, o valerozo
E nobre Viſorey D. Ioaõ de Caſtro,
Para que de ti ſeja ſatisfeito
Daquelle galardam, que nos paſſados
Tempos aos Capitães tu concedias.
Eſte he o que merece ficar delle
Hũa notavel fama em todo mundo.
Eſte he o que venceo com pouca gente
Todo quanto poder tinha Mamude.
Mais honras ſe lhe devem que ao gram Ceſar,
Mais que ao grande Pompeo, e mais louvores,
Que ao valente Affricano, do ſenado
Romaõ, mortal immigo: nam lhe chega
Aquelle Scipiam, a que tu tantos
Triumphos outorgaſte. Mais ſe deve
A eſte ſo que venceo gente tam forte:
Tam beliçoſa, deſtra, e bem armada.
Com ſos dois mil ſoldados Portugueſes
Venceo vinte e ſeis mil armados homens
Delles Helches, e Turcos; delles Parſios:
Delles fortes Arabios, e robuſtos.

Abe-

Abexins, Fartaquins com curvos arcos :
Com groſſos arcabuzes, e hũa ſomma
De teſas, e mociças, groſſas lanças.
Em batalha campal tomou quarenta
Peças de artilheria, que lançavam
Com violento furor, grandes pelouros.
Concedelhe ſenhora aquelle premio
Que com tanto trabalho, e tanto riſco
Neſta grande batalha tem ganhado.
Em quanto eſtas palavras o bom velho
Em alta voz dizia : declarando
Hum tam eroyco, e tam notavel feito,
Eſtava o Viſorey quaſi affrontado
Ouvindo o ſeu louvor. Logo a victoria
Com ſembrante amoroſo, e alegres olhos
O recebe, e agaſalha, e dalhe em premio
Dos trabalhos ſoffridos, a Coroa
Que aos inſignes varoes dá tanta gloria.
Neſte ponto ſe ouviram polos ares
Diverſos inſtrumentos ſonoroſos
E mil vozes ſuaves, que o gram nome
Do Viſorey, cantando, repetiam.
Satisfeito, e contente ſe levanta,
Atonito, e paſmado do que via,
Ambos ſe decem juntos : mas querendo
O bom Viſorey ver os grandes feitos
Dos Capitães paſſados, que ali eſtavam
Artificioſamente nas paredes
Retratados ao vivo, vam detendo
O vagaroſo paſſo, e o parceiro
Moſtrandolhas pinturas, aſſi diſſe :

Ves

Ves aquelle que vay de brancas armas
Armado, e ja com ſangue as leva tintas:
Que hum cavalo feroz acubertado
Revolve a todas partes, e entra dentro
Naquella alta mezquita? Ves que corta
Todo aceſo em furor pernas, e braços,
E que com duros golpes poem por terra
Grande copia de Mouros: mas atenta
Verás que lhe nam vaĩ animo grande
Nem forte coraçam, robuſto, e duro,
Que as forças lhe faltaraõ, e em fim morto
Cahio de crueis golpes traſpaſſado.
Eſte que a vida deu por ganhar honra,
Foy Conde de Monſanto, e na tomada
De Arzila, ſe moſtrou tal, que no mundo
Seu nome ficará ſempre famoſo.
Aquelle que ali ves no meſmo dia
Cuberto de hũa adarga, yr com grande impeto
Subindo por aquella eſcada, á torre
Que na propria mezquita eſtá moſtrando
Grande ſomma de Mouros recolhidos:
Mas atenta ſenhor, e verás logo
Que lhe daõ do mais alto, com tal pedra,
Que aquella alta cabeça, que ja vimos
Ordenar ſabiamente mil batalhas,
E ſair vencedora ſempre, agora
Sem lhe valer o forte capacete,
Rendida ao grave peſo, por mil partes
Os miolos deſcobre em ſangue tintos.
Eſte foy o famoſo, illuſtre Conde
De Marialva, dino de louvores.

Olha

Olha que aquelle invicto, e tam famoſo,
Rey D. Affonſo o quinto deſte nome,
Ao Principe ſeu filho eſtá dizendo,
Dandolhe a militar ordem, ſobre elle:
Aſſi te faça Deos bom cavalleiro,
Como eſſe corpo morto que eſtendido
Na terra jaz, ganhando tanta fama.
Ves naquelle recoſto tanta gente
Ir fugindo de preſſa amedrontada
E que no alcanço vaõ matando ſempre
Portugueſes a Mouros? pois atenta
Y contarte ey hum caſo de memoria.
Olha aquelle que vay medindo o campo
Com apreſſados pes de hum bom ginete:
Que o roſto leva atras virado, e cobre
Todo o corpo, co aquella branca adarga,
Foy hum famoſo Alcaide, cujo nome
Barraxe era, ſenhor de toda a ſerra.
Aquelle que lhe vay pondo a lança,
E em cavalo roſilho ja lhe chega,
Era hum valente moço de dezoito
Ate dezanove annos: de robuſto
E forte coraçam: de vivo eſprito,
E grande opiniam. Eſte era neto,
Daquelle que na corte Luſitana
Tanto valor moſtrava: que quis darlhe
ElRey, Corte Real, por apelido.
Chamavaſe Vaſqueenes eſte moço
Corte Real, deſpois foy claro exemplo
De mil grandes virtudes. Ergue os olhos
Verás que o Mouro illuſtre abate em terra

Fe-

Ferido gravemente. Ves aquelle
Varam, que assi se mostra aventajado
No cavalo louveiro, e que vay dando
Favor aos vencedores? foy do Craro
Prior, tambem foy Conde de Tarouca.
D. Ioaõ de Meneses se chamava:
Varaõ, por certo, digno de mil honras.
Era ali Capitam na gram Cidade
Fundada por Anreo: que rendido
Foy do forte Thebano, e nos robustos
Braços deixou a vida. Ves hum Campo
Cuberto de Adnares; e infinitas
Cabildas Sarracinas? Ves que ocupam
Duas legoas em roda? Pois levanta
Os olhos, e verás o grande estrago
Que fazem Portugueses nos Alarves,
E nos Mouros de Fez: e se desejas
Saber, quem era ali senhor daquella
Innumeravel gente, e que vencido
Foy daquelle que vos vyr muy ligeiro
Sobre hum cavalo ruço, sabe certo
Ser o gram Mulemacere, se quieres
Que delle diga mais? escuta hũ pouco.
Yrmaõ era delRey de Fez, e tinha
Grandissimo poder de armas e gente:
Mas em fim foy vencido por aquelle
Capitam de Azamor, que se chamava
D. Ioam de Meneses o varam forte;
De animo invencivel. Esta empresa
Com mil outras venceo: dandolhe sempre
O Ceo favor, e foy cousa muy justa

Ficar aqui seu nome eterno, e vivo.
Nem canses ja de ver, pois te concede
O teu fado que aqui fiques com tantos
Capitães tam famosos. Ves naquelles
Outeiros hũa dura, perigosa,
E travada batalha? Ves que fogem
Juntas duas bandeiras, com mil Mouros
De cavallo, e de pe quatro mil: todos
A qual se salvára da furia grande
De sos duzentos homẽs Portugueses?
Ves que ficam no campo muitos mortos?
E que no alcançe tomam por captivos
Mouros de muito preço? nam perguntes
Isto como passou extensamente,
Abasta que te diga que os vencidos
Eram muy belicosos dous alcaides:
Barraxe e Almanderim: ambos no campo
De Tangere vencco o generoso
Capitam D. Duarte de Meneses.
Corramos mais abaixo, diz o velho,
Veremos outros mil notaveis feitos
Que em Africa passaram em diversos
Tempos, e conjunções. Olha naquellas
Frescas varzeas, veras hum poder grande
De Mouros, que em tropel com tesas lanças,
Adargas embraçadas vam correndo
Em ligeiros ginetes? Ves que o campo
Se tinge, e cobre todo de Albernozes
De cores differentes, e aprazeveis?
Entrar polas trunqueiras onde pouca
Gente resiste bem a força grande

E furor denodado que ali trazem?
Ves a dura peleja? Ves que ficam
Eſtendidos na terra doze Mouros
Dos principais de toda aquella gente?
Ora atenta ſenhor verás hum forte
Prudente Capitam: aquelle digo
Que a lança leva toda enſanguentada,
E parece ſoſter com grande eſforço
O peſo dos immigos. Eſte he o Conde
De Borba, Capitam nobre de Arzila.
Os com que pelejou aquella tarde,
Foy o gram Rey de Fez, com ſeus Alcaides:
Mas foilhe neceſſario recolherſe
Affrontado, e com dano, aquelle dia,
Que era aſſaz venturoſo, ſe a fortuna
Lhe nam dera em deſcomo, a triſte morte
De D. Diogo Coutinho: yrmaõ de aquelle
Conde de Marialva, que ja viſte.
Quero agora moſtrarte hum poderoſo:
E notavel encontro, ves armado
Aquelle cavalleiro das Couraças
Azueis, com cravos de ouro, e na cabeça
Hum rico capacete, claro, e limpo?
Olha aquelle furor com que o cavallo
Atropelando vay, e o duro encontro
Que com lança enreſtada, dá no Mouro
Do capelhar de gran, olha que o deita
Mal tratado, e por força, na pequena
Cava de aquella vinha, pois atenta
Que lhe começa a barba. Ia vou vendo
Que queres que to diga o nome de ambos,

D. Bernardo Coutinho ſe chamava
Filho daquelle tam illuſtre Conde,
E neſte meſmo dia, quis moſtrarſe
Contra o Alcaide Atel: por ſer valente
E aſſas bom cavalleiro: mas nam pode
Defenderſe da força do Coutinho:
Que o lançou polas ancas do cavalo:
Dando co elle em terra, hum grande golpe.
Verás mais adiante nas tranqueiras
Entrar elRey de Fez outra vez, dando
Gram ſobreſalto a Arzila: mas o Conde
Com poucos cavalleiros lhe defende
Que nam faça algum mal: antes lhe matam
Cinco Mouros ali, e vayſe triſte
Por nam poder fazer o que deſeja.
Eſtava o Viſorey paſmado, vendo
Como parece vivo tudo quanto
Ali eſtava pintado: mas o velho
Lhe diz: pois que nas mãos temos os feitos
Deſte ditoſo Conde ſera juſto
Acabalos de ver; ora levanta
Os olhos, e verás como ſe fia
Daquelle falſo Mouro, que a mariota
Azul eſcura leva: ves a gente
Como de tal treiçam vay deſcuidada?
Olha naquella parte que ſe chama
O grande Azambujal de Talicante,
Verás hũa cilada de mil Mouros
Em fermoſos cavalos: que parecs
Vir dando hũa eſpanioſa, e alta grita.
Mas foram recebidos do bom Conde,

Co

Co aquelle coraçam, co aquelle esforço
Com que os grandes perigos desprezava.
Nam ves quantas lançadas se dam todos?
Nam ves que andam revoltos hũs, e os outros?
Ves o Alcaide de Alcacere captivo,
Que mandava esta gente? Ves a volta
Que a fortuna lhe deu? quando cuidava
Desbaratar o Conde com tal manha,
Foy vencido, foy preso, e toda quanta
Gente trazia foy desbaratada.
Aquelle que ali ves levar trezentas
Lanças de Portugueses, e de Mouros
Mil e trezentos mais, he o animoso
E forte Capitam Nuno Fernandes
De Taide em Çafim. Ves como passa
A vista de Marrocos, e com força
Nos aduares da, que apercebidos
Ia por elle esperavam? Ves o estrago
E matança que fazem? Ves cativos
Antre homẽs, e molheres, quatrocentos
Todos com tristes rostos, o succesſo
Do fado crudelissimo, seguindo?
Olha aquelle esquadram de grosso gado,
Onde vem cinco mil, e cem cabeças,
Tudo isto ali tomou com pouco dano
Da gente que levava. Ves as portas
De Marrocos fechadas? Ves que chegam
Com fortes corações, algũs mancebos
Cujas almas, e entranhas de amoroso
Cruel, e doce ardor se consumiaõ?
Com atrevida mão, e animo grande

Nas

Nas portas, os amados, nomes firmaõ
Com letras de carvaõ. Caſo foy eſte
Arriſcado, e aſſaz difficultozo:
Mas que averá que amor nam faça leve?
Olha aquella triſteza, e grande anguſtia
Do Sarracino Rey, vendoſe poſto
Em tal affronta, banha as brancas barbas,
E aquelle afadigado, triſte peito
Em lagrimas, ſentindo gravemente
Hum tal deſprezo, e tal atrevimento.
Tres dias ſe encerrou, ſempre chorando
A grandiſſima dor deſta deshonra.
Ves acolá naquelles grandes vãos
Cento, e quarenta bem armados homẽs
Pelejar com dez mil guerreiros Mouros?
De que ficam duzentos ali mortos
Traſpaſſados os peitos, e as entranhas
De mil grandes lançadas, de que a terra
De negro ſangue fica toda tinta?
Olha aquelle mancebo tam valente
Que o cavalo caſtanho ali revolve
Com gram dezenvoltura, a todas partes:
Olha com quanta força ali reſiſte
Aquella multidam de groſſas lanças,
E como esforça a ſua ouſada gente
A que com coraçoes fortes pelejem.
Ves que o ſeu forte braço tanto offende
Aquella grande turba belicoſa,
Que quaſi toda eſtá desbaratada?
Ora atenta Senhor, contarte ey eſte
Tam eſpantoſo feito, que tam juſto

Foy

Foy ficar para ſempre neſte Templo.
Ajuntaraõſe dous muy eſforçados
Irmaõs delRey de Fez, ambos num corpo
Com dez mil de cavalo determinaõ
Correr a Ceita, e darlhe (ſe pudeſſem)
Hum negro, e triſte dia. Neſte acordo
Determinados ja, metenſe todos
Em cilada, de tras de huns altos montes,
Dali trinta Almogavres deſpediram,
Para que co eſte ardil fizeſſem dano
Como outras vezes mil, os Portugueſes
O tinham recebido; mas eſtava
Naquelle tempo em Ceita o illuſtre Conde
De Alcoutim, que deſpois foy juſtamente
Marques de Villa Real. Pois acodindo
Eſte bom Capitam ao revolto ſo
Apreſſado rebate, mandou logo
Apos os Almogavres, ate vinte
Cavalleiros dos ſeus: que do mais alto
Dum monte, a multidam da gente viram.
Saem os dous yrmãos, e toda a gente,
Com gritas que ao mais alto Ceo chegavam:
Com bandeiras nos ares eſtendidas,
E no mayor furor de ſeus cavalos,
Aos grandes valos chegam: mas o Conde
Tambem affortunado, os eſcarmenta:
Matandolhe duzentos. Com tal dano
Os yrmãos ſe recolhem, e o bom Conde
Com gloria famoſiſſima entra em Ceita.
Outro feito mayor, mais admiravel
De hum Principe illuſtriſſimo, ſe moſtra

Me-

Merecedor de fama, e nome eterno.
Feito, que com razam pode ygualarſe
Cos antigos, que agora nos eſpantam.
Ves naquelle gram campo eſtar partidos
Treze eſquadrões de gente aſſaz luſtroſa?
Com bandeiras de cores arvoradas?
Ves que no meyo dellas aparece
Aquella que em brancura a neve excede?
Olha que a tem nas máos hum bellicoſo
Bem armado, membrudo, forte Mouro,
Aquelle que o cavalo acubertado
Parece que as ferradas máos levanta,
E aſſoprando com furia a terra bate.
Olha que com trombetas, e alaridos
O ar moſtra romperſe por mil partes.
Eſta gente que ves toda ſeguia
Hum poderoſo Mouro, aſſaz valente
Gilhaire ſe chamava, muy experto
E ſagaz Capitam mortal immigo
De todos os Chriſtãos. Eſte com forças
De bem armada, deſtra, e forte gente,
Tinha determinado cobrar Ceita:
Dando mil crueis mortes aos de dentro.
Mas o famoſo Conde nam podendo
Soffrer eſtar nos muros recolhido,
Cheo de huma ouſadia, ſempre certa
No ſeu coraçam duro, e generoſo,
Ordena hũa batalha: ſae ao campo
Sua gente esforçando com palavras
De animo e prudencia todas cheas.
Nos enemigos deu com força e furia:

Os

Os impetos ſoffrendo da ſoberba
Barbara multidam: e no primeiro
Encontro derrubou dos corredores,
Dos outros em ciladas eſcondidos,
Hũa muy grande copia. Rompeo logo
De Cide Mafamede hũa batalha;
E de Alarato Alcaide tambem outra,
Onde fez hum cruel ſangrento eſtrago.
Ves o grande furor dos Portugueſes,
E o deſmayo mortal dos Sarracinos?
Olha com quanta força entra rompendo,
Aquelle principal eſquadram grande,
Onde Gilhaire eſtava: ves ferido
O bom Conde naquelle grande encontro?
Ves que o ſeu real ſangue ſe meſtura
Co aquelle vil, que as armas ja traziam?
Atenta bem Senhor verás que corre
Onde a neceſſidade eſtá mais certa
Olha com quanta perda ja lhe fogem
Os vencidos immigos. Ves Gilhaire
Cos outros principaes Capitães, todos
Cativos: e no campo ves que fica
Mafamede eſtendido, ali empoçado
Num lago de qualhado, negro ſangue?
Muitas tendas tomaram, e outros muitos
Riquiſſimos deſpojos. A bandeira
Branca delRey de Fez, co as outras doze,
Rendidas foram todas dentro a Ceita:
Onde o bom Conde entrou dando louvores,
E mil graças a Deos por tal victoria.
Alça os olhos, verás naquella parte

Hum

Hum rariſſimo feito, de que fama
Bem merece ficar eterna, e viva.
Ves aquelle eſquadram, grande, cerrado
De trezentos muy fortes Portugueſes:
Onde a branca bandeira levantada
Hũa vermelha Cruz nos vai moſtrando?
Ves outro de mil Mouros, que acompanham
Eſte Sacro final, ſem lhe dar credito?
Olha que ao pe daquelles altos montes,
Em grandes Aduares dam com impeto
Hum cruel, furioſo, duro aſſalto:
Onde fracas molheres, e robuſtos
Mancebos, traſpaſſados dam as almas.
Quinhentos, e ſeſenta verás mortos,
No ſexo differentes, e na idade.
Quatro centos, e vinte vam cativos:
Em lagrimas banhados muitos delles.
Outros muitos verás que o torpe medo,
As lagrimas lhe impede: mas paſmados
Do nam cuidado mal, vam ſem ſentido,
E com palida cor, quaſi defunctos.
Saberas que o ſenhor de Mira eſtando
Em Çafim (D. Affonſo era o ſeu nome,
Genro do Capitam Nuno Fernandes,
Que tantos males tinha feito a Mouros:)
Entrou polo ſerram vinte e ſeis legoas
A traves de Marrocos, e levando
Trezentos de cavallo Portugueſes,
E mil Mouros de pazes, deſpregadas
As bandeiras, chegou ſem ter receo
Ao pe dos montes claros, onde o dano

Fez

Fez que ali ves pintado. Olha o deſpojo
De doze mil cabeças de pequeno,
E proveitoſo gado: e juntamente
Bem ves que levam ſeis mil bois, e vacas
Sete centos camellos, e ſeſenta
Fermoſos, ligeiriſſimos ginetes.
Levam tambem ſeis centos, e quarenta
Animaes de ſerviço. Neſta empreſa
Hum ſo Chriſtaõ morreo, ficando treze
Feridos: mas nenhum teve perigo.
Ves la vay o gram Duque de Bragança,
Principe digno aſſas de nome eterno,
Que tomou Azamor, Cidade nobre,
E das mais principaes, e populoſas,
Que em toda a coſta eſtam de Berberia.
Ves a ſua gram frota, que cortando
Com bonançoſo vento favoravel,
As groſſas ondas vai, na qual ſe contam
Bem quatrocentas vellas, antre grandes,
E outras de menos carga, onde vai toda
A frol de Portugal? Dous mil valentes,
Esforçados, e nobres cavalleiros:
Quatorze mil ſoldados eſcolhidos,
Seguem com ledos roſtos, fortes peitos
O forol deſte Principe excellente.
Em Mazagaõ verás que tomam porto,
E com paſſo ordenado vaõ marchando
Aquella larga praya, ate que aſſentam
Sobre Azamor as tendas: e que logo
A Cidade combatem com gram furia:
Onde muitos morreram dos immigos,

E aquelle Capitam que os emparava,
Deixando o corpo ali feito pedaços,
Mandou ſua alma em breve ao reino eſcuro.
Ora attenta ſenhor verás envoltos
Naquella tenebroſa eſcura ſombra
Os Mouros, com temor deixando erma,
Deſemparada, e ſo toda a Cidade.
Nam ves que quando ja moſtrando vinha
Phebo o ſeu reſplandor, os Portugueſes
Os muros ſobem ſem trabalho, e andam
Polas deſertas ruas, deſpregando
Com mil gritas as caſas, onde ricos
E eſtimados deſpojos ſe eſcondiam.
Vamos mais adiante verás outro
Feito do Capitam Nuno Fernandez,
Aſſaz ditoſo, e bem affortunado.
Ves aquella bandeira acompanhada
De duzentos, e trinta Portugueſes?
Que trezentas, e vinte almas cativas
Trazem com mãos atadas? Sabe certo
Que os Mouros de Almedina receando
As forças, e o poder do grande Duque:
Temendo que quizeſſe porlhes cerco,
A Cidade deſpejam: ſem lembrança
De ſalvar outra couſa, mais que as vidas.
Pois ſendo ſabedor Nuno Fernandez
Da medroſa fugida, vai depreſſa
Com duzentos, e trinta cavalleiros
Nam podendo alcançar a melhor gente,
Aquelles cativou, e com grande honra
Se torna, e entra dentro na deſerta,

De-

Desemparada, so, triste Almedina.
Algũs Mouros achou que o receberam,
Com mostras de prazer, falso, fingido,
E deixando a Cidade a bom recado,
A Çafim se torna ledo, e contente.
Passemos mais a vante, verás outro
Famoso Capitam, filho mais velho
Do bom Conde de Borba: este foy Conde
Do Redondo, varaõ de grande esforço:
Na guerra prudentissimo, de aspecto
Severo nas batalhas: mas affabel,
E domestico, quando a paz lhe dava
Do continuo trabalho algum descanso:
Tens aqui para ver diversos casos,
E todos de hũ so caso succedidos.
Quanta gente ali ves naquelle campo
Seguir duas bandeiras que vaõ juntas,
Leva por Capitães dous bõs Alcaides:
Hum de Alcacerquibir, de Iazem outro.
Ves que o porto das pedras vaõ passando,
Com mostras, e sinaes de grandes gritas?
Ves ca de estoutra parte o nobre Conde,
Que finge recolherse por ser muita
A ventage dos Mouros? ora atenta
Verás como revolvé sobre aquelles
Que o porto tinham ja passado, e vinham
Com grandes algazarras, apegando
Cos seus fortes duzentos cavalleiros.
Ves o que ia diante vai de todos
No cavallo castanho, e que as entranhas
Passa daquelle Mouro, com ferida

Mor-

Mortal? he D. Bernardo irmaõ do Conde.
Ves como os Mouros vaõ todos fogindo,
E que morrem no porto muitos delles?
Ali verás o Conde na revolta,
Trabalhando paſſar por força o porto:
E querendo ſobir hũa pequena
Barreira que ali eſtá, foy impedido
Pelo Alcaide de Alcacere que a lança
Nas couraças lhe pos com tanta força,
Que ali lhe fez deixar a ſella livre,
E dar na dura terra hum grande golpe.
D. Bernardo Coutinho eſtá diante
Do valeroſo irmaõ: tomada a lança
Com ambas as maõs, dá mortaes lançadas:
Bem ves o Conde ja poſto a cavallo,
A peſar dos que ali lho deffendiam:
Pois olha veloas moy bravo, e fero
Paſſar a outra parte, e os ſeus co elle
A victoria ſeguindo. Olha que encontra
Com grande furia hũ Mouro valentiſſimo,
E que o deita por terra, mortalmente
Ferido. Do Forrobo eſte era Alcaide,
Chamado Cidiziaõ, e'ali trazia
Cincoenta de cavallo: mas aos outros
Foy vencido, e os ſeus desbaratados.
Olha mais adiante verás eſte
Capitam belicoſo eſtar muy triſte,
Porque o Alcaide de Alcacere correndo
La nos campos de Arzila, matou ſete
Valentes cavalleiros: mas o Conde
Sentindo na alma a dor de ſeus amigos.

Determina vingarſe, e acceſo em yra
Aquella alta atalaya vai ſobindo: -
Nam ves que dali corre, e que parece
Chamar por Sanctiago? Ves os Mouros
Que nam podem ſoffrer o grave encontro
Daquelles Portugueſes? Ves que fogem
Eſpalhados, por onde as vidas poſſam
Salvar da furia delles? ora atenta
Verás naquella parte onde aparecem
Hús fragoſos outeiros, que fogindo
Vay Cidhameth Laroz, valente Alcaide:
Sem lembrança dos ſeus, que ali no campo
Muitos ficam ſem vida, e outros muitos
Nas máos dos Portugueſes vaõ cativos.
Inda quero que vejas outro feito
Muy ſinalado, deſte illuſtre Conde,
Eſpantoſo de ver: mas aſſaz digno
De ficar por memoria neſte templo.
Ves hum grande eſquadram, em que vem juntos
Mil e quinhentos Mouros, e que ſeguem
A bandeira vermelha? Ves os trajos
Que trazem de mil cores differentes?
Ves adargas, e toucas todas brancas?
Ves cavallos brioſos, quam folgados
A dura terra batem? Se deſejas
Saber quem governava eſta luzida,
E belicoſa gente? Sabe certo
Que era Bengija Alcaide, cilo vay junto
Daquelle do albernoz, nam ves qual digo?
Nam ves o que ali leva a rica eſpada,
E de prata o thailí com borlas verdes,

Na-

Naquelle tam fermoſo potro ruço?
Pois eſſe meſmo he. Ves o prudente
Conde que ſe apercebe, e aos ſeus eſforça
Para entrar na batalha? Ves que chegam
Os corredores ja? e que apegando
Naquella eſcaramuça vaõ cos noſſos?
Olha que o Conde dá com grande força
No mor peſo da gente, e nam podendo
Os Mouros aguardar a força, e furia
Daquelles cavalleiros vaõ fogindo
Da maneira que ves, deixando todos
Polo caminho as armas, porque poſſam
Os cavallos correr com mais ſoltura.
Quatro centas adargas, e outros tantos
Cotoẽs da groſſa malha ſe tomaram:
Muitos Mouros perderam vidas neſte
Tam venturoſo dia, e outros muitos
Com mãos atadas foram dentro á villa.
Ves por aquella tam fermoſa praya
Vir correndo em tropel guerreiros Mouros?
Ves quantos capelhares, quantas toucas,
Quantos ricos alfanges, quantas lanças,
Com bandeiras de ſeda todos trazem?
Ves que os cavallos vem correndo, e deixam
Mil ferrados ſinaes na branca area?
Olha daquella Villa que ſe moſtra
Cuberta com fumaça, eſpeſſa, e turva
De grandes bombardadas, vir correndo
Hum nobre Capitam: ves detras delle
Armados cavalleiros apreſſados
Olha a furia que trazem, e a revolta

Tu-

Travada eſcaramuça que ſe ordena.
Sete principaes Mouros verás mortos,
(Caſo de grande eſpanto) porque ſabe
Que elRey de Fez ali traz todos quantos
Cavalleiros de preço, e os melhores
Alcaides de ſeu Reino: mas nam pode
Eſcuſarſe da magoa que eſte dia
Lhe ficou, vendo ſos duzentos homẽs
Que ſem receber dano, lho fizeram
Diante dos ſeus olhos. Mais me eſpanto
Como dali ſe foy o Sarracino
Rey com tam pouco mal: porque o valente
E valeroſo Antonio da Sylveira
Era aquelle que ves que lhe reſiſte.
Dous ouve deſte nome, ambos famoſos:
Ambos de gram prudencia: ambos na guerra
Muy bem afforrunados, hum ſofreve
Aquelle impeto grande que os Geniceros
Moſtraram contra Diu, e veloas logo
Deſpois que os Capitães de Affrica virmos.
Eſte que aqui ſe moſtra, teve o mando,
E governo de Arzila: ali mil couſas
Lhe ſuccederam bem. Queres ver outro
Grande, e notavel feito deſte inſigne,
Illuſtre Capitam? Ora levanta
Os olhos, e verás com que te eſpantes.
Ves naquelle eſtendido, largo campo
A ſangrenta peleja? Ves que fogem
Muy perto de oito centos Mouros, todos
Traſpaſſados de medo, e que ali ficam
Muitos delles no campo, com lançadas

Que as entranhas lhe moſtram: e outros muitos
Atados, e rendidos vaõ diante
Do nobre vencedor, e duro immigo,
Para mor gloria de hũs, e pena de outros.
Nam ves que vam ſeguindo eſta victoria
Cem cavalleiros ſos, e que nam podem
Os cavallos correr, pola fraqueza,
Em que naquelle tempo a dura fome,
Sem deixar a nenhum os tinha poſtos.
Eſte foy infelice, eſcuro dia
Ao Alcaide de Alcacere: e muy claro,
Muy venturoſo á gente Portugueſa.
Quero que vejas outro varaõ forte,
Antre os Mouros temido: que mil grandes
Empreſas acabou, em quanto teve
O governo de Arzila. Ves por cima
Daquelle alto cabeço, hũa pequena
Aldea, no mais alto da fragoſa,
E levantada ſerra, que ſe moſtra
De differentes gados toda cheа?
Ves aquelle que vai no gram cavallo
Ruço, com ſella xerque, e as eſtribeiras
Co mais fino metal reſplandoecentes.
Aquelle, aquelle digo que tres Mouros
Com grande força empuxa, e abate em terra?
D. Manoel Mazcarenhas tem por nome:
Esforçado, prudente, valeroſo:
Aſſaz merecedor de ſer louvado.
Olha como lhe poem no peito juntas
Mais de cincoenta lanças: e o valente,
Robuſto Capitam naõ deixa a ſella.

Ves

Ves que o ruço cavallo co seu sangue,
Que de vinte lançadas sae fervendo,
Em purpurea converte a cor nativa?
Ves por detras das casas, quam revolta
Aceſa anda a peleja? Ora tem tento,
E verás quantos Mouros ali morrem,
Moſtrando mil sinaes de valentia.
Ves como tam ligeiros vem saltando
Por asperos penedos, os que o medo
Da morte fez deixar seus companheiros?
Grande victoria teve o Mazcarenhas
Este dia, e foy justo que a memoria
De tal feito ficasse eterna, e viva:
Correo Benamarés (que aquella aldea
Assi sinha por nome) venceo cento,
E vinte Mouros, todos muy valentes.
O lugar deu ao fogo, e recolheose
Levando muito gado, e algũs cativos
De gram preço, e resgaste: nem foy esta
A derradeira cousa assinalada
Que ali lhe succedeo. Ves a ruina
Daquellas nove aldeas, que se moſtram
Ia de todo desertas dos antigos
Naturaes moradores? foram deste
Esforçado varaõ desbaratadas,
Com perdas das fazendas, e das vidas,
Dos miseros que nellas habitavam.
Olha naquella varzea, que hum gram rio
Alcantilado, e fundo atravessando
Vay com dissimulado curso, e busca
Por caminhos torcidos o mar alto.

Ves que num porto ſo, que dá licença
E concede a paſſada a outra parte,
Se trava hũa ſangrenta, perigoſa,
Dura, e cruel peleja? Ves cincoenta
Cavalleiros metidos dentro na agoa
Ate cimà das cilhas: e os cavallos
Revolvendo co as mãos as claras ondas?
Ves da parte contraira que ja dece
Innumeravel gente a entrar no porto?
Olha quantas lançadas ſe daõ todos,
E com quanto furor procuram morte.
Nam ves que em puro ſangue ſe converte
Aquella criſtalina, delgada agoa?
Olha eſte Capitam com quanta força
(Ajudado dos ſeus) ali reſiſte
Olha a forte peleja, olha os encontros
Reverberados na agoa: ves que moſtram
De quando em quando as ondas outros tantos
Cavalleiros furioſos? Ves os braços
Como ſe movem dando em vaõ mil golpes?
Aquelle que ali ves alto, e membrudo,
Que co a lança varada ſó deffende
Paſſar por ali Mouro ſem caſtigo
De ſuas duras mãos, he o eſforçado
D. Manoel Mazcarenhas: que ſabendo
Por certeza, que elRey de Fez lhe vinha
Por tal parte correr, quis eſperalo
Naquelle porto, e ver ſe era poſſivel
Deffenderlhe a paſſada: e parecendo
Ser caſo temerario: muitos ouve
Que ſeguir nam quizeram tal intento:

Se

Se tiveram razam, eu nam no julgo.
Eilos eſtam naquella alta atalaya,
Onde o branco guiaõ ves arvorado.
Chriſtãos, e Mouros vem todos envoltos
Em fera eſcaramuça pola varzea
Dandoſe em toda parte grandes golpes,
Mil lançadas mortaes, e com tal furia
Ves que entram pola praya, e que nam deixam
A deſigual peleja: mas neſtoutra
Parte os verás ja todos recolhidos
Com grandiſſima honra. Ves o fumo
Que cobre os baluartes: ves a preſſa
Com que a fermoſa praya ſe deſpeja,
Da Sarracina gente, polo eſtrondo,
E furor das bombardas? Eſpantado
Eſtava o Viſorey de tal eſforço.
Paſſando mais avante, vio num campo
Muita gente de pe yr em fogida:
Por outra parte vio, neſta pintura
Muitos Mouros fogir em corredores,
E ligeiros ginetes: vio que duas
Brancas bandeiras com vermelhas cruzes
Se apartavam ſeguindo a gram victoria.
Pergunta diſto a cauza, e o bom velho
Com ledo roſtro, logo lhe reſponde:
Aquelle que ali vay com pouca gente,
Fazendo tanto mal aos de cavallo,
He Conde do Redondo, pola morte
Do Conde que ja viſte tam famoſo
Neſte meſmo lugar, correo a Alcacere
Com Franciſco Botelho juntamente,

Que

Que aquelle eſtrago faz nos que a pe fogem.
O Conde reſidia, e tinha mando
Na belicoſa Arzilla, e o Botelho
De Tangere ali veyo; ambos num corpo
Levavam quatro centos, e ſeſenta
Valentes cavalleiros: e fizeram
Hum feito aſſinalado, porque á parte
Onde corriam, davam final claro
De perigo certiſſimo. Morreram
Muitos Mouros, e muitos foram poſtos
A bom recado, e guarda bem ſegura.
Ves o Mouro que vay naquelle grande
Poderoſo cavallo ruço, e leva
Revolto ao braço ezquerdo hum bedem branco
E na robuſta mão direita, moſtra
Brandir hũa mociça, groſſa lança?
Contarte quero delle, hum raro caſo
Que cometeo, levando de furioſo,
Cruel amor paſſado o triſte peito.
Antre aquelles cativos que ves juntos,
Guardados de valentes cavalleiros:
Vay hũa bella moça, queres vella?
Olha aquelle que os olhos agravados
Das lagrimas, virando vay ao Mouro
Que tal viſta recebe la no meyo
Do triſte coraçam, e alma afligida.
Traſportado ſe chega, ſem lembrança
Do perigo evidente: conſtrangido
De hũa dor inſoffrivel; diz: Nam ajas
Medo, nem te pareça que com vida
Oje pode ficar (indo tu preſa)

Quem

Quem vive ſo de verte, e de ſervirte.
Eſforçate que temos grande o dia:
O poder Deos o tem: è neſte braço
Eſtá hũa força nova, que de verte
Neſte perigo tal, ſinto crecida.
E ſe o Ceo me negar favor, proteſto
Morrer oje no campo, que mais ſinto
Verte levar aſſi a teus immigos,
Do que poſſo ſentir a cruel morte,
Recebida por mi ante teus olhos.
Eſte coraçam ja ao ferro agudo
Entregara: mas temo que pois nelle
Tam imprimida eſtás, ali recebas
Algum dano, que o meu faça mais grave.
Dizendo eſtas palavras, vai ſeguindo
O cerrado eſquadram da forte gente,
Conjunçam eſperando, em que pudeſſe
Livrar quem o levava tam cativo.
A moça mal ſegura das palavras,
Que pareciam ſer muy duvidoſas
Lhe diz: Nunca cuidei que hum fim tam triſte
Se guardaſſe a hum amor tam verdadeiro
Cinco annos me ſerviſte, e quando eſtava
O meu coraçam ja ao teu ſogeito
A fortuna envejoſa nos aparta,
Pondome no poder de meus immigos:
Onde em pura ſaudade eſtará ſempre,
E em tormento cruel, eſta alma minha.
Apos iſto ſoltou de triſte pranto,
Hũa muy copioſa, e larga vea
Aquellas tenras lagrimas penetram

O coraçam ouſado ao forte Mouro:
Determina morrer, e diſto o roſtro
Moſtrou claros ſinaes, a cor perdendo.
Os olhos nella fixos, com eſforço,
E animo denodado, a voz levanta,
Favor pedindo a quem com brandos rogos
E lagrimas lhe vai favor pedindo.
Firmaſe nos eſtribos, poem a eſpora
Com gram força ao cavallo: ſae ligeiro
Mais que furioſo rayo, e onde eſtavam
Os miſeros cativos chega, e toma
Aquella, por quem todo o caſo grave
Lhe parecia ſer facil, e leve.
Deſta ſorte a levou, ſem lhe poderem
Reſiſtir o furor que nas entranhas,
O poderoſo Amor lhe tinha aceſo.
Alargaſe tras elle o eſquadram todo,
Segueo com grande inſtancia algum eſpaço:
Mas todo foy em vaõ eſte trabalho,
Que num inſtante o Mouro nam he viſto,
Porque o medo, e o amor lhe deram aſas.
Morreo ſo dos Chriſtãos hum forte moço,
Que quinze annos naõ tinha, bem compridos,
D. Vaſco Mazcarenhas ſe chamava:
Atenta la naquelles altos montes,
O verás yr correndo bem cuberto
De hũa adarga conforme a ſua idade,
E com lança enreſtada encontra, e mata
Hum membrudo, robuſto, forte Mouro.
Quebrouſe facilmente a teſa lança:
O Mouro polos peitos traſpaſſado

Ca-

Cahio, banhando a terra em quente ſangue.
Mas encontrado foy ali de muitos
Ficando a pe tirou a curta eſpada,
Pelejando hum pedaço. Que lhe preſta
O vivo coraçam? Que lhe aproveita
Aquelle grande esforço? pois de grandes
Eſpantoſas lançadas o ves morto.
Alça os olhos ſenhor verás hum feito
Rariſſimo e notavel, ſe a fortuna
Tal prazer nam mudara em triſte pranto.
Ves hũ pequeno campo que da parte
Do frio Polo eſtá cercado de altos
Montes, que o mar Mediterraneo aſſombram
E nelles, lapas concavas, feridas
De eſpeſſas ondas, fazem rouco eſtrondo?
Ves que ali nove centos Mouros entram,
Com ſinaes de victoria, dando gritas
Que atroam campo, e montes? Ves os trajos
Que todos trazem ricos, e enſtoſos?
Marlotas, capelhares de mil cores:
Brancos bedẽs, e toucas retorcidas:
Mil terçados de prata: mil bandeiras
De ſeda, nas compridas, groſſas lanças?
Ves com quanto furor, com quanto esforço
Entram pegando com cem cavalleiros,
Arremeſſando lanças, e outros muitos
A maõ tenente, dando mil lançadas?
Ves que o Capitam chama Sanctiago?
Que pede volta, e da com grande força
Nos ſoberbos immigos, que cuidavam
Que ja de todo vinham vencedores?

Olha

Olhá que todos voltam bem cubertos
Com adargas os peitos, e enreſtadas
As lanças, os immigos enfraquecem.
Ves o bom Capitam banhado, em ſangue,
Que fervendo lhe ſae de hũa lançada?
O cavallo deixou, e a ſella livres
De forçoſos encontros conſtrangido.
Atropelado ali de arrebatados,
E furioſos cavallos, paſſou grande
Perigo, e mayor dor. Ves que revolta
Tam intricada, cega, e tam confuſa?
Onde aquelles que vinham victorioſos
Fogem, ficando algũs ali eſtendidos?
Querendo proſeguir o velho avante
Niſto que lhe moſtrava, o nobre Caſtro
Lhe atalha, e diz: Deſejo ſaber deſte
Varaõ taõ excellente o certo nome.
Satisfaz ao que pede, o velho illuſtre
Dizendo: que D. Pedro ſe chamava,
Do nobre, e antigo ſangue dos Menezes,
E que em Tangere eſtava, e nelle tinha
O mando, e o governo. Pois hum dia
Correndo juntamente quatro Alcaides,
Com tres mil de cavallo: eilos vem todos
La por aquella varzea, entraram dentro
Daquelle eſtreito campo, que ſe moſtra
Das tranqueiras vezinho: novecentos
Eſcolhidos em todos por mais deſtros,
Por muito mais ouſados, e valentes.
Repartenſe por todas as tranqueiras
Com ſoberba, por ſerem taes, e tantos:

Mas

Mas em todas acharam certo dano.
D. Pedro ali acudio, por ſer na parte
Onde o gado a pacer, e a fraca gente
Por buſcar erva, e lenha ſe apartaram.
Achouſe de fidalgos rodeado:
Nam ves quam ricas armas todos levam?
Deſtes, daquelle dia, para ſempre
Com razam ficará viva a memoria.
Trinta e ſeis principais Mouros morreram
Naquella perigoſa grande volta:
Mas nam quiz a fortuna que iſto foſſe
Com ſucceſſo tam proſpero ate o cabo.
Iunto do ribeiram que ali ves ſeco:
O Capitam verás quaſi chegado
Ao ponto derradeiro: ves a ſeta
Que o peſcoço lhe paſſa, e que de bruços,
Eſtendido na terra, ſem bolirſe,
Deſacordado eſtá? Ves os immigos
Diſtancia de ſeſſenta largos paſſos,
Tam cortados de medo, que nam ouſam
Tornar a cometer tam pouca gente?
Ves quantas feras tiram: e os fidalgos
Com quanto esforço ſoffrem tal perigo?
Bem ves os altos muros povoados,
De traſpaſſadas mil fracas molheres:
Que parecem pedir com grandes gritos
Com lagrimas a Deos, favor, e ajuda.
Tambem ves a fumaça eſpeſſa, e negra,
Que aſſombra os baluartes? Vira os olhos
Verás ſenhor que levam ſem ſentido
O Capitam D. Pedro. Ah duro fado,

Ah

Ah planetas crueis, nam merecia
Sua illuſtre molher ver mal tamanho.
Quatro dias durou, e ali na tumba
Que dez fidalgos levam, vai defuncto,
Com grande pranto o generoſo corpo.
Amado era de todos por ſeu zello:
Por ſua gram bondade, e vivo eſforço.
As lagrimas que ves em toda a gente,
Bem moſtram ſer aſſi, e bem o afirmão.
Quero que vejas outro valeroſo
D. Pedro de Meneſes que pudera
Com juſta razam ter vida mais larga.
Ves naquelles caminhos pedregoſos,
Aquelle cavalleiro das couraças
Verdes, com cravaçam, e brochas de ouro?
Que o limpo capacete leva ornado
Do mais puro metal, com ſotil obra.
E naquelle feroz cavallo ruço,
Os Mouros vai ſeguindo, que lhe fogem?
Na belicoſa Ceita tinha o mando,
E o inteiro poder: ves apos elle
No cavallo caſtanho, que eſtribeiras
De rico motam leva, ir hum mancebo
Brandindo hũa mociça, groſſa lança?
Aquelle que nos ares em mil ondas,
O capuz de eſcarlata leva ſolto:
Moſtrandonos as armas eſcondidas,
Tam ricas, como fortes, e ſeguras?
Ves como vai furioſo? Ves a graça,
E ombridade que nelle ſe ve junta?
Ves que alcança dous Mouros dos que fogem.

E

E que ambos os derruba mal feridos?
Eſte era filho erdeiro do prudente,
E valeroſo Conde de Linhares,
Irmaõ do Capitam que ali te moſtro.
Chamavaſe o mancebo D. Antonio
De Noronha (nam poſſo ſem dor grande,
E ſem lagrimas mil contarte delle)
Fermoſo, muito mais que o bello Adonis:
Muito mor coraçam que o fero Achiles.
Teve alegre ſembrante: teve os olhos
De hũa atrativa graça rodeados,
Que a todos obrigava, e conſtrangia
Deſejarenlhe bem ſem ter mais cauſa.
Era affabel, e brando, era esforçado,
Muy diſcreto, e cortez. Para que gaſto
O tempo?. pois em fim tinha ſo juntos
Quantos bens por mil outros ſe repartem.
Olha mais adiante verás eſte
Ouſado, e forte moço (em pouco eſpaço)
Entregue ja de todo a indigna morte.
Ves do corpo apartado aquelle roſtro,
Onde hũa juvenil, gracioſa barba
Começava nacer? Ves os ſeus olhos
Cubertos de mortal nevoa? e atentas
A viva cor perdida? transformado
Aquelle parecer, dantes gracioſo,
Em horribel imagem, muda, e triſte?
O' impia, ó dura, fera, injuſta morte,
Fados triſtes, crueis, quam rigurosos
Vos moſtraſtes, cortando em deſaſtrado,
Amargo, eſcuro dia, os tenros annos

Que

Que ja moſtravam claro hum valor grande,
E evidentes ſinaes de mil virtudes.
Indo eſte Capitam no triſte alcanço,
Da cilada que ves a mão direita,
Com furor arrebenta infinda gente.
Ves as bandeiras ambas tremolando?
Ves aquelle gram monte eſpeſſo de haſtas,
Com ferros reluzentes, e a corrida
Que os folgados cavallos ali trazem?
Bem ves (O' grande laſtima) que chegam
Com furia arrebatada, e que derrubam
Eſforçados varoẽs, rompendo as armas
Com lançadas crueis, por onde o ſangue
Da maneira que ves a terra tinge.
Peleja o Capitam com grande eſforço,
Ate que alento, e forças lhe faltaram:
Levaramlhe a cabeça: mas o corpo
Ali ficou cos outros eſtendido.
Acabadas de ver as Affricanas
Memoraveis victorias, eſpantado
O Viſorey ficou ſuſpenſo, e mudo.
Julgava hũs Capitaẽs tam venturoſos
Serem dignos de nome, e fama eterna,
E ſerem ſatisfeitos taes ſerviços
Com tal ſatisfaçam, que foſſem exemplo
Aos que muy levemente a mil perigos,
(Servindo elRey) as vidas offerecem.
Deſejoſo de ver outras victorias,
No fertil Oriente acontecidas:
O vagaroſo paſſo vay detendo,
E os olhos, no que mais goſto lhe dava.

Neſte vigeſſimo primo, e ultimo Canto proſegue o Merecimento na demoſtraçam dos feitos da India: Moſtralhe eu propheçia o naſcimento do invictiſſimo Rey D. Sebaſtiam. Declaralhe algũas couſas que ainda eſtam por vir. Tratase tambem da chegada do Viſorey á Goa: e da vinda de D. Ioaõ Mazcarenhas a Portugal.

O Nobre varam diz: bem claro entendo
Quanto te alegrarás vendo os tam famoſos
Feitos dos Portugueſes neſtas partes,
Onde agora reſides, que ſam dignos
De perpetuo louvor, e fama eterna.
Dizendo eſtas palavras, vira o roſtro
Amoſtrando co a maõ o grande Occeano
Diſſe: ves acola quatro ſoberbas
Naos, que com força as ondas vaõ rompendo,
Paſſando varios climas, e caminhos,
Nunca dantes tratados. Ali ſegue
O bom Vaſco da Gama o ſeu felice,
E proſpero deſtino. Paſſou grandes
Trabalhos, navegando por incertos,
E perigoſos mares, deſcobrindo
As riquiſſimas partes do Oriente.
Olha mais adiante a innumeravel
Gente que o Çamori tras com ſoberba,
Sobre elRey de Cochim: mas olha a força

De

De Duarte Pacheco, que reſiſte
Com oitenta ſoldados Portugueſes,
E trezentos Gentios, toda a furia
Daquelle poderoſo, grande exercito,
Onde ſeſenta mil varoẽs muy deſtros,
E na guerra esforçados, por tres vezes
Sam aſſaz maltratados, e offendidos,
Com morte de dous mil: e nam ſe avendo
O forte Capitam por ſatisfeito
Foiſe ao longo da Coſta: eilo eſta ſurto
No pequeno navio que ſe eſconde
Debaixo de fumoſa, negra nuvem:
Olha bem, e verás tambem o eſtrago
Que a ſua artilheria faz na gente
Do ſoberbo enemigo? Ves a raiva
Com que aporſia, e torna ver ſe pode
Paſſar ali outra vez o deffendido,
E deſejado porto? Olha o Pacheco
Com que animo, e esforço lho deffende.
Ves como vai fogindo, e ali deixa
Seis centos mortos, e outros mal feridos?
Foi deſcançar debaixo da palmeira,
Que acola ves eſtar mais apartada,
E ali o foy buſcar hum furioſo,
Deſmandado pelouro, que deu morte
A dez dos principaes ſeus companheiros.
Indinado ficou, e torna logo
Com todo ſeu poder, determinando
No Pacheco tomar cruel vingança,
Mas olha o Capitam famoſo, e forte
Com que animo acomete a grande turba,

Co-

Cobrioſe todo o ar de eſcura noite,
Por cauſa da fumaça, groſſa, e negra,
Com trovoẽs de bombardas, que faziam
Nos medroſos immigos mortal dano.
Matoulhe cinco mil dos ſeus ſoldados,
E eſcondeo no ſalgado Reino muitos
Ligeiros Paraós, donde deceram
Grandes eſquadroẽs de almas aos abiſmos.
A Calecut ſe foy desbaratado,
Faltandolhe dos ſeus vinte mil homens:
E o nobre Capitam foy neſte templo
Pintado como ves, com juſta cauſa.
Ves aquella naval, cruel peleja?
Ves dezaſete Naos, de furioſas,
Ardentiſſimas chamas abraſadas?
E o mar cheo de corpos, hũs ſem vida,
Outros, que ali nas ondas vaõ lutando,
Do furor Portugues todos fogindo?
Lopo Soares deu naquella parte,
Que era de Calecut, coſta ſabida:
Nas naos pos fogo ardente, e nos immigos
Com grande impeto pos armas, e forças.
Setecentos morreram, os mais delles
Valentes, esforçados, fortes Turcos.
Tres mil com mais trezentos, eſpantados
Se arremeſſam nas ondas, onde muitos
Traſpaſſados de medo, ſe eſconderam
Ja no mais fundo dellas, por nam verem
Tam ditoſa victoria a ſeus immigos.
Querote ja moſtrar o valeroſo
D. Franciſco Dalmeida, neſtas partes

Primeiro Viſorey, a quem os fados
Deram indignamente hum fim muy triſte.
Olha aquella Cidade, aquella digo,
Onde a cruel batalha anda travada:
A terra de purpurea cor tingindo,
Ves como eſtá revolta, e poſta a face?
Ves quantos corpos jazem ſem vidas,
Empoçados em vil, e negro ſangue?
E aquelloutra apartada que arde em chamas,
Onde miſeramente morrem muitos
Mouros que a deffendiam: ves quam triſte
O Rey paſmado, e frio aos palmares
Foge das Portugueſas, duras armas?
A primeira he Quiloa, eſta Mombaça,
Ambas o Viſorey tomou por força.
E a outra que ali ves tambem vencida,
Cos ſeus habitadores, quaſi mortos,
He a Cidade Onór, que eſte valente
Viſorey ſaqueou, e entrou matando.
Grande copia de Mouros, que com armas,
E com eſforço vaõ lhe reſiſtiam.
Todas as Naos queimou, que neſte porto
Ancoradas eſtavam, e no eſpeſſo
Bulcaõ de negro fumo ver bem podes,
Que tal devia ſer o grande incendio.
Ves aquelle eſquadram em que vem juntos,
Seis mil guerreiros Cafres que rodeam
E poem em grande riſco a fortaleza
De Çofala? naõ ves ſenhor quaes digo?
Aquelles que dobrando vem nervoſos,
Curvos, e fortes arcos, deſpedindo

Hũa

Hũa nuvem de ſetas, que o Sol cobre.
Em grande affronta eſtá Pero Danhaya,
(Aquelle he que os ſeus eſtá esforçando)
Por ver que nam tem mais para deffenſa
Que ſos trinta ſoldados que armas viſtam.
Mas eſtes pelejaram com tal força
Que os Cafres, de ali vir ſe arrependeram.
Sentindo o Capitam eſte deſmayo,
As portas manda abrir, e ſae por ellas,
Olha que ſos quinze homẽs o acompanham,
Pois olha como dá nos enemigos,
A força, e a vontade com que os fere.
Poſtos em desbarato com gram gloria
Se torna a recolher. Foy informado
Ter elRey de Çofala diſto a culpa,
E porque outra treiçam tal nam fizeſſe,
Com algũs cavalleiros ſae armado:
Deſpois que anoiteceo, e no apoſento
DelRey entra, dizendo a grandes vozes,
Portugal, Portugal, enche de armas
A caſa, e de valentes deffenſores:
Mas nada lhe preſtou, que èm pouco eſpaço
Foram mortos ali, e elRey co elles.
Ia te vejo enlevado, e deſejoſo,
De ſaber o ſucceſſo da gram frota,
Que por acolá vem rompendo as ondas
E que outra deſigual: mas belicoſa
Armada, vai com furia acometella.
Duzentas, e cinquoenta Sarracinas
Vellas de Calecut ſam muy guerreiras,
Aquellas que perguntas, e os navios

Que ves por eſta parte, que nàm chegam
A mais que a vinte, e dous, ſam Portugueſes:
D. Lourenço Dalmeida filho erdeiro
Do nobre Viſorey, os leva a cargo.
Ves como em roda larga ſe vem ambas
Chegando, e que aparecem neſta muitos
Esforçados ſoldados: olha as armas
Que do radioſo Sol ſendo feridas,
Parece que tirar aos olhos querem,
Co reciproco rayo a clara viſta.
Atenta a multidam que na contraira
Armada dos immigos ſe diviſa.
Olha que os eſtendartes, e as bandeiras,
O vento os leva a hũa, e outra parte:
Os claroẽs, e atambores vaõ fazendo
Hum eſpantoſo ſom, que guerra incita.
Ora atenta ſenhor, verás hum feito
Muy raro neſtas partes, e muy digno
De ficar por memoria neſte templo.
Bem nas ves ja chegadas? ora atenta
A Portugueſa armada que ſe cobre
De peçonhento fumo, groſſo, e negro:
Ves por elle luzir ligeiras chamas,
De ſupito, e ardente, vivo fogo?
Pois olha da contraira parte as nuvés
Que hum chuiveiro de ſetas arremeſſam.
Atenta bem verás em ambas partes
Muitos mortos cair, outros feridos.
Folgava o Viſorey vendo a pintura,
Onde quaſi parece ouvir os gritos,
E os altos alaridos, juntamente
Co

Co aquelle eſtrondo horribel de bombardas.
Via a branca bandeira tremolando,
Eſconder, e moſtrar a Cruz vermelha.
Via andar a peleja muy furioſa:
Muy travada, e cruel em cada parte.
Por hũa banda via muitas fuſtas,
Entradas dos ſoldados, onde o ſangue
Dos vencidos immigos, ja tingia
Eſpadas, braços, vellas, remos, e ondas.
Via por outra banda hum fumo eſpeſſo,
De groſſa artilheria, e de arcabuzes.
Por outra via o mar todo cuberto,
De deſmayados Mouros, que cuidavam
Achar nelle remedio, e ja rendidos
A morte, com defuncta cor, erguiaõ
Os traſpaſſados olhos, e os canſados
Corpos ali nas ondas ſepultavam.
Tambem via que o mar por muitas partes
Naos em ſi recolhia, e muitas fuſtas,
Ficando a agoa fervendo, onde mil corpos,
Eſcudos, dardos, lanças, coldres, arcos
Tornam a aparecer: mas num momento
Somindoſe deixavam branca eſcuma,
Envolta toda em ſangue. Eſta victoria
(Diz o velho) foi poſta neſte templo
Por hũa das notaveis, e famoſas,
Que nas partes do Oriente ſuccederam.
Desbaratada foy a groſſa armada
DelRey de Calecut, com grande perda
De fuſtas, e galés, e nobre gente.
Cinco náos altaroſas ſe tomaram,

De

De fina eſpeciaria carregadas,
E outros muitos deſpojos, que fizeram
Contentes, e muy ricos os ſoldados.
Ves a grande revolta, brava, e fera
Que naquella Cidade anda travada?
Por hũa parte vai Triſtaõ da Cunha,
Affonſo de Albuquerque vai por outra.
Entraramna por força, e todo aquelle
Numero de enemigos deixam mortos.
Ves o Rey vai fogindo, e cuida o triſte
Que naquelle palmar terá remedio:
Mas algũs cavalleiros o ſeguiram:
Rompendo vaõ por armas, e por gente
Emgroſſandoſe mais em força os Mouros,
Poemnos em grande riſco de perderſe.
Olha aquelle mancebo das couraças
Azuis, com guarniçam, e brochas de ouro,
Que a celada, e rodella de aço puro
Leva, e a eſpada em ſangue toda tinta?
Nuno da Cunha he, que aquelle dia
Muy grande honra ganhou, claro moſtrando
Do ſeu coraçam nobre, o grande eſforço.
Olha as agudas ſetas, quam ligeiras
Tiram do duro eſcudo ardentes chamas,
Quantos gólpes recebe, e quantas lanças
Dandolhe gram trabalho, ali o contraſtam.
E aquelloutro que chega denodado
Ao Sarracino Rey, e a aguda eſpada
Traſpaſſandolhe o peito, em ſangue banha:
Muy bem conhecerás ſer o valente,
E nobre D. Affonſo de Noronha.

Ambos os Capitães com tal eſtrago,
Canſados ſe embarcaram, e aqui foram
Trasladados ſeus feitos para ſempre.
Muy grande dano fez por eſta coſta,
O nobre Capitam Triſtam da Cunha:
As Cidades de Lamo, e a de Brava,
Ambas tomou por força, e com trabalho.
Teve nos Mouros grande reſiſtencia:
Mas renderaõſe em fim com grande dano.
Proſeguindo a viagem, deſembarca
La em Çocotorá, onde hũa grande
Fortaleza verás muy bem provida,
De muitas munições, de armas, e gente.
Dos ſoldados, entrada foy por quatro
Muy perigoſas partes: eilos trepam,
Hũs por mociças, groſſas, teſas lanças:
Outros vaõ por eſcadas: e olha aquelles
Que ſoſtentam nos ombros os que ſobem
Com induſtria, e perigo ao mais alto.
Muitos dardos, e pedras, muitas lanças
Aremeſſam de cima os enemigos:
Mas nam lhe aproveitou, que o alto muro
Entrado foy por força, e elles mortos.
Vamos mais adiante diz o velho,
Verás de Cananór a fortaleza,
Cercada por elRey da meſma terra,
Com ajuda, e favor do poderoſo,
Soberbo Çamori: ves quanta gente
Em grandes eſquadroẽs bem repartida,
A combatem, e poem em grande aperto?
Ves Lourenço de Brito que eſtá nella

Por

Por Capitam, com quanto esforço mostra,
Que os tem em pouco, e passa assaz trabalho,
Comendo até animaes torpes, e immundos
Por lhe faltar de todo o mantimento?
Muitos dos seus soldados tem feridos,
Doentes outros, e outros tam cansados,
Que quasi ja nam podem tomar armas.
Mas a frota que vês que lhe socorre,
Grande alivio lhe deu, animo, e forças.
Traz por Capitam mor ao valente
D. Lourenço Dalmeida. Olha com quanto
Furor o Brito dá nos enemigos,
E o estrago que faz, dandolhe assaltos,
E rebates mortaes a todas oras.
Olha que elRey levanta o grande cerco:
Dos fados se queixando, e da ventura,
Por lhe ser tam contraira, que lhe ficam
Seis mil soldados mortos, por tam pouca,
E mal provida gente: assi offendido
Se vay co galardaõ, que os temerarios,
Soberbos pensamentos bem merecem.
Vês aquelle lugar, que a hum furioso,
Ardentissimo fogo está entregue?
Os moradores vês andar envoltos
Com soldados Christãos, em gram peleja?
Vês quantos Mouros ficam polas ruas,
Feitos em mil pedaços? Vês os golpes
De pesados alfanges, e de agudas,
Cortadoras espadas reluzentes?
Vês como se arremessam lanças, dardos,
Grandes pedras, e setas furiosissimas?

Pa-

Panane, ſe chamava, e foy rendido
Polo gram Viſorey, e polo inſigne
Capitam mor do mar Triſtaõ da Cunha.
Aquelles que a porfia entram primeiro,
Fazendo ambos notaveis, grandes feitos,
Sam filhos deſtes dous varoẽs illuſtres,
Aquem ſe concedeo a dianteira
Deſte furioſo aſſalto. D. Lourenço
Dalmeida he o mayor, e o mais robuſto.
Ia ſaberás qual digo? nam no enxergas?
Pois juſta razam tem para ſer viſto?
Que mais corpo, e mais membros tem que os outros.
Agora o verás bem, o que levanta
Com ambas mãos em alto hũa peſada,
E cortadora facha (ó forte golpe)
Que decendo com furia corta, e fende
Daquelle Capitam peitos, e ventre:
Facilmente partindo o corpo em duas
Partes: mas de taes braços tudo he pouco.
Nuno da Cunha he o que revolto,
Em batalha cruel anda cos Mouros.
Outros tres Capitães, polos valentes
Soldados Portugueſes foram mortos,
Com outra grande copia de enemigos.
A victoria foy aſpera, e comprada
Com ſangue Portugues: mas muy contentes,
E com juſta razam ali ſe embarcam,
E aqui ficou a fama eterna, e viva.
Aquellas cinco Villas, que na Coſta
De Arabia ves tomadas, cujos nomes
Calayate, e Curiate, e a guerreira

Mas-

Maſcate, e mais Soar, e Orfaçam, juntas
Affonſo de Albuquerque tomou, dando
A elRey de Portugal, proveito, e honra.
Eſtas Villas a elRey de Ormuz pagavam
Tributo, e vaſſalagem. Ves que chega
Eſte bom Capitam (levando ſete
Vellas nam mais) a Ormuz? ſurge no meyo
Da gram frota que elRey no porto tinha.
Ves das naos Portugueſas as bandeiras
E ricos eſtendartes? Ves o fumo
Da groſſa artilheria, e as baſtardas
Trombetas, que os ſotis, delgados ares
Atroam? Ves o medo dos immigos?
O temor, e a revolta da Cidade?
Cometeramlhe pazes: e entendendo
O Capitam famoſo ſerem falſas,
Nam nas quis conceder, e num momento
Pos fogo a toda a frota. Olha as ardentes
Chamas, como nas naos ſe acendem, pondo
Nos animos dos Mouros grande eſpanto.
Queimaranſe ſeſenta náos, e fuſtas
E morreram dous mil dos enemigos.
Olha que no terceiro dia moſtram
As ondas oito centos corpos, todos
Inchados e amarellos: más ornados
De muy ricos deſpojos, olha a preſſa
Com que os ſoldados vaõ (ſem tomar armas)
Cometer outra vez o eſquadram, que antes
Com armas, e furor tinham vencido.
Ves a gram diligencia, e a revolta
Dos bateis, que aos defunctos corpos chegam?

Olha

Olha quam facilmente deſpojada
Fica aquella funeſta, e triſte preza.
Ves acola na entrada de Malaca,
Onde elRey de Bintam tinha o governo,
Hũa alta fortaleza? Ves por terra
Ir marchando duzentos bõs ſoldados?
Dos quaes cento e dez eram Portugueſes,
E os noventa Malayos? Vês quatorze
Navios polo mar, que ali procuram
Com gram furia bater a fortaleza?
Hum esforçado Mouro eſtava nella,
Que Sanſorea Dayá tinha por nome,
Com oito centos Mouros eſcolhidos,
Deſtros, e bem armados: e trezentas
Peças de artilheria: mas atenta
Como Manoel Falcaõ (que dos duzentos
Soldados Capitam era) comete
Com grande animo entrar dentro por força.
E Duarte de Mello que na armada
Vinha, ambos a hum tempo correm, dando
Hũa muy eſpantoſa, e alta grita.
Travados andam todos os ſoldados
Cos Mouros, que muy bem ſe lhe deffendem:
Mas em fim foram mortos, e em mui grandes
Chamas a fortaleza convertida.
Notavel feito foy, por ſer com gente
Muy belicoſa, deſtra, e bem armada:
Foy poſto neſte templo, e bem ves claro
Que levam toda aquella artilheria.
Outro feito muy digno de memoria
Te quero aqui moſtrar, olha la dentro

Da-

Daquelle grande Rio (que bem ſabes
Que Muar tem por nome) trinta vellas,
Onde vaõ muy valentes Portugueſes
Co animo que ves, e deſejoſos
De entrar por força o Pagó, lugar forte,
Onde elRey de Bintam eſtava: e antes
Que la cheguem, bem ves quam facilmente,
E quanto ſem trabalho, rendem hũa
Foltaleza de Mouros, onde tomaõ
Vinte peças de groſſa artilheria.
Fogiram para elRey os moradores:
Mas Antonio Correa que levava
A ſeu cargo eſta frota, os vai ſeguindo.
Olha o grande poder de armas, e gente,
De eſpantoſos, e armados Alifantes:
Ali aguarda elRey, e determina
Fazer que os Portugueſes ſe arrependam.
Mas bem ſe lhe moſtrou neſte ſucceſſo
A fortuna ao reves do que cuidava.
Olha como ſe trava hũa ſangrenta,
Dura, e cruel peleja: ves os feros
Terribeis animaes que ali parecem
Darem grandes bramidos? e eſpantados
Do repentino fogo, e ſom horribel
Dos arcabuzes, vaõ fogindo, e deixam
Nos ſeus hum grande eſtrago, e mortal dano:
Acolhenſe aos palmares, e ainda nelles
Do medroſo temor nam ſe aſſeguram.
Foge elRey, foge a gente, e vaõ rompendo
Os fortes Portugueſes por mil nuvẽs
De furioſas ſetas: ora atenta

A Cidade de Pago em fogo ardendo,
Depois de entrada, e toda posta a saco.
Hum façanhoso feito verás logo,
Deixado por milagre neste templo.
No porto de Pacem: ves estar surto
Hum pequeno navio? Ves que manda
O Capitam fazer aguada, e remaõ
Malayos o batel? Ves que vaõ cinco
Portugueses no mais por guarda delles?
Ora atenta, e verás hum caso estranho,
De memoria, e louvores assaz digno.
Olha o pequeno barco que se acolhe
Da lanchara que o vem detras seguindo.
Cento e cincoenta Mouros traz comsigo,
Todos destros, e fortes, bem armados.
Olha a chuva de setas que despedem,
Com gritas, e alaridos que o Ceo rompem.
Nam podendo escapar os cavalleiros,
Com animo a morrer se determinam.
Co a lanchara abalroaõ, e entraram dando
Grandes, e mortaes golpes. Olha o medo,
E desmayo dos Mouros: olha o preço
Dos cinco companheiros: olha a fera,
Perigosa batalha, brava, e dura.
Ves como se arremessam nas inchadas
Ondas, onde affogados morrem mortos?
Verás o Capitam (que se chamava
Rajá Cudameci geral das frotas
Deste Rey de Pacem) como se lança
Com grande furia ao mar, e na direita
Maõ, levantado traz huma reluzente,

E cortador alfange. Olha que os olhos
Lhe lançam vivo fogo, com raivoſo,
Colerico furor, e co eſta raiva,
Os ſeus proprios ſoldados, que nas ondas
De canſados moverſe nam podiam,
Com crueza brutal, e viſta eſquiva
A todos quantos pode alcançar mata,
E depois (bem o ves) que tambem morte?
Ves que a lanchara levam, dando graças,
E louvores a Deos pola victoria
Que parecia ſer tam duvidoſa?
Ves a innumeravel copia de Gentios,
Que aquella fortaleza combatendo,
Com muita artilheria, e grandes forças,
A tem poſta ja em termos de perderſe?
Lopo de Brito eſtá nella, o primeiro
Que o cerquem, bem verás que os acomete
Com cento e cinquoenta bõs ſoldados?
Olha que os enemigos vaõ fogindo,
E que lhe deixa alí à noſſa gente,
As molheres, e os tenros filhoſzinhos,
Com as mãos innocentes, e ſem culpa,
Atadas aos portaes das proprias caſas:
Olha as lagrimas dellas, olha os gritos
Que alí parecem dar os innocentes.
Bem vés que a eſta miſera negaça,
Acode hũa gram turba de enemigos,
Frechando arcos, e dando grandes gritas
Que atroaõ campo, e montes, e o Ceo raſgaõ?
Cercam a fortaleza, e diligentes
Dous grandes baluartes alevantam,

Po-

Povoaõnos de gente, lanças, dardos:
De muita, e muy furioſa artilheria.
Ora atenta ſenhor verás que fazem
Homẽs determinados. Ves as portas
Da fortaleza abertas? Ves por ellas
Lopo de Brito vir, cos ſeus duzentos
Soldados Portugueſes? olha a furia
Com que dam nos immigos deſcuidados.
Tomanlhe os baluartes, recebendo
Os Mouros, e Gentios grave dano.
Ves como ao repentino, e nam cuidado
Rebate, acodem muitos Mouros? Olha
O eſpantoſo emparo que ali trazem
De armados, fortes, bravos Alifantes.
Ves que nas trombas trazem cortadoras,
E luzentes eſpadas? Ves a força
Com que as revolvem, dando em vaõ mil golpes?
Mas bem ves que ſe algũs acertam, fendem
E matam ſem trabalho aos que alcançam?
Os ſoldados Chriſtãos pouco ſe eſpantam
Dos fortes animaes: antes deſparam
Com animo valente os arcabuzes,
Nos monſtruoſos corpos, que eſpantados
Daquelles trovoẽs falſos, e ſentindo
A dor do fogo ardente, volram todos
Dando hũs eſpantoſiſſimos bramidos,
E co as eſpadas fazem grande eſtrago
Nos ſeus proprios amigos, que ali fogem
Sendo vinte, e dous mil, de ſos duzentos.
Ves Antonio Correa que a Cidade
Bharem tomou por força, e a Xarapho

A entregou: ves doze mil Gentios,
Com quanta força, e furia lha deffendem?
Mas o forte Correa com duzentos,
E quarenta ſoldados, desbarata
Aquella multidam ſoberba, e fera.
Ora atenta ſenhor, verás na boca
Do Rio de Chaul tres Portugueſas
Muy guerreiras galés: e que eſtam nellas
Por Capitaés, D. Iorge de Meneſes,
E eſſe Diogo Fernandez, que de Beja
Tinha por ſobrenome: e outro ſe chama
Andre de Souza, todos tres valentes,
E fortes cavalleiros, olha a preſſa
Que Amagahamud traz (Capitam Mouro)
Com trinta fuſtas todas eſcolhidas,
Com esforçada gente, e bõs remeiros.
Hum dia pelejaram todo em peſo,
Mortos, e mal feridos em ambas partes.
Ves o nobre varaõ de Beja morto?
Ves que fica a galé quaſi perdida?
Os Mouros que ali vem forçados, chamaõ
Os outros que os ſocorram, e que os livrem.
Eſte perigo vendo o de Meneſes
Na galé ſem ſenhor ſalta ligeiro:
Bem ves que os que ali ſam culpados fere,
Tingindo co ſeu ſangue a dura eſpada?
Aos ſoldados Chriſtãos dá liberdade,
Valentes eram todos, e a victoria
Tiveram com famoſo, e alto nome.
Aquelle que ali vay, e leva a cargo
Seis fuſtas, onde ves armada gente?

D.

D. Iorge Tello he, ao qual fortuna
Proſpera ſe moſtrou naquelle dia.
Bem ves os paraós como ſe chegam?
E a ſoberba que moſtram, ſendo trinta
E oito, onde aparece o fero Marte,
Com aſpero ſembrante, e roſtro horrendo?
Ves como os Mouros nelles fervem? dando
Altas gritas, mortaes ſetas atiram?
Mas das fuſtas lhe dám cruel repoſta,
Com pelouros de ferro, e ardente fogo.
Todos desbaratou: bem ves que jazem
Os mais delles na coſta ja rendidos?
E cubertos das ondas? Ves que chega
O nobre Capitam a Goa, e leva
Deſtes paraós quatro: e as bandeiras
Que nelles mandou por, ſam triſtes corpos
No ar dependurados, e cabeças
Que polos bordos vaõ em paos fixadas.
Ves a gente vulgar que da Cidade
Com preſſa vem, por ver aquelle triſte,
E funeſto deſpojo? olha as molheres
Medroſas, vendo aquelles feros roſtros,
Retorcidos os olhos, e as inchadas
E denegridas bocas, amoſtrando
Hũs dentes de qualhado ſangue cheos.
Tornou logo outra vez eſte esforçado
Capitam, intentar ſe lhe ſeria
A fortuna ditoſa: e ja metido
No largo mar, encontra hũa alteroſa,
Soberba, e rica náo, bem deffendida
De nove paraós: mas ella, e elles

Com grande dano, e mal foram vencidos.
Quero moſtrarte hum feito milagroſo,
Digniſſimo de nome, e fama eterna.
Naquella fortaleza que ſe moſtra
Por terra, e mar cercada, eſtava o nobre
D. Garcia Coutinho, poſto em armas,
Deſpois que o rey de Ormuz, a feitoria
Queimou, matando quantos nella eſtavam.
Cercou eſtreitamente a fortaleza,
Dando ao nobre Coutinho gram trabalho.
Centro, e trinta terradas, todas cheas
De gente belicoſa, armada, e deſtra
O ſocorro deffendem: mas atenta
Que Triſtaõ Vaz da Veiga, num pequeno
Navio, entra ouſado polo meyo
De toda aquella frota ſem ſer viſto.
Olha que torna logo (nam achando
Ali Manoel de Souſa, que acodia
Tambem com pouca gente) dando pouco
Pola força, e furor dos enemigos.
E vendo elRey aquelle animo grande,
E a confiança ouſada, zomba delle,
Dizendo: que tal gente era ſem ſizo,
Ou que julgava ſer deſeſperada.
Manda Coge Mahamud, que o va ſeguindo
Com oitenta terradas, e nam faça
Mal a tam fortes homẽs: mas procure
Trazerlhos todos vivos. Parte o Mouro
A Triſtam vaz ſeguindo, ves que força
Poem todos os remeiros por chegarlhe?
Mas elle recolhendoſe, fazia

Nos

Nos enemigos hum mortal eſtrago.
Ia Manoel de Souſa no navio
Que acolá ves chegava, e vendo o riſco
Em que o Veiga ali vinha, fazſe preſtes.
Armaſe a gente toda, e num momento
O convés deſempacham: hũs borneam
E poem a ponto toda artilheria,
Outros alçam bandeiras, outros fazem
Preſtes os arcabuzes. Olha o Veiga
Como vem demandar ſocorro aquelle
A quem ſocorrer vinha: ves as ſetas
De que o ſeu parao vem tam cuberto?
Mas o bom Capitam fez tanto dano
Nos Mouros, que a melhor gente foi morta.
A' Cidade os tornaram com gram pranto,
Que claro final dava de tal perda.
Vendo elRey o ſucceſſo amargo, e triſte,
Com grande furia manda que ſe embarque
Em todas as terradas a outra gente.
Ricos premios promete ao que primeiro
Sobiſſe no navio: mas a aquelle
Que moſtrar covardia, ou vil receo,
Promete que poram (para que ſeja
Claro final da ſua gram fraqueza)
Inſignia fiminil. Vai a gram frota
Apercebida de armas, e de gente
A mais forte, e a mais deſtra que elRey tinha.
Olha que os grandes remos revolvendo
Vaõ as inchadas ondas, e levantam
Hũa chuva de liquida, alva prata.
Faz Manoel de Souſa hum baluarte,

O parao de hum cabo, e do outro a fuſta
A ſombra do navio. Ves que os ares
Se cobrem de fumaça, negra, e turva?
E os pelouros crueis de furioſos,
Supitos reſplandores rodeados?
Mas a tudo iſto vence, a brava furia
Dos ſoberbos immigos, que abalroaõ
A fuſta e parao: mas la de cima
Do navio lhe fazem mortal dano.
Muitos morrem dos Mouros, e nam deixam
De levar ſempre avante o forte intento.
Afferradas aſſi neſta revolta,
E travada peleja, vaõ co as ondas
Ate juntos eſtar da fortaleza.
Ves que de la começam mil pelouros
De fogo rodeados, aos medroſos
Immigos maltratar: e com gram perda
Deixando aquella empreſa, ſe affaſtaram.
O Viſorey folgava ver tam grandes,
E façanhoſos feitos, que illuſtravam
A Luſitana patria, e o bom velho
Proſegue mais avante, aſſi dizendo.
Naquella fortaleza eſta cercado
Hum Capitam chamado Aires Coelho,
ElRey de Pacem he o que o perſegue,
Com quinze mil frecheiros: olha os Mouros
Como de noite vem todos com armas.
Satecentas eſcadas trazem, logo
Na fortaleza foram arvoradas.
Olha por todas partes num momento,
Com quanto esforço os Mouros vaõ ſobindo:

Mas atenta senhor verás de cima,
Com quanta violencia abaixo os mandam.
Muitos morrem com fogo, e outros muitos
Com cabeças quebradas, vaõ tombando
De cima das escadas, e estendidos
Ficam, regando a terra em quente sangue.
Olha sete Alifantes com castellos,
Que iguaes do muro estam, donde a peleja
He muito mais cruel, e perigosa.
As poderosas trombas revolvendo
Trabalham por quebrar aquella escada,
Que era da fortaleza servintia:
Mas olha o Capitam que so deffende
O nocivo, e brutal intento, dando
Nas feras trombas mil valentes golpes.
Panellas, e alcanzias de furiosas,
Ardentes chamas todas rodeadas
Com impeto nos Mouros se arremessam
E os animaes feridos, voltam, dando
Bramidos horrendissimos, e rompem
Por meyo da grãa turba, ferem, matam,
Atropelam, e pisam: e com furia
Fazem nos proprios seus hum grande estrago.
Com grave dano o cerco levantaram:
Morreram dois mil Mouros, e trezentas
Escadas lhe tomaram, que aqui neste
Nobre templo ficarem por memoria.
Aquella funeral, triste batalha,
Que la naquelle rio ves sangrenta,
Nam poderey sem lagrimas contarte
O desastrado fim que os duros fados

Nel-

Nella tinham guardado ao valeroſo
D. Lourenço Dalmeida. Ves a frota
Tam luſtroſa, e guerreira que o comete?
He do Soltaõ do Cairo, e vem entregue
A Mirhocem, famoſo, deſtro, e forte,
Valente Capitam: ves como chegam
Com gritas, que o mais alto Ceo traſpaſſam?
Olha as nuvẽs de agudas, mortaes ſetas:
Ves a nao principal, que em fumo eſpeſſo
Se eſconde, e que parece arder em chamas?
Donde pelouros vem bramando, e fazem
Dano, e perda notavel nos imigos.
Olha os Mouros que morrem, e a victoria
Como nos Portugueſes eſtá certa.
Aquelle grande eſtrondo de bombardas,
Aquelles vivos gritos, e alaridos
Dos miſeros que morrem, vaõ rompendo
A vacua regiam, com ſom horribel.
Olha que eſtando ja quaſi rendida
A frota immiga, ali chega outra armada
Em que Meliqueaz, ſenhor de Diu
Vem com luzida, forte, e deſtra gente.
Ves como os Portugueſes o recebem,
Com grandes bombardadas: e com muitos
Arcabuzes, e lanças de bõs braços
Com deſtreza, e com força facudidos?
Mas que aproveita ver desbaratadas
Eſtas groſſas armadas, onde vinham
Seſenta, e quatro vellas, pois ao inſigne
Magnanimo Lourenço cuſta a vida.
Ves como a ſua nao das odioſas

On-

Ondas avorrecida, e dos injuſtos,
Crueis fados levada, ſe embaraça
La naquella eſtacada, onde o perigo
Eſtá bem evidente, ſem poderem
As companheiras naos ali acodirlhe:
Por cauſa da maré que ja decia
Com furia violenta arrebatada.
O forte Capitam deſenganado
De poder ter ſocorro: olha com quanto
Animo incita a gente, e o claro exemplo
Que lhe da pelejando: com voz alta
Os ſeus ſoldados chama, e move a todos
A morrer pola Fe que profeſſavam.
De alto, robuſto corpo, e fortes membros
Dotado era, e de animo invencivel.
Mas ah duro, cruel, fero deſtino,
Quam pouco valem forças, e ouſadia,
Quando immigo te moſtras, e odioſo.
Olha o forte mancebo derrubado
De furioſo pelouro, que hũa perna
Lhe foz em mil pedaços: mas atenta,
E verás que aos ſoldados, aſſi manda,
Que ao pe do groſſo maſto o cheguem, e olha
Como dali os esforça, e como pede
A Deos que os favoreça. Mas chegando
A ora derradeira, e triſte ponto,
Outro pelouro rompe aquelle forte,
Prudente, generoſo, affabel peito
No tempo que os ſeus annos floreciam,
E para grandes honras aſpiravam.
Dentro nelle ficou feito pedaços,

Aquel-

Aquelle coraçam que ſo bombardas
Puderam deſfazer. Quando iſto diſſe
O bom velho regou a branca barba,
Co ſalgado licor, que largamente
Os ſeus antigos olhos eſtilavam.
O belicoſo Marte, e a irmá fera,
Tambem moſtraram grande ſentimento,
Por eſta arrebatada, indigna morte.
Tornou a proſeguir, e diz: Atenta
A nao ſomida ja, e la na gavea
Hum ſoldado verás que ſe deffende
Dos immigos tres dias, deſpedindo
Com força la de cima agudos dardos.
Bem ves que eſtá ferido, e que lhe falta
O braço eſquerdo ja, ſem nunca os Mouros
O poderem vencer: mas a partido
Se deu a Mirhocem. Mil Mouros foram
Neſta peleja mortos, e outros tantos
Maltratados, queimados, e feridos.
As ſete naos Chriſtaás todas ſe ſalvam:
Olha como vaõ triſtes, e com juſta
Razaõ, polo ſucceſſo deſaſtrado
Da valeroſa empreza que ja tinham
Com tal fama, e louvor poſta no cabo.
Ali verás Senhor a gram vingança
Que o Viſorey tomou, pola infelice,
Cruel, injuſta morte de ſeu filho.
Olha naquella inſigne, e gram cidade
Abraſada em furioſo, ardente fogo,
Convertidas veras todas as ruas
Em ribeiros de ſangue: olha o deſmayo

Dos velhos anciãos, e da turba
Innabil, fiminil, fraca, e ſem força.
Com lagrimas, e gritos o Ceo rompem,
Correndo ſem concerto a todas partes:
Mas nas crueis chamas, ou no bravo
Luſitano furor perdem as vidas.
Caydos, e aſſolados veras muitos
Notaveis edificios, verás altos,
Largos, e fortes muros, facilmente
Desbaratados ja, e tudo quanto
Gozava a vital aura, ali ſe entrega
A miſera, cruel, e horrenda morte.
Dabul tinha por nome eſta Cidade,
Abraſada foy toda, e quantas fuſtas,
E groſſas naos no porto eſtavam, todas
Conſume o fogo, e torna em leve cinza.
Dali ſe parte logo, e vaiſe a Diu,
Onde a armada dos Rumes reparando
Se eſtá do grande mal que recebera.
Duzentas vellas eram, onde entravam
Cem paraos de Chaul, com mais quarenta
Fuſtas, com outras náos altas, e grandes.
Olha que o Viſorey ſos vinte vellas
Leva, e aos enemigos acomete.
Olha a cruel peleja quam travada,
Quam dura, e furioſa ali ſe moſtra.
Bem ves as fuſtas ja, e outros navios
Cheos de corpos mortos, e de ſangue?
O mar eſta qualhado dos eſcudos,
De maſtos, remos, bancos, e de enxarcèas.
Bandeiras, e eſtendartes verás rotos,

Ve-

Verás vellas, e toldos de luſtroſa
Seda, feitos pedaços polas ondas.
Acolá grandes náos ſe vaõ ao fundo,
Abertas de furioſos mil pelouros,
Outras ardendo em fogo ſem remedio,
Nas proprias conhecidas fazem dano.
Olha o grande clamor, e vozaria
Que parece ſubir ao Ceo mais alto:
Olha o grande deſtroço, e a revolta
Crueliſſima, e fera em ambas partes.
Dous mil Mouros, e Rumes foram mortos
Neſta fera peleja, e a gram frota
Deſtroçada, e vencida: o muy ſoberbo
Capitam Mirhocem fogio, deixando
Bandeiras do Soltam, e outros deſpojos
Que fizeram muy ricos os ſoldados.
Aquella fortaleza deffendida
De quatro centos Turcos, foy tomada
A poder de lançadas, polos fortes,
Valentes capitães, Iorge Fogaça,
E o nobre D. Antonio de Noronha.
Affonſo Dalbuquerque eſta de largo,
Que governava entam naquellas partes,
Vinte, e tres vellas tem: mas eſtas baſtaõ,
Para as grandes empreſas, e famoſas
Victorias, que alcançou quaſi impoſſiveis.
A cidade de Goa polo eſforço
Deſte bom Capitam, veras tomada:
Mas olha o Hidalcão Rey poderoſo,
Com ſeſenta mil homẽs (dos quaes eram
Cinco mil de cavallo) porlhe cerco.

Olha

Olha a grande traiçam que os da Cidade
Lhe cometem, lançandoſe na parte
Do ſoberbo enemigo, e o prudente
E o magnanimo Eroe ſe recolhe
Dentro na ſua armada, onde o duro,
Tempeſtuoſo inverno ſempre eſteve,
Paſſando mil trabalhos: dali dava
Aſſaltos nos immigos: e ſe queres
Ver hum, onde tomou furioſas peças
De groſſa artilheria: olha o caſtello
Onde a brava peleja anda revolta,
Verás dos enemigos, quatrocentos
Desbaratados, mortos, e rendidos.
Neſta parte veras, que o venturoſo,
Inſigne Capitam outra vez torna
Sobre a meſma Cidade: ves que ordena
Quatro capitanias, e huma entrega
A eſſe D. João de Lima, varaõ forte:
De hum animo esforçado, e invencivel.
A Manoel de Lacerda outra, e outra
A Diogo Mendes da, que dos antigos,
E nobres Vaſconcellos deſcendia:
Outra para ſi toma, e deſta gente,
Mil, e quinhentos eram hos ſoldados
Valentes Portugueſes, e trezentos
Gentios: e pois folgas ver os grandes
Feitos deſte Varaõ, olha o deſtroço
Que faz em nove mil armados homẽs.
Olha quam pouco valem fortes muros,
Quam pouco caſo ali ſe faz de ſetas.
Ves a Cidade entrada, e a revolta

Tam

Tam entriſcada, cega, e tam confuſa?
Nam ves ferver as ruas com lançadas?
Ves aquelle ferir do reluzente
Metal acecalado? olha os agudos
Dardos que ſe arremeſſam, e a gram copia
De voadoras, leves, mortaes ſetas.
Olha os ſoldados todos ja cubertos
De abundoſo ſuor, olha as eſpadas
Ia ſem luz, todas tintas em vil ſangue.
Ali ſeis mil morreram, e aqui neſte
Sacro templo ficou viva a memoria.
Naquella eſcaramuça que ves brava,
Onde muitos verás perder as vidas:
Anda Gaſpar de Paiva, varão forte
Que cometido ali foy por Melique:
A quem o Hidalcão deu muita gente
De cavallo, e de pe, para que a triſte,
E ja rendida Goa ſocorreſſe.
Grande recontro teve na paſſada
De hũa ponte, e fogio quaſſi perdido.
Tornouſe a refazer, e com gram furia
Paſſou o Rio, e foy dar noutra parte,
Onde Gaſpar de Paiva tinha poucos,
Mas muy deſtros ſoldados. Ves com quanto
Animo daõ nos Turcos? Ves que correm
Cavallos polo campo, e debruçados
Seus ſenhores vaõ nelles ja ſem vida?
Olha que outra ves tornam onde a grita
Sobia ate as eſtrellas, arraſtando
Aquelles mortos corpos, que nas ſellas
Vaõ fortemente atados: olha o ſangue

Que

Que vai tingindo as ervas, e olha o dano
Que os immigos recebem, onde o Paiva
Com grande louvor fica victorioſo.
Veràs naquella parte os altos muros
Da Cidade Malaca, onde o famoſo
Affonſo Dalbuquerque entra por força.
Olha a cruel peleja que na ponte
Os ſoldados Chriſtãos cos Mouros trazem.
Ves elRey como vem ardendo em furia
Sobre hum fero Alifante? mas ferido
O moſtruoſo animal vai com braveza
Piſando, atropelando, e cos agudos
Dentes, e forte tromba, vai ferindo,
E matando dos ſeus quantos alcança.
Poucos dias depois, outra vez torna
O nobre Capitam com força, e armas,
Comete a meſma ponte: mas eſtava
Para deffenſa della, muita gente
Bem armada, ſoberba, e belicoſa.
Olha com quanto esforço os Portugueſes,
Aquelle eſquadram rompem, olha os Mouros
Com quanto animo ſoffrem o furioſo
Impeto dos ſoldados: ves nervoſos,
Fortes, robuſtos braços levantádos,
Zarguncho, dardos, lanças ſacodindo?
Ves o frechar dos arcos? Ves a força
Com que as ſetas os ares vaõ rompendo?
Pois bem verás a copia de eſcopetas,
E groſſa artilheria que diſpara?
Muitos morrem aqui dos bautizados:
Mas os Mouros em fim foram vencidos.

Ga-

Ganhada a ponte já, vaõ com grande impeto
Os ſoldados que ferro. e fogo ſempre
Coſtumavaõ ſoffrer, aſſi furioſos
A cidade cometem, dando pouco
Pola gram reſiſtencia que acham nella:
Entraráona por força, e olha o dano
Que fazem, onde mais ſe lhe deffendem.
ElRey foge, levando quaſi morto
Hum ſo filho que tinha: tambem foge
A gente popular, e os que a deffendem.
Olha a Cidade toda poſta a ſaco
Sogeita ja a eſtranho ſenhorio.
Ves aquelle arrayal, onde eſtam juntos
Vinte mil fortes homẽs, que a cidade
De Goa tem cercada, e poſta em riſco?
Roſthomoeão ſe chama o que ali rege
Aquella belicoſa, grande turba.
Ves como de Malaca ja tornava
Vencedor glorioſo, aquelle inſigne,
E magnanimo Affonſo Dalbuquerque?
Sabendo o paſſo eſtreito em que eſtam todos
Os ſoldados que ali para deffenſa
Da cidade deixou, toma num ponto
As armas a vencer uſadas ſempre.
Olha como acomete aquella força,
Onde os Mouros eſtavam muy ſoberbos;
E ſendo taes, e tantos, ali deixam
Duzentos mortos, e outros mal feridos.
A todos deſtroira, ſe o felice
Fado do capitam mais aguardara.
Quero que vejas hum notavel feito

De

De hum forte capitam, ouſado, e deſtro:
Merecedor de mil grandes louvores,
E ficar delle fama eterna, e viva.
Fernam Perez Dandrade ſe chamava,
Capitam mor do mar, quando regido
O fertil Oriente era do Albuquerque.
Duzentos e cincoenta bõs ſoldados,
Deſembarca naquelle lugar forte,
Onde Patequitir, cruel tyrano
Tem todo ſeu poder de armas, e gente.
Olha dos Portugueſes a ouſadia,
O animo e furor com que cometem
Sete mil esforçados, fortes Mouros,
Todos de arcos, e ſetas, e de agudos
Zarguchos bem providos: olha a força
Com que aquella alta cerca poem por terra.
Toda era de madeiros, que em dureza
Aço, ferro, e penedos excediam.
Entulhada por dentro com gram ſomma
De terra, que a fazia enexpugnavel.
Por mil partes foi rota, e logo entrada,
(Que em fim nada reſiſte a hum furor grande)
Ves com que preſſa chegam? e outra cerca
De Sandalos cheiroſos, num momento
Derrubaõ, e entram dando grandes golpes.
Olha o frechar dos arcos, e a revolta
Perigoſa, e cruel em ambas partes.
Ves lanças, dardos, pedras facudidas
De valentes, robuſtos, duros braços:
E o eſtrago que fazem, derrubando
Mortos, ou mal feridos muitos corpos?

Olha

Olha Affonſo Peſſoa varaõ nobre,
Prudente Capitam, que com ſetenta
Soldados Portugueſes, e quinhentos
Gentios, entra ali por outra banda,
Ferindo, e derrubando os que diante
Delle com vãõ esforço ſe apreſentam.
Pathequitir acode, e traz armados
Tres grandiſſimos Alifantes. Que aproveita
Quanto trabalha, e faz, pois foy vencido
Com perda, dano, e mal de ſua gente.
Ves no Rio Muar cincoenta vellas
Onde ſoberbos Mouros aparecem?
Era Capitam mor dellas hum Mouro
Esforçado, prudente, e muy famoſo,
Laxamana chamado. Ves que chega
O valeroſo Andrade, e determina
Pelejar co ſoberbo, duro immigo?
Olha galés, e fuſtas todas juntas,
Cos eſporoẽs em terra, e que num ponto
Os Mouros com temor as deſemparam.
Mas Pathequitir torna, e traz conſigo
Hum luzido eſquadram de belicoſos,
E muy valentes Iaos, naçam ſoberba,
Em cometer ouſada, e nos perigos
Animoſa, e conſtante. Tambem corre
Dos naturaes da terra hũa gram turba:
Com ſetas, e zarguncho, dando gritas.
Travaſe hũa batalha horrenda, e aſpera
Dentro no grande Rio: e olha a gente
De hũa, e doutra parte, quam ſeguros
Poem nas fuſtas os pes: ves os ſoldados

Por-

Portugueſes com quanto esforço, e forças
Os immigos cometem? Olha os ares
Da luz deſemparados, como ficam
Eſcuros, e ſombrios, que foy cauſa
Que a peleja ceſſaſſe: mas ſe atentas
Ali ſenhor verás que dos immigos
As lancharas, e fuſtas vaõ rendidas,
Ficando muitos mortos, e o valente
Andrade vai dali victorioſo.

Olha naquella parte, onde cortando
Vem fuſtas, e gales as bravas ondas:
Verás hum Capitam muy poderoſo,
Chamado Putheunuz que as governava.
Noventa eram por todos os navios:
Luſtroſos, bem armados, e ligeiros.
Soberba gente trazem, olha a ſomma
Dos arcos, e de agudas, mortaes ſetas;
De arcabuzes, zarguchos, e compridas
Mociças, teſas, groſſas, duras lanças.
Olha como os remeiros co a gram força
Deixam cuberto o mar de branca eſcuma
E os ricos eſtendartes de mil cores,
Que hũas vezes ſe encolhem, e outras vezes
De Zefiro ſentindo a branda força,
Vaõ fazendo mil forças polos ares,
Com que a viſta ſe alegra, e ſe orna a armada.
Vira os olhos verás por eſta banda
O animoſo Andrade, que comete
Com animo esforçado o forte immigo.
Jorge Botelho vai na dianteira,
Onde claro moſtrou, com fama eterna;

Hum alto esforço, hum animo invencivel.
O General da armada, e Rui de Brito
Capitam de Malaca, ambos vão juntos
Com dezasete vellas, com trezentos,
E cincoenta soldados Portugueses,
Cometem doze mil armados Mouros.
Ves como as frotas ambas, ja se chegam?
E quam desiguaes sam? Olha as sumosas
Densas, escuras nuvês: olha os rayos
De supeto, furioso, ardente fogo.
Olha a chuva de setas que o gram Phebo
Quasi eclipsado faz: olha os feridos
Com miseraveis, altas, tristes vozes
Pedir algum remedio, com que a morte
Ia vezinha se atalhe, e se lhe escuse.
De ruivo sangue as ondas verás cheas,
E de mil corpos feitos em pedaços.
Ia ves bem conhecida ali a victoria,
E que Putheunuz foge num guerreiro,
Soberbo Galião: olha o destroço
Das gales, e das fustas, que a mor parte
Sumida foy nas ondas, e em terribel,
Ardentissimo fogo, outras ardidas.
Aquelle Rey que ves com triste rostro,
Affrontado no duro, estreito cerco
Daquella grande armada, em que estam juntas
Setenta vellas, fustas, e naos grossas,
Era Rey de Campar, e o que em tal risco
O tinha, era o famoso Rey da Linga.
Campár tinha amizade, e era sogeito
A ElRey de Portugal: estava o triste

Na-

Naquella conjunçam ja ſem remedio,
Ia para ſe entregar: mas a fortuna
Com grande ligeireza, muitas vezes
Favorece o abatido, e o mais proſpero
Derruba, abate, e poem em baixo eſtado.
Bem ves ſenhor que chegam com gram furia
Cinco fuſtas Chriſtaãs, e que abalrroa
Hũa dellas co a fuſta, onde ſoberbo
Se moſtra o Rey da Linga, fero e bravo.
Olha que em todas ferve armada gente,
Travandoſe cruel, rijo combate.
Bombardas, e arcabuzes com horrendo
Eſtrondo, hum mortal dano ja faziam:
Ia corpos mortos vaõ ao mar, e as fuſtas
Ia ſe enchem de eſcumoſo, e quente ſangue.
O famoſo Botelho, deſtas cinco
Vellas hé Capitam: e eſtando neſte
Tam perigoſo termo, eis vem com força
De favoravel vento, o mar abrindo,
Nove guerreiras fuſtas, que ao valente
Antonio de Miranda ali obedecem.
Olha que co a chegada deſtes fortes
Soldados, os immigos ja deſmayaõ,
Nam podendo ſoffrer taes forças, fogem
Os que eſcaparam vivos, e ambos eſtes
Capitaẽs ſe recolhem com victoria.
Tam enlevado eſtava o nobre Caſtro,
Que nada lhe lembrava, mais que o goſto
De ver eſtas victorias Portugueſas,
Que tanto a patria honravam, e o prudente
Varaõ proſegue, e diz deſta maneira.

Olha tres Capitães, em companhia
Do gram Governador, que na Cidade
De Calecut eſtava, apercebidos
De ardente fogo, e gente armada, e deſtra,
Para tornar em cinza a feitoria
DelRey de Portugal: mas prevenido
O forte Capitam D. Ioaõ de Lima,
(Que entam tinha a ſeu cargo a fortaleza
De Calecut) armado a recebellos
Vai com gram coraçam: ſe queres vello,
Aquelle he que as azuis couraças leva,
E o limpo capacete ornado de ouro?
Ves as portas abertas, e eſtendida
Hũa branca bandeira, que no meyo
Moſtra vermelha Cruz ſair por ellas?
Ves cincoenta ſoldados valeroſos
Seguir aquella Sancta, e ſacra inſignia?
Pois atenta, e verás hũ raro feito,
Muy digno de louvor, e immortal fama.
O Capitam reparte eſtes ſoldados,
Entrega vinte, e cinco a hum varaõ nobre,
Que D. Vaſco de Lima ſe chamava:
De animo valeroſo, e de alto eſprito.
Para ſi toma os outros, que os mais delles
Eram deſte apelido, e illuſtre ſangue.
Olha que ricas armas todos levaõ,
E os vivos corações que claro moſtram:
Baſtantes a acabar famoſos feitos.
Olha ſenhor com quanto eſforço, e furia
Os immigos cometem, e em quam pouco
Eſpaço, ervas e campo em ruivo ſangue

Con-

Convertem, derrubando muitos corpos
De eſpantoſas feridas traſpaſſados.
Aquelle dianteiro, que a rodella
Com grandes golpes tem toda desfeita,
E a vencedora eſpada ves banhada,
Tantas vezes no ſangue dos immigos,
Iorge de Lima he que ali ſeguindo
A braveza do ſeu coraçam duro
Se ouvera de perder. Bem o ves dentro
Na mor força dos Mouros, recebendo
Mil golpes furioſos, que maltratam
O corpo juvenil, dandolhe fama.
Olha o grande furor, e a valentia
Dos nobres corações, e fortes braços.
Mais avante verás hum lugar grande
Roubado, deſtruydo, e derrubado.
Olha as chamas crueis de ardente fogo,
Quam nobres edificios, quantos corpos,
Quantas riquezas vaõ ja conſumindo.
Panane ſe chamava, era ſogeito
A elRey de Calecut, e o valeroſo,
Prudente D. Anrique de Meneſes,
Que a India governava, vai ſobrelle.
Leva cincoenta vellas, que no porto
Verás com mil bandeiras arvoradas.
Nove centos ſoldados deſembarcaõ,
Em tres Capitanias repartidos.
Trezentos leva a cargo o eſforçado
D. Simaõ de Meneſes, e trezentos
A Pero Mazcarenhas acompanham,
E ao Governador ſeguem outros tantos:

Olha

Olha as roucas trombetas como moſtram
Fazer o temeroſo final, dando
Aos açodados animos esforço.
Olha os roſtros verás (quando ja todos
Eſtam para romper) como ſe cobrem
De hũa defuncta cor os enemigos,
E aſſi desfigurados, claro moſtram
Hum deſmayo, e ſinaes de ja vencidos.
Olha aquelle cruel, mortal eſtrago,
E o verde campo em ſangue todo tinto.
Vês os imigos vaõ fogindo, e deixam
O lugar abraſado, deixam mortas
As molheres, e os filhos (dor graviſſima:
Mas co medo preſente ali eſquecida.)
Olha Iorge de Lima quam ferido,
Quam maltratado fica, e com quam juſta
Razaõ ficará delle eternamente
Neſte templo hũa fama alta, e glorioſa.
Com tal victoria parte eſte valente,
Nobre Governador, e dando viſta
A Calecut, queimou quantos navios
Dentro no porto achou. O forte Lima
Da fortaleza ſae com generoſos,
E muy deſtros ſoldados, pondo fogo
Nos grandes arrabaldes: mas num ponto
Ao rebate apreſſado acodem grandes,
Soberbos eſquadrões de armada gente.
O Capitam apenas ſe recolhe,
Pola gram multidam que ali com toda
Sorte de pelejar ſe lhe apreſenta.
Parte o Governador, e em pouco eſpaço
De-

Deſembarca em Coulete, muy inſigne,
E oppulenta Cidade: ves o bravo,
Medonho, e fero incendio, que no porto
Em todos os navios anda: e o dano
Das fuſtas, e gales: e as triſtes mortes
Que os que nellas eſtam todos recebem?
D. Simaõ de Meneſes, com trezentos
Soldados, acomete pola parte
Que ao Anthartico pólo olha, e entra
Com denodada furia, cos immigos.
O gram Governador por outra banda
Vai com cento, e ſeſſenta bõs ſoldados:
Ali ſe acende mais, e mais a furia,
Ali acode a mayor força da gente.
Olha a preſſa, e o ferir dambas as partes:
Olha os lagos de ſangue, e olha os corpos
Das triſtes almas ja deſemparados,
Como em confuſos montes ficam todos
Feitos em mil pedaços polo campo.
Grande foy o deſtroço deſte dia,
E o Governador ganha immortal fama.
Trezentas, e ſeſſenta groſſas peças
Tomou de artilheria, tomou muitas
Eſpingardas, tomou cincoenta e quatro
Navios carregados de cheirosa,
Proveitosa, e eſtimada eſpeciaria.
Pos fogo a outros muitos. Fez eſtragos,
Males, danos, e perdas, que com juſta
Cauſa ſempre ſeram ali chorados.
A Cidade queimou, e a tudo quanto
Avia dentro nella, deu fim triſte.

Moſ-

Moſtrarte quero ali hum duro cerco
Eſpantoſo, arriſcado, e trabalhoſo.
Ves as tendas que cobrem todo o campo?
Ves a gram multidam de armada gente?
Ves aquella eſpeſſura, de compridas,
Teſas, e groſſas lanças: ves os montes
Dos fortes, e violentos arcabuzes?
Ves canhões reforçados, e bombardas
De grandeza, e groſſura monſtruoſa?
Ves as bandas dos arcos, e as aljabas
Povoadas de agudos, mortaes tiros?
Trombetas, e anafis verás que os ares,
Com eſpantoſo, e rouco eſtrondo rompem.
Toda a gente verás apercebida
De confiança chea, e de ſoberba.
DelRey de Calecut he o grande exercito,
Aquelle he que os ſeus eſtá incitando.
Olha aquella eſpantoſa bataria:
Olha os ares ardendo, e olha as nuvés
De peçonhento fumo, que o Sol cobrem.
Empolavaſe o mar com mil pelouros,
Que nelle ſe perdiam, e nas lapas
Concavas, e ſombrias ſe formava
Das altas gritas húa voz horribel.
Naquella fortaleza eſtá o prudente,
Eſforçado varaõ D. Ioaõ de Lima
Com valentes mancebos, de ſeu ſangue,
E de outro claro, illuſtre decendidos.
Grandes couſas fizeram no deſcurſo
Daquelle perigoſo, eſtreito cerco,
Todos nelle paſſando geralmente

Húa

Hũa muy trabalhoſa, viva ſome.
Olha a grande revolta, brava, e fera
Que ſobre aquella luſta ſe levanta,
Onde cinco ſoldados Portugueſes
Aos cercados leváõ mantimento
Nam podendo ſurdir onde queria,
Cahio nas duras mãos dos enemigos.
Acode hum Capitam Mouro, e da parte
Contraira acode D. Vaſco de Lima
Com ſetenta ſoldados: mas os Mouros
Eram tantos que o campo todo enchiaõ.
Ves as nuvẽs de ſetas? Ves as lanças
Como cobras brandindoſe nos ares?
Olha a força dos golpes, e a confuſa,
Cega, intriſcada preſſa: olha os ſoldados
Portugueſes com quanto eſforço ſoffrem
Daquella multidam, armas, e furia.
Bem ves Iorge de Lima rodeado
De eſpedaçados corpos, e a dourada
Rodella ja de mil golpes desfeita.
Olha as armas ja rotas, olha o ſangue
Que lhe ſae das feridas: mas o nobre,
Esforçado mancebo, nam lhe lembra,
Nem tem conta com mais que ſo com fama.
Alça os olhos verás hum manifeſto,
Evidente final de hum vivo eſforço.
Ves naquella janella eſtar hum vulto?
Nam ſey ſe o verás bem, mas ves qual digo?
Hũa que eſtá ſerrada, e cae encima
Da parte onde mais brava anda a peleja?
Aquelle he o Capitam, que eſta com duas

Eſ-

Eſpingardadas mal ferido: e vendo
A batalha cruel, ouvindo os gritos
Que faziam tremer os altos montes,
Da cama ſe levanta, e como pode
A janella ſe chega todo aceſo
Em colera, e furor rompendo o peito
Aquelle coraçam, ouſado, e forte.
Vendo que entam nam pode ſer preſente
No conflicto cruel, onde os ſeus ſoffrem
Muitas feridas, e hum trabalho immenſo:
Chama com grandes brados hũa eſcrava
Que ali ſo lhe ficou, manda num ponto
Trazer hum arcabuz: bem ves o dano
Que nos immigos faz, inda que eſtava
Gravemente ferido, e em tal eſtado,
Que mil vezes a triſte, horrenda morte
Lhe eſteve deſta vez quaſi vezinha.
Ves as portas arder em grandes chamas?
E que os Mouros trabalham por entrarem
Dentro na fortaleza? e quando eſtava
O perigo mais certo, chega a frota
Que ali ves, onde vem dous esforçados,
Valentes Capitães, hum delles era
Aquelle Eitor famoſo de Sylveira,
Retrato do Troyano em preço, e armas,
E Pero de Faria era o outro,
Esforçado varaõ, trazem conſigo
Vinte, e quatro navios: olha a furia
Da ſalitrada chama, que parece
Abraſar toda a frota: ves a preſſa
Com que os immigos fogem, e as queimadas

Por-

Portas ja desemparam: as quaes foram
Com grandes vasos de agoa remediadas?
Perguntasme que gente ajuntaria
ElRey de Calecut, naquelle cerco?
Cento, e vinte mil homẽs por certeza
Podes ter que ali estam, com mil diversas
Maneiras de peleja. Ora tem tento
Verás hum espantoso, estranho caso.
Vês outras vinte vellas derradeiras:
Onde mil, e quinhentos bõs soldados
Armados aparecem, com desejo
De se ver ja cos Mouros em batalha?
O Governador vem nellas, e quando
Determinado esta de tomar terra,
Muitas opinioẽs ha que lho impedem,
Dizendo que assestada estava muita,
E grossa artilheria em toda a parte,
Onde desembarcar podem. Sabendo
O bom D. Ioaõ de Lima estes divisos
Pareceres, mandou com cincoenta homẽs
Iorge de Vasconcellos, varaõ nobre,
Sesudo, e de muy raro, e vivo esforço:
Naquella parte deu, quando os immigos
Estavam deste mal mais descuidados.
A revolta foy grande, e perigosa,
Onde os Mouros gram dano receberam.
Bem vês que o Arrayal ao improviso
Rebate, todo acode? e da contraria
Parte, D. Ioaõ de Lima vem com todos
Os seus nobres soldados tam famosos,
Tomaõ por força de armas toda quanta

Ar-

Artilheria eſtava ali aſſeſtada.
Olha Iorge de Lima que ſe embarca,
Deſpois que anoiteceo, num muy pequeno
Batel, e que nam leva em companhia
Mais que hum ſo marinheiro, e que ja perto
Da armada, onde vai dar certo recado,
O batel arrombado foy dos muitos
Pelouros, que ſobrelle eſpeſſos vinham.
Olha o forte mancebo nas ſalgadas
Ondas, e a morte ali ſempre preſente,
No meyo de hũa ſombra tenebroſa,
E de ardentes pelouros, que a par delle
Com rugido eſpantoſo ſe fumiaõ.
Mas o ſeu coraçam nunca vencido,
De tal perigo faz muy pouca conta.
A nado ſe ſalvou: e no primeiro
Navio que ali ves o recolheram.
Olha o Governador com toda a gente
Deſembarcado ja: olha as trombetas,
E os outros inſtrumentos, que ali cauſam
Nos fortes coraçõẽs grande alvoroço.
Olha a fera batalha que tomando
Vai por medidos pontos novas forças.
Bramava o ar com roncos eſpantoſos,
Daquelle eſtrondo horribel das bombardas,
E raſgavaſe o Ceo com altas gritas,
Formandoſe diverſos apelidos.
Bem ves ſenhor no campo quantos corpos
Ficam feitos pedaços: ves eſcudos
Com grandes golpes ja todos deſfeitos?
Ves eſpadas quebradas, e de lanças

Hũa ſoma infinita, feita em rachas?
Ves D. Vaſco de Lima quantas vezes
No mor pezo da gente ſe aventura?
Ali revolve a hũa, e outra parte
Com ambas as mãos hũa larga eſpada:
E á cuſta de mil vidas vai fazendo
Grande praça, e lugar por onde paſſa.
D. Iorge de Meneſes vai furioſo,
Rompendo pola cava, o poder grande
Dos Mouros. Bem o ves que outra luzente
Eſpada de ambas mãos leva, fazendo
Hum notavel eſtrago: mas ſe atentas
Verlheas a mão direita ja cortada,
Com deſaſtrado golpe: mas o nobre,
E valente mancebo nam ſe aparta
Da revoltoſa preſſa, antes tomando
Outra pequena eſpada na mão livre,
O claro vencimento vai ſeguindo.
Para que contarey os admiraveis,
E façanhoſos feitos ſuccedidos
Neſta fera batalha, e os ſoldados
Que com grande louvor nella ganharam
Hum nome que immortaes os fará ſempre?
Tres mil Mouros morreram, e os feridos
Eram quaſi ſem conto. Eſta victoria
Foy hũa das famoſas que no mundo
Nos tempos mais antigos ſuccederam.
O Governador manda que ſe embarquem
Todos ſecretamente, e deixam erma
So, e deſemparada a fortaleza,
Com grandes minas feitas: olha os Mouros

Co-

Como vaõ apreſſados ao fim triſte,
Que o ſeu cruel deſtino lhe guardava.
Com eſtrondo arrebenta o groſſo muro,
E a força do ſalitre, com violencia
Arremeſſa ao Ceo pedras, e corpos
Ardendo em vivas chamas. Ves o fumo
Infernal, e peſtifero que cobre
O ruinado lugar: e que de corpos
Miſeraveis o campo eſtá cuberto?
E as negras groſſas nuvés, e os delgados
Ares cheos de triſtes alaridos?
Parte Eitor da Sylveira, e vai correndo
Com ſeis vellas a coſta, e quando vinha
A freſca aurora a ſombra affugentando,
Sobre Doffar ſurgio, Cidade forte,
De altos, e groſſos muros bem cercada.
Dous mil Mouros verás apercebidos,
De fortiſſimas armas, eſperando
Com ſoberba, e deſprezo aos Portugueſes.
Olha o bom Capitam que acomete
Com trezentos ſoldados: ves que fogem
Os Mouros, nam podendo as duras forças,
E o impeto ſoffrer daquelles homés.
Ves quebradas as portas da Cidade?
Ves valentes mancebos bem cubertos
Dos eſcudos, entrar em tropel dando
A quem ſe lhe deffende, cruel morte?
Verás todas as ruas povoadas
De mortos, e de ſangue todas cheas,
A gente de peleja vai fogindo,
Ficando ali a inutil, e ſem forças.

Nam

Nam quis o Capitam (por ſerem fracos,
Triſtes velhos, molheres, e mininos)
Queimar eſta Cidade: mas dos fortes
Soberbos, e crueis quis a victoria.
Ves as naos que as inchadas ondas rompem
Levando as brancas vellas infunadas
Com favoravel vento: de huma parte
As eſcondidas quilhas vaõ moſtrando,
E da outra polo bordo o mar recolhem?
O gram Nuno da Cunha ali governa
Aquella grande armada. O' varam digno
De perpetuo louvor, de nome eterno,
E de fama immortal, tu governaſte
Onze annos la no fertil Oriente,
Com prudencia, juſtiça, com bom zello,
E co aquella virtude de que armado
O teu coraçam nobre eſtava ſempre,
Do que era neceſſario, e ſe devia
Ao ſerviço delRey nunca faltaſte,
Exaltaſte ſeus Reinos com victorias,
Sogeitando a tributo Reis eſtranhos.
Na paz eras prudente, de conſelho
Vtil, e proveitoſo ao bem de todos,
Eſforçado na guerra, e nos perigos
Eras forte, magnanimo, e conſtante.
Ah morte cruel, dura, injuſta e fera,
Roubaſte a Luſitania o generoſo,
Inſigne Capitam, e eſta gram perda
Tarde a reſtaurarás. Iſto dizendo
Correnlhe vivas lagrimas dos olhos,
Banhando as barbas, mais que a neve brancas,

Moſ-

Moſtrando hũa entranhavel ſaudade,
Que da perpetua auzencia delle tinha.
Tornou a proſeguir na começada
Demoſtraçam dizendo: ves que chega
Sobre Mombaça, e poſta a gente em terra
A Cidade comete com gram furia?
Olha a cruel peleja, olha a revolta
Que anda por todas partes, olha a força,
E o furor dos ſoldados Portugueſes:
Olha o bravo ferir dos fortes braços,
E o eſtrago que fazem nos immigos.
Ves a Cidade ja toda rendida?
Os fortes deffenſores todos mortos?
E em grandes labaredas abraſados,
Mil nobres edifficios, e riquezas?
Mais adiante verás eſte prudente,
Felice Capitam com grande armada,
Onde co elle vaõ nobres fidalgos,
E outros ſoldados praticos, que em grandes,
Perigoſas empreſas ja ſe acharam.
A Cidade de Diu vai guiando:
Olha as ſoberbas náos como reſvalam
Polo liquido campo, e as bandeiras
De Zefiro movidas: como eſcondem,
E amoſtram Portugueſas, reaes armas.
Ves que chegam a Bethe, ilha, onde eſtava
Hum Turco Capitam de duro eſforço,
Ali lhe ſuccedeo hum caſo eſtranho,
So na antiga Numancia acontecido.
O gram Cunha lhe manda hũa embaixada,
Dizendo que ſe entregue ſem batalha,

E

E ſe iſto duvidaſſem, lha daria,
Aſpera, riguroſa, e ſem clemencia.
O Turco Capitam (como ja ſabes)
Nam quis iſtó aceitar: mas aos ſoldados
Perſuade a morrer, antes que verſe
Cativos em poder de ſeus contrairos.
Determinam matar a inutil gente,
Fracas molheres, velhos, e meninos:
E entregar quantas joyas ricas tinham
A hum fogo furioſo, que abraſaſſe
Iuntamente os mais nobres edifficios.
Neſte acordo cruel determinados,
Ia movidos ao impio, bruto intento,
Armanſe (como ves) de fortes armas,
Os eſcudos embraçam, e apos elles
As eſpadas arrancam, correm todos
Por onde os leva a furia, e aos que encontram
Daõ morte riguroſa. Ali a cabeça
Ia cuberta de neve, de hum ſo golpe
Fica do fraco corpo ſeparada,
Verlheas os treſpaſſados, frios olhos,
E a denegrida lingoa ainda moverſe.
Ali o tenro infante, a caſta moça
Ficam banhando a terra em puro ſangue.
Os acentos finais do triſte rogo
Verás da fera morte interrompidos.
Ali verás os filhos ſer verdugos,
De ſeus canſados pais. O' duro caſo,
O' crueza nam viſta, que as eſpadas
Nas maternas entranhas tambem banham.
Verás tenros meninos, cuja idade

Tam aſpero rigor nam merecia,
Polas ruas, e praças todos mortos
Com furia, por aquelles que os geraram.
Verás moças beliſſimas, com duro,
Agudo, impio ferro traſpaſſadas,
Verlheas pedir favor com brandos rogos,
E com lagrimas triſtes ſem proveito.
Ali verás maridos que ás fermoſas,
Chariſſimas molheres nam perdoam,
Dandolhe juntamente os derradeiros
Abraços, e apos elles triſte morte.
Polas caſas, e ruas verás lagos
De negro, congelado, frio ſangue,
Tambem verás os ares povoados,
De gritos eſpantoſos, e terribeis.
Olha ſenhor os altos edificios,
E as riquezas arder em bravas chamas:
Olha o grande eſquadram dos crueis homẽs,
E as armas de innocente ſangue cheas.
Vendo Nuno da Cunha o fumo eſpeſſo
Que a ilha, e altos ares aſſombrava,
Manda Eitor da Sylveira que acometa
Com impeto a Cidade, e que procure
Entrar por força de armas dentro nella.
O Capitam vallente ſalta em terra,
Armado de luſtroſas, fortes armas:
Bem ves como acomete entrar por força
Aquella grande porta: mas ſe atentas
Hum eſquadram verás dos inhumanos,
E barbaros immigos, que com furia
A entrada ao Sylveira bem reſiſtem.

Bem

Bem ves a grande preſſa, e a revolta
Perigoſa, e confuſa: ves os Turcos
Quanto ſem nenhum medo ali pelejam?
Ves o famoſo Eitor Portugues morto,
Paſſado de hum pelouro de eſpingarda?
Mas antes que a cruel injuſta morte
Hum tal varaõ do mundo nos tiraſſe,
Muitos Turcos as vidas ali perdem,
Polo ſeu generoſo, e forte braço.
Ves que o Governador com toda a gente
Deſembarcada ja, comete o muro?
Entram por força, e fazem grande eſtrago;
E ainda que animoſos os immigos,
E com eroico esforço pelejaram,
Em fim todos morreram, ſem que vida
Nenhum delles quizeſſe, e deſte dia
Para ſempre ficou naquella infauſta
Ilha, nome dos mortos. O gram Cunha
Torna logo embarcarſe, e vaiſe a Diu:
Surgem no porto as náos, e em breve eſpaço
Com poderoſa maõ toma a Cidade.
Mais adiante veras eſte famoſo,
Inſigne Capitam, que a força de armas,
A Baçaim toma, dando ao Luſitano
Sereniſſimo Rey grande proveito.
Notaveis feitos fez, muy dignos de honra;
Governou ſabiamente, adequerio rendas,
Sojugou Reys eſtranhos, venceo fortes,
E duros adverſarios, tomou grandes
Riquiſſimas Cidades, e apos tantos
Trabalhos acabou, ſem ver o premio

Que os ſeus grandes ſerviços mereciam.
Queres ver hum gram cerco trabalhoſo,
Digno de immortal nome, e fama eterna?
Olha para eſta parte, onde ſe moſtra
Húa ſo fortaleza combatida,
Por feros Geniceros, que com força
Entrala determinam: olha o grande
Animo dos cercados, e a ſoberba
Daquelles deſtros, fortes enemigos.
Bem conheces aquella fortaleza,
Ser a meſma que agora deſcercaſte,
E onde hũa tal victoria celebrada
Nella, Deos te outorgou: ves no mais alto
Daquelle balluarte, dous ſoldados
Portugueſes, que ſoffrem todo o peſo,
E o impeto dos Turcos? elles ambos
Ali deffendem ſos aquella entrada,
Pouco difficultoſa, porque o muro
Eſtá qual ali ves, ſem força, e fraco.
Antonio de Sylveira reſidia
Naquella conjunçam na fortaleza:
E ainda que iſto ſabes, couſa juſta
He, ſempre recitar feitos honrados.
Olha o grande trabalho que ali ſoffre,
Sem nunca em vinte dias, hum momento
Deixar as duras armas, que de cama
Nas noites lhe ſerviaõ: olha o nobre,
Valente Capitam com que largueza
Reparte ſua fazenda cos ſoldados.
Olha as grandes baixellas de dourada,
E bem lavrada prata, todas feitas

Em

Em pequenos pedaços, acudindo
Com maõ liberalissima aos que tinham
Mayor necessidade: olha o perigo
Em que está, vendo entrada a fortaleza:
Mas o bom Capitam bem lhe resiste,
Ainda que nam tem mais de sessenta
Soldados que pelejem: olha a estancia,
Onde hum fogo furioso está no meyo,
Que serve de muralha, e forte amparo,
Deffendendo a entrada dos Geniceros.
Ves quantas lanças vaõ passando o bravo,
Ardentissimo muro de Vulcano,
E na contraria parte vaõ fazendo
Hum sanguinoso, fero, duro estrago?
Nam ves aquella horribel bataria,
Que com dezoito grandes basaliscos,
De grossura espantosa, com estrondo
Medonho, ali se dá sempre continua?
Ora atenta senhor o derradeiro,
Perigoso combate, olha a peleja
Tam brava, tam cruel, e tam ferida.
Olha os Turcos armados com muy fortes,
Resplandecentes armas, escondidas
Debaixo de cabayas, de lustrosas
Sedas de varias cores, e brocados.
Ves quantos arcabuzes se disparam?
Ves as nuvês de setas que o Sol cobrem?
Ves as lanças, e os dardos sacudidos
De valentes, robustos, duros braços,
Como as armas, e entranhas facilmente
Passam de parte a parte? bem ves mortos

Qui-

Quinhentos dos Geniceros, e a preſſa
Com que o combate deixam, e ſe apartam?
Olha quantas gales o mar aſſombram,
As mais dellas de trinta bancos: e olha
Aquelles groſſos remos, como as ondas
Vaõ revolvendo, e deixaõ largo raſto
De hũa ſalgada, eſpeſſa, branca eſcuma.
Olha toldos, bandeiras, e eſtendartes
De ſeda, e cores mil, e as conhecidas
Armas de Çoleimaõ que ali aparecem.
Vira os olhos verás neſtoutra parte
A guerreira, ſoberba, grande armada
Como vai ſurda, e triſte pola morte,
E pola falta, e perda de tal gente.
Eroico feito foy digno de gloria
Eſte, que o valeroſo, gram Sylveira
Ali em Diu fez, e poucos ouve
Dos famoſos antigos, que a eſte inſigne
Illuſtre Capitam ſe lhe igualaſſem.
Quero moſtrarte hum feito glorioſo,
Que deixa admiraçam ao mundo, e ſobe
La nas nuvẽs o nome do que á patria
Luſitana, deu nome, e fama inſigne.
Bem ves quinze gales, cujo apparato
Bellicoſo, e potente claro moſtra
Serem do gram Monarcha, impio enemigo,
E gram perſeguidor da Chriſtandade.
Olha os fortes Geniceros, que nellas
Animoſos, armados aparecem:
Olha as diverſas cores das cabayas,
E os altos, e ſoberbos turumbantes.

As

As ondas vem rompendo com violento
E forçoso poder de fortes braços,
Della mísera turba, aquem fortuna
Afferrolhada traz, preſa, e cativa.
Olha ſeis galiões acompanhados
De outras ſeis caravellas, com mais ſete
Fuſtas de Portugueſes, como raſgam
As tranſparentes ondas de Nepthuno.
Ves como as vellas vaõ todas inchadas,
De favoravel vento, e vaõ deixando
Por popas, eſcumoſo, e branco raſto,
Voando polo ar os eſtandartes.
Olha com que furor todas ſe encontram
Co aquella horribel força de Vulcano,
Bem ves como ſe cobrem humas, e outras
De fumoſo vapor, e negra nuve.
Bem ves o galiaõ que a inſignia leva,
A que todos os outros obedecem,
Ali vai D. Fernando de Meneſezes
Filho do Viſorey do grande Oriente
Animoſo mancebo em cujo peito
Se enxerga fortaleza, e vivo eſprito,
Se enxergaõ mil virtudes, e do alto ſangue,
E Real origem donde deſcendia.
Aquelle he que na popa, no mais alto
Lugar, incita, anima, e move a gente
Que naquella batalha revoltoſa
Bem moſtra o gram valor de Portugueſes.
Olha a braveza, e furia da travada
Peleja: olha no mar corpos deffunctos:
Olha as ondas de ſangue todas tintas,

E o ar que ali parece arder em chamas.
Naquella caravella que no meyo
Ves das duas galés, toda cuberta
De peſtifero fumo tennebroſo:
Coſpindo aqui, e ali ardentes rayos.
D. Hieronymo eſtá de Caſtelbranco:
(Olhao, que bem merece de ſer viſto,)
Que ardido coraçam, que eſforço, e brio:
Que croyco valor teve, e que ouſadia.
De hum animo invencivel era ornado,
O peito juvenil, robuſto, e forte:
Mas o Ceo permitio, que depois deſta
Celebrada victoria, elle acabaſſe.
Olha como eſte rende os dous ſoberbos,
E valentes navios, e apos elle
Os outros Capitães victoria alcançam,
Do que moſtrava ali ſer impoſſivel.
D. Alvaro da Sylveira vai naquelle,
No outro vai D. Alvaro de Tayde,
Em outro vai Manoel de Mello, e outro
Leva por deffenſor Gomez da Sylva.
D. Manoel Mazcarenhas, D. Fernando
De Monrroyo, governam caravellas,
E Nicolao de Caſtro entre eſtes hia
Em hũa, em outra vai Iorge de Moura.
Sete Galés rendidas dentro a Goa
Entrega ao Viſorey o filho amado,
Merecedor de ter a fronte ornada
De Palma victorioſa, e verde louro.
Sepultadas no mar ficaram duas,
Com todas munições, chuſma, e ſoldados,

Da-

Dali foram dos Turcos dous mil juntos
Ao rio Phlegethonte, e eſtigio lago.
Deſpois que o Viſorey vio as famoſas
Victorias que ali eſtavam, e admitido
Foy com grande louvor, antre os antigos,
Valentes Capitães, lhe parecia
Ter hum grande deſejo de tornarſe.
Mas o Merecimento lhe diz: vamos
Que te quero moſtrar couſas occultas,
Que ainda eſtam por vir ao belicoſo
Reino de Portugal: e tu nam podes
Ver tam ditoſo tempo, porque a Parcha
Cruel te cortará da vida o fio.
Mas ſabe bom ſenhor que quando os fados
Riguroſos, e injuſtos nos moſtrarem
O mayor final de odio, eſcurecendo
O Sol de Luſitania, e permitirem
Que a fera, e triſte morte antes de tempo
Sepulte em noite eſcura os bellos olhos
Do Principe excellente, cujas moſtras
Agora ja ſam taes, que claro nellas
Se ve que Portugal co a eterna auzencia
Deſte ſenhor, terá mil razões juſtas,
Para ſempre viver lutoſo, e triſte.
Ia o antigo varaõ com triſte pranto
As ultimas palavras nam podia
Expreſſar, e exſemir, antes no meyo
Da garganta opprimidas, lhe ficavam
Eſcuras, e co a dor mal entendidas.
O Viſorey com lagimas ajuda
O piadoſo, e tam juſto ſentimento,

Cho-

Chora o notavel dano, chora a perda
De todo Portugal; e o deſemparo
Da Luſitana gente. Em quanto duram
As lagrimas que rios ja parecem,
Cobrese o grande templo de hũa ſombra
Tenebroſa, horrenda, eſcura, e triſte.
Ouvenſe muitas vozes lamentadas,
Mil gemidos, mil gritos eſpantoſos:
Ouvenſe mil ſaluços de hum funeſto,
Miſeravel, amargo, triſte pranto.
Pola concavidade do alto teito
Se ouvia repetir o nome amado,
Muitas vezes dizendo: ó ſenhor noſſo,
O' Principe excellente, que gram perda
Cauſa geral no mundo a tua auzencia.
Ao Viſorey parece, (e naõ ſe engana)
Que daquellas imagens que com docta
Maõ, vivas ſe moſtravam, era o pranto
Muy juſto, e merecido, que ali ouvia.
Deſpois de ja paſſado hum grande eſpaço,
Os lamentos ceſſaram, e em luz clara
Quieto, e ſem rumor fica o gram templo.
Logo o nobre varaõ outra vez torna
A pratica paſſada, e aſſi proſigue:
Deſpois que Atropos impia, e indinada
Der a juvenil vida hum breve termo,
Ficando o Reino ſe poſto em perigo
De mil deſaventuras, e mil males,
No meyo das diſcordias eſperadas,
No mayo deſte mal que triſte angustia,
Vos dara Deos hum Reyc, com que ſe alegre

A Portugueſa gente: tera grandes,
Ditoſos vencimentos, e o ſeu nome
Sera temido, desdonde o Sol nace
Ate as partes remotas do Occidente.
SEBASTIAM ſera o ſeu nome proprio,
(O quantas couſas delle o Ceo promete)
Em paz governará, ſera clemente,
Fara juſtiça igual, ſerá temido:
Mas muito mais amado, e com maõ larga
Nam deixará ninguem de ſi queixoſo.
Enlevavaſe o velho, e tendo fixos
Os olhos la no Ceo, diz ſuſpirando:
O' Padre eterno, Deos Omnipotente,
Quando concederás hum bem tam grande
Ao Reino Portugues? Iſto dizendo
Amoſtralhe fantaſticas imagēs,
E em ſombra vá, mil formas quaſi vivas.
Movianſe per hũs alegres campos,
Onde o Sol ſe moſtrava com mais clara,
E com mais pura luz, onde os Planethas
Pronoſticam bẽs futuros, quando
Hum Rey, de tenra idade com juſtiça
Direita, e ſanto zelo, em deſcanſada,
Segura paz, ſeus Reinos governaſſe.
Tudo era ali fermoſo, tudo proſpero,
Em tudo parecia que Deos dava,
Compridamente o ſeu favor divino.
No meyo de hum florido campo eſtava,
Hum alto, e rico throno, e no mais alto
Hum riquiſſimo aſſento, guarnecido
De pedraria tal, que a redondeza

Da

Da terra lhe ficava em valor menos.
Aſſentado eſtá nelle hum Rey potente,
Beliſſimo de roſtro, todo armado
De armas reſplandecentes, ſameadas
Por ellas groſſas perolas, fazendo
Intrifcado lavor de obra admiravel.
Hũa celada tem, cuja cimeira
Era hum fero dragaõ, que por narizes
Por olhos, e por boca parecia
Grande ſomma lançar de ardentes chamas.
Na direita maõ tem hũa riquiſſima
E reluzente eſpada, atraveſſando
As entranhas de tres grandes Gigantes,
Que a ſeus pes todas tres eſtam rendidas.
Dous degraos mais abaixo á maõ direita
Deſte fermoſo Rey eſtava armado
De limpas, fortes armas, hum mancebo
De aprazivel aſpeito, e ledo roſtro.
Hum eſcudo embraçado, e nelle fixas
As cinco Portugueſas reaes quinas.
Na direita maõ tem hum baſtaõ de ouro,
Inſignia militar, e no ſembrante
Affabel, e graviſſimo, moſtrava
Hũa benivolencia, que atrahia
Os coraçõens de todos ao amarem.
Cercava eſte real throno, hũa copia
Grande de Capitães todos armados,
Ficandolhe nos elmos eſcondidos
Os roſtros juvenis, porem nos fortes
Eſcudos claramente as mais antiguas
Portugueſas linhagẽs ſe moſtravam.

Pa-

Pareciam ſer fortes vencedores,
De perigoſas mil grandes empreſas,
Quando Deos ja de todo concedeſſe
A Portugal, o Rey tam deſejado.
No meyo delles todos, parecia
Hum eſpantoſo, fero, horribel monſtro;
Que a cabeça nas nuvés eſcondia,
Cheo de varias penas o diſforme
Corpo ſem porporçam, e tinha aberto
Hum olho vigiador em cada hũa.
Outros tantos ouvidos, outras tantas
Bocas, e lingoas tem, que ſempre palraõ:
As vezes affirmando o que he mentira,
Quanto ſempre apregoa o verdadeiro.
O nobre Viſorey, diſto que via
Eſtáva como atonito, e paſmado:
Deſejava ſaber que Rey he aquelle,
Que de tam tenros annos, com tal força
Tam fortes adverſarios ſojugava.
Com grande inſtancia ao velho roga, e pede
Que o faça ſabedor, e lhe declare
Se aquelle he SEBASTIAM o prometido
Ao Reino Portugues por forte amparo?
Saberás Viſorey, diz o bom velho
Que aquelle he o remedio, e o ſupremo
Bem, por Deos concedido, á Luſitana,
Belicoſa naçam, aquelle he certo
O que naſcerá, quando em mor perigo
Portugal eſtiver dependurado.
E aquellas tres Gigantas que rendidas
Ves eſtar a ſeus pes Affrica, Europa,

E a oppulenta Aſia ſam ſem falta.
Em todas o ſeu nome por milagre
Divulgado ſerá, e obedecido,
Pagandolhe tributos. E o que armado
Se moſtra abaixo delle, he do glorioſo
Sereniſſimo Iffante D. Duarte
Vnigenito filho, cujo nome
D. Duarte he tambem, gram Condeſtabre
De todo Portugal. O' quanto preço,
O' quam raro valor nelle ſe encerra:
Dotado de prudente, e bom conſelho,
De corteſia, e animo invencivel,
E de outras mil virtudes que o Ceo nelle,
Com muy liberal maõ tem repartidas.
Eſte monſtro que ves deſſemelhado,
Com tantos olhos, bocas, e com tantas
E tam ligeiras lingoas, tem por nome
Velociſſima Fama, que a ditoſa
Vinda do Rey felice eſtá eſperando,
Para que geralmente em toda parte,
Por todas quantas bocas tem divulgue
Seu magnanimo eſforço, ſeu prudente,
Pacifico governo, ſeu piadoſo,
E clemente reſpeito, e a juſtiça
Que a todos em geral fará direita.
Tambem divulgará por toda a terra
Suas determinações em Deos fundadas,
E aquelle coraçam ſempre deſpoſto,
Em deffender a Fe ſagrada, e ſancta.
Aquellas bocas todas ſempre abertas,
Aquellas apreſſadas, ſoltas lingoas,

Fa-

Faram grandes provincias eſtar ſempre
Cheas de medo, horror, e grave eſpanto.
Ouvindo o Viſorey couſas tam grandes,
Infindas graças dava a Deos, e alçando
Os olhos outra vez ao Rey fermoſo,
Eſtavao contemprando, quando o velho
Lhe diſſe: queres ver hum duro cerco,
Que nos primeiros annos deſte forte,
E bemaventurado Rey, nas partes
De Affrica ſe pora? iſto dizendo
Deſaparecem ſupito as figuras
Para que eſtava olhando, e logo torna
Ver outras differentes, ve mil tendas
Que occupavam de terra hum grande eſpaço,
Ve cubertos de gente, campo, e montes,
Com bandeiras nos ares eſtendidas.
De lanças, e de ſetas, e arcabuzes,
Via ſomma infinita, ve bombardas
Diſparar furioſos mil pelouros.
Hũa alta fortaleza, e largos muros
Embandeirados vio, e que luſtroſa
Armada, e forte gente os deffendia.
O Ceo tem permitido (diz o velho)
Eſte eſpantoſo cerco, olha os medonhos
Incendios das profundas, crueis minas.
Olha os ares cubertos de fumoſos,
Groſſos, negros bulcões, olha em pedaços
Corpos, lanças, eſcudos, e couraças:
Mil alfanges de ferros reluzentes,
Em fogo, e fumo envoltos yr voando,
Eſpalhados no ar em grande altura.

Aquel-

Aquelle que ali ves todo abraſado
No meyo do perigo, he Ruy de Souſa,
Alcunha de Carvalho, que no tempo
Deſte cerco ſera Capitam nelle.
Olha quantos fidalgos nos combates
Seram mortos, e ardidos, e o de Souſa
Ferido, incitará com grandes brados
A gente a pelejar. O' valeroſo
Mancebo, que daras a patria nome
Honrado, e a teu ſangue fama eterna.
Cento, e vinte mil Mouros, as bandeiras
Seguiram de Mulei Mahameth, todos
Deſtros, exercitados ſempre em guerras.
A Mazagam poram eſtreito cerco:
Mas ſera com preſteza ſocorrido,
Pola gram Catherina, que em tal tempo
Portugal regerá com ſancto zello,
E com claros ſinaes de mil virtudes.
Co a grande diligencia deſta caſta,
Catholica Rainha, e com o eſforço
Da Portugueſa gente, ſeram todos
Os immigos vencidos, e o gram cerco
Com muitos males ſeus alevantado.
Agora que ja viſte tudo quanto
O Ceo tem reſervado, e permitido
A tua amada patria, de que podes
Com razam ficar ledo, e ſatisfeito,
Bem te podes tornar. Iſto dizendo
Nos ares ſe eſcondeo o varaõ grave,
E em nevoa ſe desfez quanto ali vira.
Abre os olhos contente, e na ſua alma
Sen-

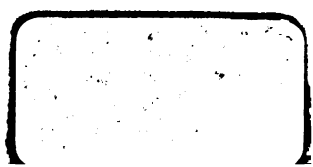
Sente hum grande alvoroço almas cuidando
Que a negra eſcura morte, hum bem tam grande
Lhe nam deixará ver, fica muy triſte.
Eſteve aſſi ſuſpenſo hum grande eſpaço,
Cuidando do varaõ a prophecia,
Que tam alegre o fez, cuidava em quantas
Deleitoſas viſoens o doce ſono,
Em tam diverſas formas lhe moſtrára.
Dizia ſuſpirando, quem pudera
Chegar a ver hum tempo tam ditoſo?
O' ſe os Ceos permitiram que os meus olhos,
Ao gram SEBASTIAM ver alcançaram.
Eſtas, e outras mil couſas revolvia
O nobre Viſorey no penſamento,
Levantaſe da cama, e determina
Tudo o que em ſonhos vio, ter em ſegredo.
Neſte tal tempo, la polas delgadas,
E criſtalinas agoas do grande Euphrates,
Dece hũa ſomma grande de pequenas,
E ligeiras damnacas, cujas vellas
Inchadas com bom vento, e ajudadas
Das correntes forçoſas, que ali ſempre
Trabalham por entrar, e meſturarſe
Co as ondas do mar Perſico, ſurgiram
La ſobre Baçorá, que era de Arabios,
Os guerreiros navios ordenados,
Em concertado ſom de dar combate.
Nelles aparecia armada gente,
Valentes Turcos eram, que com muitos
Anafis, e tromberas tomaõ terra,
E tomam Baçorá por forças de armas.

Eſtava Luis Falcaõ em Ormuz quando
Baçorá ſe tomou, manda de preſſa
Recado ao Viſorrey, que em breve eſpaço,
A D. Manoel de Lima roga, e manda
Que ſe va para Ormuz, pois lhe cabia
Aquella entrada entam na fortaleza.
Pois vendo o valeroſo, forte Lima,
O que o gram Viſorrey lhe encomendava:
Torna os muros de Diu ao que primeiro
Com tam eroyco eſforço os deffendera.
Fazſe preſtes, e parte para Goa
Dali, num galiaõ ſe embarca, e ſegue
A viagem de Ormuz, e em breves dias
Surgio na barra, e toma delle poſſe.
Deſpois que a fortaleza ficou toda
Fabricada de novo, e com taes forças
Que reſiſtir pudeſſem toda quanta
Artilheria, é gente, e qualquer outro
Belicoſo poder que o gram Mamude,
Por vingar eſte mal, mandar pudeſſe:
Determina embarcarſe, demandando
A Cidade de Goa, onde reſide.
Aparelhanſe as fuſtas, e outros muitos
Navios de alto bordo, e todos juntos
Soltam vellas ao vento, ao mar os remos,
Dando graças a Deos por tal victoria:
Partenſe do lugar que tantas vidas
Cuſtou, ficando dellas alta fama.
Navegando vai toda a grande armada,
Polo eſtendido mar, ſereno, e calmo,
E com tempo aprazivel, bonançoſo.

Na Cidade de Goa deſembarcaõ.
Ajuntaſe no porto infinda gente,
Com ricos ornamentos, e cuſtoſos
Trajos, onde ſe via o alvoroço
Que geralmente avia deſta vinda.
O Viſorrey recebem com mil feſtas,
Com muy grande aparato, e nobre pompa:
As invenções, as danças, as cantigas
Faziam gram rumor, e ſurdo eſtrondo.
O povo com aplauſo ali moſtrava
Alegres corações, e almas contentes:
Cantando a vozes altas o ſucceſſo
Deſta victoria, e celebre triumpho.
Embarcaſe o famoſo Mazcarenhas,
As vellas deu ao vento, e com fortuna
Favoravel, e fado ſempre amigo,
Polo ſalgado Reino vai paſſando
Em prolixo caminho, varios climas.
Recebeo com prazer o grande Occeano:
Com ſembrante benivolo, e amoroſo,
Levanta os fortes braços, e as inchadas
Ondas aplaca, e torna hum mar ſereno,
Humilde, manſo, alegre, e ſem perigo.
Vai Zefiro, e Favonio brandamente
As vellas aſſoprando, e as marinhas
Belliſſimas Nereidas com muy doces,
E ſuaviſſimas vozes vaõ chamando
O nome de immortaes louvores digno.
E logo todas juntas alto dizem:
O' forte Mazcarenhas Deos te guarde
Em perpetuo deſcanſo, e paz ſegura.

Os

Os monſtruoſos Phochas, os ligeiros
Trithoēs o vaõ ſeguindo com mil feſtas,
Com mil ſinaes, e moſtras de alegria.
Entram todos com elle pola barra,
Onde do Tejo, as agoas criſtalinas
Perdem ſua duçura, e ſe meſturam
Cõ as alteradas ondas Occeanas.
Surge a ſoberba nao no porto, e deita
Ao fundo groſſas ancoras: acode
Innumeravel gente por ver quando
Eſte bom Capitam ſe moſtraria.
Mil illuſtres varoēs todos ſe ajuntam,
Com ſembrantes alegres, eſperando
Ao nobre Mazcarenhas, que ja chega
A borda da ribeira, acompanhado
De hũa nobre, luſtroſa grande turba.
Segueos hum gram concurſo de plebea
Alvoroçada gente, e como a couſa
Rariſſima, e eſtranha, leva os olhos
Vulgares apos ſi, prompros, e fixos.
Roganlhe grandes bens, louvando ſempre
A ſua lealdade, e grande eſforço.
No apoſento real, onde eſperando
O gram Rey Luſitano eſtá por elle:
Entra o bom Capitam, e ali tratado
Foy como a hum tal varaõ ſe lhe devia.

LAVS DEO.

Impreſſo em Lixboa per Ahtonio Gonçalvez impreſſor. Anno de 1574.